**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA**

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

**MODERNIZAÇÕES E ESPAÇOS SELETIVOS NO NORDESTE
BRASILEIRO.
SOBRAL: CONEXÃO LUGAR/MUNDO**

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutora em Geografia.

**São Paulo-SP
2007**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA**

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

**MODERNIZAÇÕES E ESPAÇOS SELETIVOS NO NORDESTE
BRASILEIRO.
SOBRAL: CONEXÃO LUGAR/MUNDO**

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutora em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Adélia Aparecida de Souza

**São Paulo
2007**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

ASSINATURA:

E-MAIL: virginiaholand@yahoo.com.br

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Holanda, Virgínia Célia Cavalcante de.

Modernizações e espaços seletivos no Nordeste brasileiro. Sobral : conexão lugar/mundo / Virgínia Célia Cavalcante de Holanda ; orientadora Maria Adélia Aparecida de Souza. -- São Paulo, 2007.
280 f. : il.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Área de concentração: Geografia Humana) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Revitalização urbana (Aspectos político-sócioeconômicos; Aspectos culturais) – Sobral (CE); Região Nordeste (Brasil). 2. Modernização – Sobral (CE) – Processos socioespaciais. 3. Economia urbana – Sobral (CE). 4. Política urbana (1996-2004) – Sobral (CE). 5. Urbanização – Sobral (CE). I. Título.

21ª. CDD 307.34

307.1

H722m

Autor: Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Título da Tese: Modernizações e Espaços Seletivos no Nordeste Brasileiro. Sobral:
Conexão Lugar/Mundo

Local / Data da Defesa: _____, _____ / _____ / _____.

Banca Examinadora

Prof.Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Ao meu querido pai seu José Crispim de Holanda, ao
solidário Edmilson Maia, a energia do amigo Helder dos Santos e a inesquecível
amiga-irmã Rosana Buson (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Difícil mencionar todas as pessoas que de uma forma ou de outra se fizeram presentes em nossa caminhada, mesmo assim, arrisco a citar alguns nomes e instituições para agradecer;

À professora Maria Adélia Aparecida de Souza, pelo acolhimento e incentivo, práticas indispensáveis para meu amadurecimento intelectual.

Aos professores José da Silva Borzachiello e Francisco Scarlato pela colaboração no momento da qualificação.

À querida professora Zenilde Baima Amora a quem muito admiro e respeito.

Às professoras Mônica Arroyo e Maria Laura Silveira pela presteza e disponibilidade sempre que precisei, no período em que estive na USP.

Ao professor Frédéric Monié da UFRJ pela atenção e confiança.

Ao pessoal da Secretaria de Pós-Graduação pelo atendimento gentil, em especial Ana Pereira e Jurema Navarro.

Aos colegas do Laboplan em especial a Ana Pereira (Aninha), Elisa Almeida, Fabio Contel...

Ao professor José Olavo Rodrigues pela revisão do texto.

À Fundação Cearense de Apoio a Pesquisa - Funcap pela Bolsa concedida, colaboração importante para concretização deste trabalho.

À Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, especialmente ao colegiado do Curso de Geografia.

À professora Martha Júnior e ao professor Lenilton Assis pela forma solidária com que me acolheram no processo de aplicação do questionário.

Às bolsistas do Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais-Neurb do Curso de Geografia da UVA, Francinelda de Araújo, Maria Ferreira Gomes, Sara Brito e Helaine Veras.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa coordenado pela professora Maria Adélia, que se tornaram companheiros; Heloisa Molina, Carin Carrer, Lucas Melgaço, Edmilson

Rodrigues, Mariana Vercesi, Mario Lamas, Pablo Ibanez, Fábio Tozi, Júlia Andrade, Maria do Fetal....

Aldiva Diniz, Juliana Saraiva e Ana Marcelino amigas que dividiram angústias e alegrias sob o mesmo teto.

Aos amigos que tornaram os meus dias mais coloridos, aliviando a saudade da terrinha; Paulo Rogério da Silva, Ricardo Hirata, Rodrigo Altair, Heloisa Molina (Helô), Carin Carrer, Evandro Noro...

Á sempre amiga Elenilda Santos, por fazer parte da minha caminhada, pelo cuidado e pela disposição em ajudar sempre que preciso.

Á querida Geane Albuquerque, pela amizade sincera e pelo apoio incondicional nos momentos que precisei.

Á admirável amiga Doriane Azevedo, figura humana querida e aguerrida.

Ao pequeno Henrique Campani por me ensinar que o amor tudo supera.

Aos amigos e amigas de todas as horas em Sobral; Fábio da Cunha, Mário Trévia, Marcio Luís, Adriana Campani...

Ao Franklin Viana, futuro geógrafo, pela disposição e paciência no processo de elaboração dos mapas.

Aos meus sobrinhos amados, em especial; Nyvea Maria de Holanda Maia, Edmilson Alves Maia Junior, Emanuel Juvêncio de Holanda Maia e ao José Crispim de Holanda Neto que se transformaram em grandes companheiros.

Aos amigos: Edison Junior, *seu* Airton da Silva, Leonor de Maria, Lílian Falcão, Heloisa Aquino, Leusina da Silva, Sibéria Costa, Fabiana Silva, Gilcileide Rodrigues... pelos poucos e inesquecíveis momentos de ócio.

Um agradecimento especial à minha irmã Ione de Holanda que sempre se faz presente, a todos os meus irmãos, ao Francisco Holanda pelas mensagens atenciosas e incentivadoras....

Á minha mãe Rocilda Holanda, pelo amor e orações, condições necessárias para o enfrentamento dos desafios.

A Deus, razão maior de minha existência e por me proporcionar essa realização.

RESUMO

HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante de. **Modernizações e Espaços Seletivos no Nordeste Brasileiro**. Sobral: Conexão Lugar/Mundo. 2007. 254p. Tese de Doutorado – Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Este trabalho tem por objetivo entender como o espaço urbano de muitas cidades, longe das já consolidadas metrópoles, passam em diferentes proporções por profundas mudanças dentro de uma lógica modernizante; na sua economia urbana, na estrutura do emprego, na forma de morar, circular e consumir, entre outros; resultando num acelerado processo de urbanização e em crescentes desigualdades socioespaciais. A reflexão se detém no atual período histórico, compreendido aqui como período técnico-científico-informacional. Sem perder de vista a totalidade, o recorte espacial constitui-se da cidade de Sobral situada no estado do Ceará, cuja formação data do início do século XVIII, ocupando desde então lugar de destaque na rede urbana cearense, nos aspectos político, cultural e econômico, revelando-se, no presente, em *espaço seletivo* no Nordeste Brasileiro. A base da empiria sendo pensada através das características e articulações dos dois circuitos da economia urbana usualmente conhecidos como; formal e informal. Nos interstícios dessa coexistência identifica-se a conexão lugar/mundo e como ocorre o grito do território, ou seja, como emerge a força do lugar em regiões pobres.

Palavras-chaves: **Modernizações, lugar, seletividade, formação socioespacial, circuitos da economia urbana.**

ABSTRACT

HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante de. **Modernizações e Espaços Seletivos no Nordeste Brasileiro**. Sobral: Conexão Lugar/Mundo. 2007. 254p. Tese de Doutorado – Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo.

The objective of this work is to understand how the urban space of many cities, far from the ones that are already consolidated as Brazilian metropolis, goes through deep changes in different aspects of life in a modernizing logic; in its urban economy, in the job structure, in the way that the people live, circulate and consume, resulting in an accelerated urbanizing process and in some growing social-spatial inequalities. The reflection focuses on the current historical period, considered here as a technical- scientific-informational period. Without lose the sight of the totality, the space analyzed is part of the city of Sobral, located in Ceará, whose formation was in the beginning of 18th. Century, occupying since then an important place in the urban net in this state in different aspects such as political, economical and cultural, revealing itself in the present days as a selected place in Northeast Brazil. The empirical base was thought through the characteristics and articulations between two urban economical circuits usually known as; formal and informal. In the time of this co-existence we identify the connection place/world and how occurs “the territory shout”, it means, how emerges the strength of the place in poor areas.

Key-words: **Modernization, place, selectivity, social-spatial formation, urban economics circuit.**

SUMÁRIO

RESUMO.....	
ABSTRACT.....	
INTRODUÇÃO	20
PRIMEIRA PARTE	
<i>A GEOGRAFIA E AS DERIVAÇÕES DOS SISTEMAS DE OBJETOS E AÇÕES NO TERRITÓRIO BRASILEIRO</i>	29
CAPITULO I	
1. GEOGRAFIA, MODERNIZAÇÃO E OS NOVOS CONTEÚDOS DO PRESENTE 30	
1.1 A Geografia e a Leitura do Espaço	31
1.2 Formação Socioespacial e Lugar	34
1.3 Uma Palavra a Mais Sobre o Lugar	39
1.4 Modernização: A Tecnificação do Território e os Dois Circuitos da Economia Urbana	40
1.5 Expressões dos Dois Circuitos da Economia Urbana	48
CAPITULO II	
2. BRASIL: DERIVAÇÕES DOS SISTEMAS DE AÇÕES E OBJETOS	55
2.1 Sistemas de Ações e Objetos em Duas Temporalidades	56
2.2 As Redes Técnicas e Suas Racionalidades: Um Percorso.....	57
2.3 Flexibilidade e Rigidez no Uso do Território Brasileiro.....	65
2.4 Um Percorso pela Urbanização: Outro Caminho para Entender a Formação dos Circuitos da Economia Urbana	68
SEGUNDA PARTE.....	
<i>MODERNIZAÇÕES E ESTRATÉGIAS DE ATRAÇÃO DE INVESTIMENTOS NO TERRITÓRIO NORDESTINO</i>	78
CAPITULO III	
3. NORDESTE: O USO DO SEU TERRITÓRIO EM TRÊS TEMPORALIDADES. 79	
3.1 Nordeste: Feição Contraditória no Papel de Destaque	80
3.2 A Configuração Territorial Cearense e a Expressão de Sobral.....	86
3.3 Nordeste: A Constituição de uma “Mudança”.....	93
3.4 Estratégias Recentes – A Expansão do Meio Técnico Científico Informacional no Nordeste	98
CAPITULO IV.....	
4. UM RETRATO DAS AÇÕES DE PLANEJAMENTO VISANDO A ATRAÇÃO DE INVESTIMENTOS PARA O TERRITÓRIO CEARENSE	103

4.1	O Primeiro Impulso Modernizador.....	104
4.2	“Mudança” de Governo no Ceará - O Papel Reservado para Sobral.....	107
4.3	O Desdobramento de um Período.....	112
4.4	A Gênese do Projeto de Modernização para Sobral.....	115
4.5	Antecedentes da Crise na Gestão Municipal e os Contornos Para a Composição do “Novo”	119
4.6	Sistema de Ações Normativas e de Objetos Mais ‘Relevantes’ no Período de 1997 a 2004.....	122
4.7	Sobral: Outros Agentes Institucionais e suas Ações no Presente	129
TERCEIRA PARTE		
<i>RELAÇÕES, ARTICULAÇÕES E TRAÇOS DOS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA EM SOBRAL E AS NOVAS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS.....</i>		132
CAPITULO V.....		
5.	OS VASOS COMUNICANTES DOS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA EM SOBRAL.....	133
5.1	Crescimento e Diversificação dos Dois Circuitos	134
5.2	A Coexistência dos Circuitos da Economia Urbana e suas Territorializações	142
5.3	O Circuito Inferior em Sobral	162
5.4	Aspectos do Consumo nos Circuitos dDa Economia Urbana em Sobral.....	164
5.5	O Destaque dos Serviços nos Circuitos	155
5.6	O Uso do Território pelas Finanças.....	169
5.7	Principais Densidades Técnicas no Território	170
5.8	A Expansão do Mercado Imobiliário.....	172
5.9	Serviços Ligados a Saúde.....	176
5.10	Educação – O Destaque Da Universidade Estadual Vale Do Acaraú.....	177
5.11	Sobral: das Empresas Territórios às Novas Solidariedades Organizacionais	183
CAPITULO VI.....		
6.	SOBRAL: O “GRITO DO TERRITÓRIO”.....	194
6.1	Sobral: O Quadro de Urbanização	195
6.2	Fluxos Migratórios e Outros Aspectos da Dinâmica Demográfica	200
6.3	Mercado e Força de Trabalho em Sobral.....	205
6.4	As Tendências de Ocupação e do Emprego.....	211
6.5	Outros Traços da Segregação Socioespacial no Presente.....	214
6.6	Sobral: Outros Lugares e seus Aconteceres.....	219
CONSIDERAÇÕES FINAIS		
As modernizações e os Espaços Seletivos		227
A efervescência de um período em alguns pontos do território Nordeste		228

SOBRAL: A Permanente busca de consolidação enquanto centro urbano dinâmico e seus sujeitos	229
BIBLIOGRAFIA.....	
Livros, Teses e Dissertações	234
Documentos, Pesquisas, Planos de Governo e Jornais	245
Sítios da Internet consultados	246
APÊNDICES E ANEXO	
Apêndice A- Quadro Resumo	248
Apêndice B - Questionário	252
Anexo A – Produto Interno Bruto dos Municípios - 2002	254

LISTA DE SIGLAS

ADRs - Áreas de Desenvolvimento Regional

BEC - Banco do Estado do Ceará

BNB - Banco do Nordeste do Brasil

Centec - Centro de Ensino Tecnológico

CDL - Câmara de Dirigentes Lojistas

CHESF - Companhia Hidroelétrica de São Francisco

CNAE - Classificação Nacional de Atividades Econômicas

Coelce - Companhia Energética do Ceará

Cohab - Companhia de Habitação

Cosmac - Companhia Sobralense de Material de Construção

Crede – Centro Regional de Desenvolvimento da Educação

Curtimasa - Curtume Machado S.A.

DNER - Departamento Nacional de Estradas de Rodagens

DERs - Departamentos de Estradas de Rodagem

DERT - Departamento de Edificações, Rodovias e Transportes.

DNIT - Departamento Nacional de Infra-estrutura de transporte

DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra as Secas

Detran - Departamento Estadual de Trânsito

EI - Empreendedor Itinerante

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias

ETAs - Estações de Tratamento de água

FDI - Fundo de Desenvolvimento Industrial

FNS - Fundação Nacional de Saúde

FRN - Fundo Rodoviário Nacional

Gespar - Gestão Participativa para o Desenvolvimento local

GTDN - Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste

Hemoce - Centro de Hematologia e Hemoterapia de Ceará

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

Ibama - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS - Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

IDT - Instituto de Desenvolvimento do Trabalho

IFOCS - Inspetoria Nacional de Obras Contra as Secas

Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

Ipece - Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará

IPTU - Imposto Predial e Territorial Urbano

Lassa - Laticínios Sobral S.A

OIT - Organização Internacional do Trabalho

PIB - Produto Interno Bruto

PADL - Programa de Apoio ao Desenvolvimento Local

PCdo B - Partido Comunista do Brasil

PDDU - Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano

PDCI - Programa de Desenvolvimento do Comércio Internacional e das Atividades Portuárias do Ceará

PEA - População Economicamente Ativa

PIA - População em Idade Ativa

PLAIG - Plano de Ação Integrada de Governo

Plandece - Plano Quinquenal de Desenvolvimento do Estado do Ceará

Plameg - Plano de Metas do Governo

PMS - Prefeitura Municipal de Sobral

PND - Plano Nacional de Desenvolvimento

PNCCPM - Programa Nacional de Apoio às Capitais e Cidades de Médio Porte.

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios

PNEA - População Não Economicamente Ativa.

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PSB - Partido Socialista Brasileiro

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PPS - Partido Popular Socialista

Prodecon - Programa de Desenvolvimento Econômico

Provin - Programa de incentivos ao Funcionamento de Empresas.

Proapi - Programa de Incentivo às Atividades Portuárias e Industriais do Ceará

PT - Partido dos Trabalhadores

Pudine - Projeto Universitário de Desenvolvimento Industrial do Nordeste

RGs - Regiões Geográficas Administrativas

SAEE - Serviço autônomo de água e esgoto

SDE - Secretaria de Desenvolvimento Econômico

Sebrae - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

Sefaz - Secretaria da Fazenda do Estado

Senac - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

Sine - Sistema Nacional de emprego

Sudam - Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia

Sudec - Superintendência para o Desenvolvimento do Ceará

Sudeco- Superintendência de Desenvolvimento do Centro Oeste

Sudene - Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

Sudesul- Superintendência do Desenvolvimento da Região Sul

SUS - Serviço único de Saúde

Ucla - Universidade da Califórnia em Los Angeles

Uece - Universidade Estadual do Ceará,

UFC - Universidade Federal do Ceará

UVA - Universidade Estadual Vale do Acaraú

Urca - Universidade Regional do Cariri

LISTAS DE MAPAS E FIGURAS

Mapas

Mapa 1: Brasil/Ceará e Sobral.....	22
Mapa 2: Regiões Administrativas do Estado do Ceará	111
Mapa 3: Sobral – Principais Eixos de Circulação	118
Mapa 4: Sobral – Bairros Oficiais e Distribuição da População.....	124
Mapa 5: Centro de Sobral.....	150
Mapa 6: Sobral – Uso do Território pelo Comércio.....	161
Mapa 7: Sobral – Uso do Território pelos Serviços	168
Mapa 8: Sobral – Redes de Acesso	171
Mapa 9: Sobral – Condições de Moradia por Bairro	175
Mapa 10: Sobral – Domicílios sem Banheiro – Situação por Bairro	204
Mapa 11: Sobral – Pessoas não Alfabetizadas Responsáveis por Domicílio.....	210
Mapa 12: Sobral – Responsáveis por domicílios com renda de até um Salário	218

Figuras

Figura 1: Esboço dos Caminhos da Pecuária no Sertão Cearense.....	87
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Evolução das Receitas do Município de Sobral –CE (1996-2005).....	125
Gráfico 2: Atividades Econômicas da Cidade de Sobral – 2006.....	135
Gráfico 3: Distribuição das Atividades Econômicas do.....	148
Gráfico 4: Estabelecimentos Industriais em Sobral- 2004	187
Gráfico 5: Perfil do trabalhador do circuito inferior do centro da cidade de Sobral - 2006.....	201
Gráfico 6: Indicadores da Força de trabalho em Sobral – maio 2004.....	208

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Fachadas de Lojas Multimarcas.....	144
Foto 2: Fachadas de Lojas Multimarcas.....	144
Foto 3: Parte interna do Restaurante popular.....	152
Foto 4: Fachada Biblioteca Pública	152
Foto 5: Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de construção civil.....	152
Foto 6: Fachada do Centro Comercial Lagoa.....	156
Foto 7: Fachada do Centro Comercial Rainha	156
Foto 8: Fachada do Centro Comercial Pinheiros.....	156
Foto 9: Submoradia na Vila União	173
Foto 10: Verticalização em curso na margem esquerda do Rio Acaraú, Bairro Derby	173
Foto 11: Submoradia Adjacências da Fábrica de Cimento.....	173
Foto 12: Vila Recanto I nas adjacências da Grendene.....	202
Foto 13: Santo Antonio -Casas construídas pela Prefeitura Municipal, destinadas as pessoas que vivem nas áreas de risco.....	220
Foto 14: Margem direita do Rio Acaraú – Bairro D. Expedito	221
Foto 15: Praça de Cuba no Bairro do Centro	224
Foto 16: Praça no Conjunto Santo Antônio.	225

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1: Extensão das rodovias pavimentadas segundo as Regiões-Km	64
Tabela 2: Proporção da População Urbana, Segundo as Grandes Regiões 1940-2000.....	75
Tabela 3 : Evolução do Emprego Industrial e PIB da Região Nordeste 1970-2000 .	96
Tabela 4:- Brasil e Nordeste: Estrutura produtiva da Indústria -1970-2000	99
Tabela 5 : Evolução do emprego na Indústria de calçados por Região.....	100
Tabela 6: SOBRAL- Uso do Território pelos Serviços (1996 e 2006)	140
Tabela 7: Territorialização do Comércio na cidade de Sobral –1996 e 2006	146
Tabela 8: CEARÁ: Distribuição dos Bancos nas principais cidades	169
Tabela 9: Sobral- Demonstrativo dos Ramos Industriais Beneficiados com os Incentivos - 34/18 (1973)	184
Tabela 10: Maiores Consumidores de Energia Industrial e Comercial - 2004.....	187
Tabela 11: As dez maiores indústrias em arrecadação de ICMS- Sobral- 2000 ...	188
Tabela 12: Crescimento Populacional e Taxa de Urbanização – Sobral em relação ao estado do Ceara.	198
Tabela 13: População dos municípios que compõem a microrregião de Sobral	199
Tabela 14: População Ocupada por Subsetor de Atividades Sobral-2004	207
Tabela 15: Taxa de Desemprego por Faixa Etária Sobral maio de 2004	208
Tabela 16: Po PIB, Renda per capita media e Proporção de Pobres nos maiores municípios do Ceará (2000-2004)	216
Tabela 17: Sobral: Nível de Renda 1996/2004.....	217

Quadros

Quadro 1: Extensão da rede rodoviária no período de 1930 e 1943	61
Quadro 2: Brasil -Principais Produtos Voltadas para a Exportação 1821-1900.....	82
Quadro 3: Esboço da Rede Urbana no Final do Século XVIII	89
Quadro 4: CEARÁ - Principais Eixos de Desenvolvimento e Programas Implantados (1987-2004)	113

INTRODUÇÃO

A formação socioespacial brasileira passa por mudanças significativas desde os fins dos anos 80, vinculadas às tendências que redirecionaram o espaço mundial nas últimas décadas do século XX. Novamente muitos comungaram na idéia de que o país começava a entrar no mundo globalizado, onde finalmente, depois do passado agrário exportador, dos ideários desenvolvimentistas, milagre econômico fincado na idéia de progresso, chegara, enfim, às bases sólidas de uma verdadeira modernização.

Esse momento mexe com os componentes que animam a vida social do território brasileiro. O mercado dito global passa aceleradamente a dar as cartas ao Estado, exigindo desde as reformulações em sua forma de pensar o território: fluidez é a palavra de ordem. O Estado vai em busca do passaporte que dará ao território novos usos caracterizado, sobretudo, pela simbiose ciência, técnica e informação.

Nesse contexto, todos os lugares que compõem a formação socioespacial brasileira, têm, em seu processo de configuração, uma das variáveis e possibilidades distintas na inserção dessa modernização. Os espaços descolados dessa modernização, no que consiste a construção de novos objetos, formariam os *espaços opacos*, outros coexistem em seus territórios com novos “*usos e abusos*”, são espaços seletivos ou seletivos residuais, importantes para o mundo competitivo, por isso são dotados de maior racionalidade.

Essa realidade nos leva a refletir como as modernizações têm implicado na adequação de cidades médias como Sobral¹, (Mapa 1), transformando-as em espaços seletivos. Reconhecemos que o Poder Público municipal, através de novos sistemas de ações e de objetos, tem sido um dos principais agentes geradores dessa adequação territorial pautado, sobretudo, no discurso da eficácia, no processo de atração de novos investimentos.

Dentro desse contexto Sobral pode ser estudada como resultante das combinações e, dos processos socioespaciais que nela se revelam, considerados os fatores endógenos e as forças que modificam o uso do território e a formação socioespacial brasileira.

¹ Sobral está localizada no Norte Cearense, distante a 230 Km de Fortaleza se destaca como uma das áreas mais dinâmicas do estado. Segundo estimativa de 2005 apresenta um total de 172.685 habitantes (IBGE). Desde 2000 apresenta-se como o segundo município na hierarquia do Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM). Esse índice ampara-se no desempenho apresentado nas áreas econômica, demográfica, infra-estrutural e social. ((Manual para Investir em Sobral disponível em <http://www.Sobral.ce.gov.br>)

MAPA 1:- Brasil/Ceará e Sobral

Elaboração Cartográfica: Fábio Cunha

Acreditamos ser importante saber qual é forma de engajamento e qual o papel reservado a essas cidades no mundo subdesenvolvido dentro do período técnico-científico-informacional. As mesmas estão longe das metrópoles já consolidadas, assistem modificações na produção material e não material, com outros sentidos de tempo e de espaço, mudando completamente a sua geografia.

Os vetores de modernização estão mais presentes nas cidades de maior crescimento populacional, que de certa forma dentro de suas regiões apresentam dinamismo ou disposição para tal, sobretudo as cidades médias. A expansão da fluidez, como uma das resultantes da modernização, propiciou novas formas de articulações e acumulações, reforçando a desigualdade no que consiste ao uso do território.

No Nordeste, o aumento da fluidez articula espaços cada vez mais amplos, de acordo com as racionalidades organizacionais, poder de troca dos estados, provocando incertezas aos homens pobres e lentos (SANTOS, 1996). O poder e os interesses do Estado e dos grandes empreendedores têm levado a edificação de sistemas de engenharias como: ferrovias, portos, hidrelétricas, rede de comunicações, entre outros, a serviço de uma dinâmica regional geradora de

diferenças intra-regionais, com uma multiplicidade de espaços luminosos. (SANTOS, 1996, *passim*.) ou “ilhas de prosperidade” ao lado de grandes espaços de pobreza. (BACELAR, PACHECO, CASTRO,);

Assumindo o risco da arbitrariedade do recorte, mas justificado pela consciência de que através dele se apresenta a oportunidade da compreensão da totalidade², a cidade de Sobral é nosso argumento empírico, dentro de um processo de construção de um edifício metodológico, para a compreensão do todo. Pois pensar o mundo, o país, a cidade é pensar a totalidade. Sem pensar a sua cisão é como se esvaziássemos o movimento, (SANTOS, 1996) e pensar a decomposição do todo é o traço mais marcante do conhecimento. (KOSIK, 1976).

Alguns aspectos que instigam nossa pesquisa saltam aos olhos: Sobral é a cidade do interior do estado do Ceará que mais tem priorizado a construção de objetos técnicos, tornando-se numa das mais expressivas frações de produção de calçados de plástico do Brasil. Destaca-se também pelo seu dinamismo nas atividades comerciais e de serviços, tendo as mais elevadas taxas de arrecadação do estado; apresenta uma demanda crescente por moradia, por parte da classe média, originando até mesmo os condomínios fechados.

Nos estudos do IBGE (2000), Sobral aparece entre os 39 centros urbanos do Brasil com destaque para o Produto Interno Bruto (PIB) e área de abrangência, segundo esses estudos, a cidade influencia 55 centros no que consiste ao consumo, atingindo um total de 1.105.630 habitantes do Estado do Ceará. Por outro lado acumula dividas sociais estando entre as três cidades do interior do estado com os maiores déficits habitacionais, um crescente circuito inferior e uma visível segregação socioespacial.

² O conceito de totalidade surgiu no interior da filosofia clássica alemã (KANT, HEGEL, SCHELLING), num esforço de distinguir a dialética da metafísica. Contudo, no século XX, a despeito de sua respeitabilidade, ele foi reduzido a uma mera exigência metodológica (tudo está em conexão com tudo) e a uma regra metodológica (o todo é maior que as partes). Por isso, diante da banalização da dialética, é importante distinguir a concepção de realidade como totalidade concreta, da concepção da realidade como conjunto de todos os fatos. Trata-se de uma armadilha. Totalidade não significa todos os fatos. Significa, realidade como um todo estruturado, dialético, no qual um fato qualquer pode vir a ser racionalmente compreendido. Assim, acumular fatos não significa conhecer a realidade. Kosik identifica três concepções fundamentais do todo ou da totalidade: 1) A concepção atomístico-racionalista, de Descartes até Wittgenstein, a qual concebe o todo como totalidade dos elementos e dos fatos mais simples ; 2) a concepção organicista e organístico-dinâmica, a qual formaliza o todo e afirma a predominância e a prioridade do todo sobre as partes ; 3) a concepção dialética (Heráclito, Hegel e Marx) que concebe o real como um todo estruturado que se desenvolve e se cria. (KOSIK, 1976)

Para análise da realidade em curso estão presentes em nosso trabalho pares de conceitos como: verticalidades e horizontalidades³, tecnoesfera e psicoesfera⁴, espaços seletivos e espaços opacos, circuito superior e circuito inferior⁵, entre outros.

Sobral recentemente tem seu território usado por atividades econômicas com aspectos mais dinâmicos; a) empresas voltadas a dar suporte à maior indústria de calçados de plásticos do Brasil que chegou a Sobral em 1993; b) implantação de novos serviços; c) diversificação e expansão do comércio. Mas coexistem outras formas de circulação e de uso da cidade, nascidas das necessidades do lugar, a exemplo das “*empresas territórios*” aquelas cuja origem é o lugar. (SANTOS & SILVEIRA, 2001).

Tais empresas surgiram em Sobral ainda na década de 60 e estão pulverizadas pela cidade, com características de circuito superior marginal⁶. São fábricas de beneficiamento da palha da carnaúba, de laticínio, de refrigerante; abastecendo os municípios de toda região norte, chegando também aos estados vizinhos: Piauí e Maranhão.

A modernização que é acompanhada por uma mudança na estrutura de consumo, repercute diretamente na estrutura do circuito inferior. Facilita então o consumo de produtos modernos, produzindo-os e comercializando com técnicas menos modernas (SANTOS, 1979, p. 255).

No comércio a coexistência se apresenta de forma ainda mais significativa, nas avenidas e ruas, lojas com produtos sofisticados, revendas e locadoras de

³ Esses pares de conceitos estão nas discussões de (PERROUR, 1961) no livro “a economia no século XX” e mais recentemente em (CASTELLS, 1999) no livro “sociedade e rede”, mas discutimos aqui a luz do pensamento do professor (SANTOS, 1996) “Nas atuais condições, os arranjos espaciais não se dão apenas através de figuras de pontos contínuos e contíguos (...) de um lado, há extensões formadas de pontos que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de região. São as *horizontalidades*. De outro lado, há pontos no espaço que, separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia. São as *verticalidades*. O espaço se compõe de uns e de outros desses recortes, inseparavelmente. É a partir dessas novas subdivisões que devemos pensar novas categorias analíticas.” (SANTOS, 1996. p.225)

⁴ “Cada subespaço se define conjuntamente por uma tecnoesfera e uma psicoesfera, funcionando de modo unitário. A tecnoesfera é o mundo dos objetos, a psicoesfera é da ação”. (SANTOS, 2005, p. 159)

⁵ Trata-se da atividade econômica que tem a rua como o espaço necessário a sua consolidação. Discutido em nossa tese no capítulo V,

⁶ “A atividade de fabricação do circuito superior divide-se em duas formas de organização. Uma é o circuito superior propriamente dito, a outra é o circuito superior marginal, constituído de formas de produção menos modernas do ponto de vista tecnológico e organizacional” (SANTOS, 2004. p.103.)

automóveis, agências bancárias, clínicas médicas, laboratórios; nas mesmas ruas vendas de produtos de imitação através do circuito inferior.

Nas proximidades do Mercado Público, destaca-se o comércio de atacado, sustentado por uma clientela vinda dos bairros periféricos de Sobral onde possuem pequenas mercearias; muitos têm na carroça e no moto-táxi os meios possíveis para transportar a mercadoria. Dessa forma, vai sendo abastecido parte do circuito inferior espalhado pela periferia, mas essas mercearias ainda estão nos interstícios da legalidade, pagando taxas como: Imposto predial e territorial urbano (IPTU), água e energia elétrica.

Espalhados pelo espaço urbano, encontramos os vendedores ambulantes, principalmente na área central, desprovidos de qualquer possibilidade de legalidade; pelos minguados recursos, pela falta de informação, pela forma de enquadramento pensado pelo poder público para esses trabalhadores;

Nenhuma das variáveis citadas age isoladamente para modificar um outro circuito, mas antes participa de um feixe de ações. Por outro lado, sua ação inscreve-se em situações que variam no tempo e no espaço. No tempo: para a mesma cidade, um fator dado poderá contribuir para o crescimento de um circuito e depois do outro, em função do momento histórico responsável por um certo arranjo funcional. No espaço: os arranjos das variáveis tomam formas particulares de acordo com cada lugar. (SANTOS, 1979, p.266)

Ancorados na reflexão teórica de SANTOS, que observa nos objetos técnicos e no sistema de ações as possibilidades para a compreensão do espaço geográfico, percebemos que a base das modernizações socio espaciais da cidade de Sobral ocorreu aliada a um conjunto de objetos que formam a densa rede técnica do território brasileiro e que ajudam a mudar sua face, sobretudo na década de 1990.

Como recurso de método, elaboramos uma matriz de periodização, inspirada em (SOUZA, 2004). Essa periodização nos ajudou no exercício de edificação da totalidade concreta, pois percebemos as dinâmicas das relações sociais, recheadas de história.

O recorte temporal do presente inicia-se em 1996, pois foi nesse período, que os movimentos de mudanças mais profundas passaram a ocorrer. Identificamos as trajetórias das ações do Poder Público, para entendermos a complexidade dos objetos e das intencionalidades nas gestões municipais de Cid Ferreira Gomes, em dois mandatos seguidos; (1997/2000 - 2001/2004). Já a análise dos dois circuitos da

economia urbana no uso do território sobralense, nos oferece a compreensão do processo de urbanização, suas implicações na configuração territorial e nas contradições socioespaciais.

No percurso metodológico o contato direto com a realidade pesquisada foi importante para edificação teórica. O trabalho de campo, juntamente com o levantamento documental e estatístico, permitiram a base essencial no preenchimento da nossa matriz de periodização, assim como, na construção de dados proporcionando a análise. Não é um trabalho de descrição estanque, como na geografia clássica, mas uma leitura crítica da realidade em curso, almejada pela Geografia Nova.

Em Sobral, os serviços e o comércio têm apresentado importância expressiva para a expressão dos dois circuitos da economia urbana, e que foram revelados pelos dados. A tentativa de desvendar os circuitos e suas consequências para os lugares, nos levaram a aplicação de um questionário com cerca de trinta questões junto a cinquenta por cento dos trabalhadores ambulantes flutuantes do centro da cidade, espaço de maior incidência desses trabalhadores, tendo como característica o uso do espaço público para se viabilizar. Mas esse questionário corresponde a menos de cinco por cento dos trabalhadores que vivem na informalidade, nos moldes considerados pelo Instituto de Desenvolvimento do Trabalho (IDT).

Quanto ao comércio e serviços legalizados foram buscados dados gerais através da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE)⁷, a partir desses dados, traçamos um perfil das atividades, suas tipologias, suas articulações, sua distribuição pelo território, etc..

Outros procedimentos técnicos foram ainda realizados dentre eles: levantamento bibliográfico e documental junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), consulta de dados na Secretaria da Fazenda (Sefaz), anuários estatísticos do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece). Esses procedimentos nos ajudaram na formação de um banco de dados para a criação dos mapas temáticos, gráficos e tabelas.

⁷ A CNAE foi criada para uso federal como instrumento padrão de classificação para identificação das unidades produtivas do Brasil, sob o enfoque das atividades econômicas existentes, a tabela de evolução sendo feita pelo IBGE, compatível com a internacional *Standard Industrial Classification-ISIC*. A revisão estando aprovada pela Comissão de estatística das Nações Unidas em 1989 e recomendada como instrumento de harmonização das informações econômica em âmbito internacional.

No processo de pesquisa, variáveis foram aparecendo e outras redimensionadas. No entanto, prevaleceram os aspectos que melhor refletem as implicações das modernizações para o processo de configuração dos dois circuitos da economia urbana e o aumento das desigualdades socioespaciais.

A hipótese de trabalho reflete sobre as contradições socioespaciais e do questionamento das ações que pensam o território como mercadoria, mascarando as contradições das cidades através das estatísticas, da mídia, da imagem voltada para a seletividade do espaço, muitas vezes impossibilitando a manifestação do *espaço banal*.

Dentro desse contexto, os espaços seletivos, no Nordeste Brasileiro, não são passíveis de serem analisados quanto a um enfoque amparado apenas no passado, como se ainda vivêssemos no período pré técnico onde: O *‘ali e o acolá’* era o chão mais distante e certo, contíguo e real, cujo espaço era formado por uma realidade menos cruel para os que se impregnavam das relações orgânicas. (CRUZ, 1999, p. 77).

Atualmente essas cidades estão inseridas numa “economia-mundo”, (BRAUDEL, 1996), interligadas seja através da produção, do consumo ou da informação. Passam por intervenções crescentes do mundo no lugar, ao mesmo tempo em que desses lugares emana força para criar novas formas de relações e de enfrentamento com o mundo.

Assim, os novos usos do território são merecedores de análise. No caso específico deste trabalho a hipótese basilar é: *as modernizações alterando os dois circuitos da economia urbana, implicando no processo de urbanização e nas seletividades socioespaciais geradoras de desigualdades*. Para comprová-la alguns objetivos específicos foram delineados e elaborados: a) A análise da configuração territorial brasileira no que consiste aos aspectos da fluidez para ampliar o uso do território; b) compreensão de como os processos de modernizações implicam na organização dos dois circuitos da economia urbana na cidade de Sobral; c) entender como as ações do poder público contribuem para a cidade de Sobral se constituir como espaço seletivo dentro da região Nordeste; d) explicar como a lógica do uso do território, no período técnico-científico-informacional tem como uma de suas conseqüências o agravamento da segregação socioespacial e como ocorrem os “gritos do território”. (SOUZA, 2000)

A organização desta tese, está estruturada em três partes, contendo cada uma dois capítulos. A primeira parte intitulada: *A geografia e as derivações dos sistemas de objetos e ações no Território Brasileiro*, dividida em dois capítulos, o primeiro com uma abordagem em torno da ciência geográfica e dos conceitos que permeiam nosso trabalho; no segundo, indagações sobre como as densidades técnicas foram moldando o uso do território brasileiro. Faz parte dessa elaboração a relação entre urbanização e as modificações dos circuitos da economia urbana no território Brasileiro.

Na Segunda parte, intitulada *Modernizações e estratégias de atração de investimentos no território Nordestino*, lemos no capítulo terceiro uma elaboração indispensável para a compreensão dos novos espaços seletivos, um exame do Nordeste em relação a formação socioespacial brasileira, seus traços, suas mudanças e as estratégias de uso do território. Julgamos oportuno, nesse capítulo, uma apresentação da configuração do território cearense e de Sobral. No quarto capítulo ainda nesta parte analisamos, resumidamente, os planos de ações pensados para o Ceará e para Sobral, detendo-nos, sobretudo, na compreensão de como a modernização é apresentada.

Na Terceira parte, denominada *relações, articulações e traços dos circuitos da economia urbana em Sobral e as novas desigualdades socioespaciais*, temos no quinto capítulo uma abordagem sobre os dois circuitos da economia, seus traços, sua constituição e os aspectos de seletividade. O sexto e último capítulo desta parte, versa sobre o “grito do território”, com análise dos dados sobre a realidade da força de trabalho, dos fluxos migratórios, como emergem os lugares dentro da cidade, quem são os sujeitos desses lugares? onde eles estão? como vivem e se mobilizam nesse espaço seletivo? A abordagem gira em torno do acirramento da desigualdade socioespacial.

Assim, convidamos não somente aos nossos pares para percorrer as páginas que se seguem, mas ao leitor que tem interesse em discutir a conexão lugar-mundo, pois a intenção de nosso trabalho é oferecer uma pequena contribuição para compreensão das relações sociosespaciais vividas no mundo pobre.

PRIMEIRA PARTE

A GEOGRAFIA E AS DERIVAÇÕES DOS SISTEMAS DE OBJETOS E AÇÕES NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

CAP I - GEOGRAFIA, MODERNIZAÇÃO
E OS NOVOS CONTEÚDOS DO
PRESENTE

CAP II - BRASIL: DERIVAÇÕES DOS
SISTEMAS DE AÇÕES E OBJETOS

CAPÍTULO

II

G E O G R A F I A , MODERNIZAÇÃO E OS NOVOS CONTEÚDOS DO PRESENTE

Neste capítulo, elaboramos uma reflexão a cerca do espaço geográfico, da formação socioespacial e do lugar, discussão significativa para a compreensão de como ocorre a tecnificação do território brasileiro.

1.1 A Geografia e a Leitura do Espaço

Para a Geografia se compor como ciência capaz de interpretar a realidade em curso, ou seja, com respaldo para produzir um conhecimento que explique as mudanças no espaço geográfico, é necessário a construção de um quadro de referência com coerência teórico-metodológica. Tornada possível através da escolha das categorias certas para a reflexão da realidade que se quer estudar, a Geografia, como filosofia das técnicas⁸, uma ciência do presente.

Partimos do pressuposto de que território usado⁹ corresponde ao espaço banal definido como um sistema de objetos indissociáveis de sistema de ações. Portanto, é a Geografia uma ciência da ação, pois compreende e explica o presente. Cada ação embute o político e cada objeto é visualmente uma ação, ambos carregados de intencionalidades, gerando evento¹⁰. Portanto, processo político aliado ao processo técnico formam um par dialético. Território e política não são antagônicos, são protagonistas, compreendidos aqui como racionalidade econômica e racionalidade política (SOUZA, 2005).

O espaço é objeto da Geografia, não podendo ser visto de forma linear ou estanque em si mesmo, com limites preestabelecidos; é instância social, resultado-condição da sociedade, dinâmico e complexo, com materialidades e ações humanas. Quando falamos desse espaço como indissociável; sistema de objetos e sistema de ações, estamos nos referindo a cada lugar e ao mundo, pois, em cada lugar, coexistem frações desses sistemas, cuja totalidade é o mundo.

⁸ (SANTOS, 1994 p. 64), no livro: *Técnica, espaço, tempo globalização e meio técnico-científico informacional*, analisa que "O estudo das técnicas ultrapassa, (...) largamente, o dado puramente técnico e exige uma incursão bem mais profunda na área das próprias relações sociais.(...). Para que a Geografia possa aspirar o seu reconhecimento como filosofia das técnicas, deve levar em considerações as implicações de fatos como esses, aplicando-lhes, como em qualquer outro esforço de natureza filosófica, um sistema de referência cuja a base fundamental é a interpretação global do mundo e, por seu intermédio, a interpretação de cada um dos seus aspectos ou partes".

⁹ Reconhecemos que território usado é categoria de análise social, instância social e a política outra instância social, embora possam ser tratados como correspondentes, constituem campos disciplinares diferentes.

¹⁰ C. DIANO (1994, p. 66) "É um instante do tempo dando-se em um ponto do espaço, [...] Não há evento sem sujeito". (SANTOS, 1996) nos fala de evento da seguinte forma; "Toda teoria da ação é também, teoria do evento e vice-versa. Essa assimilação da idéia de evento e da idéia de ação é fundamental para a construção de uma teoria geográfica".

O espaço geográfico é objeto de estudo da ciência geográfica e, portanto, um conceito abstrato, sendo de fato entendido por meio de categorias, conceitos e definições fundamentados em referenciais teóricos e também pela empiria, enquanto base de representação da realidade, mudando num lapso de tempo.

A velocidade com que se transforma o mundo neste início de século se traduz no espaço geográfico, ou seja, no uso do território, impondo necessidades de formulações, de questionamentos, redefinições de conceitos e a elaboração de novos paradigmas que possam constituir instrumentos de análises das transformações em curso.

No campo do conhecimento das ciências humanas, a Geografia tem se destacado nessa busca, como coloca LACOSTE (2004) acerca do conhecimento geográfico. A produção geográfica, sob a égide da globalização, é fundamental, pois há o entendimento da dimensão espacial e, especificamente, geográfica. Assim, como muitos geógrafos, o autor compreende que a geografia tem como premissa básica: “saber pensar o espaço em sua complexidade”.

SANTOS (1996) discute, com muita clareza e propriedade, três pontos profundos das transformações presentes na nova ordem do mundo imposto pela racionalidade do mercado: convergência dos momentos, unicidade técnica e produção da mais valia mundial. Mas para dar conta da compreensão do espaço geográfico, propõe a construção de uma metadisciplina. Essa proposta foi maturada na sua vasta obra e aparece em livros, tais como: “*Por uma geografia nova*”, (1978); “*O espaço dividido*”, (1979); “*Espaço e método*” (1985); e a “*Natureza do espaço*” (1996), “*Por uma outra globalização*”, (2000), e *Território e sociedade entrevista com Milton Santos*, (2005). A metadisciplina parte da necessidade de construir o objeto de uma ciência, apresentando-se como parcela autônoma, mas considerando a interdependência entre os saberes;

A metadisciplina e, também, um resultado da globalização. Já existia antes, mas hoje se dá mais claramente. (...) é a vontade de filosofar nas disciplinas particulares. (...) é a filosofia particular a cada disciplina que lhe permite filosofar com as outras. (SANTOS, 2005, p. 50).

O grande desafio para o geógrafo é o de separar da realidade total num campo particular passível de ser autônomo e que, ao mesmo tempo, permaneça integrado a realidade total. Postura possível pela necessidade da construção de uma

visão totalizante do mundo a partir da especialização do saber que é a Geografia. SANTOS, (1996) continua sua reflexão e aponta a possibilidade de construção de uma teoria menor, que seria a *metageografia*, edificada por um conjunto de conceitos como suporte à interpretação geográfica. Parte da ontologia acreditando que os conceitos, por definição, devem ser internos e de suma importância para o sucesso de qualquer campo disciplinar.

Outro importante geógrafo, ISNARD, (1979), em seu livro “O *espaço geográfico*”, oferece pistas para os estudos de uma geografia do presente. Ele propõe a análise da crescente aproximação entre mercado e território, criando o conceito de *espaço alienado* que, na realidade, funciona como um enriquecimento do conceito de *paisagem derivada*, surgido em SORRE (1961). Mas enquanto este último tinha na força da história o resultado da exploração dos países subdesenvolvidos, ou seja, uma cultura dominante mudando a paisagem dos países colonizados, ISNARD vislumbra a alienação, expressão trabalhada por MARX (1890, p.491), como uma das chaves para a compreensão do *espaço alienado*, instrumento mais incisivo para se pensar a força do poder exógeno em relação aos lugares. A alienação se vê reforçada e ampliada, visto que estamos diante de uma nova divisão do trabalho, nos territórios periféricos com constante ampliação dessa alienação.

Espaços alienados são regiões que devem ao exterior não só a sua criação e a sua integração no mercado mundial mas ainda a sobrevivência da sua organização, enfim regiões cuja população indígena jamais controla e que até os próprios poderes públicos dificilmente controlam. (ISNARD, 1979, p. 55)

Antes de ISNARD, SANTOS (1971) analisou também o conceito de *paisagem derivada* de SORRE, propondo o conceito de *espaço derivado*, já que a idéia de paisagem está muito ligada à forma, enquanto o espaço, como instância social que é, trata da forma, função, processo e estrutura. O termo *derivado* permanece com um sentido muito mais amplo do que uma dominação nos limites do histórico-cultural. No *espaço derivado*, os princípios de organização devem-se muito mais a uma vontade longínqua do que aos impulsos ou organizações simplesmente locais.

Mais recentemente, CATAIA, (2001, p.221) apresenta o conceito de *território alienado*, utilizado para se referir aos municípios que preparam seu território com sistema de engenharia e normas para atraírem novos investidores, tornando-se, assim, crescentes devedores sociais e submissos às políticas empresariais que

chegam. A conjugação das definições de CATAIA e SANTOS é considerada em nossa pesquisa, pois esses territórios são derivados das forças centrífugas e alienados pela forma precária de inserção.

Ainda sobre a importância da leitura do mundo atual pela Geografia, HARVEY (2004), em “*Espaços de esperança*”, ao discutir a globalização na sua atual fase, vê nela a solução para a crise do capitalismo, facilitadora da velocidade no processo de acumulação do capital, possibilitando outros caminhos para a acumulação em uma etapa superior, requerendo para isso uma crescente organização geográfica do espaço. Dito de outra maneira, do ponto de vista do capital, o espaço não perdeu sua importância - novos conteúdos são incorporados a ele dentro do processo de acumulação e estes conteúdos não podem escapar à análise geográfica.

Embora num rápido percurso perceba-se como a Geografia precisa ficar atenta às novas configurações do território, no atual sistema temporal, pois muito mais do que em tempos pretéritos, o capitalismo precisa regular o uso do território. Dessa forma, a globalização, como uma das faces desse momento atual, se viabiliza pelo uso diferenciado do território em nível mundial, ocorrendo a intensificação das relações socioespaciais (econômicas, sociais, culturais) no plano internacional.

Nesse processo de mudanças, necessita-se da construção de uma visão de mundo e de sua compreensão para embasar a prática, convite ao método dialético, com a produção de um conhecimento social crítico. No nosso caso, a construção de um conhecimento geográfico elaborado pela Geografia do presente.

1.2 Formação Socioespacial e Lugar

Uma reflexão sobre a formação socioespacial é vista aqui como essencial para a compreensão de uma teoria do espaço na Geografia e, conseqüentemente, das questões relativas ao uso do território. Até os anos 70 o espaço geográfico estava muito ligado à idéia de natureza *in natura*, visão disseminada na Geografia e nas outras ciências humanas. Assim não se via o espaço como categoria importante para compreensão da sociedade, nem como instância social.

Com a discussão da Geografia Nova, pensada inicialmente por SANTOS, (1978) amplia-se o campo teórico da Geografia. Ele insere o conceito de *formação socioespacial* nos estudos geográficos, visto este conceito, como pressuposto do método.

Metodologicamente o referido conceito revela a relação entre o geral e o particular como fundamento da análise da realidade socioespacial, pois até então, nas ciências humanas e na própria Geografia, a sociedade era estudada dissociada do espaço. Entretanto, com a Geografia Nova, o espaço começa a ser visto como inseparável epistemológica e metodologicamente da análise social, pois; "História não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social." (SANTOS, 1982, p.10)

Historicamente esqueceu-se que o modo de produção capitalista pode se submeter às ações próprias dos lugares, onde as formações socioespaciais se constroem dentro de um processo, com configurações territoriais específicas, manifestando totalidades espaciais concretas:

A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. A configuração territorial, ou configuração geográfica, tem pois uma existência própria, mas sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais. (SANTOS, 1996 p. 51)

Quando SANTOS (1977, p. 81) traz dos estudos marxistas a discussão sobre a formação socioeconômica é por considerá-la a mais significativa para auxiliar a construção de uma teoria válida do espaço. A valorização dessa categoria marxista está ligada a sua importância, pois refere-se às particularidades historicamente construídas em dadas sociedades, resultantes das ações de forças exógenas e endógenas e/ou da divisão territorial do trabalho:

Para Marx as formas de urbanização capitalista são antes de tudo, fundamentalmente, formas de divisão (territorial) do trabalho, elas estão no centro da contradição atual entre novas exigências do progresso técnico, essencialmente em matéria de formação ampliada das forças produtivas humanas e as leis de acumulação do capital. (LOJKINE, 1997. p. 143)

O conceito de formação socioespacial possibilita o conhecimento da territorialidade e da identidade da região, mostra ainda a importância das relações entre modo de produção e sua espacialidade, as particularidades dos lugares. Não

existe formação econômica e social descolada do espaço: modo de produção, formação social e espaço – essas três categorias são interdependentes.

O modo de produção seria um 'gênero' cujas formações sociais seriam as 'espécies'; o modo de produção seria apenas uma possibilidade de realização e somente a formação econômica e social seria a possibilidade realizada (SANTOS, 2005, p. 27).

Percebemos então que o processo social e o modo de produção são vazios de conteúdos históricos concretos. Suas existências somente ocorrem através da Formação Econômica Social. É ela quem oferece elementos para a compreensão da relação entre o geral e o particular no espaço. E, quando falamos de formação socioespacial, aí está a base para a compreensão do todo, constituído pela política, ideologia, economia, cultura, que são elementos para uma *análise* dentro de um processo de reconstrução da totalidade; as partes apenas se compreendem em sua totalidade, ou seja, pela elaboração da *síntese*.

O *processo social* mostra o conhecimento da sociedade de forma genérica, o *modo de produção* possibilita o conhecimento de processos realizados ou não, já a *formação econômica e social* oferece o movimento de concreção do modo de produção, sendo que esse é visto como totalidade, se realizando de forma histórica e espacialmente, configurando arranjos específicos que na Geografia são chamados de lugares.

A formação econômica e social é um dos elementos básicos para a produção da vida material de toda a sociedade, mas as transformações são processadas no espaço *via trabalho*, falar então de *formação econômica e social* é falar de espaço, é falar de trabalho, *ação*. Nasce desta reflexão a gênese da *formação socioespacial*. (SANTOS, 1978)

As categorias espaço e tempo, tradicionalmente, são discutidas de forma estanques, o espaço como inerte ou como palco e o tempo como símbolo do irreversível, mas a formação econômica e social pode mostrar o processo de formação das configurações territoriais em dados lugares e tempo, forma e conteúdo, ou seja, no que consiste a realidade socioespacial. Assim, a formação socioespacial apresenta uma composição de estrutura produtiva e de estrutura técnica ou sistemas de objetos com arranjos espaciais próprios.

Os conceitos de formação econômica e formação social, quando trabalhados de forma isolada, acabam revelando uma orientação meramente econômica da análise do social existente, ficando muito centrado na questão da produção e do Estado. A aplicação teórica do conceito acaba sendo reduzida, quando não se admite a importância da dimensão espacial. De maneira abreviada, podemos ainda afirmar que a formação socioespacial pode ser o modo de produção territorializado, a sociedade e seu espaço como analisa CORRÊA (1995 p. 26):

O mérito do conceito de formação socioespacial, ou simplesmente FSE, reside no fato de se explicitar teoricamente que uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz e, por outro lado, o espaço só é inteligível através da sociedade.

Assim, o espaço geográfico é sinônimo de território usado¹¹, mas enquanto território usado, nele se entrevê “tanto o resultado do processo histórico quanto a base material e social das novas ações humanas” (Santos *et al*; 2000).

Durante muito tempo, a leitura marxista deixou de lado o conceito de formação econômica e social; SANTOS retoma e desencadeia um debate ao entender as formações sociosespaciais como constituição que deverá ser entendida a partir das configurações particulares. São essas configurações que respondem pela especificidade dos movimentos de reprodução social mais geral, pois nela se materializam as relações sociais capitalistas conforme determinações próprias dos lugares; onde a formação social nacional trabalha, como mediação entre o mundo e o lugar.

Essa discussão, na nova concepção de Geografia, reformula teórica e metodologicamente a pesquisa geográfica. Contribui, ainda, para que as outras ciências reconheçam algumas categorias geográficas como categorias externas importantes nas suas pesquisas. Cria um diálogo interdisciplinar rico e com possibilidades para a compreensão do mundo periférico com outro olhar, preocupação que se manifesta entre pensadores, como GALEANO (1985) e S. SANTOS(1996):

(...) Continuamos a analisar os processos de transformação social do fim do século XX com recursos e quadros conceituais desenvolvidos no século XIX e adequados aos processos sociais então em curso. Em segundo lugar, o Estado-Nação continua a predominar enquanto unidade de análise e suporte lógico de investigação, o que nos impede de captar cientificamente a lógica própria e a

¹¹ Compreendemos que o território só existe quando usado, praticado.

autonomia crescente, quer das estruturas e dos processos locais típicos de unidades de análise menores (a lógica infra-estatal), quer dos movimentos globais, ao nível do sistema mundial (a lógica supra-estatal). Em terceiro lugar, e apesar dos espaços teóricos inovadores das últimas décadas, a teoria sociológica continua a ser basicamente derivada das experiências sociais das sociedades centrais e, nessa medida, pouco adequada à análise comparada e inclinada a suscitar generalizações espúrias. Pode mesmo dizer-se que, quanto mais geral é a teoria sociológica, maior é a probabilidade de ser baseada na experiência social e histórica dos países centrais e enviesada a favor destes últimos. (SANTOS, S. 1996. p. 116)

Em nosso trabalho, essa categoria oferece as trilhas para a interpretação das dimensões do presente existentes em Sobral - CE, dentro da formação social-espacial brasileira. Ao fazermos uma análise da forma-conteúdo, buscamos a totalidade e seus respectivos sistemas de objetos e ações; o que esses espaços seletivos reproduzem da ordem internacional, interrogando sobre o significado das modernizações.

O arcabouço que considera uma ordem global e uma ordem local e, assim, fornece-nos os instrumentos conceituais para empreender o estudo do lugar e do mundo, com a necessária mediação da formação sócio espacial (sic). É também um enfoque da totalidade em movimento, do processo de totalização. É assim que surpreendemos a funcionalização dos eventos, cuja estrutura nos revela a constituição do território. (SILVEIRA, 2000. p. 26)

Ao analisarmos, em conjunto, os reflexos do atual momento da globalização econômica, torna-se necessário, como para tantas outras discussões, a consideração do período atual como um período histórico com as três unicidades, constitutivas do período técnico científico informacional que já mencionamos na discussão sobre a geografia e a leitura do espaço: unicidade das técnicas – convergência dos momentos - mais valia mundial. (SANTOS, 1996)

No seu interior, a formação socioespacial brasileira revela fragmentação e articulação, devido à aceleração desigual dos tempos nos seus subespaços, tomados como manifestações existentes por meio da (re) funcionalização do processo de globalização. A relação lugar-mundo apresenta ações que constituem arranjos contínuos e/ou descontínuos pelas horizontalidades e verticalidades. Entendam-se horizontalidades como solidariedade orgânica característica das ações regionais e, ‘contraditoriamente’, solidariedade organizacional, caracterizada pela racionalidade imposta que nasce distante, impingindo normas e formas. Dessa maneira, a utilização dos lugares pelas empresas depende desses dois dados, “normas e formas”, como um conjunto indissociável. (SANTOS, 1996).

1.3 Uma Palavra a Mais Sobre o Lugar

O conceito de lugar, na história do pensamento geográfico, remonta aos estudos de R. HARTSHORNE, na primeira metade do século XX, nos seus estudos sintetizados dentro da denominada Geografia Idiográfica, permeado pelos elementos que constituem as diferenciações das áreas, estando o lugar ligado à idéia de singularidade.

Mas, durante muito tempo, a abordagem do lugar foi quase abandonada, reaparecendo como conceito central na Geografia Humanista de bases fenomenológicas na década de 1970. Um de seus representantes, Yu-Fu-Tuan, incorpora ao conceito de lugar as questões dos laços de afetividade e dos sentimentos das pessoas em relação ao meio em que vivem. Nesse mesmo momento, Anne Buttimer recorre a HEIDEGGER, por meio da noção de habitar, para inserir questões filosóficas ao conceito de lugar. Com o movimento mais amplo de renovação da Geografia, surgiram distintas abordagens acerca do lugar, das quais não nos ocuparemos aqui.

No entanto, parece-nos válido esclarecer nossa compreensão desse conceito. Em nosso quadro de referência teórica, essa compreensão se apóia nas análises de SANTOS (1996, 2005), de onde extraímos o pressuposto de que só é possível o desvendamento do conceito de lugar, atrelando-o a outros, tais como: *formação socioespacial, meio técnico-científico-informacional, horizontalidades e verticalidades, densidades técnicas e densidades comunicacionais, coexistência, etc.*;

Essa necessidade advém da clareza de que o lugar “é o espaço do acontecer solidário”, (SANTOS, 1996) ou seja, não delimitável, possuindo uma existência corporativa e relacional. Subespaço que se qualifica pelas ações que ele mesmo vai abrigando, pelo seu papel no processo das mediações, como oportunidade e possibilidade, nos oferecendo suporte para apreender o uso do território.

Com a aceleração contemporânea, os eventos se multiplicam nos lugares, gerando simultaneamente homogeneização e diferenciação. Afinal o lugar responde ao mundo de acordo com suas possibilidades, o lugar responde ao tempo como possibilidade, diz respeito à possibilidade e cria novas possibilidades;

No lugar, se superpõe, dialeticamente, o eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando, definitivamente, as noções e as realidades de espaço e de tempo. (SANTOS, 1996, p. 258)

O lugar nessa perspectiva não pode ser delimitado, em parte, devido a efemerização dos eventos e, quando se delimita, perde-se o lugar, não sendo ente federado, é ativo, co-presença e coexistência. Não é normatizado, muito embora as normas se apresentem. O lugar as supera.

Todavia, para a sua captação, se faz imperativo conhecer o território usado através de sua formação socioespacial. Então, deparamo-nos com o lugar e com os usos diferenciados do território.

Assim, em nossa investigação em torno de Sobral, percebemos como, no estudo do uso do território, se revela o lugar e, ao estudar o lugar, acabamos por entender, além do lugar, os múltiplos usos do território, o território como abrigo, pelo viés do hibridismo, pois o lugar não é aparência ou essência, ele aparece na tensão.

Percebemos em Sobral muitos lugares a serem identificados, oriundos de forças centrífugas e centrípetas. Cientes de que “o ‘mundo’ escolhe alguns lugares e rejeita outros e, nesse movimento, modifica o conjunto dos lugares, o espaço como um todo” (SANTOS, 1996, p. 271)

1.4 Modernização: A Tecnificação do Território e os Dois Circuitos da Economia Urbana

Pensar as modernizações, no campo das ciências humanas, exige a definição de novos conceitos e a edificação de paradigmas que, além de levar à construção de instrumentos de análise das mudanças em curso, possam ainda representar fontes para trilhar formas alternativas de edificação de projetos contra-hegemônicos.

A ciência geográfica apresenta-se com papel significativo na construção de uma interpretação sobre os elementos da modernização¹² que implica em um novo

¹² Vejo a necessidade de uma distinção entre modernização e modernidade e identifico como bastante esclarecedoras as reflexões de LECHNER (1990) sobre os dilemas atuais dos processos de integração e desintegração da América Latina. A modernização seria o desenvolvimento da

uso do território. No campo da teoria política, a modernização estaria mais ligada ao instrumental técnico e à modernidade constituída de uma racionalidade normativa, recheada de constante conflito, segundo o cientista político LECHNER, (1990). Já para SÁNCHEZ (1993), a modernidade abarca processos semelhantes, estando ligada à modificação das normas do pensamento, do comportamento e das ações dos sujeitos, ocorrendo hoje, sobretudo, através dos processos técnico-espaciais. ORTEGA Y GASSET (1998), ao pensar a modernidade, reflete sobre o modo como as técnicas surgem preocupadas somente com os resultados finais, diferenciando-se radicalmente das inspirações que deram origem às técnicas no passado.

Para ARENDT (1987), a racionalidade normativa do processo de modernização, se pensada no contexto do espaço público, teoricamente lugar de exercício de cidadania, constata a existência de dificuldades de consolidações de instituições realmente democráticas devido à exclusão dos canais de participação. No Brasil, as experiências históricas mostram isso, onde a norma é elaborada, quase sempre, para o controle dos processos sociais. Então, a modernização no Brasil tem sido facilitada pelas normas, dando vazão a duas tendências dentro de um mesmo processo: diferenciação e fragmentação do território, dificultando falar de modernidade.

Na Geografia, SOJA (1968) afirma a importância de novas abordagens geográficas que considerem o fenômeno das modernizações, visto que essas se apóiam em perspectivas espaciais, oferecendo novas percepções da difusão, ao indicar os padrões reais de ordem e organização subjacentes ao processo e ao apontar as similaridades e interações espaciais de seus vários subprocessos.

SANTOS (1996) analisa as modernizações enquanto técnica dentro de um período histórico, por ele denominado período técnico-científico-informacional, que avança pelo mundo com o término da 2ª Guerra Mundial, consolidando-se nos anos 80. A aceleração dos processos de produção, distribuição, circulação e consumo em novos espaços para a acumulação capitalista é viabilizada graças aos préstimos: da técnica, da ciência e da informação.

racionalidade técnico-instrumental que impõe necessidades de adequação das economias locais às exigências do mercado internacional à custa da exclusão de amplos setores sociais. A modernidade estaria ligada à racionalidade normativa, apontando para a autodeterminação política, incluindo soberania popular e direitos humanos, ela acaba sendo secundarizada por conta da modernização. Nessa lógica, não há modernidade, mas um eterno processo de modernização.

A palavra modernização, especialmente entre sociólogos, foi e continua sendo objeto de intensa discussão semântica. Entre os geógrafos, fala-se preferivelmente de *modernizações*. (...). Cada vez que, dentro do centro do sistema mundial, os subsistemas econômico, social, político, cultural e moral e seus respectivos suportes criam novas variáveis do passado, a projeção do sistema mundial sobre unidades espaciais dependentes adota formas diferentes. (...) Suas repercussões nas áreas periféricas são também diferentes. (SANTOS, 2005, p. 94)

Dessa maneira, as cidades vivem processos de mundialização e modernizações seletivas e desiguais: tudo que há de mais moderno pode ser nelas encontrado ao lado de carências gritantes. Nelas se justapõem e superpõem aspectos de riqueza, amparados na eficiência da economia capitalista com suas expressões materiais e sinais visíveis do outro lado dessa modernização que se faz calcada nas velhas estruturas sociais e políticas. “As próprias modernizações provocam desigualdades de oportunidades entre os cidadãos”. (SANTOS, 1979)

No território brasileiro, essas modernizações podem ser pensadas no processo de sua formação socioespacial. Seus ritmos são ora acelerados, ora lentos. Essas modernizações vão ajudando a mudar a configuração territorial do país. Até a década de 1980 tem seu dinamismo muito presente na região concentrada¹³ e no litoral. No restante do território, apenas manchas raras desse processo. Na realidade, o Norte e o Nordeste desconheciam muito dos aspectos característicos desse sistema temporal, tais como: aceleração da urbanização, especialização produtiva, intensificação na sua forma de consumo, mudanças nas relações de trabalho, entre outras.

A tecnificação da cidade é vista como sinônimo de modernização. Ela é colocada à venda, onde o principal chamariz é o discurso da eficácia, buscada pelos interesses dos donos do capital, segundo analisa RIBEIRO (2005). A nova base técnica da modernização tem nas implicações da urbanização um dos fenômenos mais abrangentes, onde um dos preços a pagar é a privatização extremada dessa urbanização, muito mais intensa do que a privatização histórica do litoral.

Para a compreensão das conseqüências das modernizações que afetam a todos e nos lugares mais longínquos, faz-se mister recorrer aos processos históricos

¹³ Área que abrange os estados do Sul: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além de São Paulo e Rio de Janeiro e parcelas consideráveis de Mato Grosso do Sul, Goiás e Espírito Santo. Essa expressão foi proposta para designar a área onde o Meio Técnico Científico Informacional ocorre de forma mais contígua, conforme os pesquisadores. SANTOS & SILVEIRA (2001, p. 27).

que lhe deram origem, posto que, é com o auxílio de uma perspectiva histórica que percebemos as contradições que marcam as mudanças espaciais.

Contudo, além da periodização, a compreensão da realidade empiricamente ocorre em nosso trabalho, amparada na cartografia, estatísticas, entre outros recursos, nos levando a todo momento, ao deslocamento da escala local para a escala regional, nacional ou ainda mundial, numa busca coerente para compreender as correlações de forças entre os lugares. Optamos por uma leitura das mudanças no espaço-tempo através dos sistemas de objetos e de ações e/ou sua formação socioespacial que revela, entre outros aspectos, as emanções múltiplas entre o circuito superior das grandes empresas e o circuito inferior, baseado na luta pela sobrevivência, presente sobretudo nas cidades do terceiro mundo.

Grosso modo podemos afirmar que, antes do período atual, tivemos períodos longos no tocante ao mundo da técnica, da produção e das trocas. O primeiro período ocorre dentro de uma etapa caracterizada pela *Mecanização incipiente* (1500 -1840); o segundo tem como vetores principais dois grandes sistemas de engenharia: a *Máquina a vapor e a Estrada de ferro* (1830 – 1890); o terceiro se caracteriza pela *Eletricidade e a engenharia pesada* (1880-1940), o quarto período a *Produção fordista de massa* (1930-1990) e o quinto período caracterizado pela crescente ampliação da *Informação, da ciência, da técnica e da comunicação* SANTOS, (1985); SOUZA, (2005). É a partir desse último período que assistimos de fato a ampliação no mundo dos objetos e das ações, se concretizando uma ambição antiga do capitalismo: *a mais valia global*. Presenciamos agora fenômenos, tais como: transnacionalização; avanço da indústria telemática; revolução no mundo do transporte; ampliação das telecomunicações;

No território brasileiro, uma periodização pode inicialmente ser pensada a partir de dois pensadores brasileiros: o economista Celso Furtado, que realizou pesquisas exaustivas durante mais de cinquenta anos sobre os fundamentos e aspectos econômicos da ocupação territorial brasileira e o geógrafo Milton Santos que, nas três últimas décadas do século XX, realizou estudos que versam densamente sobre o uso do território brasileiro.

Como se afirmou anteriormente, essa periodização é adotada como recurso metodológico para o entendimento da formação socioespacial brasileira, tendo como principal “evento” as densidades técnicas. No que consiste ao aumento da fluidez,

essas densidades são fortes suportes para as transformações na configuração territorial e do trabalho no Brasil:

a) *Primeiro período*, denominado *pré-técnico*, é o momento em que saímos de um *meio natural* caracterizado por uma relação de natureza natural, com a presença dos povos indígenas, para entrar em uma sociedade escravocrata (séc. XVI e XVIII), com uma economia agrária voltada à agricultura tropical, agroexportadora, tendo início a implantação de infra-estrutura, onde a densidade técnica vai *dos caminhos reais à criação dos portos*.

b) *Segundo período*, denominado *técnico* (séc. XIX), caracterizado pela economia de transição para o trabalho assalariado, nascimento do Estado Republicano e aumento da fluidez com a *formação da malha ferroviária, melhoramentos urbanos; malha urbana, malha rodoviária e rede hidroviária*.

c) *Terceiro período, técnico - científico* (primeira metade do século XX), economia de transição para um sistema industrial, iniciado na Revolução de 1930 com Vargas, ocorrendo forte construção de sistemas viários, fluidez que se acentua no governo de Juscelino Kubitschek estrategicamente pensados no seu Plano quinquenal: *sistema viário: malha urbana e ampliação de uma densa malha rodoviária, sistema de transporte aéreo etc.*

d) *Quarto período, técnico-científico-informacional*, apresenta vários desdobramentos, em que a economia transnacional contribui para o aumento da tecnificação do território. Tem início, com os governos militares, dentro dos Planos Nacionais de Desenvolvimento I e II, ações que se seguem nos anos posteriores até mesmo com a redemocratização. A fluidez aumenta, como palavra de ordem, se viabilizando na modernização de grandes objetos, tais como aeroportos e portos, ampliação da malha rodoviária criada pelos estados, ações que provocam uma nova racionalidade no uso do território, culminando nos anos 90 com um forte esquema de privatização de parte desses objetos que, historicamente, tinham sido edificadas e administradas pelo Estado.

A periodização proposta por (SANTOS) possibilita a compreensão de como a busca pelas modernizações tem, no seu bojo, a formação de um verdadeiro sistema de engenharia que se sobrepõe ao território, com mais intensidade, depois dos anos 30. Todavia, tal sistema se desdobra em outros momentos, sendo marcante, na

década de 1950, a chamada política desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek: expansão da indústria fordista, avança com a política dos militares pós 1964; produção fordista de massa - automóveis, aviões, petroquímica; pois, como sabemos, a era fordista foi caracterizada pelo caráter relativamente complementar do capitalismo centrado nos territórios nacionais (GIRAUD, 1996).

Embora Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek discurssem a favor do Brasil, com uma política de desenvolvimento, percebemos nítidas diferenças entre os dois, no que consiste a forma de viabilizar o ideal de progresso, enquanto sinônimo de modernização.

O primeiro estava voltado para a modernização com claros interesses nacionais, com a criação de indústrias de base, buscando a legitimação num pacto tentando envolver todo conjunto da sociedade; o segundo se volta para os interesses internacionais, criando um ambiente favorável para nova adesão dos interesses da elite e do poder econômico nacional e internacional. “O Capital externo foi considerado pelo governo Kubitschek como essencial a expansão das atividades produtivas” (IANNI, 1989, p. 79).

Nas décadas de 1960 e 1970, sob a égide do modelo de crescimento econômico dos militares, intensifica-se a entrada de objetos técnicos no País, sobretudo na região concentrada: computadores, bens eletrônicos de capital, telecomunicação, robótica, biotecnologia; A modernização do país ocorre, sobretudo, através dessas novas densidades técnicas e comunicacionais. A indústria vira cada vez mais símbolo de desenvolvimento, e seu emprego o *sonho do paraíso*. Ocorrem “novas” formas de organização da produção, consolidando-se a “*modernização dependente*” (FLORESTAN FERNANDES, 1976).

Nos planos nacionais, entre outras estratégias, estão: a criação da *Política Nacional de Desenvolvimento Urbano* e a institucionalização das *Regiões Metropolitanas*. A questão regional, que já havia adquirido importância através de órgãos de planejamentos, tais como Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene); Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam); Superintendência de Desenvolvimento do Centro Oeste (Sudeco); Superintendência do Desenvolvimento da Região Sul (Sudesul), tomou novos rumos com a implementação de ações de maior envergadura, com o discurso de integração do país e da defesa do território.

Essa modernização se caracteriza como incompleta pois, mais uma vez, apenas frações do território são utilizadas como arranjos dos novos objetos técnicos. É, no final dos anos 80, com a incorporação da política neoliberal, que o país, aderiu a um modelo de política externa com uma prática econômica guiada pela doutrina do capital, de forma ainda mais incisiva. Através desse modelo político-econômico, as corporações mudaram as próprias normas do uso do território. O país foi gradativamente assistindo à pulverização dessa modernização, o que continua ocorrendo, na escolha dos *espaços seletivos*.

A região Nordeste, que havia vivenciado um “surto industrial” na década de 1960, atrelado aos incentivos da Sudene, teve, nos militares, ações que modificaram esse modelo de industrialização, sobretudo, no governo de Ernesto Geisel que objetivava uma *“diversificação do desenvolvimento”*.

Embora historicamente o uso corporativo do território brasileiro tenha sido recheado de intencionalidades alheias ao País, foi na década de 1980 que se alastrou com força hegemônica, o uso corporativo do território. Tornou-se possível a força das verticalidades, aumento da fluidez, redes de infovias, modernização dos transportes, aumento da informação e da circulação.

Nos países subdesenvolvidos como o Brasil, que até recentemente apresentava uma ampla planificação de empresas estratégicas, o encantamento pela globalização¹⁴ econômica vai ocasionar consequências imensuráveis. A população gradativamente parece perder a capacidade de reagir diante das racionalidades externas; não sabe como reger os espaços onde vive. Nessa teia é como se o uso do território pela população não fosse, segundo seu próprio desígnio, importante para a reprodução da sociedade. Esse sentimento de incapacidade de construção de um projeto contra-hegemônico pode ser explicado pela própria forma como o processo de racionalidade de mercado chega aos lugares, por meio da sutileza de uma psicoesfera¹⁵, uma ação que antecede quiçá à chegada dos objetos.

¹⁴ A globalização é vista aqui à luz do pensamento do professor Milton Santos. Ela é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Para entendê-la, como, de resto, a qualquer fase histórica, há dois elementos fundamentais a levar em conta: o estado das técnicas e o estado da política (SANTOS, 2004, p. 23).

¹⁵ SANTOS (1996, p. 204.) no livro *a Natureza do espaço*, nos fala de dois pares de conceitos, a tecnoesfera e psicoesfera. “Ao mesmo tempo em que se instala uma tecnoesfera dependente da ciência e da tecnologia, cria-se, paralelamente, e com as mesmas bases, uma psicoesfera. (...) A psicoesfera, reino das idéias, crenças, paixões e lugar de produção de um sentido, também faz parte

Pelo viés da globalização econômica, o processo de unificação buscado no atual ciclo, visa somente o aumento da produtividade e da competitividade, tornado possível sobretudo, via espaço das redes, por meio do qual se unifica e se fragmenta. Os espaços do reger se estendem pelas redes até os distantes espaços do fazer, onde os sustentáculos da organização do trabalho acontecem como resultantes dos renovados elementos de localização, (HARVEY, 1989).

Para muitas cidades do Nordeste brasileiro, utilizadas como espaços seletivos, a palavra de ordem também passa a ser *fluidez*, com uma crescente criação de densidades técnicas para atrair os denominados vetores de modernização econômica; *a interiorização da indústria, atividade turística e a agroindústria*. A criação desses objetos técnicos são causas e efeitos de um mesmo processo e se traduzem como possibilidade de uso diferenciado dos espaços, com novas dinâmicas territoriais e redefinições regionais, como afirma BENKO (2002): “O sistema produtivo se fratura, dando origem a um mosaico de territórios diferenciados.”

No Nordeste do Brasil, a presença da modernização é precedida de um discurso por parte do poder público¹⁶ e de propagandas engenhosas, ditando a necessidade de uma nova forma de consumir, de viver e de trabalhar, modificando imensamente os circuitos da economia urbana.

1.5 Expressões dos Dois Circuitos da Economia Urbana

Toda obra do professor Milton Santos reflete a cidade, o urbano, a região, o território e a globalização como já enfatizamos. Essas análises levaram-no à elaboração de dois conceitos, *circuito superior e circuito inferior*, apresentados e discutidos nas clássicas obras: *O espaço dividido*, (1979, 2004); *Urbanização Desigual*, (1982); *Economia Espacial*, (2003). Nesses estudos sobre os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos, são preciosas as pistas

desse meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário.

¹⁶ No Nordeste, o discurso sobre o sol que maltrata e castiga, vem sendo substituído por outro, que coloca o sol como redentor, oásis para os investidores do turismo e da agroindústria. O homem do sertão, antes acalentado pelas frentes de serviço, hoje é a mão-de-obra dócil e barata para as indústrias que se instalam no interior do Nordeste.

que revelam, em alguns momentos as relações entre o circuito superior racional das empresas e o circuito inferior baseado na luta pela sobrevivência. Resguardadas as diferenças, ambos resultam da Modernização sem precedentes e lidam com ela de forma distinta.

Porque assim como, no conjunto de um país, a oposição, mesmo o antagonismo, de situações de desenvolvimento é o produto de uma só e mesma articulação causal, a existência de dois circuitos na economia urbana das cidades é o resultado do mesmo grupo de fatores, que, para simplificar, denominaremos de modernização tecnológica. (SANTOS, 2005, p. 94)

Os estudos da chamada terceirização têm sido focados em muitos trabalhos de forma fragmentada, onde o peso do circuito inferior aparece apenas como apêndice nos interstícios da formalidade e sua existência analisada como informal enquanto camada negativa, a não-forma, que impede a observação positiva da experiência urbana e o respeito à complexidade (CUERVO, 2003). Sua prática é, na maioria das vezes, vista apenas no centro das grandes cidades e com enfoque econômico e quase sempre a-espacial, perdendo de vista também o estudo do urbano em sua totalidade.

As modernizações desprezam as solidariedades entre objetos técnicos novos e os mais antigos, sendo esses objetos contemporâneos possuidores de um atributo faltante em períodos precedentes; são flexíveis, divisíveis, dóceis (GAUDIN, 1978, 1999; SANTOS, 1996, 2000). Ao mesmo tempo em que segrega, junta, pois muitos objetos técnicos permitem, por exemplo, que, com poucos instrumentos e num pequeno local, se fabriquem determinados produtos ou se organizem alguns serviços que circulam facilmente. É comum em muitas cidades a presença de vasto número de trabalhadores do circuito inferior usar de sua criatividade para viabilizar possibilidades como essa.

Enquanto o circuito inferior emerge nos lugares, não sendo transferidos no plano da especulação, se compondo do trabalho intensivo, pela criatividade, pela ausência de capital de giro, pela falta de ajuda de programas governamentais, o crédito se sustenta pelas relações de confiança, não na força da burocracia. O circuito superior moderno é caracterizado pelo uso de novas tecnologias, crédito bancário e grande margem de lucro, se fazendo cada vez mais forte, em todos os lugares.

Esse mecanismo, responsável pela manutenção da pobreza tanto nos pólos como na periferia, é o mesmo que explica a existência do circuito inferior em toda parte, da rede urbana. Pobreza e circuito inferior são sinônimos. (SANTOS, 2004, p. 371)

Temos uma economia urbana onde o circuito superior moderno pode ter, em certas mercadorias, uma abrangência em nível de país e não do espaço imediato e um circuito inferior que, através de suas ações mais flexíveis de adaptação, assume um papel de distribuição de mercadorias de magnitude tradicional e/ ou moderna.

Na cidade propriamente dita, existem, por um lado, um circuito inferior permanente, correspondente às transações diárias e à escala urbana, e, por outro lado, um circuito inferior cujo tamanho varia de acordo com o tamanho da cidade e de sua área de influência. Na metrópole existe um circuito inferior regularmente ampliado e inflamado. (...) não tem condições de manter relações com outras cidades do sistema, apesar do seu volume – que necessariamente se liga a existência de uma grande população pobre- desproporcional em comparação com o circuito inferior de cidades menores. (SANTOS, 1973, p. 133)

Nos estudos de ANDRADE (1980), o fenômeno de terceirização é algo visto como mundial, mas que, nos países periféricos, se resguardam particularidades em sua organização que devem ser estudadas com muita atenção, principalmente pelo seu conteúdo espacial. SILVEIRA (2005), ao chamar atenção para o estrondoso crescimento dos circuitos da economia urbana, analisa os mesmos, como estando ligados ao crescimento urbano-populacional, que impulsiona a dinâmica de consumo de mercadoria e a procura por serviços. A referida geógrafa pesquisa o circuito inferior na cidade de São Paulo, discute a necessidade de entender os sistemas de ações ou, de outro modo, um convite para olhar a cidade como um conjunto, solitário e contraditório, de divisões de trabalho:

A cidade não é apenas o reino das grandes corporações e dos grandes bancos, o reino do circuito superior, mas também o lugar do trabalho não-especializado, das produções e serviços banais, das ações ligadas aos consumos populares – aquelas necessidades criadas pelo nosso tempo, mas cuja resposta não é dada a todos pela economia hegemônica. (SILVEIRA, 2005, p. 60)

Para SANTOS, é relevante discutir como ocorre a cooptação do estado pelas firmas, pois, é nessa prática que se intensificam a modernização e a ampliação do circuito superior da economia, ocorrendo um verdadeiro abandono dos pobres. São emblemáticos os casos estudados nas grandes metrópoles do terceiro mundo¹⁷,

¹⁷ Ver estudos de SILVEIRA (2005) para a cidade de São Paulo, estudos coordenados pelo Professor Milton Santos para as cidades de Caracas e Lima, (1979) entre outros.

porém, esse abandono se espalha por todas as cidades, independentemente da escala.

A procura pela hegemonização das cidades, antes apenas simbólica e ideológica, agora se viabiliza materialmente, saindo do nível da psicoesfera e entrando na tecnoesfera, apresentando-se no plano territorial. A exasperação da competitividade, no circuito superior, tem como consequência mudanças nas atividades econômicas, com intenso reatamento na organização do espaço das cidades¹⁸.

Nas cidades do interior do Nordeste brasileiro, contrariando as expectativas do próprio poder público, a força do pobre renasce hoje mais do que no passado, nas atividades ligadas ao circuito inferior.

O Nordeste, viveu mais do que a Região Concentrada, uma industrialização incompleta, com reflexos ainda mais cruéis, pois tem um acúmulo de dívida social ainda maior, provocando a necessidade constante de criatividade nas formas de trabalho.

Uma outra face desumano desse processo de expansão do meio técnico-científico-informacional, nasce da modernização do campo que estimula o êxodo rural. Assim, o Nordeste hoje vive um resultado conjugado desses processos, expresso pelo aumento da periferia das grandes cidades e pela impossibilidade de absorção dessa população no mercado formal, como analisados adiante no Capítulo III.

O aumento das aglomerações urbanas não cabe dentro das poucas possibilidades de emprego, visto que não podemos esquecer das constantes inovações tecnológicas e do tipo de empresa que usa o território dessas cidades, perfil da mão-de-obra requerida, relação das empresas reticulares com as empresas territórios¹⁹.

Nas cidades dos países centrais, o crescimento dos serviços, na maioria das vezes, está associado a uma sincronia com a demanda social, onde a legalidade do

¹⁸ Na atualidade assistimos a construção rápida de Plano Diretor de Desenvolvimento, (PDDU), urbanização de favelas, embelezamento das cidades, entre outras práticas, visando o disciplinamento do uso da cidade.

¹⁹ Sendo a empresa reticular dotada de possibilidade de uso de extensas e modernas redes, compondo um expressivo espaço de circulação, e as empresas territórios emergindo dos próprios espaços onde estão inseridas.

emprego é algo mais simples, sendo quase que inexpressivo o segmento ligado ao circuito inferior da economia urbana. Nos países periféricos, a expansão dos serviços e o aumento do circuito inferior, estão diretamente ligados às formas de sobrevivência.

Ao traçar um quadro do setor de serviços no Brasil, a economista HELENA DWECK (1992) liga esse atraso ao modelo de desenvolvimento concentrador assimilado pelos governantes brasileiros. Sendo assim, a multiplicação desse setor está diametralmente ligada à ineficácia de uma política agrária capaz de gerar uma justiça social no campo e a incapacidade de geração de novos postos de trabalhos formais:

Nessa perspectiva, grande parcela das atividades tradicionais de serviços seria a única possibilidade de ocupação de amplos setores da população, portadores de baixa qualificação, significando conseqüentemente, subemprego e exclusão social. O setor serviços assume, assim, uma função de colchão amortecedor, muitas de suas atividades servindo como refúgio dos desempregados da reestruturação industrial (DWECK et al, 1992: p. 446)

Muito embora o território brasileiro tenha uma tradição de macrocefalia urbana, onde as capitais concentram sozinhas quase trinta por cento da população do País, constatamos um crescimento demográfico de muitas cidades a experimentarem um dinamismo econômico. Essas cidades passam a desfrutar de novos espaços de consumo como centros comerciais fora da área central, sinal de uma dispersão comercial ou de seletividades derivadas, tanto no que consiste ao circuito superior como o inferior. O centro se torna o local preferido dos serviços bancários, cartórios, escritórios de contabilidade, laboratórios, instituições públicas e outros.

É inegável que muitas cidades intermediárias tenham, hoje, um incontestável peso demográfico, no conjunto do urbano, proporcionado pelos mecanismos do sistema flexível que visa à descentralização de muitas atividades, tanto da produção industrial propriamente dita como da circulação e consumo. Mas existem outras cidades sem tanto peso demográfico que passam por crescente ampliação do seu caráter urbano e de sua vida urbana.

As empresas que chegam a algumas cidades do Nordeste e que compõem parte do circuito superior são, sobretudo, dos setores têxteis e de calçados, o que já se apresenta como especificidade nesse processo, fazendo parte do circuito

superior no Nordeste e, para a região concentrada pertenceriam ao circuito superior marginal.²⁰

A indústria de calçados, em termos percentuais, apresenta expressivo crescimento. Muitas delas utilizam modernas tecnologias e uma nova divisão do trabalho, mas, não podemos falar de formas modernas de relações de trabalho. Parte da massa de trabalhadores, que não são absorvidos por essas indústrias, não retorna ao seu lugar de origem, pois é *tempo de ação*, o tempo da memória já ficou no passado. SANTOS, (1996); é tempo de encontrar seu lugar na cidade, mesmo que a única forma de engajamento seja a dita informalidade.

Os governos, através da psicoesfera, acreditam ou querem acreditar que são essas modernizações sinônimos de “progresso”, portanto, devem criar grandes fixos para viabilizar os fluxos, da forma mais eficiente possível, só assim sairão ganhando na *guerra dos lugares*. SANTOS, (2000). A racionalidade econômica vai se impondo a esses espaços, com todo rigor e padrão de eficiência exigidos pelas forças produtivas, já que, graças à expansão do meio técnico científico informacional, as questões locacionais são superadas, as rugosidades passando a coexistirem ou, simplesmente desaparecerem.

O mundo oferece as possibilidades e o lugar oferece as ocasiões. Não se trata aqui de um exército de reserva de lugares, senão da produção raciocinada de um espaço, no qual cada fração do território é chamada a revestir características específicas em função dos atores hegemônicos, cuja eficácia depende doravante de uma produtividade espacial, fruto de um ordenamento intencional e específico. (SANTOS, 1994, p. 50)

A produção de mercadoria ocorre de forma standardizada com um consumo globalizado. Associada ao mundo moderno, forma-se uma verdadeira simbiose entre produção e consumo, exigência do circuito superior moderno. Porém, esses fenômenos, aliados ao aumento das trocas intersetoriais, ocasionam a ampliação do circuito superior marginal e do circuito inferior de forma jamais vista: “a urbanização acelerada segue a modernização acelerada, e essa não se realiza sem o empobrecimento relativo das massas, sobretudo nas periferias” (SANTOS 1979. p.316).

²⁰ As Indústrias têxteis e de calçados não têm para a Região Concentrada peso e dinamismo econômico que as insiram como empresas modernas, aspectos que caracterizam o circuito superior moderno nessa região.

No Brasil, apresenta-se uma dispersão com concentração, passando pelo aumento da competitividade entre empresas. Essas passam a operar em diferentes escalas. Com a multiplicação dos grandes objetos técnicos espalhados pelo território, como o sistema de transportes e de comunicações, as empresas têm agora uma gama de lugares para escolher, com custos barateados quando comparados aos das áreas metropolitanas. Mas o seu centro de gestão está localizado fora dessas unidades de produção.

São Paulo permanece com o peso da localização das sedes de muitas dessas empresas, que se espalham pelo território, algo em torno de 176 empresas dentro das quinhentas maiores empresas no Brasil; em segundo lugar, seria Campinas, que concentra quinze sedes de empresas. (IBGE)

Mas o significado da constante expansão, no uso do território brasileiro, não reside apenas, na variável industrial. Por isso reconhecemos a importância dos dois circuitos da economia urbana, envolvendo então a variável consumo, assim como os aspectos do ritmo imposto pela modernização. A coexistência do circuito superior moderno - que chega juntamente com um circuito superior marginal existente, que se bifurca em superior marginal residual e superior marginal emergente – com a multiplicação de um circuito inferior, oferecem suporte para a compreensão da natureza dessas cidades, no presente.

El crecimiento de un circuito superior marginal residual se da por la incapacidad de modernizarse al ritmo impuesto por la época. Pero, paralelamente, la normalización, la relevancia y precedencia del trabajo intelectual, el carácter científico de las actividades y la expansión de los consumos son pilares del crecimiento de un circuito superior marginal emergente. Por eso, este circuito podría ser visto como un laboratorio de la sustitución de una división territorial del trabajo por otra. La decadencia y emergencia de profesiones y empresas vinculadas a las formas hegemónicas de hacer y de mandar alcanzan directamente el circuito superior marginal. Mientras ciertos saberes se desvalorizan, otros surgen. (SILVEIRA, 2004. p. 8)

Em Sobral, essas ações apresentam, hoje, aspectos de justaposição de horizontalidades e verticalidades se metamorfoseando. Ao estabelecer laços de solidariedade com seus vizinhos, a cidade reforça a existência do espaço de todos, todo o espaço, o “*espaço banal*” (F. PERROUX)²¹. A solidariedade, como expressão

²¹ Originalmente o conceito de espaço banal aparece nos estudos de François Perroux (1961). Como economista, o autor reconhece a existência do espaço na Geografia como diferente do espaço na Economia; para a primeira, existiria um *espaço banal* que abrigaria toda a vida coletiva e não somente os fluxos econômicos, já que, para a Economia, o olhar para o espaço diz respeito àquele

da coexistência, ela mesma criando subespaços, apesar das redes que se formam com as verticalidades. Essas práticas reforçam o seu papel dentro do sistema de cidades cearenses, atraindo novos investimentos, passando por um processo de urbanização significativo, com transformações na sua forma de produzir e consumir. Contudo, no seu território, os novos objetos convivem com as rugosidades, suas transformações não escapam àquelas vividas na formação socioespacial brasileira, devido ao processo de modernização.

Dentro deste contexto é que, no próximo capítulo, analisaremos as intencionalidades dos sistemas normativos e de ações que resultaram na construção de um amplo sistema de objetos no território, proporcionando a eficiência da fluidez e, conseqüentemente, atendendo aos ditames das empresas que procuram, de forma cada vez mais intensa, espaços seletivos.

CAPÍTULO

II

BRASIL: DERIVAÇÕES DOS SISTEMAS DE AÇÕES E OBJETOS

Neste capítulo, discutiremos aspectos das ações políticas pautadas nos ideários de modernização, que derivaram em maciços investimentos em um sistema de objetos, acelerando principalmente o avanço do transporte, suscitando, entre outras coisas, o aumento da fluidez com novas práticas espaciais seletivas, e mudanças no processo de urbanização.

2.1 *Sistemas de Ações e Objetos em Duas Temporalidades*

As materialidades do território brasileiro se modificam e se adensam ao longo do tempo, não estando alheias às transformações do espaço mundial, pois os esforços das potências desenvolvidas são realizados para equilibrar suas economias, ao ampliar seus domínios sobre nações subdesenvolvidas como o Brasil, tornando os territórios nacionais em espaços da economia internacional.

A base material que cria as condições para que as mercadorias circulem e, portanto, se formem os fluxos internacionais de comércio, é formada por diversos sistemas de objetos de ordem técnica, cumprindo cada um deles uma função determinada, entre eles, portos, aeroportos, rodovias, ferrovias, hidrovias, armazenagens, etc. os fluxos de mercadorias se organizam através de redes que, para multiplicar-se e intensificar-se, dependem da eficácia desses fixos. Estes últimos são verdadeiros sistemas de engenharia que atuam de forma interdependente e que, por sua vez, acarretam uma divisão territorial do trabalho bem definida. (ARROYO, 2001, p. 105).

No primeiro momento de acumulação, a Inglaterra reforçou seu domínio no contexto do capitalismo com a primeira revolução industrial, em fins do século XIX. Mas esse domínio perdeu força no início do século XX, com a segunda revolução industrial no período entre guerras, passando parte da hegemonia mundial para as mãos dos Estados Unidos e hoje, depois da terceira revolução industrial, iniciada em fins de 1945, se divide entre um número reduzido de países centrais, que tentam se agruparem através de Blocos Econômicos. É exatamente nos meandros das correlações de forças entre essas nações que se desenha o processo de reconstrução do espaço mundial, momento histórico onde é acrescentado, para o uso do território, um conteúdo maior de ciência, de técnica e de poder da informação.

O fato é que os instrumentos que compõem a modernização passam a figurar entre os ideários dos países capitalistas subdesenvolvidos, como o Brasil em fins do século XIX, com desdobramentos distintos no decorrer do século XX, onde as oscilações no ritmo das mudanças dependem também da composição do quadro político interno dessas nações. No território brasileiro, cumprir a meta de progresso sempre exigiu muito do Estado, sendo o período da grande produção e comercialização do café, grande impulsionador deste objetivo.

Com essa lógica, os mais diferentes governos se lançaram, ao longo de mais de um século, ao desafio de uma modernização permeada pelas seguintes ações: saneamento das dívidas, preservação de certa ordem institucional, sustentação da burocracia administrativa urbana, implementação de um amplo sistema de engenharia para o aumento da circulação.

2.2 *As Redes Técnicas e Suas Racionalidades: Um Percurso*

Os elementos, que permeavam a força da fluidez no passado, não apresentavam tanta sincronia como no presente; hoje são crescentemente híbridos, porém, de uma forma ou de outra sempre foram utilizados como elementos de modernização, como já mencionamos, influenciadores de mudanças no quadro de urbanização, na dinâmica das atividades econômicas e nos distintos usos do território.

Para o reconhecimento do ponto que impulsiona a fluidez no Brasil, selecionamos estudos de FERREIRA NETO (1974), BARAT (1978), PEDRÃO (1996), XAVIER (2000). Este último analisa aspectos das materialidades sobre o território em três períodos distintos: de 1850 estendendo-se até 1930; de 1930 a 1960; e o terceiro, inicia-se com os governos militares, em 1964.

No Brasil do Segundo Império, a arrecadação de imposto era vista como insuficiente para os investimentos necessários às grandes materialidades requeridas pelo momento; assim D. Pedro II, conforme a Lei nº 641 de 1852, passou a oferecer privilégios de concessões para empresas privadas, celebrando os primeiros contratos - para a construção dos sistemas de engenharias, bondes, transporte ferroviário, energia elétrica, portos, bancos - que vão se edificando pelo território, formando os arranjos de nossas materialidades mais expressivas para o período:

Nesse período, que corresponde ao Segundo Império, o Brasil tornou-se atrativo para investidores na capitalização de empresas dedicadas à prestação de serviços públicos, em que atuaram como contratistas do governo, portanto, investimentos em que o Estado absorvia os riscos. (PEDRÃO, 1996, p. 176)

As vias férreas absorviam inicialmente o setor comercial e aos poucos as primeiras atividades industriais, tornando-se essenciais para o estado brasileiro. Em

suas importações e exportações, as vias levavam sempre a um porto, que constituía o nó, mas não se pensando em integração do território. Somadas, elas totalizavam, em 1889, apenas 9. 440 km, não podendo nem mesmo receber a denominação de rede (FERREIRA NETO, 1975. p 114):

A cidade, para a qual os fluxos convergem, aparece como um traço de união, como uma ponta lançada entre o setor de economia moderna do estrangeiro e seus prolongamentos no interior do país. (SANTOS, 1982, p. 99)

Nas décadas seguintes, já no Brasil República, se justapõem novos objetos pelo território, modificando com significativa força as áreas onde se instalam, dando uma nova racionalidade aos lugares.

As modernizações do início do século XX têm como espaço privilegiado a Região Concentrada, sustentada na prática pelo seu crescimento econômico. Essa região recebe de forma mais direta os efeitos das novas materialidades que chegam: navegação internacional a vapor, navegação fluvial, sistema elétrico, rede de telégrafo, cabos submarinhos, expansão da malha ferroviária como um corredor de produtos agrícolas e exportação de minerais. Essas materialidades refletem-se diretamente nos índices econômicos dessa região, não estamos analisando a que preço.

No primeiro momento, estão voltadas para as áreas produtoras do café no Sudeste e nas áreas produtoras do açúcar no Nordeste. Essas respectivas regiões já contavam com certa financeirização do território, através de agências bancárias, esse sendo um dos fixos²² significativo para se somar ao sistema de transporte.

Nas regiões Sul e Centro-Oeste do Brasil, os caminhos eram as picadas dos bois em condições semelhantes às do Sudeste e do Nordeste. Todavia, com dinamismo menor, no que contribuiu para o retardamento de um sistema de engenharia em seus territórios. No Norte, o grande fixo era o porto de Belém, fundamental para escoamento da borracha.

²² Fixos são vistos aqui, à luz do pensamento do professor Milton Santos, correspondendo as materialidades técnicas (representados pelos viadutos, estradas, portos, usinas hidrelétricas, empresas de telecomunicações, etc.), fixos e fluxos, respondendo às imposições do capitalismo, acabando por redefinir os espaços e as relações existentes neles; assim vão se implementando no território brasileiro, envoltos em um jogo de contradições, formas de acumulação cada vez mais segregadas, desiguais e combinadas. (SANTOS, M. Técnica, espaço, tempo. 1998).

No Nordeste, a primeira linha férrea ligava a zona produtora de cana a Recife, e a navegação, via Vale do São Francisco, era a rota para se chegar à capital do Império. As materialidades vão se sobrepondo por meio das ferrovias e das novas instalações portuárias. A expansão dos fixos era necessária para que os lugares produtores dos principais artigos de exportação, em especial o café, se tornassem, em seu processo de espacialização, nos novos pontos de dinamismo dos vetores que definiam o progresso naquele período histórico.

Essas materialidades não são criadas para ligar áreas produtoras isoladas dentro do território e, sim, para estabelecer a conexão necessária das áreas produtoras/consumidoras com os pontos de escoamento. O porto não se constituiu em arranjo de rede, pois continua não sendo objetivo unir pontos.

A construção da ferrovia acompanhou a rede hidrográfica e/ou os caminhos escassos das mulas. Tal conjuntura proporcionava às áreas cafeeiras uma situação privilegiada, pois passavam a abrigar em seu território uma maior quantidade desses grandes objetos quando comparada às áreas de criação do gado e da produção da cana de açúcar no Nordeste. Ou seja, já se anunciavam muitos das áreas que mais tarde formariam um vasto espaço de comando em relação ao território nacional.

Na Primeira República, o argumento de integração nacional, via ferrovia, é utilizado para sustentar o discurso de unidade nacional, não ocorrendo transformações no cenário econômico e nas ações de integração. Mantêm-se nas vias férreas as diferentes bitolas do período anterior; largas em algumas regiões e estreitas em outras, dificultando a formação de uma extensa rede integrada.

No Nordeste brasileiro, por exemplo, dentro do seu próprio espaço regional, tínhamos visíveis diferenças entre a área excluída dos circuitos de produção do açúcar, a área decadente do circuito da produção do açúcar e a emergência de áreas de plantações de algodão e criação do gado OLIVEIRA, (1977), pois, mesmo no espaço intra-regional, o transporte ferroviário não proporcionou uma vida de relações entre suas unidades, muito embora tenha formado uma rede no Nordeste e em São Paulo.

Ainda no que consiste a política da Primeira República, seu estado federalista e a autonomia dada aos estados, não se tornou uma ameaça à unidade nacional,

visto que, sendo uma federação oligárquica, os governadores estavam satisfeitos com seus poderes e mandos.

Tal realidade muda quando Getúlio Vargas, na década de 1930, passou a reduzir drasticamente os poderes dos governadores e procurou fortalecer a União. Porém, é acentuado o discurso da necessidade de integração do território, sendo que as densidades técnicas e comunicacionais se tornaram essenciais na consolidação desse desígnio.

O governo de Vargas é marcado ainda pelas mudanças no que consiste à política de desenvolvimento do país. Quanto aos componentes da fluidez, a rede ferroviária continua a ser importante, mas passa a se delinear um mapa de transporte também contemplando as rodovias. Contudo, a tecnificação do território continuou a ocorrer de forma fragmentada, destacando a Região Concentrada com maior densidade, já apresentando os primeiros traços de rede multimodal. O segundo período de investimentos em rodovias, em fins dos anos 30, voltou-se para formação de um mercado inter-regional.

No processo de integração do território brasileiro, a lentidão teve como uma de suas principais conseqüências o agravamento das diferenças regionais, com a formação de diferentes arquipélagos. Não falamos de formações socioespaciais isoladas, haja vista isso não ser possível, já que a formação socioespacial resulta da inserção do país no processo de divisão internacional do trabalho. Todavia, as diferenças construídas historicamente nos espaços regionais, provocam particularidades em seus processos formativos.

As novas materialidades vão se superpondo ao território de forma mais ampla, edificadas por empresas estrangeiras, não somente pelo monopólio inglês, como também pelos Estados Unidos. Aos poucos o território vai sendo dotado das técnicas necessárias à diversificação da produção, da circulação e do consumo.

As rodovias, assim como as ferrovias, seguiram os caminhos de terras traçados sempre próximos às margens dos rios, delineadas precariamente pelas boiadas, sobretudo na região Sul e Sudeste e no interior do Nordeste. A chegada do automóvel começa a utilizar essas rodovias, muitas delas ligavam as fazendas às estações ferroviárias, visto como outro sopro de modernização.

No primeiro mandado do presidente Vargas, no que consiste à construção de estradas rodoviárias na região concentrada, apresentaram um enorme crescimento, passando essa região a agrupar crescentemente o tráfego de passageiros e de mercadorias, comandando a fluidez.

Falamos aqui em ampliação da modernização porque temos, ao mesmo tempo, na difusão do uso do automóvel e dispersão da rede rodoviária, a densidade das redes com aspectos desiguais entre as regiões. Observemos a trajetória da malha rodoviária no governo Vargas: 1930-1945. (Quadro 1)

Quadro 1 - Extensão da rede rodoviária no período de 1930 e 1943		
Regiões	1930	1943
Sudeste	46.043.6	108.106.0
Nordeste	29.188.5	55.962.0
Sul	27.079.0	74.229.0
Centro-oeste	10.260.8	33.946.0
Norte	671,0	2.457.0
Total	113.249.9	276.700.0

Fonte: DNIT

A busca de integração do território nacional pelo aumento da fluidez é marcada por uma nova distribuição da produção. As indústrias, que até então tinham nas ferrovias um fator determinante para as suas localizações, nas áreas próximas ao centro das cidades, com o advento dos eixos rodoviários, se deslocaram inicialmente para áreas relativamente próximas aos eixos; a população acaba acompanhando esse movimento, ou seja, a modernização, enquanto materialidade, apresentou implicações para a formação e dinamização de muitas cidades, os circuitos espaciais da economia urbana acompanharam essas novas avenidas ou vias de saída das cidades.

Entre 1930 e 1945, as indústrias permaneceram instaladas nos mesmos locais, dentro das cidades, crescendo pela verticalização, em estreita vinculação com as ferrovias. Essa dependência começou a desaparecer com a construção das novas rodovias. Com a eletricidade as fábricas haviam deixado de depender das ferrovias, para o abastecimento de carvão. Com as rodovias, já não dependiam delas para o transporte de mercadorias. (REIS, 2006, p. 117)

No Nordeste, nesse período, a construção de rodovias estivera pautada na criação de postos de trabalhos nos anos de seca, coordenada pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), antigo IFOCS²³ criado em 1909. Suas construções intensificaram ainda mais os fluxos migratórios em direção ao Sudeste, que já se consolidara como parte da região concentrada do país.

Em 1931, foi elaborado o plano rodoviário do Nordeste, resultando na edificação de algumas rodovias. Vargas cria, em 1937 o Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (DNER) e, em 1945, a criação do polêmico Fundo Rodoviário Nacional (FRN). Entre fundos e projetos conseguidos foram significativos os recursos. Em 1946, os estados passaram a criar seus Departamentos de Estradas de Rodagem (DERs), para também pensarem suas políticas estaduais de transportes, isto é, dando novo impulso ao uso do território.

Para o período, no Nordeste, tivemos a edificação das rodovias “Fortaleza–Teresina”, Br 222, e Natal-Fortaleza, BR 304. Há ainda a construção das 230, 254 e 290 de leste para oeste do país, outras radiais do centro do país/Brasília, BR 010, 030, 040, 050, 070, as longitudinais, BR 174, 153, 116, 101, as diagonais, BR 319 e 362. No mesmo período, muitas outras importantes rodovias foram construídas na Região Concentrada.²⁴

Com o plano de metas do governo Juscelino (1956-1961) abre-se um novo frenesi de modernização. A integração inter-regional se acentua com o aumento das trocas entre as regiões, todavia, o comando realizado pela região concentrada ocorre através da crescente tecnoesfera e no restante do país ainda na escala da psicoesfera. Vai se configurando um mosaico de densa rede, formado agora por vias estaduais, municipais e os grandes eixos federais.

Nas regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil vai ocorrer um sistema de engenharia moderna embalado pela construção de Brasília, pois, até 1952, elas representavam apenas 5,5% das rodovias existentes no País. As malhas rodoviárias

²³ - Inspetoria Federal de Obras Contra às Secas.

²⁴ Dentre elas a Régis Bittencourt, em 1937, ligando São Paulo a Porto Alegre; Anchieta, em 1947, ligando São Paulo ao litoral; Anhanguera, em 1948, ligando São Paulo a Jundiá; Dutra, em 1951, ligando São Paulo ao Rio de Janeiro. Num curto lapso de tempo, essas rodovias estavam saturadas pelo constante crescimento do tráfego de ônibus, caminhões e automóveis oriundos de outras regiões. Desse modo, uma década depois foram construídas a Castelo Branco, Imigrantes, Bandeirantes, etc.

até então estavam, sobretudo, na Região Concentrada e uma malha com certo significado no Nordeste. Essa consolidação tem início, em parte, devido ao próprio avanço da indústria automobilística.

Nos governos militares, é criado o Ministério dos Transportes, os investimentos em rodovias inicialmente eram em torno de oitenta por cento dos recursos destinados a esse setor, mas, com a criação do I Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), o recurso caiu para cinquenta e três por cento, ou seja, se manteve o modelo rodoviário, contudo, com esforços de melhora dos sistemas ferroviário e hidroviário.

Nesse período, foram edificadas rodovias de integração dentro de programas de desenvolvimento regional, a exemplo da Transamazônica e outras na região Norte, e muitas rodovias no Nordeste e Centro-Oeste do país. No II PND, a prioridade foi a aplicação de recursos em hidrovias, recebendo 32% dos investimentos, ferrovias 31% e o setor rodoviário 21%.

Mas é certo que a rodovia se constituiu em uma das principais materialidades no processo de formação de um mercado nacional, proporcionando a circulação exigida pela divisão do trabalho, que se define, nas décadas seguintes, pelas novas lógicas de uso do território.

O ideário de modernização, via transporte, esteve voltado permanentemente para interesses alheios ao país, se viabilizando de forma crescente e eficiente o escoamento da produção do interior para o litoral, não formando densas redes, obedecendo ao pensamento da organização espacial ainda do Brasil Colônia.

No presente, as ações políticas dentro de cada estado, se coadunam com essa lógica. Nas diferentes unidades federativas, mais uma vez se volta para a criação de grandes fixos, dentro de um quadro de racionalidade exigido pelos investidores que se lançam na busca de novos espaços para suas empresas, onde a construção desses fixos longe está de um conteúdo de integração social. São emblemáticas as ferrovias que, desde os fins dos anos 50, enfrentam a redução dos trechos e o fim de estação de passageiros

Hoje o sistema rodoviário passa a ser mais importante por estar crescentemente posto em relação com outras materialidades, como os portos, aeroportos, centrais hidroelétricas, silos, açudes, entre outros, facilitando a dinâmica

da fluidez, atendendo às ordens de circulação rápida do capital e às especializações territoriais produtivas.

Dentro desse contexto, a circulação do território brasileiro se acelera, contando para isso com os pesados investimentos públicos e as parcerias com a iniciativa privada. Assim, no ano de 2000, no que tange ao transporte, as densidades técnicas apresentaram o seguinte quadro: 60,49% da movimentação de carga do mercado interno, sendo realizada pelas vias rodoviárias, mostrando visivelmente a importância desse modal no transporte de cargas; ferroviário, 20,86%; hidroviário, 13,86%; dutoviário, 4,46%, e aeroviário, 0,33%.

A quantidade de rodovias criadas e a expansão das já existentes, a partir dos anos 50, não deixam dúvida sobre seu significado para a ampliação do uso corporativo do território (Tabela 1). Tal realidade nos permite falar que, ao longo da história, ocorreu uma ampliação no uso do território dentro de nexos excludentes.

Tabela 1 - Extensão das rodovias pavimentadas segundo as Regiões-Km					
Região	1955	1964	1981	1991	2000
Sudeste	2.066	11.207	32.793	51.478	54.184
Centro-Oeste	4	723	7.793	16.801	20.814
Sul	390	2.528	18.765	26.776	32.364
Nordeste	615	3.284	25.602	40.506	45.232
Norte	58	988	4.500	8.378	12.394
Brasil	3.133	18.730	89.449	143.703	164.988

Fonte: DNIT

2.3 *Flexibilidade e Rigidez no Uso do Território Brasileiro*

Na Europa, as primeiras ferrovias surgiram ainda na primeira revolução industrial, voltadas a atender as necessidades industriais. No Brasil, elas nasceram no mesmo período, porém, voltadas para uma economia primária exportadora, ao passo que as indústrias muito tardiamente apareceram, ancoradas não pelas ferrovias e sim pelas rodovias.

A partir dos anos 40, a indústria vai se configurando de maneira marcante, na vida social brasileira. Depois dos anos 50, o país passa de uma economia agrária exportadora para uma forçosa economia industrial e urbana.

Nesse período, tem início um significativo processo migratório, principalmente rumo às cidades em que já tinham certa acumulação de poder econômico e político, cidades privilegiadas pelos investimentos públicos. Esse crescimento da indústria, vai redefinindo a formação socioespacial brasileira, contribuindo para mudar a divisão do trabalho, gestando em grande escala o assalariado urbano, expandindo a classe média e consolidando a burguesia nacional em parte oriunda das oligarquias agrárias.

Como consequência da expansão da atividade industrial, temos também a consolidação de um Estado como agente de investimentos. Apresentando a consolidação de um poder cada vez mais centralizador e adepto dos investimentos externos, atrelado a essa burguesia nacional que se consolida inicialmente em São Paulo, pois, no Brasil, a emergência da classe burguesa, diferente de outros países, não decretou o fim da classe oligárquica, porquanto parte dela se metamorfoseia de forma impressionante.

O Nordeste e, em menor escala, a região Norte, enquanto receptora de capital, foram menos beneficiadas nesse processo. Na formação inicial do processo de modernização, as materialidades se fixaram de forma pontual quase sempre em cidades-portos e sua hinterlândia imediata. A produção do café implicou, significativamente, na estrutura do território, com valorização distinta na construção desses fixos.

Como salientamos no item anterior, no período atual, a modernização se caracteriza principalmente pelo número crescente de objetos técnico-científicos, pensados para cumprir papéis cada vez mais específicos e eficazes. Dessa forma, a criação material e organizacional sobre o território brasileiro, ao longo do século XX, foi conduzida pelas necessidades de realização de novas racionalidades e funcionalidades, envolta pelo processo de modernização. Em contraste com essas formas/conteúdos, respondem por ações cada vez menos circunscritas ao lugar.

A crescente acumulação de capital local conta para a sua dinamização com a gentileza do Estado que cria os elos necessários para as parcerias dos investidores nacionais com o capital estrangeiro (em bancos, exploração de recursos naturais, criação de infra-estrutura urbana, etc.). Essas ações mudam a própria forma de gerir o Estado que antes tinha, no monopólio da renda, a forma para se fortalecer. No presente, essa renda é transferida de algum modo para os interesses das empresas.

Essas empresas geram uma crescente demanda de consumo por meio da redefinição dos circuitos de comercialização, da aceleração da produção, das novas formas de circulação. E, para atender a esse processo de reprodução do capital, se requer crescentemente mais eficiência do Estado na produção de ações e objetos, dentro de um ciclo vicioso.

Nesse contexto, a simultaneidade é um dado do presente, em que a exigência dos comandos hegemônicos cria uma situação quase de obrigação para o estado da criação de materialidades necessárias para o uso flexível do território. “A força e a dinâmica de tais transformações escapam à análise rigorosamente econômica e estão a exigir um entendimento da esfera política de decisões quanto ao uso do território”. (SAMIRA KAHIL, 2005. p. 3)

A região concentrada liga-se diretamente ao sistema de ações, pois não concentra apenas produção, consumo, financeirização, mas abriga as forças que comandam e regulam o território. As funcionalidades respondem às combinações gestadas distantes, combinações variadas. O presente resulta do meio técnico científico informacional, que proporcionou a fluidez, tornando o território maleável, contudo, com normas rígidas.

Por isso o estudo do uso do território não pode perder de vista esse movimento dialético; flexibilidade e rigidez²⁵, elementos constituintes das verticalidades, colocando o desafio da coexistência das verticalidades e das horizontalidades nos lugares. Dessa maneira, a nova divisão do trabalho impõe uma lógica comum entre os diversos lugares definidores da formação socioespacial brasileira. SANTOS, (1993). Os usos desses lugares são diferentes, dependentes das oportunidades oferecidas ao funcionamento vindo do mundo, onde determinações endógenas variadas ajudam a torná-los espaços seletivos ou não.

A rigidez do território pode ocorrer através da elevação de custos de serviços básicos, tais como: moradia, água, energia, telefone, etc. Assim, a própria infraestrutura criada pela utilização do meio técnico-científico é capaz de transformar o território em obstáculo, embora, de forma transitória, se contradiz com o objetivo da flexibilidade para o qual foi criado. Isso ocorre pelos altos custos para a construção dos sistemas de engenharias em algumas áreas do país, em que as empresas querem num curto espaço de tempo tirar seus investimentos, provocando progressiva rigidez territorial, cujo sacrifício é pago por toda sociedade.

Ademais, isso não ocorre devido à demanda criada pelo processo de urbanização ou por apelos da sociedade, porém, antes de tudo, pelas exigências das empresas, que se espalham pelo território, graças à possibilidade de modernização do presente. Essas empresas encontram nas cidades, gestores que desejam, a qualquer custo, tornarem “suas” cidades em espaços seletivos, mesmo que sejam seletivos residuais.

Sabe-se que somente as áreas mais dotadas de materialidades e, com relativa tradição de comando formam os “reais” espaços seletivos e/ou luminosos, espaços do reger do qual parte a fluidez por meio das ações hegemônicas, favorecendo a determinadas áreas, definidoras de toda a formação socioespacial. Nesse sentido, no presente, esses espaços do reger reúnem condições necessárias para comandar outros pontos do território, condições acumuladas historicamente, como veremos a seguir, dentro do quadro de urbanização que foi se configurando.

²⁵ Sobre essa discussão, ver ANTAS JUNIOR, R. **Território e Regulação - Espaço geográfico, fonte material e não-formal do direito**. São Paulo. Associação Editorial Humanistas: Fapesp, 2005.

2.4 Um Percurso pela Urbanização: Outro Caminho para Entender a Formação dos Circuitos da Economia Urbana

Como resultado do modelo de substituição de importação, dá-se o início do forte processo de metropolização que perdura como traço do urbano, até a década de 1980. As grandes cidades captam para seus espaços população e atividade produtiva. No entanto, em meados dos anos 80, embora essas cidades permaneçam como centro de decisões, anunciam-se novos espaços dinâmicos, contudo, conservando-se uma lógica seletiva. Recorremos ao processo de urbanização, para compreensão de como foi se configurando essa lógica, discussão que vai ao encontro das questões postas nos itens anteriores.

Inicialmente, as duas instituições propulsoras da edificação de vilas no Brasil foram: O Estado Português e a Igreja Católica. Dentro de suas opções, se despontaram as cidades-portos ao longo do litoral no decorrer do período colonial, a maioria com funções de capital, a exemplo de Recife e Salvador. As demais se limitavam a centros comerciais e artesanais, todavia, o ciclo de exploração comercial contribuiu para a modificação na organização espacial. Nas áreas de produção mais concentrada e na sua área de influência, originou-se a formação de uma rede de pequenos núcleos de povoamento, porém, com apenas cinco áreas merecendo a denominação de cidade, três delas localizadas no Nordeste, conforme Prado Júnior:

No fim do regime colonial as cidades eram insignificantes; apenas cinco mereciam este título – Rio de Janeiro, Salvador, Recife, São Paulo, São Luís do Maranhão. As demais não passariam de aldeias; a sua população equivaleria a 5.7% da população total do país, cerca de 2.850.000 hab. (Prado Júnior, In GEIGER, 1963; 20)

Dessa forma, nos vales úmidos do sertão, surgem povoados, centros administrativos e de serviços voltados às áreas produtoras da colônia. Esses povoados não passavam de pequenos núcleos com um ou outro aspecto de *urbe*. Não formavam vínculo entre si, pois as vias de transporte se limitavam a caminhos vicinais de animais de carga, de modo que as relações entre os lugares eram determinadas por sua localização geográfica e pelo significado econômico.

Nestor Goulart Reis (In SANTOS, 1994) analisa o período de urbanização entre 1500 e 1720, destacando três etapas de organização do território brasileiro.

Em seus estudos, o autor enfatiza a última fase, que termina em 1720, salientando que neste período o país aparece com uma rede urbana constituída por um conjunto de 63 vilas e oito cidades.

Assim, no período colonial, a população viveu quase totalmente nos campo. As poucas áreas urbanas eram dependentes do espaço agrário. Nos séculos XVI e XVII, as cidades eram verdadeiros espaços fantasmas, nos quais seus proprietários, ligados à atividade agrária, apenas vinham ocupá-las em tempos de festas. Com a energização da atividade comercial e administrativa, a cidade vai aos poucos adquirindo dinamismo, se formando os espaços verdadeiramente urbanos.

Os diferentes usos do território em função dos interesses da metrópole resultaram também na fragmentação da criação das cidades. É o caso da cana-de-açúcar, atividade que acabou por contribuir com a criação de pequenas cidades em algumas áreas de Pernambuco e Bahia, razão maior da importância de Recife e Salvador. Exemplo também de Manaus e Belém, que se firmaram através do extrativismo da borracha, e, de Fortaleza, com a exploração comercial do algodão no Ceará; graças a essa atividade a capital assiste a sua expansão e hegemonia no território cearense.

Aos poucos, muitas cidades vão deixando de ser apenas espaço administrativo, abrindo mais residências nobres e profissionais de ofícios. Essas mudanças começam em meados do século XVIII, tornando-se mais significativas, a ponto de se falar em processo de urbanização nos séculos seguintes:

(...) no decorrer do século XVIII a urbanização se desenvolve e a casa da cidade se torna a residência mais importante do fazendeiro ou do senhor do engenho, que só vai à sua propriedade rural no momento de corte da cana'. (...) Mas, é necessário ainda mais um século para que a urbanização atingisse sua maturidade, no século XIX, e ainda mais um século para adquirir as características com as quais a conhecemos hoje. (SANTOS, 1994, p. 19)

No recenseamento de 1872, o Brasil apresenta uma população total de 9.930.478 habitantes, sendo o Rio de Janeiro a maior aglomeração do país, com uma população de 272.972 habitantes, enquanto São Paulo aparece com 31.385 habitantes, apresentando assim uma população numericamente inferior às cidades de Recife e Salvador. Com o recenseamento de 1890, São Paulo passa a contar com 239.820 habitantes, atingindo a condição de segunda cidade do país em

população, mas ficando ainda distante do Rio de Janeiro, que contava com 811.443 habitantes naquela época.

A partir da década de 30 do século XX, com o Estado Novo²⁶, ocorre uma intensificação da intervenção do Poder Público no processo de organização territorial do país, tal como analisamos nos itens anteriores, no qual a dominação da cidade é sentida. Para GEIGER (1963), neste momento, os interesses dos grupos urbanos se levantam contra os interesses dos grupos de cafeicultores.

As ações políticas do período objetivam um crescimento da indústria, em todos os seus significados, tais como: a formação de um mercado consumidor dentro do próprio país e o incremento do setor terciário para impulsionar esse mercado. Dentro desse contexto, o processo de urbanização é acelerado, ocorrendo um expressivo surgimento de cidades intermediárias:

Quando se torna o elemento dinâmico da economia brasileira, o fato industrial passa acelerar o crescimento urbano de grandes e médias cidades, o qual, por sua vez, suscita movimentos de população do campo para as cidades. (GEIGER, 1963, p. 100)

Nos anos 40 do século XX, com a crescente industrialização do Sudeste, a urbanização brasileira passa por uma aceleração significativa. As cidades do Rio de Janeiro e São Paulo se consolidam como metrópoles nacionais, reunindo, em 1940, cerca de 22.2% da população brasileira e, na década seguinte, atinge 23%. As cidades intermediárias da época continuam concentradas nas áreas dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, como Niterói, Campinas, Santos e Jundiaí.

Rio de Janeiro e São Paulo então apresentam aspectos bem particulares em relação ao restante do território brasileiro. A primeira, com força política e econômica desde o período colonial e por ter se tornado a Capital do Brasil, a segunda, como mencionado inicialmente, reunia condições diferentes de outras áreas do país para a reprodução do capital, (AMORA 1980, p. 14):

Com o incremento do transporte rodoviário nos anos 40, consolidou-se a circulação de produtos agrícolas: algodão, sisal, mamona, entre outros, oriundos do Nordeste para alimentar as indústrias do Centro Sul do país. Paralelo a esses fluxos, ao longo das rodovias, ocorreu o crescimento populacional de muitas cidades no

²⁶ Instaurado no Brasil em 1937 pelo presidente Getúlio Vargas, estende-se até 1945, apoiado pelos militares, as classes dominante e média, caracterizando-se pelos amplos poderes nas mãos do presidente.

interior do país, surgindo demanda por novos serviços, o que colaborou, por sua vez, para o surgimento e fortalecimento de alguns centros, esses vão se ligar diretamente com as cidades maiores, sem a mesma ordem hierárquica do início do século.

A região Nordeste alcança alterações demográficas expressivas: Recife atinge a marca de 348.424 habitantes, abrigando uma população superior à de Salvador, que detinha um contingente de 290.443 pessoas. Belém, na região Norte, passa a ser a sétima cidade brasileira em população, e em seguida, as cidades de Porto Alegre e Belo Horizonte. Depois vem Fortaleza, seguida de Niterói e Curitiba.

No âmbito geral, o Brasil vivencia neste momento o crescimento de suas principais aglomerações urbanas. As taxas de urbanização brasileira são reveladoras deste quadro: em 1940, a população urbana era de 26.35%, saltando em 1960 para 44.67%, atingindo, em 1970, a marca de 55.92%. Na década de 1980 chega a 67.59%, em 1996 atinge 78,36% de urbanização e, segundo o último censo, em 2000 eleva-se para 81,25%.

Entre 1940 e 1980, dá-se uma verdadeira inversão quanto ao lugar de residência da população brasileira. Há meio século atrás (1940), a taxa de urbanização era de 26.35%, em 1980 alcança 68.86%. Nesses quarenta anos, triplica a população total do Brasil, ao passo que a população urbana se multiplica por sete vezes e meia (SANTOS 1994; 29)

Os grandes objetos criados pelo Estado brasileiro, nos anos 40 colaboraram para uma grandiosa chegada de multinacionais ao país, notadamente nos anos 50 e 60²⁷.

A partir deste momento, dá-se um impacto maior da industrialização sobre a urbanização brasileira. Entre 1940 e 1950, o crescimento populacional total foi de 25%, porém, no que concerne à população urbana, o crescimento foi bem superior, atingindo a taxa de 45%. Paralelamente à urbanização, o Estado acaba proporcionando um novo processo de acumulação. Em seguida, esse mesmo Estado tenta identificar e amenizar os chamados “desequilíbrios regionais”

²⁷ DAVIDOVICH (1984, p. 14); “montado num complexo dispositivo institucional, que inclui a criação de forte suporte financeiro e de incentivos fiscais e creditícios, o Estado ‘bancou’ a industrialização e a modernização do país.”

FURTADO, (1974) resultantes de sua política concentracionista, com a criação de órgãos de desenvolvimento regional²⁸.

Essa lógica de acumulação, como colocada anteriormente, apresentava-se como um fenômeno de ordem mundial, resultante, sobretudo, de uma nova divisão internacional do trabalho e das novas formas de acumulação, pensadas agora em nível global pelos países centrais, acabando por influenciar na urbanização de muitos países.

No Brasil, essa aglomeração urbana proporciona a multiplicação de cidades em diferentes escalas e aumento das taxas da população urbana sobre a rural. Há redefinições dos papéis de muitas cidades que já tinham expressivo aglomerado urbano, passando a sentirem a força do crescimento populacional muito mais expressivo que as possibilidades criadas pelas políticas de investimentos estruturais, acabando por sofrerem grandes mazelas sociais.

As políticas urbanas²⁹, com o governo autoritário da década de 60, foram assentadas no discurso da segurança nacional e do crescimento econômico. Seus objetivos atingiam a organização do sistema de cidades, como analisa Davidovich:

A consolidação de uma rede de cidades tem sido assumida como componente espacial de estratégias de desenvolvimento, à medida que compreende unidades funcionais interdependentes, submetidas às regularidades e perseguindo metas comuns. Representariam desde modo um elemento fundamental para a consecução de objetivos de 'equilíbrio' do sistema. (DAVIDOVICH, 1982, p. 17):

Como já mencionado, em fins dos anos 50, muitos foram os programas visando amenizar as disparidades regionais. O elemento balizador do crescimento seria expansão e modernização das densidades técnicas³⁰. No Nordeste, num período de dez anos, a rede rodoviária teve sua participação ampliada sobre o

²⁸ As áreas que terão maior impulso industrial no contexto dessas políticas desenvolvimentistas são aquelas que já manifestavam certos quadros compostos por: crescimento econômico, concentração populacional e de capital, presença de estabelecimentos comerciais, acesso à matéria-prima etc. Como exemplo, temos Recife, Salvador e Fortaleza, com menor participação quando comparada aos centros urbanos de maior expressão, São Paulo e Rio de Janeiro.

²⁹ Para Fany Davidovich, políticas urbanas de caráter intra-urbano ou “políticas urbanas” se referem “a cidade”, a seu aparelhamento como *locus* de acumulação de reprodução das relações capitalista. DAVIDOVICH, Fany. Repensando o Brasil pós 60 – **Núcleos de estudos regionais e urbanos**, 1984.

³⁰ O modelo de industrialização implementado nessa região passa a ser um estímulo à urbanização, principalmente nas capitais dos estados da Bahia, Pernambuco e Ceará e, em menor escala, nas capitais dos demais estados nordestinos e em alguns núcleos urbanos considerados como dinâmicos. A taxa superior da população rural sobre a urbana vai ficando para trás.

território, passando de 14% para 28%. No sistema elétrico, foram construídas as usinas hidrelétricas, como as de Boa Esperança e Paulo Afonso.

Vão se consolidando no Brasil os espaços urbanos que têm como característica marcante a redistribuição da população brasileira e do seu sistema de cidades. O censo de 1970 revela, pela primeira vez, um predomínio da população urbana sobre a rural, com uma taxa de urbanização de 55.92%, correspondendo a um maior número de brasileiros vivendo nas cidades.

Com a institucionalização das regiões metropolitanas em 1973³¹, São Paulo e Rio de Janeiro continuaram a receber contingentes de migrantes. A população migrante dirige-se para as cidades que compõem as suas regiões metropolitanas, dando-se também o crescimento das cidades médias longe dos grandes centros.

O que é curioso no Brasil é que essa metropolização não está confinada a uma parte do território, não é apenas o eixo Rio-São Paulo que se metropoliza, mas é Sobral no Ceará, é Campina Grande na Paraíba, é Dourados no Mato Grosso do Sul, etc. (Souza, 1982, p. 64).

Em 1976, elabora-se uma política de apoio às cidades médias, o denominado Programa Nacional de Apoio às Capitais e Cidades de Médio Porte (PNCCPM), visando incentivar um sistema urbano mais homogêneo, que propiciasse desenvolvimento econômico e mudanças no destino das migrações.

No estado do Ceará a partir dos anos 70, assiste-se a um fluxo de migrantes para a área central da região metropolitana, e aos poucos esse fluxo vai se deslocando para as cidades desta região, sobretudo após a construção de conjuntos habitacionais e distritos industriais longe de Fortaleza, tais como: os conjuntos habitacionais Jereissati I, II, III no município de Pacatuba e o Nova Metrópole no município de Caucaia, entre outros. Esses conjuntos se multiplicaram nas periferias das grandes e médias cidades, expressando cada vez mais a materialidade da segregação nas áreas urbanas.

Nos anos 80, o crescimento urbano brasileiro adquire novas feições, dentre elas, um processo de migração de alguns tipos de atividade industrial e a ampliação dos dois circuitos da economia urbana, tendo por base novas formas de acumulação e de consumo.

³¹No Brasil até 1973 o conceito de metrópole só se aplicava às cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. (SANTOS, Milton. **Urbanização Brasileira**, 1994).

Entre essas indústrias, predominam aquelas que têm o uso do trabalho intensivo. Na região Nordeste, elas mantêm ou aumentam suas taxas de lucros, contando com incentivos fiscais, mão-de-obra barata, espaços dotados de infraestrutura, como verificar-se-á no próximo capítulo.

No primeiro momento, as transferências destas empresas rumavam para as capitais dos estados e, mais recentemente, para as cidades mais expressivas do interior, denominadas cidades médias, propiciando também mudanças nos circuitos da economia urbana dessas cidades. Com o incremento do circuito superior e paralelo a esse, o surgimento ou expansão do circuito inferior geram igualmente novas relações entre esses circuitos, envolvendo empresas pequenas que aumentam suas “relações” com os “setores” mais sofisticados SINGER, (1977). Essas mudanças contribuíram para que, nas cidades médias, acontecessem aqueles estilos urbanos predominantes nas metrópoles nos anos 60, interpretados nos estudos de SANTOS, (1979). “O estilo urbano implicou grande ampliação do terciário, que atende à reprodução de relações capitalista, juntando sob um mesmo rótulo atividades de circuito superior e de um circuito inferior da economia”.

A expansão econômica e territorial da urbanização é um mecanismo de organização capitalista do espaço³². Realidade que sofre alterações a partir dos anos 50, e se amplia gradativamente. A taxa de urbanização alcançada pelo Brasil, quando analisada de acordo com cada região, denota significativas diferenças entre elas (as regiões). O Sudeste apresenta taxas de urbanização superiores às demais regiões. Na década de 1940, sua urbanização era da ordem de 39.42%, de longe seguida pelas regiões Norte e Sul, enquanto o Nordeste, para o mesmo período, apresentava uma taxa de urbanização de 23.42%.

Em 1980 o Nordeste continuava como a região menos urbanizada do país, com uma taxa 50.44%, ou seja, embora sua população urbana tenha crescido, as demais regiões alcançaram índices superiores, principalmente as regiões Sul e Centro-Oeste. Na contagem de 1991, verifica-se o seguinte quadro: o Sudeste atinge uma taxa de urbanização de 88.02%, seguida pela região Centro-Oeste com

³² Para essa discussão, ver LIPIETZ, Alain. – **O capital e seu espaço**. São Paulo: Nobel, 1988 e LOJKINE, J. **O Estado Capitalista e a Questão Urbana**. Trad. Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

uma taxa de 81.28%, urbanização impulsionada sobretudo pelas crescentes taxas de migração para Brasília e a ampliação da fronteira agrícola. A região Sul aparece com 74.2%; em seguida vem o Nordeste com 65.21% de urbanização, passando à frente da região Norte, que se apresenta com 59,05%. Quadro esse explicado em parte pelo crescimento das aglomerações em cidades médias. Quanto aos dados de 2000, há um crescimento considerável de urbanização em todas as regiões. (Tabela 2)

Tabela 2 - Proporção da População Urbana, Segundo as Grandes Regiões 1940-2000					
Regiões	1940	1960	1980	1991	2000
Sudeste	39.42	57.00	82.81	88,02	90,52
Sul	27.73	37.10	62.41	74,20	80,94
Nordeste	23.42	33.89	50.46	60,65	69,07
Centro-Oeste	21.45	34.22	67.79	81,28	86,73
Norte	27.75	37.38	51.65	59,05	69,87

Fonte: IBGE

As cidades brasileiras, com mais de quinhentos mil habitantes, contribuíram no período de 1950-1970 com 48% do crescimento urbano do país, enquanto os centros intermediários, ou melhor, entre cinquenta mil quinhentos mil tiveram uma participação de dezenove por cento contribuindo, no período de 1970-1980, com 49% do crescimento populacional brasileiro, o que correspondeu a um aumento de trinta por cento.

Segundo dados do IBGE e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), no que tange à evolução dos municípios, segundo classes de população, formados por oito grupos diferentes, teremos a seguinte realidade: o grupo de municípios entre cem mil e 499.999 habitantes se localiza em maior quantidade na região Sudeste, em um total de 99 municípios, acompanhado pelas regiões Sul e Nordeste com 37 e 36 municípios, respectivamente; em seguida, e bem longe, aparecem as regiões Norte com doze municípios e Centro-Oeste com oito.

Ainda que esse quadro expresse dados do município, é provável que o grupo, na faixa de cinquenta mil a 99.999 habitantes, tenha significativa taxa de urbanização, pois, como se colocou, as cidades com mais de cinquenta mil habitantes passam a desempenhar um papel importante, no processo de urbanização nas últimas décadas.

Quando a análise se realiza no grupo entre cinquenta mil a 99.999 habitantes, pode-se observar uma tendência de crescimento demográfico desses municípios no Nordeste. Essa região detém 91 municípios nesse grupo, bem próximo do número do Sudeste, que aglutina 101 municípios.

A concentração maior de municípios do grupo de quinhentos mil a 999.999 habitantes está nas regiões Sudeste e Nordeste do país, ou seja, embora o Nordeste apareça com uma taxa de urbanização baixa, quando comparada a outras regiões, essa região apresenta um grande número de centros intermediários, ou seja, seis grandes aglomerações entre quinhentos mil e 999.999, três centros com mais de um milhão de habitantes, correspondendo às três maiores capitais do Nordeste, Salvador, Recife e Fortaleza.

As cidades intermediárias, metropolitanas, cresceram sobretudo na década de 70. Já no período de 1980-1991, seu crescimento foi de 36%, contra 41% das cidades intermediárias não metropolitanas. Importante, contudo, lembrar que essas cidades das regiões metropolitanas continuam com um papel de destaque e novos municípios são incorporados às mesmas.

Quanto ao crescimento das cidades médias não metropolitanas, cabe destacar que essas vivenciam, não só um crescimento populacional, mas também um surto industrial com desdobramento nos dois circuitos da economia urbana. Essas cidades intermediárias permitem a diversificação da divisão do trabalho. Quanto maiores e mais populosas as cidades, mais capazes são de abrigar uma ampla quantidade de atividades e um número maior de profissões (SANTOS E SILVEIRA, 2001), permitindo uma arena complexa dos circuitos da economia urbana no período atual.

O crescimento dessas cidades em parte justifica a expansão dos circuitos superior marginal e circuito inferior. No ano de 2000, o IBGE constata que, do total de 791.954 micro e pequenas empresas de prestação de serviços existentes no

Brasil, 77.493 pertenciam à reparação e manutenção de veículos e objetos domésticos, como veremos em relação à Cidade de Sobral.

O Ceará é o terceiro estado com maior contingente demográfico do Nordeste e essa população se encontra principalmente nas áreas urbanas, sendo a taxa de urbanização do estado de 71.53 %. No mesmo ano, as cidades intermediárias não metropolitanas apresentavam taxas de urbanização superiores à do Estado, a exemplo de Juazeiro do Norte (95.33%), Sobral (86.63%) e Crato (80.19%).

Conclui-se então que o processo de urbanização do território brasileiro sempre foi acompanhado de desequilíbrios demográficos, sociais, políticos e econômicos, proporcionados, sobremaneira, pela própria lógica de acumulação, que modifica as relações entre os lugares de acordo com seus interesses, alterando também a distribuição da população dentro do território, “(...) o poder não tem por único objetivo aumentar ou diminuir o estoque; ele se interessa também pela repartição, pela distribuição desse estoque no espaço.” (RAFFESTIN, 1993, p. 79)

Todavia, nos lugares permanecem igualmente traços ligados às variáveis próprias, resultantes de processos históricos de ocupação, das características de sua estrutura agrária, das formas de inserção no processo de industrialização, entre outros.

Na atual conjuntura, observa-se que, em espaços mais dinâmicos, novos papéis são determinados pela lógica globalizante. Entretanto, nesses lugares, manifestam-se ações dos sujeitos, que não são apenas números de um recenseamento, são homens que lutam para criarem condições amparadas em outras variáveis, ampliando as suas relações com outros espaços e melhorando o cotidiano onde estão, na cidade ou no campo. Um exemplo cabal é o da luta pela sobrevivência e as formas criativas experimentadas, no seio da pobreza nas cidades brasileiras do presente, independentemente de sua escala.

No próximo capítulo, analisaremos o sistema de ações e objetos que mais significativamente foram moldando o uso do território no Nordeste, base para a compreensão de como se criam no seu interior as possibilidades de seletividade no presente.

SEGUNDA PARTE

MODERNIZAÇÕES E ESTRATÉGIAS DE ATRAÇÃO DE INVESTIMENTOS NO TERRITÓRIO NORDESTINO BRASILEIRO

CAP III - NORDESTE: O USO DO SEU
TERRITÓRIO EM TRÊS
TEMPORALIDADES

CAP IV - UM RETRATO DAS AÇÕES DE
PLANEJAMENTO VISANDO A
ATRAÇÃO DE INVESTIMENTOS PARA
O TERRITÓRIO CEARENSE

CAPÍTULO

III

NORDESTE: O USO DO SEU TERRITÓRIO EM TRÊS TEMPORALIDADES

Neste capítulo discutimos o uso do território que se convencionou chamar Nordeste Brasileiro, do meio técnico ao meio técnico científico informacional. A bordamos também a configuração territorial do estado do Ceará e a expressão de Sobral nesse contexto.

3.1 Nordeste: Feição Contraditória no Papel de Destaque

Para fins dessa discussão, falamos do Nordeste brasileiro como unidade geográfica oficialmente definida pelo IBGE, embora reconheçamos que, historicamente, essa unidade se constituiu por diversos Nordestes. Essa unidade, almejada pela conjugação de interesses diversos, agilizou-se a partir da segunda metade do século XX pelos sistemas de ações, normas e objetos criados pelo Poder Público.

Podemos afirmar que o Nordeste é um produto da sua evolução histórica e que sua colonização teve como meta a organização de um espaço produtor de mercadorias para exportação nos períodos Colonial e Imperial, transformando-se posteriormente em um espaço de expansão, para utilização de seus recursos naturais, de sua força de trabalho e do seu mercado consumidor por grupos econômicos que desenvolvem a industrialização em nível nacional. É um produto da dinâmica evolutiva da economia projetada no espaço, antes dominado por comunidades primitivas. (ANDRADE, 1982, p. 65)

Com a implantação da economia agro exportadora no Brasil, o litoral do Nordeste desempenhou papel preponderante, fortalecendo o processo de colonização, sobretudo por meio da edificação dos primeiros núcleos urbanos do território brasileiro. A sua base econômica estava pautada na produção e comercialização da cana-de-açúcar. Iniciada por volta de 1530, essa cultura na região somente se enfraquece economicamente em um longo processo histórico.

A criação do gado, que pelas características do criatório, contribuiu para a ocupação dessa região, tem expressão considerável por seguidas décadas; os boiadeiros adentravam cada vez mais na Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, acompanhando os vales úmidos do Rio São Francisco, chegando aos rios Parnaíba, Tocantins e Araguaia. O desbravamento via criação de gado propiciou de certa forma a formação dos imensos latifúndios iniciados em fins do século XVII. Criadores paulistas também embrenharam no sertão nordestino através do vale do São Francisco, atingindo as terras do Piauí. Em meados do século XIX, o açúcar deixa de ser o principal produto na pauta de exportação brasileira, mas o território Nordestino conta com outra importante atividade agrícola, o *fumo*, tendo como grande área produtora o Recôncavo Baiano.

Durante a exploração das minas, a economia açucareira permanece como atividade paralela, mas se fragilizou por fatores como o aumento do preço do escravo, concorrência com o açúcar produzido nas Antilhas, transferência da capital da colônia, de Salvador para o Rio de Janeiro em 1763. O Rio de Janeiro passa a ser o espaço privilegiado da circulação do ouro. Num primeiro momento, a exploração e a marcha do ouro no território brasileiro vão gerar sinais de articulação entre as diferentes áreas, entre a criação do gado e a produção de alimentos na Bahia em direção às minas. O Sul vende sua carne de gado também para as minas, articulação abortada prematuramente devido a interesses políticos.

Se a riqueza do Nordeste açucareiro levou à formação de uma legião de pobres, a sociedade das minas, embora mais complexa e aberta, foi tão pobre quanto a sociedade nordestina açucareira. Ambas contribuíram para a concentração e a pobreza nos núcleos urbanos nascentes em suas respectivas regiões, bem como “incentivaram” a gênese das primeiras correntes migratórias internas significativas, pautadas na luta pela sobrevivência, rumo às minas.

A exploração das minas era vista como exclusividade dos paulistas, deixando de fora o restante dos trabalhadores brasileiros e os migrantes portugueses, exclusão e/ou animosidade que resultou na Guerra dos Emboabas (1708-1709), com paulistanos de um lado e, do outro, estrangeiros e nordestinos contestando a exclusividade reivindicada. Os paulistas, como não conseguiram o que almejavam, tiveram que dividir a exploração das minas com aqueles que consideravam migrantes, invasores e oportunistas³³.

Com a decadência das minas, o algodão passa a figurar como um novo produto, desenvolvido, sobretudo, pela Companhia do Comércio criada pelo Marquês de Pombal. O Nordeste tornar-se-ia grande produtor do mesmo. Nas províncias do Norte e do Nordeste, sua produção se concentrava em parte dos estados do Maranhão, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. A produção, realizada em consórcio com outras culturas de alimentos, e a venda, voltada para o mercado local, fizeram do algodão o primeiro produto a ser beneficiado por meio de máquinas no Nordeste. Tornando-se, então, o motor da implantação das primeiras indústrias têxteis no país. Com a Guerra da Secessão nos Estados

³³ Sobre esse assunto, ver BORIS, Fausto. História do Brasil. São Paulo: Edusp, 2003.

Unidos, entre 1861 a 1865, o algodão atinge o segundo lugar na pauta de exportação, pelo menos por uma década, entre 1861 e 1870.

Através do circuito econômico dessas atividades, vão se constituindo os pontos nodais das rotas de exportação, em especial os portos. O espaço do Nordeste brasileiro foi se organizando com esse padrão de ramificação ainda no século XVI. Esse sistema de circulação subdividida agregava uma considerável rede fluvial e muitas picadas com vias estreitas.

Fatores de ordem econômica, política e social vão aos poucos colaborando para a modificação da urbanização e, conseqüentemente, com a inversão da “centralidade”, como demonstramos no capítulo anterior. Dessa forma, no início do século XIX, o Brasil continua tendo na economia agrária a sua base econômica, no entanto, o café agora comparece como principal produto de exportação.

A produção do café acaba por efetivar o comando econômico e político para o qual viria a se consolidar como Região Concentrada do Brasil. Com São Paulo dando os sinais de sua força motriz nessa região, os portos se equipavam, surgiam novos mecanismos de créditos e revolucionavam-se os transportes através da malha ferroviária, principalmente depois de 1870. O perfil da exportação para o segundo período colonial pode ser observado resumidamente no Quadro 2.

Quadro 2 - Brasil -Principais Produtos Voltadas para a Exportação 1821-1900									
Período	Café	Açúcar	Algodão	Borracha	Fumo	Cacau	Couros e peles	Erva-mate	Outros
1821-1830	18,4	30,1	20,6	0,1	2,5	0,5	13,6	-	14,2
1831-1840	43,8	24	10,8	0,3	1,9	0,6	7,9	0,5	10,2
1841-1850	41,4	26,7	7,5	0,4	1,8	1,0	8,5	0,9	11,8
1851-1860	48,8	21,2	6,2	2,3	2,6	1,0	7,2	1,6	9,1
1861-1870	45,5	12,3	18,3	3,1	3,0	0,9	6,0	1,2	9,7
1871-1880	56,6	11,8	9,5	5,5	3,4	1,2	5,6	1,5	4,9
1881-1890	61,5	9,9	4,2	8,0	2,7	1,6	3,2	1,2	7,7
1891-1900	64,5	6,6	2,7	15	2,2	1,5	2,4	1,3	4,4

Fonte: BORIS, Fausto. História do Brasil. São Paulo: Edusp, 2003.

Com essa produção, surge o baronato do café, que se desdobrará na burguesia do café em fins do século XIX, iniciando um processo de acumulação que dará sentido à composição de uma economia capitalista no país. Esse processo de acumulação progressivamente vai proporcionando a diversificação de investimentos, primeiramente com a formação de um mercado de terra rural e depois urbano. Em seguida a produção industrial, dentro de uma pequena rede de cidades que se formaram em torno da expansão do café, investimentos em bancos, ferrovias, comércios, etc; Tudo isso acomodando os nascentes sinais de pressão sobre a circulação e o consumo.

A efervescência do quadro político estava ancorada na força do movimento republicano, paralelo a ele o abolicionismo tomava fôlego. Nas províncias do Norte já não se tinha interesse pelo sistema escravista e, no Nordeste, o Ceará declarou o fim da escravidão em 1884.

A abolição ocorreu no restante do território em 1888, emergindo outras relações de trabalho com a incorporação de uma mão-de-obra livre na atividade produtiva. No campo surge a figura do parceiro que se dedicava ao trato e colheita do café, dividindo com o proprietário os lucros e prejuízos da safra, uma parceria na prática extremamente desigual, levando a conflitos. Na tentativa de apaziguá-los, criou-se o sistema de colonato³⁴.

Aos poucos o Nordeste vê submergir a economia açucareira e crescer a exportação do café. A economia açucareira vai ficando cada vez mais embaraçada, dentro do lento processo de modernização que ocorria de forma pontual no território. Assim, em 1875, a participação desse produto na exportação brasileira cai em cinquenta por cento. O capital gerado da venda do açúcar não se expandiu em direção a outras atividades lucrativas, contribuindo também para o crescente isolamento do Nordeste em relação à Região Concentrada.

O Norte do Brasil, que até então era conhecido economicamente apenas pelas drogas do sertão, se firma com a extração e exportação da borracha na segunda metade do século XIX. Transforma-se num espaço regional de atração de

³⁴ Os colonos eram migrantes, se responsabilizam pelo trato do cafezal e pela colheita. Recebiam basicamente dois pagamentos em dinheiro: um anual pelos tratos dos pés de café e outra na época da colheita. Variando, dada a safra e quantidade colhida. Eles tinham direito à mobilidade geográfica e à moradia, podendo produzir gêneros alimentícios. Diferenciava-se do regime de parceira, porque não existia divisão de lucros da venda do café. Mas não se constituía em regime assalariado por envolver outros tipos de “retribuição”. (FAUSTO, 2003. p. 282)

migrantes, recebe uma população oriunda principalmente do Nordeste, fugindo das secas que atingiam periodicamente a região. Mas a exportação da borracha leva ainda décadas para adquirir importância e, entre 1881 e 1890, passa a ocupar o terceiro lugar nas exportações, período conhecido como o *boon* da borracha³⁵.

Uma parte do território brasileiro continuou a ser utilizado na produção voltada ao consumo interno, dentro de um espaço contíguo, é o caso da criação do gado e da produção de gêneros alimentícios no sertão nordestino, Minas Gerais e Rio Grande do Sul³⁶. Essas atividades eram consideradas “menos nobres”, no que se refere aos interesses da colônia, no entanto no Rio Grande do Sul não impossibilitou a construção de uma elite econômica forte e com significativa participação na vida política brasileira, especialmente no Brasil República.

Na primeira República, apenas algumas unidades federativas tiveram presença marcante no comando político do país. No Nordeste, a Bahia com seus 22 deputados e Pernambuco com dezessete. Foi esse último estado que, no período compreendido entre 1896 a 1911, liderou o Nordeste. As brigas entre Nordeste e Sudeste foram muitas e de origens diversas, a maior delas por conta das ações políticas levadas a ferro e fogo para a valorização do café e uma crescente diminuição dos impostos obtidos pelos estados do Nordeste nas exportações, o que levava essa região a uma relação de dependência com a União.

Não é demais lembrar que as ações conduzidas pelo governo federal, para manter o café na pauta de exportação, sem nenhum prejuízo para seus produtores, interferiam negativamente em outras regiões (FURTADO, 1961). A isso se chamou “socialização das perdas”, haja vista o governo sempre dar um jeito de atenuar as crises cíclicas do café, situação que continua a se repetir no governo republicano.

Como salientamos, foi a necessidade de beneficiamento do algodão que proporcionou o surgimento das primeiras indústrias do país, primeiramente

³⁵ O comando da exploração dos seringais estava essencialmente nas mãos de um grupo pequeno de intermediários, surgindo serviços bancários, comércios e outros equipamentos urbanos em cidades como Belém e Manaus, a primeira, que abrigava em 1801 cerca de 12 500 habitantes, contava em 1872 com 61 997 e Manaus com 29 334.

³⁶ Quando se fala em Rio Grande do Sul, é bom lembrar que nessa província a migração esteve ligada a um projeto de colonização dentro de uma estrutura de pequena propriedade, enquanto para São Paulo a mão-de-obra migrante vinha incentivada a trabalhar na lavoura das grandes propriedades. Mas no sul do Rio Grande do Sul, na campanha gaúcha se formou a grande propriedade como na região Nordeste.

instaladas no Nordeste. A demanda era, principalmente, da população de baixa renda e dos escravos. A partir de 1866, os estados da Bahia e do Ceará foram núcleos consideráveis nesse processo de industrialização; depois de 1885 a produção industrial se deslocou para os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Em termos percentuais, na última década do século XIX, o Rio de Janeiro detinha 57% do capital industrial. Afinal de contas era a capital do país e contava também com privilegiada localização geográfica.

As mudanças supra citadas consolidam a tendência de desenvolvimento econômico na Região Concentrada do país a partir de 1870. Como crescente mercado distribuidor de produtos importados³⁷, abrigo de migrantes, multiplicação de serviços urbanos, São Paulo crescia rapidamente (empregos burocráticos, sede de bancos, artesanato etc). Apresenta-se sobre o território um quadro constituído, claramente, por uma relação centro-periferia com conseqüências previsíveis, a maior delas, a acumulação das desigualdades regionais.

Tecem-se sobre essas desigualdades olhares diferenciados, enquanto o economista Celso FURTADO (1961) analisa que, parte da riqueza da Região Concentrada, seria fruto das transferências de recursos do Nordeste. De outra perspectiva, CANO (1977) acredita que a expressão da Região Concentrada resulta do trabalho e da capacidade de se desenvolver, embora reconheça também o processo de polarização, não vendo nela uma decorrência da relação Centro-periferia .

Mas há de se entender que o verdadeiro problema do chamado "imperialismo interno" é o comando automático de capital, através da concorrência capitalista que se processa em forma livre, num espaço econômico nacional internalizado, onde os interesses privados de maior porte não são efetivamente regionais. Há, em síntese, a concentração em um Centro Dominante, que imprime os rumos decisivos do processo de acumulação de capital a escala nacional. (CANO, 1985).

O fato é que essas desigualdades regionais são cumulativas, ocasionando subespaços derivados dentro de um território que já em sua totalidade é derivado. A seguir, nos deteremos em um desses subespaços, para a compreensão ainda mais

³⁷ Quanto aos importadores dos produtos brasileiros, a Inglaterra continuava liderando entre 1870 e 1873 com 39,4%, embora os Estados Unidos fossem o principal comprador do café, ficando com 28,8% na lista dos importadores dos nossos produtos. Era também da Inglaterra que vinha a maioria da nossa importação, cerca de 53,4% e, em segundo lugar, a França com minguados 12,2%.

claramente como a seletividade de hoje tem em uma de suas variáveis questões históricas.

3.2 A Configuração Territorial Cearense e a Expressão de Sobral

O processo de ocupação e organização do espaço cearense foi iniciado no século XVII, fase em que ocorria a exploração do litoral do Brasil pelos portugueses. Exploração incentivada pela expansão mercantilista da Europa, caracterizada pela busca incessante de novos mercados e novas mercadorias. No entanto, ao contrário de outros estados nordestinos, o Ceará foi ocupado do interior para o litoral em decorrência da expansão da pecuária extensiva, que já não dispunha de áreas nas capitanias da Bahia e de Pernambuco, uma vez que a atividade açucareira em plena expansão substituíra a atividade pecuária.

O predomínio da pecuária extensiva ocorreu de forma dispersa no território cearense, as fazendas se espalhavam sertão adentro, objetivando a auto-subsistência, o que acaba por adiar a formação dos núcleos urbanos com vida econômica. As primeiras vilas formadas, tinham funções militares, administrativas ou religiosas. (Figura 01)

A criação de gado, primeira atividade econômica desenvolvida no Ceará, foi importante fator de organização do seu espaço. Era dependente da cultura canavieira, mas constituía também uma atividade de subsistência de sua população. (AMORA, 1994a, p. 121).

Figura 1: Esboço dos Caminhos da Pecuária no Sertão Cearense. Fonte: ROCHA, Herbert. **O Lado Esquerdo do Rio**. Sobral: HUCITEC, 2003.

As pequenas vilas, que progrediam, estavam nas áreas onde existiam as capelas, construídas, em sua maioria, próximas às margens dos rios. A posição geográfica era um fator preponderante para a evolução desses núcleos, devendo estarem situados em áreas que favorecessem o desenvolvimento de uma produção agrícola local, ou fossem cruzamento de caminhos.

A expansão das atividades ligadas ao comércio e às organizações religiosas, tiveram uma importância fundamental para o desenvolvimento das aglomerações urbanas. Na realidade, os primeiros núcleos urbanos eram quase sempre o lugar onde se realizavam o comércio, e o ponto de encontro para as festas religiosas. (SOUZA, 1995, p. 105).

Mas a configuração territorial cearense começa a se definir de fato no final do século XVIII, quando se encontram constituídas doze vilas: Aquiraz (1713); Fortaleza (1726); Icó (1738); Aracati (1748); Caucaia (1759); Viçosa do Ceará (1759); Crato (1764); Baturité (1764); Sobral (1773); Granja (1776); Quixeramobim (1789); Guaraciaba do Norte (1796). A lentidão no processo de formação destas vilas deveu-se ao fato do pouco interesse dos invasores pelas terras do *Siará Grande*, situação diferente da ocorrida com Pernambuco e Bahia.

As terras *Siará Grande* não provocaram interesse, nem mesmo ao invasor. Os homens brancos encontrados entre os nativos, pelos primeiros exploradores, aqui chegaram como piratas aventureiros, sem nenhuma iniciativa colonizadora. (GIRÃO, 1994, p. 25)

Sobral como vila torna-se um nó de tráfego³⁸ importante no sertão norte do Ceará, funcionando como rota comercial de Camocim e Acaraú. A origem de Sobral está ligada à fazenda caiçara, às margens do rio Acaraú, criada no início do século XVIII. O nome Sobral é de origem latina, *suber*, que derivou em souveiro, árvore originária de Portugal, a que foi acrescentada a terminação “al”, significando abundância. O núcleo inicial ficou conhecido com o mesmo nome da fazenda, Caiçara, até 1773, período da criação da Vila Distinta e Real de Sobral, quando conquistou o direito de eleger seus representantes através do voto, sendo eles (representantes) dos grandes proprietários de terras no local.

Quanto à hierarquia política, a vila de Sobral, assim como o Ceará, inicialmente subordinava-se à província da Bahia e depois à província de Pernambuco, mantendo com as mesmas relações comerciais constantes, ocasionando, por sua vez, no nascimento de uma classe social um pouco “*elitizada*” e moldada ao modelo da capitania de Pernambuco.

Foi a fase de estruturação das elites sociais e políticas da vila, feita segundo moldes copiados e adaptados dos padrões da Zona da Mata. Fortaleza e Aquiraz não contavam com a influência nem mesmo pequena, principalmente pelo isolamento em que vivia a Zona Norte do Ceará, em relação a essas vilas. (SOUZA, 1972, p. 118)

A atividade comercial aos poucos vai se firmando na vila de Sobral e em outros núcleos, assentada, sobretudo, no desenvolvimento da pecuária, dando suporte para uma vida econômica no processo de formação da capitania cearense.

O Ceará consegue sua emancipação política em 1821, reflexos talvez da organização administrativa oriunda da evolução econômica e social que já se estabelecera. Nasce Fortaleza, a primeira cidade, em 1823. Em seguida, antigas vilas tornam-se cidades, Sobral foi a primeira delas, pela lei nº 299, de 12 de janeiro de 1841 e, nos três anos seguintes, se emancipam Icó, Aracati e Crato.

As cidades de Sobral e Aracati buscam a intensificação das suas funções comerciais, ambas exportam a carne de charque diretamente para Bahia,

³⁸ Esses nós de tráfegos são vistos aqui como as cidades interioranas que funcionavam como ponto de ligação entre o Ceará e os demais estados do Nordeste e entre si.

Pernambuco e Portugal, chegando a exercerem influência até mesmo sobre Fortaleza, distante 230 Km de Sobral.

Para entender a organização espacial do Ceará, conforme o poder público neste período, buscamos embasamento em um estudo realizado pela extinta Superintendência para o Desenvolvimento do Ceará (Sudec). Neste trabalho, discutem-se as categorias de cidades no final do século XVIII.

O estudo leva em consideração a função das atividades predominantes e a dinâmica das aglomerações. As atividades são as de serviços, comércio, indústria, agricultura e administrativa. Fortaleza, juntamente com Aquiraz e Granja, fazem parte das cidades de 3º nível, as duas primeiras apresentando destaques quanto às funções administrativas. Neste momento, elas tinham pouco intercâmbio comercial com os demais núcleos e Granja aparece no mesmo nível pela atividade industrial. Camocim, Acaraú e Quixeramobim faziam parte das cidades de 2º nível, tendo como função básica o setor comercial. As cidades de 1º nível eram Sobral, Aracati e Icó, Crato com as mesmas funções básicas, comercial, administrativa e de serviços. (Quadro 3).

Quadro 3 - Esboço da Rede Urbana no Final do Século XVIII

Vila ou Povoado	Nível	Função Básica
Aracati	1º	Comercial/administrativa/serviços
Icó	1º	Comercial/administrativa/serviços
<i>Sobral</i>	1º	Comercial/administrativa/serviços
Crato	1º	Agrícola/administrativa/industrial
Camocim	2º	Comercial/industrial
Acaraú	2º	Comercial/industrial
<i>Quixeramobim</i>	2º	Comercial/serviços básicos
Fortaleza	3º	Administrativa
Aquiraz	3º	Administrativa
Granja	3º	Industrial

Fonte: Sudene/Sudec –Estrutura do Espaço Urbano e Regional no Ceará – uma abordagem Histórica, 1974 (mimeografado)

Assim, no final do século XVIII, os papéis de algumas cidades são bem definidos; quanto a dinâmica das aglomerações aparecem Aracati, Icó e Sobral, centros comerciais baseados na atividade da carne de charque, como já mencionamos.

O dinamismo de Icó e Aracati era significativo; Iço era considerada, no início do século XIX, a principal cidade do estado do Ceará e mantinha ligação comercial com áreas dos municípios próximos e também com Recife em Pernambuco e Campina Grande na Paraíba. Era a maior aglomeração do estado do Ceará, com uma população estimada em torno de 7.000 habitantes, sendo ainda local de passagem entre Bahia e Pernambuco.

Sobral, cidade de 1º nível, destacava-se pelas funções citadas anteriormente, buscando manter tal expressão ao longo de sua história, visto que sua posição de núcleo urbano “dinâmico” foi se construindo aos poucos, desde seu nascimento como vila, na época das charqueadas, até os dias de hoje. Como centro coletor, recebia produtos vindos do sertão e das serras da Ibiapaba e Meruoca que, em seguida, eram exportados pelo porto de Camocim.

A pecuária foi sem dúvida a atividade preponderante, no processo de formação da vila de Sobral, assim como para a ocupação e organização do espaço cearense. Uma outra atividade de relevância para o crescimento de Sobral foi o cultivo do algodão a partir do século XIX. Para a base alimentar local, o plantio do milho e do feijão. Um aspecto importante é que essas culturas não eram necessariamente extensivas, podendo ocupar pequenas e grandes propriedades.

O cultivo do algodão, uma prática ainda não voltada para a exportação, ocorreu de forma contígua dentro de toda sua região, com uma organização cujo uso do território ocorre de forma mais singular, podendo se falar mesmo da região como solidariedade orgânica, caracterizada pelo uso do território pelos seus sujeitos, situação modificada com o decurso do tempo.

A transformação intensa do meio natural, que levará ao meio técnico, ocorrerá somente décadas depois, quando o algodão passou a ser cultivado em várias regiões do estado cearense, entre as quais o vale do Acaraú, o vale do Jaguaribe, o centro-norte, o sertão do Canindé e as serras de Uruburetama e Baturité. Voltadas para o mercado externo, aos poucos, as oficinas passam a

transformar o algodão, substituindo o processo que até então era basicamente manual.

A expansão do cultivo do algodão no interior do estado e, especialmente, o destaque de Fortaleza como principal centro coletor, tem como motor básico o desenvolvimento da indústria têxtil na Inglaterra, que requeria matéria-prima principalmente dos Estados Unidos da América que, envolvidos na Guerra da Secessão, abandonaram o cultivo do algodão, deixando um vasto mercado consumidor desabastecido, conforme já se fez referência.

Com uma situação geográfica favorável, por situar-se no contato entre três zonas geoambientais, de serra, sertão e litoral, e funcionando ainda como passagem natural obrigatória para quem penetrasse o oeste do Ceará, Sobral consolidou-se como um “pólo regional” importante para a economia do Estado.

Além disso, Sobral estava próxima aos portos de Camocim e Acaraú, para onde eram levados aqueles produtos coletados por Sobral, tais como couro, sola e algodão para exportação. Através destes portos, importava da Europa produtos como porcelanas e roupas para o comércio da região, tornando-se um centro distribuidor até mesmo de produtos importados.

Economicamente Sobral firma-se através do binômio gado-algodão. Essas atividades caminham lado a lado, mas a segunda vai adquirindo características comerciais mais desenvolvidas. É deste período a implantação de uma indústria de beneficiamento do algodão, a Companhia de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano, um dos símbolos da emergência do período técnico em Sobral, onde os objetos são primordiais. Como garante (SANTOS 1999, p. 189), “os objetos que formam o meio não são, apenas, objetos culturais; eles são culturais e técnicos ao mesmo tempo”.

O crescente desenvolvimento da cultura do algodão acaba por proporcionar um rearranjo no território cearense através da chegada de um importante sistema de engenharia³⁹: a via férrea. A construção desse grande objeto imprime, do ponto de vista do cearense, um sopro de modernização. A construção do primeiro trecho da ferrovia, em 1870, ligava Fortaleza a Baturité. Sua ampliação em 1877 passa a

³⁹ O sistema de engenharia se define como um conjunto de instrumentos de trabalho agregados à natureza e a outros instrumentos de trabalho que se localizam sobre estes, uma ordem criada para e pelo trabalho. (...) os sistemas de engenharia evoluem com a história. (...) passam de um isolamento a uma interdependência crescente. (SANTOS, 1988, p. 79-80).

abranger quase todo o estado, proporcionando a ligação da Capital com as áreas produtoras de algodão.

A rede ferroviária do estado era formada por duas linhas principais, a *linha Sul*, que ligava Fortaleza à região do Cariri e com o Estado da Paraíba e daí com os demais estados do Nordeste. E a *linha Norte, que partia de Sobral, interligada a Camocim e a Crateús, quando ampliada, passa a ligar Sobral com Teresina no Piauí*. O advento da ferrovia propiciou um maior crescimento de alguns núcleos urbanos cearenses, como Fortaleza, Iguatu, Crato e Sobral. Enquanto outros núcleos, como Icó e Aracati, que não foram ligados à rede ferroviária, acabaram perdendo o destaque vivenciado anteriormente.

Sobral, como muitas das cidades nordestinas, contou com dois fatores importantes que contribuíram para sua expansão urbana, primeiro a situação geográfica, como ponto de entroncamento viário, fazendo ligação entre a capital do Ceará e os Estados do Piauí e Maranhão, através de rodovia e ferrovia, contribuindo para o fortalecimento de sua atividade comercial, fazendo da cidade um centro distribuidor de produção para toda a sua área de influência. (SILVA, 2000, p. 10).

Sobral mantém sua expressão até a década de 1920, mas sente de forma incisiva os efeitos da seca e do constante crescimento de Fortaleza. A Capital se fortalece pela função administrativa, comercial e de serviços, contribuindo para a fragilidade da rede urbana cearense. Não obstante, Sobral procura manter seu papel econômico ancorado na atividade algodoeira. Essa atividade contribuiu sobremaneira para a implantação de indústrias na cidade de Sobral, ligadas ao beneficiamento de matérias primas locais, como as indústrias têxtil, de óleo vegetal, sabão, alimentos, etc. Aqui já podemos falar de um meio técnico ampliado.

As indústrias têxteis irão vivenciar um momento de crescimento, pois, à medida que os preços do algodão caíam no mercado externo, dentro da conhecida “*crise internacional do algodão*”, assistia-se à instalação de indústrias nas áreas produtoras e distribuidoras do mesmo, a exemplo de Sobral, Aracati e Fortaleza. Em 1872, o governo oferecia vantagens financeiras para a implantação de indústrias têxteis na Capital do estado.

Revelava-se a tendência de aglomeração para a Capital, que assumia o papel dinamizador por questões políticas. Por sua vez, Sobral procurava no dinamismo comercial e no espaço agrícola a sua sustentação econômica, com a cultura do

algodão herbáceo e no extrativismo da oiticica, da castanha de caju e da cera de carnaúba.

Chega-se ao século XX e Sobral permanece como uma cidade importante para a economia do estado cearense, como centro coletor de produtos agrícolas da região norte do estado, e com forte influência na economia regional. Nos anos 50 do mesmo século, sua atividade comercial sofreu uma estagnação e a atividade industrial ficou lenta, reflexos da seca de 1958 que atingiu fortemente todo o estado.

Por meio da prestação de serviços e do comércio mais diversificado, a cidade esforça-se em manter sua expressão em relação às cidades vizinhas, período em que o governo brasileiro inicia com maior intensidade a denominada “modernização do país”, com as políticas regionais sobre o território. Dentre elas, a definição do papel de cada região, as portas do Brasil abrem-se para a instalação de montadoras automobilísticas e indústrias para fabricação de equipamentos e insumos agrícolas; cria-se também um mercado consumidor destes produtos. Assim como outras cidades do interior do Ceará e do Nordeste, Sobral passa a viver um novo período político, cultural e econômico, como será visto nos capítulos posteriores.

3.3 Nordeste: A Constituição de uma “Mudança”

Com a estruturação do eixo dinâmico na Região Concentrada acentuando-se, o atraso do Nordeste torna-se perceptível, principalmente na passagem do modelo agro exportador para o industrial. É, nesse contexto, que foi criada no governo de Juscelino Kubitschek, a Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (Sudene)⁴⁰, órgão ligado diretamente à Presidência da República.

Mas se faz necessário lembrar que, com o término da II Guerra Mundial, a fluidez passa a ser vista como essencial para a expansão crescente do capitalismo. As agências financeiras criadas pelas grandes potências exigiam projetos de desenvolvimento regional em todos os recantos do globo. Em decorrência dessa

⁴⁰ O Banco do Nordeste criou, em 1956, o Escritório Técnico do Nordeste/ Etene. Dentro dele foi constituído o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste/ GTDN que, através de seus estudos, formaram as bases para a criação do Conselho para o Desenvolvimento do Nordeste/Codene, que se transformou na Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste/ Sudene.

lógica, percebe-se que, mesmo com pitadas de boas intenções pelos idealizadores da Sudene, os sistemas de ações e normas da referida instituição não estavam imunes aos interesses externos.

Como a Sudene era uma das tantas formas utilizadas para a inserção do Brasil no mundo competitivo, indaga-se, no entanto, inserção de quem e para quem? E a que preço? A indústria de base, como motor fundamental, era patrocinada pelo Estado. Estado que se posicionou distintamente, no curso da História, dependendo das questões ideológicas em jogo.

Assim, no nacional desenvolvimentismo de Kubitschek, a Sudene é utilizada como primeira prática rumo à “descentralização” industrial em relação à Região Concentrada. Suas ações de planejamento são o fundamento de sua modernização. O primeiro passo foi dado com a criação de grandes fixos, como o pólo petroquímico de Camaçari, construção de portos e ampliação das rodovias, ampliação da rede bancária, etc. Essa última passando a fornecer empréstimos para compras de máquinas e equipamentos.

Nesse momento, ocorre no Nordeste o aumento da fluidez, com novas funcionalidades urbanas, aproximação da industrialização e urbanização. “Esse novo modelo defendia uma ação direta do Estado intensificando e coordenando a industrialização que vinha ocorrendo espontaneamente através da substituição de importações” (COSTA, 1997, p. 13).

O Poder Público cria elementos para que o Brasil, como um todo, se insira na segunda divisão territorial do trabalho. Os “investidores”, com o beneplácito do Estado, aumentam a articulação indústria/agricultura, visando a integração de mercados. Onde o capital financeiro nacional e internacional se fez ampliar especulativamente e produtivamente.

A Sudene no Nordeste, pode ser vista como um desses suportes. O primeiro relatório, da região Nordeste, contido no GTDN⁴¹ sobre a problemática da indústria nordestina, aborda as seguintes propostas: implantação de uma siderúrgica; estímulo a pequenas empresas de substituição de importações oriundas do Sudeste e do Sul; modernização das indústrias têxteis e melhoramento da utilização do solo nordestino para crescimento da produção agrícola.

⁴¹ Para uma análise mais detalhada do GTDN, são clássicos os estudos de ANDRADE (1986), CANO (1977, 1985), CASTRO (1971), OLIVEIRA (1977), entre outros.

Os estados Nordestinos marcados pelo atraso econômico assistem o frenesi do discurso desenvolvimentista. As indústrias nascidas ainda em fins do século XIX, constituída por maquinarias antigas, recebem incentivo à modernização;

A partir de 1960, começou uma segunda fase de implantação industrial, em decorrência da política de industrialização regional posta em prática pela Sudene e teve como principal característica a canalização de recursos de outras áreas do país, mais precisamente do Sudeste, para a Região Nordeste. (AMORA, 1994. p.123)

No ano de 1961, foi aprovado no Congresso Nacional a Lei n.º 3995 que, no seu artigo 34, oferecia um abatimento de cinquenta por cento no imposto de renda às empresas nacionais que pretendessem investir no setor industrial do Nordeste. Em 1963, esse incentivo passa a beneficiar também indústrias estrangeiras, através da Lei n.º 4.239, no seu artigo 18. Esse mecanismo ficou conhecido como 34/18.

Durante a década de 1960, cerca de 721 projetos industriais foram aprovados pela Sudene, prevendo a geração de 130 mil empregos diretos, mas somente uma parte ínfima desses projetos fora colocada em operação, a maioria estava prevista para a década de 1970, o que na prática fez o Nordeste até mesmo perder certa posição na produção industrial brasileira, passando de oito por cento em 1960 para 5,7%, em 1970. Ademais, apresentaram-se imensas dificuldades na diversificação da indústria.

A região Nordeste não logrou atrair os segmentos produtores de bens de capital duráveis de consumo, de maior capacidade na geração de relações inter industriais fortes. Ao contrário, a retomada do crescimento, com a atração de unidades industriais do centro-sul, se fez, exatamente, nos setores tradicionais do Nordeste. (DINIZ & BASQUES, 2004, p. 27).

Especialmente, o 34/18 acabou privilegiando os estados da Bahia e Pernambuco. Pela sua localização geográfica mais próxima à região Sudeste, a Bahia passou a receber indústrias voltadas para a produção de bens intermediários, enquanto Pernambuco, por se encontrar mais aberto à modernização ou com melhores vantagens locais também acolheu mais investimentos. Mas dentro de cada estado no Nordeste, os investidores procuravam as maiores cidades para implementar seus empreendimentos.

No Ceará, as indústrias concentram-se fortemente em Fortaleza, onde os fatores de localização industrial eram mais atrativos. Fora da Capital, os núcleos urbanos que receberam mais incentivos e, conseqüentemente, atraíram mais

indústrias na década de 60, foram as cidades médias de Juazeiro do Norte, Crato (sul do estado) e Sobral (norte do estado).

É inegável a contribuição da Sudene para o aumento de melhorias na infraestrutura do Nordeste: a malha rodoviária se expandiu num período de dez anos, era de 1.115 Km em 1959, passando para 6.885 Km em 1969; a integração interestadual aumentou; o macro sistema elétrico também cresceu através da construção das Usinas de Paulo Afonso em 1955 e da Usina de Boa Esperança; o serviço de água, que era de dezenove por cento em 1959, passa para 62% em 1979; entre 1963 e 1979 melhora também o precário sistema de telecomunicações, passando de 76 para 471 terminais, alcançando 714 localidades.

Entretanto, quando se analisa a procura da indústria pelo território no período de maior presença da Sudene, percebe-se que, enquanto se apresenta uma retração das indústrias de bens de consumo não duráveis na Região Concentrada, há um aumento dessa no Nordeste, formando os ramos tradicionais das empresas-territórios, que se apresentam ainda como ponto forte para o PIB dos estados Nordestinos.

No contexto da criação da Sudene, as indústrias predominantes eram as de alimentos e têxteis, perfazendo 65% da produção industrial da região, 55% em 1970 e novamente 65% em 2000. Quanto ao número de ocupações na indústria, houve um crescimento do emprego industrial de 262,975 mil em 1970 para 538,090 mil no início da década de 1980, o PIB também cresceu numa média anual de 9,7% ao ano. (Tabela 3)

Tabela 3 - Evolução do Emprego Industrial e PIB da Região Nordeste 1970-2000				
Período	Total de empregos	% Emprego ind.	% PIB- ind. NE	% PIB- ind. Brasil
1970	262,975	10.0	13.0	6.4
1980	538,090	10.9	13.1	7.5
1990	603,595	11.0	15.4	7.4
2000	576,431	12.0	17.2	7.6

Fonte: BNB

A criação do complexo do pólo petroquímico de Camaçari não impactou na região como se propagara, a não ser no plano da psicoesfera. Quanto à agroindústria, tem-se fechado, nos pólos Petrolina-Juazeiro, produção de frutas cítricas. Fruticultura irrigada em pontos como Mossoró, no Rio Grande do Norte, Baixo Jaguaribe no Ceará, soja no sul do Maranhão, entre outros pontos.

O esvaziamento de recursos da SUDENE, a redução do quadro de seus idealizadores, a força dos interesses exógenos, a redução de incentivos fiscais, são geralmente apontados como questões comprometedoras para a superação do atraso do Nordeste via Sudene. Evidenciam-se também dificuldades da região no que consiste à diversificação de sua estrutura industrial, pela concorrência com a Região Concentrada, com melhores condições competitivas no tocante aos segmentos mais fortes em capital e tecnologia.

Em fins dos anos 80, apresenta-se um 'novo' processo de busca pelo território brasileiro, diferenciado regional e setorialmente. Os novos usos do território envolvem inúmeras atividades industriais, inovação do setor de serviços, incremento do comércio etc.

Todavia, essa tendência não corresponde necessariamente a uma redistribuição harmoniosa das atividades econômicas do centro para a periferia, à medida que observamos paralelamente uma crescente diferenciação intra-regional, fenômeno que se confirmou nesta última década. Vários autores (SANTOS, SILVEIRA, CATAIA, MONIÉ, entre outros;) enfatizam a multiplicação de espaços seletivos, que funcionam freqüentemente como geradores de espaços opacos, que geram poucos impactos intersetoriais na hinterlândia respectiva, em regiões até então periféricas: pólos têxteis de Fortaleza, pólos de calçados de plásticos em cidades como Sobral, pólo eletrônico de Manaus, minerador de Carajás, petroquímicos no litoral nordestino etc. Essa tendência confirma então o caráter seletivo da reorganização setorial e regional da base produtiva brasileira dos últimos anos como discutiremos a seguir.

3.4 Estratégias Recentes – A Expansão do Meio Técnico Científico Informacional no Nordeste

A partir, sobretudo, dos anos 80, o regime de acumulação e o modelo de regulação do sistema capitalista procura na produção flexível as novas formas de produção, conforme já introduzido em capítulos anteriores. Porém, inserem-se mais do que no passado todas as regiões do globo dentro de um acelerado processo de circulação e de consumo, tendo como suporte o meio técnico científico informacional. Esses interesses se coadunam com os objetivos de algumas nações subdesenvolvidas, como o Brasil, que estão sempre prontas a permitir “novos” modelos de investimento e de tecnologia oriundos das economias desenvolvidas.

Quanto ao uso do território em sua totalidade, confirmam-se as tendências observadas no período anterior, tais como: diferenciação regional, concentração das atividades mais sofisticadas na Região Concentrada, necessidade de criar mecanismo para dinamizar as cidades intermediárias, sejam aquelas localizadas na hinterlândia das regiões metropolitanas ou distantes das mesmas. Assim, o uso atual do território se introduz de forma mais intensa num contexto econômico e político ditado por normas distantes, com efeito, a ampliar as contradições já existentes.

Se o território brasileiro acumulava profunda defasagem entre a economia nacional e a concorrência internacional, as diferenças internas também continuam gritantes. Mas o estado altera os mecanismos do aparelho produtivo nacional, para atender mais do que no passado às exigências do mercado em termos de competitividade econômica.

Com o esgotamento do modelo nacional-desenvolvimentista iniciado em décadas atrás, caracterizado pelo forte esquema de investimentos produtivos patrocinados pelo estado, figura-se na atualidade apenas como lembrança. O modelo neoliberal consolidado nos anos 90 avança pelo país em outras frentes - ajustes macroeconômicos e monetários, reformas políticas e institucionais, grandes projetos infra-estruturais, tais como os programas *Brasil em Ação* e, depois, *Avança Brasil*, no intuito de promover a inserção competitiva do país nos circuitos da globalização.

A política neoliberal fortalecida pela receita de estabilização econômica, a crescente abertura para o mercado externo, as mudanças do papel do estado - privatizações das grandes estatais, do sistema de transporte de cargas, etc.-, se traduziram em um novo preço para a modernização do território. Quanto as empresas nacionais, elas enfrentam agora o aumento da produtividade das empresas estrangeiras, apoiadas em novas tecnologias de informação, composição de novos padrões de gestão e de organização do trabalho.

Dessa maneira, dentro desse ambiente global, caracterizado por uma concorrência cada vez mais acirrada entre os territórios produtivos, a captação dos fluxos materiais e imateriais da globalização torna-se uma prioridade. Conseqüentemente, a concorrência entre as cidades e os estados para a atração de investimentos diretos, nacionais e internacionais, tem impactos evidentes sobre as estratégias locais das firmas, se multiplicando os espaços alienados.

Podemos observar que a desconcentração da produção, corrente em direção à região Nordeste, em fins da década de 1980, prossegue durante os anos 90 (Tabela 4), sobretudo, para setores como têxtil, calçado, bebidas e alimentos. Paralelamente, em setores industriais mais sofisticados, tais como material de transporte, mecânica, informática, material elétrico e de comunicações, segue uma lógica diferente; estão nos centros urbanos da Região Concentrada, que atraem prioritariamente esses investimentos PACHECO, (1999).

Tabela 4 - Brasil e Nordeste: Estrutura produtiva da Indústria -1970-2000

	Brasil 1970	Brasil 1970	Brasil 2000	Brasil 2000	NE 1970	NE 1970	NE 2000	NE 2000
Gênero	Emprego	VTI	Emprego	VTI	Emprego	VTI	Emprego	VTI
Metal-mecânica	27.4	32.0	26.0	33.1	9.6	10.5	8.1	14.0
Química, prod. Farmacêuticos, veterinários, perfumaria, sabões e velas	5.9	14.9	10.6	24.2	5.2	15.9	8.1	31.4
Têxtil, vestuário, calçados e artefatos de tecidos, couros e peles e similares	19.3	12.7	19.6	6.6	19.6	16.6	29.2	14.0
Alimentos e Bebidas	16.4	15.8	19.0	14.9	35.0	33.7	36.2	20.8
Outros	31.2	24.6	24.8	21.1	30.6	23.2	18.4	33.8

Fonte: IBGE

Segundo BACELAR (1999), a permanência da diferenciação pelas estratégias locacionais dos diversos setores industriais, no território brasileiro, decorre do fato de que a conjuntura atual implica na consolidação de focos exportadores para alguns ramos, geralmente poucos intensivos em capital e mais afetados pela abertura comercial - o setor dos calçados sendo emblemático.

Esse setor, para se manter competitivo, com os rivais asiáticos, tem procurado reduzir seus custos, tradicionalmente superiores aos dos concorrentes chineses ou indonésios, assim, procuraram principalmente o território Nordeste. Esse oferece mão-de-obra abundante e barata, incentivos fiscais, infra-estruturas de transporte de qualidade e, em certos casos, uma maior proximidade geográfica dos mercados europeu e norte-americano, a exemplo do Ceará. O Nordeste assiste essa produção crescer enormemente num período de quinze anos, onde a participação do emprego nesse setor, que era de 2,9% em 1986, passa para 20,1% em 2000 (Tabela 5). Essa produção é, principalmente, de calçados de plásticos.

Tabela 5 - Evolução do emprego na Indústria de calçados por Região

Ano	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
1986	0,0	2,9	40,6	55,8	0,7
1990	0,0	3,2	38,2	58,1	0,5
1994	0,0	5,5	37,0	56,6	0,8
2000	0,0	20,1	26,9	52,4	0,6

Fonte: BNB

No campo da produção agrícola, percebemos também outros usos do território. Assim, constata-se uma nova configuração dos circuitos espaciais da produção e os círculos de cooperação da soja, da laranja, da cana etc.. Essas mudanças se dão inicialmente na Região Concentrada e, num curto intervalo de tempo, espalha-se sobre vários pontos do território. A região Nordeste passa a ser vista como território fértil para esses investimentos, pois a eficácia agora não depende da natureza e sim do uso das novas tecnologias e do apoio dos gestores públicos.

Esses gestores têm, em todas as esferas ações voltadas para a melhoria da fluidez. Graças a essas ações é que dentro de poucas décadas o país foi cortado por novas vias de acesso rodoviário, com pontos de circulação através dos transportes aéreos e portuários. Estados e municípios criam uma densa rede de fluidez, ligando áreas de produção aos modernos portos. A formação dos oligopólios cresce de forma jamais vista, dispersando os pequenos produtores independentes. Muitos se tornam trabalhadores bóias-frias dentro desses espaços racionais. Na realidade, tanto o sistema de colonato no Sul do Brasil como o sistema de trabalho das fazendas do Nordeste brasileiro, que tinha seus moradores trabalhando em regime de parceria, entram em crise.

Essa nova divisão do trabalho tem na aceleração da urbanização uma outra consequência, dentro dela ocorre a transformação dos circuitos da economia urbana, pois as cidades se modificam em todas as escalas, tornando a modernização do presente ainda mais dolorosa.

Os empreendimentos estrangeiros assumem importância, não em números de estabelecimentos e de empregos, mas em volume de capital, e estão ligados a todos os ramos da economia, inclusive de turismo, formando um novo circuito espacial e ciclo de cooperação, sustentados por uma rede de hotelaria moderna, envolvendo, nesse circuito, agências de turismo, companhias aéreas, empresas de marketing, cassinos, restaurantes, etc.. Os investimentos turísticos se espalham pelo território brasileiro, sobremaneira, no Nordeste.

Há ainda uma diversificação dos investimentos estrangeiros no país. Mais recentemente empresários do setor imobiliário, constroem complexos residenciais condominiais, ocasionando uma crescente dispersão urbana, ou seja, cada vez mais eles chegam e usam o território brasileiro da forma que melhor lhes convém. Muitas empresas buscam uma crescente parceria com investidores nacionais e distribuem seus investimentos também em novos espaços de residências no Nordeste brasileiro. A região vai se tornando território de segunda residência de muitos europeus.

As políticas em âmbito nacional parecem deixar para trás os ideários de grandiosidade de décadas passadas, que se materializaram graças à destruição dos nossos recursos naturais e o sacrifício de toda a nação com a constante queda do poder aquisitivo dos mais pobres. Em seu lugar, os governadores dos estados

procuram agora, a qualquer custo, empreendimentos distintos para os seus territórios. Para isso oferecem os mais diferentes benefícios, numa espécie de bingo, em que se transformou o território Nordeste.

Os circuitos da economia urbana se renovam num movimento desigual e cominado, como nos fala SILVEIRA (2004). Faz-se mister pensar as relações entre espaço urbano e o movimento da sociedade, centrando atenção nos desdobramentos da economia urbana, as inter-relações entre o circuito superior moderno, circuito superior marginal e o circuito inferior.

Se, no presente, a modernização acelera a expansão do circuito superior para distintos pontos do território brasileiro, formado por um número reduzido de monopólios, têm nas normas criadas pelo estado as condições ideais cada vez mais a favor de seus interesses.

Conflitos entre velhos e novos atores, interesses estabelecidos e os que tentam se consolidar. O momento é, portanto, propício para analisar e interpretar os possíveis significados desses novos territórios, diferenciados pela tecnologia e dinamizados pelos interesses, pelas estratégias e pelo potencial de transformação, no espaço regional. (CASTRO, 2000, p. 53).

O crescimento cumulativo nas grandes cidades pós-década de 50, de fato, só vai cessar em anos recentes. Porém, dois movimentos de “descentralização” distintos, são importantes como reveladores das novas características dos movimentos migratórios: a) o processo de mecanização do campo expulsa trabalhadores que, em número crescente, se unem na busca pela terra em todo Brasil, dando origem a inúmeros assentamentos; b) procura de novos espaços para o trabalho em muitas cidades intermediárias, por meio de atividades privadas distintas, como o turismo, o comércio moderno (lojas de franquia e rede de supermercado), indústrias leves etc..

Percebe-se que esses novos usos vão se configurando no território e que não seriam possíveis sem os sistemas de ações e de objetos materializados pelo poder público, este se molda, a cada momento, em que é solicitado por comandos distantes. Nosso próximo capítulo prossegue, na tentativa de entender esse processo na cidade de Sobral, sem perder de vista a totalidade lugar-mundo.

CAPÍTULO

IV

UM RETRATO DAS AÇÕES DE PLANEJAMENTO VISANDO A ATRAÇÃO DE INVESTIMENTOS PARA O TERRITÓRIO CEARENSE

Neste capítulo analisamos como as modernizações foram pensadas pelo poder público no Ceará visando engajar o estado aos espaços mais dinâmicos, também discutimos o papel reservado para Sobral dentro desse sistema de objetos e sistema de ações. No último item identificamos os aspectos que mais expressam as mudanças do espaço urbano sobralense depois de 1996.

4.1 O Primeiro Impulso Modernizador

No cenário político cearense, a idéia de modernização aparece na primeira metade da década de 1960, quando o coronel Virgílio Távora⁴² é nomeado governador do estado. Em consonância com as ações do governo militar, que ansiava pela criação de pólos industriais como política de desenvolvimento do Nordeste, o então governador dota o território cearense de grandes fixos: eletricidade, telecomunicações, estradas, criação do Banco Estadual do Ceará, Companhia Docas do Ceará, entre outros. Ainda são, desse momento, os primeiros distritos industriais do estado. Outra figura importante, nesse processo, foi o senador Carlos Jereissati, os dois são vistos na época como baluartes da modernização cearense:

São duas formas de lideranças diferentes, mas representativas de uma transição para a ideologia da modernidade, refletindo as idéias de Celso Furtado e do Banco do Nordeste. A modernidade, entendida como uma racionalidade weberiana, enfatizando a técnica, já era uma estratégia de sobrevivência das elites cearenses e essa ideologia modernizadora, identificada com a industrialização, foi facilmente assimilada pelas elites políticas cearenses. O processo de afirmação e fortalecimento de lideranças de Jereissati e Távora é, portanto, articulado nacionalmente como consequência do projeto de modernização conservador das elites brasileiras, um desdobramento da ideologia nacional desenvolvimentista. (PARENTE, 2004, p. 395-396).

Coube ao governo de Virgílio Távora a primeira concepção de planejamento para o estado, em decorrência do próprio contexto da década de 60, onde começa a se difundir a prática de planejamento no Brasil e, conseqüentemente, nos entes federados, caracterizado entre outros pela obrigatoriedade do mapeamento dos fixos, das questões de uso futuro, se desenhando como norma, com certa fragilidade, pois não apresentava a compreensão das dinâmicas de uso do território presente, situação que se repete até hoje (SANTOS, 1996).

A defesa do planejamento leva o governo Virgílio Távora a criar em 1962 a Companhia de Desenvolvimento do Ceará (Codec). Tal empresa atuava em três linhas: *construção de infra-estrutura; criação de zonas industriais e análise de oportunidades industriais*. Agia também no sentido de assessorar os empresários

⁴² Távora era militar de carreira. Ocupou duas vezes o cargo de governador do Ceará, entre 1963-1966 e 1979-1982. Antes de ser governador, foi deputado federal em 1950 e diretor do Ministério de Viação e Obras Públicas. No Ceará, sua força política se somava a outros dois coronéis de patente, César Cals e Adauto Bezerra.

nas formas de obtenção de recursos financeiros e agilização destes recursos junto aos órgãos competentes.

Nas eleições de 1962 e na gestão governamental, consolida-se a imagem de Virgílio como grande chefe político que combina duas virtudes magistrais: a de artífice de acordos políticos selados com o reconhecimento de sua autoridade e a de modernizador, devido a introdução da idéia de planejamento nas ações administrativas estaduais norteada por pretensões desenvolvimentistas. (CARVALHO, 2002, p. 19).

É posto em ação o primeiro plano estadual de governo. Através do Plano de Metas do Governo, na administração de Virgílio Távora - Plameg (1963-1966), em 1964, elaborou-se o primeiro diagnóstico socioeconômico do estado em parceria com a Universidade Federal do Ceará (UFC). Esse diagnóstico serviu de base à regionalização do Estado. Sobral aparece como centro urbano regional importante na perspectiva dos investimentos públicos e privados, entretanto, Fortaleza se apresenta com papel crescentemente reforçado.

Ainda no que se refere às ações na busca de investimento para o Ceará, no mesmo período, temos o projeto Assimow, inserido na lógica de desenvolvimento via indústria. O projeto nasceu da idéia do Prof. Morris Assimow, do Departamento de Engenharia da Universidade da Califórnia (Ucla) e visava promover a integração entre universitários da Califórnia e o conhecimento dos problemas ligados à industrialização das regiões menos desenvolvidas do mundo ROCHA, (1988).

O projeto vai ser implantado no Crato em 1962, conjuntamente com uma equipe da UFC e do BNB. Em 1966, a equipe cearense assume o projeto, mantendo a proposta original, contudo, passando à denominação de Projeto Universitário de Desenvolvimento Industrial do Nordeste (Pudine).

A cidade de Sobral é escolhida como área para o desenvolvimento do Pudine. A escolha foi baseada em: a) contingente populacional; b) localização geográfica; c) existência de um distrito industrial; d) rede rodo-ferroviária para o transporte de carga; e) presença de uma base industrial, fruto de empresas-territórios ligadas ao setor têxtil, erigidas no final do século XIX.

Para esse período, assiste-se, como já mencionamos em parágrafos anteriores, a ampliação das densidades técnicas visando à fluidez, em que as rodovias estaduais vão sendo ampliadas, adquirindo usos mais racionais. Essa modernização – aparece como prioridade no Plano de Ação Integrada de Governo

(Plaig), do período de 1967- 1970, pois o aumento das densidades é visto historicamente pelo Poder Público em todas as escalas como sinônimo de progresso.

No tocante ao desenvolvimento regional para o período, o Plaig propõe, por meio de estudos, a divisão do estado em regiões socioeconômicas, elaborando ainda diagnóstico, caracterizando as respectivas regiões e identificando as funcionalidades demandadas a partir das peculiaridades.

No plano do governo seguinte, 1971-1974, definem-se, com base nos estudos do IBGE, quatro grandes regiões polarizadoras: Fortaleza, Sobral, Crato-Juazeiro do Norte e Iguatu; outras quatro regiões polarizadoras secundárias e doze centros regionais. As cidades consideradas médias situadas longe de Fortaleza, são: Sobral, Crato e Juazeiro do Norte que se mantiveram com a mesma estrutura econômica.

Com o I Plano Quinquenal de Desenvolvimento do Estado (Plandece), 1975-1979, o critério tomado como mola propulsora do desenvolvimento regional continua sendo a dinamização dos centros regionais, agora escolhidos pelo tamanho demográfico, devendo apresentar um contingente populacional acima de quinze mil habitantes. Destacando-se 03 grandes centros polarizadores: Fortaleza, Crato-Juazeiro do Norte e Sobral e outras cidades menores aparecem consideradas como centros dinâmicos. Já no II Plano de Metas Governamentais II (Plameg II), 1979 - 1982⁴³, são estabelecidos seis unidades espaciais de planejamento a saber: *litoral, Ibiapaba, Baturité, Baixo Jaguaribe, Sertões Cearenses e Cariri*. Essa divisão tem como referência os estudos do IBGE, que divide o estado em 33 microrregiões homogêneas.

Quanto às transformações de cunho econômico, visadas dentro dos planos, não provocaram os efeitos de crescimento esperados. Os investimentos, sobretudo exógenos, geram crescente dependência e exploração. Não foi elaborado um projeto estrutural de transformação, ponto nevrálgico desse modelo da política

⁴³ De 1983-1987 esteve à frente do governo do Estado Gonzaga Mota, cujo vice-governador era o coronel Aduauto Bezerra, sendo seu governo marcado por conflitos. Segundo BONFIM, W. "A grande rotatividade de secretários indica claramente o ambiente de instabilidade política do governo de Gonzaga Mota. Os diversos rompimentos com as lideranças que apoiaram sua candidatura e a necessidade de constituir um grupo político capaz de lhe dar sustentação foram muito prejudiciais a continuidade administrativa de seu governo."

conhecida como “coronelismo”⁴⁴, que permaneceu por mais de duas décadas no Ceará nos mesmos moldes do regime militar. Mas é certo que as sementes da modernização, visando o uso racional do território, ocorreram nesse período.⁴⁵

4.2 “Mudança” de Governo no Ceará - O Papel Reservado para Sobral

Na segunda metade dos anos de 80, fecha-se o ciclo de comando do estado do Ceará pela denominada “*política coronelista*” que, de uma forma ou de outra, caracterizou a administração pública estadual. Teoricamente são superadas as idéias de desenvolvimento, ligadas à centralização, baseada em ações do tipo: industrialização nos limites dos distritos industriais das cidades pólos, práticas do desenvolvimento da agricultura através dos perímetros irrigados do DNOCS, convergência de investimentos para a Capital, etc.

Todavia, constatamos que, tanto nas regionalizações institucionalizadas nos anos 60 e 70, como nas décadas seguintes, o papel do poder público tem sido o de adequar o território para o uso do capital, onde gradativamente cresce o discurso sustentado pela ação global e a necessidade de entrada num mundo competitivo.

O projeto *mudancista*, ostentado pelo grupo de jovens empresários que chega ao governo do estado em 1987⁴⁶, acolhe as ações dentro de uma “nova” lógica de

⁴⁴ O termo coronelismo sintetiza as análises sobre a dominância ou sobrevivência do padrão tradicional na política brasileira. O sufixo ‘-ismo’ é indicação de um sistema que supõe uma dinâmica, uma hierarquia e regras particulares de funcionamento. Como superposição entre o tradicional e o moderno, ou como pacto promíscuo entre os diversos níveis de chefia política, para produzir resultados eleitorais com a farsa da manifestação da vontade coletiva, sintetizada no voto. (CARVALHO, 2002), **A era Jereissati - Modernidade e Mito**. J. PARENTE; J.M. ARRUDA (Org.), R.V. A. CARVALHO et al. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

⁴⁵ Muito do insucesso das administrações desse período, que ajuda a produzir o discurso do denominado “governo das mudanças”, foi gestado pelas claras práticas do uso da máquina pública pelos interesses clientelistas.

⁴⁶ “Os ‘governos das mudanças’ praticamente eliminaram, do processo de formulação de políticas públicas, a intermediação de políticos profissionais, sobretudo, na primeira gestão de Tasso Jereissati. A política de austeridade foi conduzida sem preocupação de buscar o apoio da classe política ou de outros setores na sociedade civil, criando uma imagem de isolamento e prepotência, consolidada pelos inúmeros conflitos entre Tasso Jereissati e os mais diversos segmentos da sociedade.” (GONDIM, 2004. p. 416)

modernização, agora ligada à política neoliberal⁴⁷ que começa a dar seus primeiros passos dentro do país. Essas ações colocam algumas figuras políticas cearenses no cenário da política nacional, a exemplo de Tasso Jereissati⁴⁸ e Ciro Gomes.

Embora essa “nova classe” de políticos seja aliada da burguesia nacional e das corporações internacionais, ela se transforma em verdadeira feiticeira na forma de governar, com um discurso apoiado em idéias de eficiência e do ‘*novo novíssimo*’ RIBEIRO, (2005). Nesse contexto, esse grupo se consolidou dentro do estado, com um comportamento de negociadores modernos perante as normas pensadas distantes, tornando-se referência para os governadores de outros estados brasileiros ligados na época ao PSDB.

Nessa perspectiva o Ceará passa a fazer parte de um projeto de modernização vigente no País, que bebe nas fontes da proposta neoliberal ou social-democrata. O lado curioso dessa evidência são as especificidades regionais que freqüentemente estão a repor os antigos dramas da exclusão social. O chamado projeto de modernização acolhe com dificuldades as cenas do analfabetismo, da seca e da pobreza, que se arrastam como fantasmas do passado. (BARREIRA, 2002, p. 72)

O discurso, cujo slogan “*Governo das mudanças*” é marcado pelas propostas de dinamização do estado em todas as esferas, vai ao encontro do grupo de alguns investidores que passam a atuar no Nordeste, graças ao novo sistema de ações, normas e objetos implementados, bem como da mão-de-obra barata e abundante e dos incentivos fiscais como já se fez referência.

Nas ações desse governo, ocorre um conjunto de esforços para inserir o Ceará nas áreas mais dinâmicas do país. Flexibilidade, competitividade, privatização, modernização, descentralização são palavras que passam a compor os discursos e as ações desse grupo. Assim, o caminho que se traça para o Ceará reflete o espelho das mudanças que ocorrem e são tramadas no mundo.

A abertura de um novo ciclo amparado nesse discurso modernizador leva Tasso Jereissati a adotar, em sua primeira gestão, um pacote de medidas com o objetivo de constituir uma parceria estreita e estável entre poder público, iniciativa

⁴⁷ Nas últimas décadas do século XX, o Estado brasileiro passou por intensas transformações no que diz respeito à política econômica, deixando de lado a inspiração keynesiana, aderindo aos ideais do neoliberalismo.

⁴⁸ Filho do senador Carlos Jereissati falecido em 1963, Tasso herda do pai um consistente patrimônio empresarial e o sangue político; entra no comando do CIC em fins dos anos de 1970. Depois de estudar fora do estado e de ter comandado as empresas do seu grupo empresarial, resolve entrar na política partidária se lançando ao cargo de governador do estado do Ceará em 1986.

privada e sociedade civil. São emblemáticas as formulações do Pacto de Cooperação Cearense, implementado a partir de 1991, e do programa Visão de Futuro Compartilhada - Ceará 2000. Tinham então como principais objetivos, entre tantos: a cooperação dos diversos atores na viabilização técnica, financeira, gerencial dos projetos do governo; uma profunda reforma do sistema tributário estadual; a modernização e o desenvolvimento do aparelho produtivo, em particular, mediante a atração de investimentos industriais de grande porte.

Entretanto, as pretensões iniciais assumidas no Plano de mudanças (1987-1991), prevendo alterações no perfil espacial e produtivo – notadamente concentrados e ligados à produção de bens de consumo não duráveis – e nas formas de intervenção do Estado, se mostraram bem mais desafiadoras. Essas modificações somente revelaram-se prontamente factíveis na administração de Ciro Gomes (1991), em que se dispôs de maior fôlego nos cofres públicos. Apesar disso, as metas alcançadas nas chamadas políticas de primeira geração não deixaram de nortear as demais administrações que se seguiram. (ALMEIDA, 2004, p. 61)

O governador Tasso Jereissati promove a elaboração de uma regionalização, dentro do I Plano das Mudanças, entre 1987-1991. Essa regionalização apresenta um modelo a ser adotado por todas as secretarias do estado. O estudo tem como critérios de regionalização: contingente populacional, sistema viário e atividades econômicas. Assim como no planejamento pensado nos anos 70, mantém-se a não compreensão da dinâmica do uso do território, limitando tudo à setorização. Na gestão desse planejamento, os territórios aparecem estáticos, circunscrição política administrativa, sítio sem o político e sem o teórico. Nessa regionalização⁴⁹, instituíram-se vinte Regiões Geográficas Administrativas/ RGs. (Mapa 2) Esses estudos oferecerem suporte para a criação das sete Áreas de Desenvolvimento Regional/ ADRs: *Especial, Litoral, Vale do Jaguaribe, Cariri, Sertão dos Inhamus, Sertão Central e Sobral/Ibiapaba*. A criação das ADRs serve de base para o plano do governo seguinte, de Ciro Gomes (1991-1994) e, também, para os governos posteriores.

Quanto às ADRs, temos a seguinte composição: nove municípios da região metropolitana de Fortaleza, que compõem a ADR – Especial, detêm 62% das indústrias ativas, com predomínio para as indústrias dos gêneros de vestuário e calçados e de produtos alimentares. Já a ADR- Litoral engloba 43 municípios,

⁴⁹ Junto as ações regionalizadas, no decorrer desses vinte anos, tivemos intervenções de reordenamento através dos Programas de Ação Regional/ PAR, depois os Conselhos Regionais de Desenvolvimento Sustentável/ CMDS e, de modo recente, os Planos de Desenvolvimento Regional/ PDR.

detendo nove por cento das indústrias ativas, destacando-se com os gêneros alimentícios, vestuário, têxtil e calçados.

A ADR- Vale do Jaguaribe engloba 31 municípios e detém oito por cento das indústrias ativas, com destaque para os gêneros de produtos alimentícios e minerais não-metálicos. A ADR-Cariri, com oito por cento das indústrias ativas, engloba 26 municípios com relevância também para o gênero de produtos alimentícios, vestuário, calçados e artefatos de tecidos. Quanto à ADR - Sertões dos Inhamuns, engloba quinze municípios com indústrias do gênero de produtos alimentícios, vestuário, calçados e madeira. A ADR- Sertão Central engloba 35 municípios, com a maior extensão territorial, onde o predomínio industrial é também para os produtos alimentícios.

Sobral pertence à Região 6, denominada ADR-Sobral/ Ibiapaba, composta por vinte municípios, e apresenta expressiva diversificação no ramo industrial, pois envolve municípios de aspectos econômicos, sociais, políticos e naturais distintos, havendo um predomínio de indústrias ligadas a produtos alimentícios, vestuários, calçados e artefatos de tecidos, com destaque para o setor calçadista.

É dentro desse quadro de planejamento, visando o uso racional do território, que vêm se renovando as funções e as formas do espaço cearense, com os desdobramentos que veremos a seguir.

MAPA 2 **REGIÕES ADMINISTRATIVAS** **DO ESTADO DO CEARÁ - 2002**

- 1 - AQUIDAUZ, CAUCAIA, CHOROZINHO, EUSEBIO, FORTALEZA, GUAIUBA, HORIZONTE, ITATINGA, MARACANAU, MARANGUAPE, PACAJUS, PACATUBA E SÃO GONÇALO DO AMARANTE.
- 2 - AMONTADA, APIARÉS, ITAPAJÉ, ITAPIPOCA, MIRAIMA, PARACURU, PARAIPABA, PENTECOSTE, SÃO LUIS DO CURU, TEJUÇUOCA, TRAIRI, TURURU, UMIRIM E URUBURETAMA.
- 3 - ACARAÚ, BELA CRUZ, CRUZ, ITAREMA, JUOCA DE JERICÓ/ACARAÚ, MARCO E MORRINHOS.
- 4 - BARROQUINHA, CAMOCIM, CHAVAL, GRANJA, MARTINÓPOLE E URUOCA.
- 5 - CARNAUBAL, CROATÁ, GUARACIABA DO NORTE, IBIAPINA, IFU, SÃO BENEDITO, TIANGUA, UBAJARA E VIÇOSA DO CEARÁ.
- 6 - ALCANTARAS, CARIRÉ, COREAÚ, FORQUILHA, FRECHERINHA, GRACA, GROAÍRAS, HIDROLÂNDIA, IRAUCUBA, MASSAPÉ, MERUOCA, MORAUJO, MUCAMBO, PACUJÁ, PIRES FERREIRA, RERIUTABA, SANTANA DO ACARAÚ, SENADOR SA, SOBRAL E VARJOTA.
- 7 - CANINDÉ, CARIDADE, GENERAL SAMPAIO, ITATIRA, PARAMOTI, SANTA QUITÉRIA.
- 8 - ACARAPE, ARACOIABA, ARA TUBA, BARREIRA, BATURITE, CAPISTRANO, GUARAMIRANGA, ITAPIUNA, MULUNGU, OCARA, PACOTI, PALMÁCIA E REDEÇÃO.
- 9 - ARACATI, BEBERIBE, CASCATEL, FORTIM, ICAPIÚ, ITAICABA E PINDORETAMA.
- 10 - ALTO SANTO, JAGUARUANA, LIMOEIRO DO NORTE, MORADA NOVA, PALHANO, QUIXERÉ, RUSSAS, SÃO JOÃO DO JAGUARIBE, TABULEIRO DO NORTE, JAGUARIBARA, JAGUARETAMA, JAGUARIBE, PEREIRO E POTIRETAMA.
- 11 - ERERÉ, IRACEMA, JAGUARETAMA, JAGUARIBARA, JAGUARIBE, PEREIRO E POTIRETAMA.
- 12 - BANABUIÚ, BOA VIAGEM, CHORÓ, IBARETAMA, IBICUITINGA, MADALENA, QUIXADÁ E QUIXERAMOBIM.
- 13 - ARARENDÁ, CATUNDA, CRATEÚS, INDEPENDÊNCIA, IPAPORANGA, IPUEIRAS, MONSENHOR TABOSA, NOVA RUSSAS, PORANGA, TAMBORIL.
- 14 - DEP. IAPUAN PINHEIRO, MILHÁ, MOMBAÇA, PEDRA BRANCA, PIQUET CARNEIRO, SENADOR POMPEU E SOLONÓPOLE.
- 15 - AIUABA, ARNEIROZ, PARAMBU, QUITERIANÓPOLIS E TAUÁ.
- 16 - ACOPIARA, CARIÚS, CATARINA, IGUAU, JUCÁS, QUIXELÓ, ORÓS.
- 17 - BAIXO, CEDRO, ICÓ, IPAUMIRIM, LAVRAS DA MANGABEIRA, UMARI E VARZEEA ALEGRE.
- 18 - ALTANEIRA, ANT. DO NORTE, ARARIPE, ASSARÉ, CAMPOS SALES, CRATO, NOVA OLÍNDIA, POTENGI, SABOIEIRO, SALITRE, SANTANA DO CARIRI E TARRAFAS.
- 19 - BARBALHA, CARIRACU, FARIAS BRITO, JUAZEIRO DO NORTE, GRANJEIRO E JARDIM.
- 20 - ABAJARA, AURORA, BARRO, BREJO SANTO, JATI, MAURITI, MISSÃO VELHA, MILAGRES, PENAFORTE E PORTEIRAS.

4.3 O Desdobramento de um Período

Quanto às novas materialidades superpostas ao território, são destaques: a construção do Aeroporto Internacional Pinto Martins; o projeto e a construção do Complexo Portuário do Pecém; a edificação de novas vias ligando a Capital ao interior; a melhoria dos equipamentos de comunicação; a ampliação da rede bancária; enfim, todo um sistema de engenharia visando a eficácia da fluidez.

A evolução nas técnicas de produção, com alterações da qualidade da mão-de-obra utilizada, a redução da quantidade de insumos por unidade de produção final, a redução do tamanho e peso dos produtos, a utilização de novos materiais, a modernização dos meios de transportes e comunicações, ao lado de outras melhorias tecnológicas, vem alterando a planta e a localização industrial, possibilitando a separação entre as unidades de comando e as unidades de produção por grupos empresariais. (KON,1998, p.65)

Em decorrência das políticas de atração de investimentos, ocorre o incremento do circuito superior marginal emergente, pois, segundo VASCONCELOS (1999), o governo cearense fundamentou sua política em quatro vetores: amparo à pequena e média empresa; atração de investimentos mediante uma política sistemática e coerente de incentivos fiscais e financeiros e oferta de terrenos e infra-estruturas; interiorização do investimento graças a incentivos fiscais proporcionais à distância em relação à Capital; estruturação e consolidação de setores industriais considerados emergentes: calçados, confecções, granito e metal-mecânico, sobretudo, através de medidas de cunho institucionais e financeiros.

Cada lugar, como cada região, deve ser considerado um verdadeiro tecido no qual as condições locais de infra-estrutura, recursos humanos, fiscalidades, organização sindical, força reivindicatória afastam ou atraem atividades em cada momento. (SANTOS & SILVEIRA, 2001a, p. 297)

O “governo das mudanças” formulou também uma política de estímulo ao turismo. A modernização dessa atividade, foi viabilizada também pelas modificações das densidades técnicas e comunicacionais, na capacitação da mão-de-obra, no incentivo da rede hoteleira, bem como numa ampla divulgação dos atrativos naturais. Todas essas ações enérgicas institucionalmente se traduziram como credibilidade ao estado, o território foi se recheando de vantagens locais, atraindo fluxos relevantes de capitais internos e externos. O quadro abaixo (Quadro

4) abrevia os principais eixos e prioridades inseridas no período que compreende 1987 – 2004.

Quadro 4 - CEARÁ - Principais Eixos de Desenvolvimento e Programas Implantados (1987-2004)

Eixos	Indústria	Turismo	Urbanização	Agricultura	Recursos Hídricos	infra-estrutura estratégica
P R O G R A M A S	Desenvolvimento , modernização, atração, diversificação e desconcentração	Prodeturis	Prourb	Agropólos	Proasis	Complexo industrial
		Pat	Sanear	Proceagri	Progerirh	Portuário do Pecém
		Prodeturi	Sanefor	Caminhos de Israel	Proub-hídrico	termoceaná CGTF-Termar
		Pdits		Proalce		CVT/Centec
	mini distritos industriais	Prodeturii			Prodham	Usina Siderúrgica do Ceará
	organização de arranjos produtivos locais	Cepima		Projeto mamona/biodisel	Águas do vale	Terminal Intermodal de Cargas do Aeroporto Internacional
	promoexport			Projeto mamona/biodisel	Canal da Integração	Estruturação da Rede Aeroportuária
	Inovatec					Metrofor
						Parque eólico
						Programa Rodoviário Ceará
						Instituto Dragão do Mar
						Açude Castanhão
						Centro de feiras e Eventos
						Usina de energia de Onda

FONTE: ALMEIDA, H. M. **Seletividade e desenvolvimento: práticas espaciais na gestão do território cearense**. São Paulo: Geografia Humana-USP, 2004. Dissertação de mestrado.

Neste contexto, a política econômica pensada por esse grupo soube capitalizar as tendências do novo uso do território pela indústria, assim como o crescimento das atividades direta ou indiretamente ligadas ao turismo e ao lazer. Nos anos 90, o estado do Ceará se destacou no cenário Nordeste pelas suas taxas de crescimento econômico acima da média nacional. Em consequência, entre 1990 e 1998, 563 empresas investiram 5,8 bilhões de reais no estado e criaram aproximadamente quinhentos mil empregos diretos e indiretos.

Apesar da maioria dos investimentos se dirigirem para a Região Metropolitana de Fortaleza, algumas cidades intermediárias se destacaram em termos de atração de investimentos industriais. Entre elas, a micro conurbação Crato/Juazeiro e a cidade de Sobral atraíram em particular empresas do setor calçadista que buscavam

vantagens materiais e normativas mencionadas anteriormente. Essas cidades abrigam empresas consideradas tradicionais, mantendo, embora com dificuldade, um certo destaque econômico.

O Ceará então passa a ser apresentado na mídia como um “tigre” da economia brasileira, com um potente crescimento do PIB e da ocupação industrial, graças à força da composição político-institucional instalada. Há duas décadas o estado vem sendo nutrido pelas vantagens territoriais, materiais e normativas. Percebemos então a força das verticalidades sobre o território, as indústrias que chegam têm pouco conteúdo tecnológico em relação às que permanecem na Região Concentrada, mas mantém significado para a economia periférica.

Percebemos ainda que são poucas as cidades vistas como espaços seletivos dentro do estado, visto que precisam, dentre outras coisas, que a administração pública local tenha intervenções eficazes que se aproximem desse modelo político. Importa salientar inclusive que essa racionalidade e seletividade, no uso desses territórios, na maioria das vezes, não se revertem na melhoria efetiva e permanente da vida de sua população. Reforçando a dívida social cumulativa tanto em nível intra-urbano como no espaço regional. Dessa maneira;

(...) essas cidades se chocam com certo número de impossibilidade: elas não conseguem encontrar os meios apropriados a uma arrancada que permitiria mudar alguma coisa de significativo no sistema urbano regional. (ROCHFERT, 1998a, p.101).

Em Sobral, as políticas adotadas e as propostas de regionalizações, pensadas pelo poder público estadual e municipal, aliadas à expansão do capital, permitem há mais de uma década a ostentação das estatísticas. Sobral se apresenta, enquanto espaço seletivo, por meio das novas tendências, no que concerne aos indicadores demográficos, níveis de urbanização, industrialização, oferta de serviços, intensificação das relações de seus espaços com espaços mais longínquos etc.

Essa sintonia entre os gestores públicos consolidou, ao longo desses 20 anos, essa forma de se pensar o território. No quadro atual, a administração do estado parece ser oxigenada pela entrada no comando do governo de Cid Ferreira Gomes que administrou a cidade de Sobral no período de 1997/2000 e de

2001/2004⁵⁰. Não se fala em ruptura na forma de administrar e pensar o estado, até porque os Ferreiras Gomes são tradicionais aliados de Tasso Jereissati, político que num período de duas décadas, compostas por cinco mandatos, governou o estado por três vezes e elegeu dois governadores.

4.4 A Gênese do Projeto de Modernização para Sobral

A cidade de Sobral-CE, entre suas dinâmicas e contradições, apresenta em sua ‘trajetória’ uma articulação contínua com os municípios vizinhos, com nítida existência de uma solidariedade orgânica, detentora de saberes locais, conservando também relações com espaços mais longínquos. Essas últimas tomam novos sentidos nos anos recentes, com arranjo organizacional baseado em racionalidades de origens distantes.

As ações políticas de maior envergadura se consolidam através da força de figuras políticas, adquirida ainda no período colonial, personagens “*ilustres*” que circulavam no Império, como o senador Francisco de Paula Pessoa. Já na primeira metade do século XX, por mais de vinte anos no poder eclesiástico, a figura de dom José Tupinambá da Frota⁵¹, que chegou a elaborar e executar um traçado urbano para a cidade. No período atual, Ciro Ferreira Gomes, eleito deputado federal e recém ministro da Integração Nacional, então governador do Ceará quando a Empresa Grendene se instalou na cidade de Sobral em 1994.

⁵⁰ Essa administração, que ocupa a prefeitura desde 1997, a partir da primeira campanha eleitoral, em 1996, constrói e projeta uma auto imagem coerente com o movimento de um determinado segmento político, no âmbito estadual, inaugurado nas eleições de 1986 que resultou na eleição de Tasso Jereissati para o governo do estado. Tal grupo político, mais amplo, que vem garantindo a hegemonia no âmbito estadual se autodenominou, no primeiro momento, de “governo das mudanças”. A condição de ‘moderno’ é reafirmada no discurso deste grupo a partir de atributos diversos associados a seus integrantes, tais como juventude, qualificação profissional, conduta ética na política, condição de gestão empresarial e racionalização no uso do patrimônio público. Esse discurso, nascido fora do contexto de Sobral, é adaptado ao momento histórico das eleições municipais de 1996 na cidade. Assim, Cid Gomes consegue reeleger-se para um segundo mandato no ano de 2000. (FREITAS, 2005, p. 41)

⁵¹ A diocese de Sobral, criada em 1915, teve como primeiro bispo D. José, formado na Europa, figura reconhecida pela desenvoltura na arte de administrar. Segundo ROCHA, Herbert. **O Lado Esquerdo do Rio**. Sobral: Hucitec, 2003 p. 146. “Aos poucos, D. José chamou para sua Diocese a execução de obras infra-estruturais na cidade de Sobral, muitas vezes tomando o lugar da municipalidade no cumprimento de seu dever. Talvez pela boa vontade empreendedora do bispo, mesmo depois de sua morte até o final do século XX, aos prefeitos locais não foram cobradas suas verdadeiras atribuições”.

Essa expressão, sobretudo do poder político, é uma das variáveis significativas para a compreensão do papel dado à cidade de Sobral a cada momento de grandes transformações implementadas sobre o território brasileiro.

Na segunda metade da década de 1990, como já colocado, Sobral transforma-se em um marco de mudanças nos aspectos político, econômico, e cultural, nutridos pela capacidade das autoridades locais, na captação de novos investimentos, dentro de um modelo de administração idealizado como fonte de sucesso administrativo. Modelo que aparece analisado por COELHO da seguinte maneira:

Analizando com isenção, sobre feitos e sonhos, podemos afirmar que uma sorte de 'invenção do município' se opera, em Sobral, no momento. O governo local começa a impor-se sob nova mentalidade. Primeiro, resultou de uma coalizão de forças políticas, o que em si representa ruptura com velhas práticas. Segundo, ampara-se na formulação de um projeto de governo participativo e na elaboração de um plano estratégico de desenvolvimento urbano de longo alcance. Terceiro, optou por uma política consistente de investimentos em Educação e na promoção das periferias. Quarto, embora com aspectos que merecem reparos, elegeu participação, cooperação e parceria como instrumentos de condução da gestão pública municipal. (2000. p. 114)

Embora o movimento de mudança tenha se iniciado em 1995, como veremos adiante, na prática as mudanças são implantadas no território com todo o rigor a partir de 1997, com a chegada ao Executivo de gestores vindos de dois grupos, na época nada comum, um do PSDB e, o outro, do PT, numa coligação de interesses bem peculiar. A consolidação dessa parceria, ao completar dez anos em 2006, é comemorada em grande estilo com a vitória de Cid Ferreira Gomes como governador ainda no primeiro turno no Ceará, tendo exatamente como vitrine o sucesso da administração em Sobral. Na realidade, o grupo é do chamado '*Clã Cirista*'⁵² que passa do PSDB para PPS e, hoje, PSB, em Sobral sempre aliado ao PT.

O sucesso da administração em Sobral se traduziu pelo *slogan* "*Sobral no rumo certo*" na primeira gestão (1997-2000). Isso se repetiu com o uso da mesma fórmula que levou Cid Ferreira Gomes, então prefeito de Fortaleza, ao governo do Ceará em 1990. Os feitos, estando no primeiro momento ligados às edificações de

⁵² A expressão "Clã Cirista" refere-se ao grupo de políticos que acompanha o ministro Cid Ferreira Gomes em sua peregrinação por diferentes partidos políticos desde que começou sua vida pública. A liderança do grupo é constituída pelos irmãos Cid Ferreira Gomes, Ciro Ferreira Gomes e Ivo Ferreira Gomes, respectivamente, Governador, Deputado Federal e Deputado Estadual.

um amplo sistema de engenharia, as ações contribuíram para o embelezamento da cidade e como chamariz de investimentos.

Destacamos como exemplos desses objetos: construção de praças, sinalização do trânsito, tombamento e recuperação do centro histórico, reforma e ampliação do mercado, criação de novos distritos industriais, ligação de todos os distritos do município a sede, através de rodovias municipais pavimentadas, construção de um aterro sanitário, abertura de largas avenidas com ciclovias, asfaltamento de vias, reforma do *boulevard* do Arco, construção de uma nova entrada na cidade denominada Ponte José Euclides sobre o Rio Acaraú, reforma e alargamento da Ponte Oto de Alencar, construção do Centro de Convenções, construção do “camelodromo”, entre outros; (Mapa 3)

MAPA 3

Sobral - Principais Eixos de Circulacao

LEGENDA

- Principais Vias de Circulação e de Saída
- Av. Pericentral
- Ponte Othon de Alencar
- Ponte José Euclides
- Linha Férrea

- Margem Esquerda Rio Acaraú
- Parque da Cidade
- Centro de Convenções
- Arco do Triunfo

4.5 Antecedentes da Crise na Gestão Municipal e os Contornos Para a Composição do “Novo”

Em 1995, em plena crise institucional provocada pelo afastamento do prefeito por corrupção, intelectuais, empresários e diversos notáveis⁵³ sobralenses criaram um Conselho Comunitário no intuito de protestar contra a instabilidade político-administrativa e, de forma mais incisiva, contra o abandono da cidade por parte do governo municipal da época.

No dia 20 de maio de 1995, foi divulgado um manifesto chamando a atenção dos poderes constituídos e da sociedade civil sobre as mazelas que levaram a cidade “ao fundo do poço da degradação administrativa”. O documento denunciava, em particular, *a prática generalizada do empreguismo e a força das redes clientelistas; a falta de investimentos em serviços e equipamentos públicos; a ausência de projeto para a cidade; o improviso permanente da administração municipal; a desmobilização da juventude e o repúdio crescente pela classe política; a indiferença dos poderes constituídos do estado do Ceará perante esta situação* (Manifesto ao Povo de Sobral, 1995).

Este manifesto marca então a emergência de um grupo de agentes sociais, inicialmente um pouco heteróclito, cujas lideranças se firmaram rapidamente como sujeitos centrais do processo de modernização proposto, do ponto de vista político, pela vitória de Cid Gomes como prefeito em 1996, eleito com 63, 97% dos votos.

O documento se transformou em suporte inicial da formulação de um discurso da modernidade que se contrapõe aos argumentos e às práticas de poder da “velha elite” econômica e política do sertão cearense. Segundo Cid Gomes, *“o discurso da modernidade, para ser válido, precisa identificar e nomear o “novo”: Este último se impõe mediante rupturas para transformar as concepções e as práticas sociais em vigor. Ao mesmo tempo, o “novo” precisa também identificar uma “tradição” a partir da qual ele manifestará sua oposição, sua diferença e sua superioridade”* (CID GOMES, 2000, p. 95).

⁵³ Entre esses notáveis estavam os membros da hierarquia da Igreja Católica, tradicionalmente detentores de influência na cidade e profissionais ligados à UVA.

É justamente por essa razão que a coalizão PPS-PT-PCdoB, que forma a espinha dorsal do novo governo municipal e se posiciona como sujeito político mais atuante, procura então instaurar um novo modelo de governança⁵⁴, substituindo as velhas práticas político-administrativas por novos padrões de gestão administrativa. Ela ainda coloca particular ênfase nas necessárias interações entre poder público, iniciativa privada e sociedade civil, como base de sustentação de um projeto reformista para a cidade, posto em prática pelos tecnocratas⁵⁵ que compõem o quadro da administração municipal.

A administração 'Sobral no rumo certo', no seu primeiro mandato, investe na imagem da cidade moderna. Praticamente em todos os dias, eram veiculadas notícias sobre o desenvolvimento da cidade. E em menos de dois anos de gestão, Sobral é destacada na revista Exame entre as 30 melhores cidades de médio porte de todo Brasil. (MARTHA JUNIOR, 2004. p. 81)

Os produtores deste discurso de “modernidade sobralense” se contrapõem então à “velha elite” do interior do Nordeste, caracterizada por seu conservadorismo, seu fisiologismo, seu paternalismo e sua capacidade de se manter em posição de força num jogo dialético centro-periferia, no qual as relações de compadrio garantiam a perpetuação das estruturas sociais e das relações de trabalho indispensáveis a sua reprodução, CASTRO, (1992).

Nesse contexto, os agentes que emergiram na vida política de Sobral com um discurso de ruptura em relação ao “velho modelo”, são basicamente jovens empresários, professores universitários, militantes, e também novas lideranças de famílias políticas tradicionais, muitos deles formados em universidades da região concentrada ou estrangeiras, apresentando um perfil reformista, cosmopolita, inovador e postura voltada às demandas sociais e culturais da sociedade civil organizada, MONIÊ, (2001)

A comunicação horizontal e a circulação da informação entre todos os agentes do processo de modernização representaram um primeiro desafio, numa

⁵⁴A Constituição de 1988, fortalece o processo de descentralização administrativa, fortalecendo os municípios através da ampliação das competências dos gestores e da distribuição dos recursos públicos. Em Sobral Cid Gomes foi incisivo dentro dessa nova forma de governar tanto pela lei como pelos sopros do ritmo empresarial da política neoliberal: O número de funcionários municipais que era em 1996 de 4 300 caiu para 1 900 depois da demissão de todos os servidores em situação irregular e da realização posterior de concursos públicos. Muitos cargos estão hoje ocupados por jovens com nível superior, são de Sobral e muitos oriundos de Fortaleza, que acabam contribuindo para tornar as secretarias e os órgãos municipais mais eficientes.

⁵⁵ Expressão utilizada em nosso texto, devido ao predomínio da visão técnica por parte do gestor e de sua equipe na solução dos problemas da cidade e na forma de gerenciar a mesma.

região que historicamente foi caracterizada pela verticalidade e a hierarquização das relações sociais e das práticas políticas. Por isso, ações do governo estadual, tais como o Pacto de Cooperação Cearense e o programa Visão de Futuro Compartilhada - Ceará 2000, já mencionados por nós, serviram de modelo na formulação de um projeto político para Sobral, que apostou, entre outras coisas, nas dinâmicas e ações institucionais como método de administração privilegiada, como analisa FREITAS:

As intervenções do poder público na cidade, registradas como 'modernas', pressupostamente respeitando a 'tradição', pretendem articular um modo de ser, um modo de viver, definição de uma autenticidade e estratégias de reconversão de espaços urbanos, criando novos cenários para fins de sustentação de uma política que, a partir de uma valorização do local, proporcione à cidade ser foco de atenção global, com fins de sustentação no mercado das trocas econômicas mais amplas geograficamente. (2005. p. 112)

As relações entre o poder político, sociedade civil e iniciativa privada se formalizaram através de três espaços formais de debate e diversos programas municipais: O *Orçamento Participativo*, visto como um instrumento de reconstituição do município como esfera pública, com a realização de oficinas, reuniões, plenárias que encaminham suas propostas aos poderes legislativo e executivo; O *Pacto de Cooperação de Sobral*, formulado como agente catalisador das demandas, reivindicações e propostas da sociedade civil, essencialmente representada por pessoas respeitadas nos meios acadêmico, empresarial e político. Nesse campo, são levantados problemas gerais que afetam a qualidade de vida da população e identificados os obstáculos ao desenvolvimento da cidade; Os *Conselhos Municipais* que funcionam como fóruns temáticos permanentes que levantam as carências e problemas em áreas determinadas e propõem soluções e sugestões ao governo municipal. Foram criados também programas de capacitação e qualificação, visando ao melhoramento do acesso ao crédito e à inserção no mercado de trabalho.

Nas reuniões de orçamento participativo, percebemos como o cidadão tem um frágil conhecimento acerca do processo de formulação das políticas públicas e nas discussões orçamentárias. Talvez por se sentir historicamente dominado e sem voz, o fato é que esse indivíduo precisa de tempo e de instrumentos legítimos para se sentir pertencente ou não a essa nova forma de pensar a cidade e seu cotidiano dentro de seu lugar.

Esse modelo de gestão apresentou, desde o início, urgência na instauração de seu projeto modernizador para a cidade. Por isso, sempre esmeram uma imagem amparada em práticas visíveis de democratização e participação. Assim ainda se lançam numa ampla divulgação dos seus feitos para que essa participação popular inócua não seja obstáculo ao sucesso.

4.6 Sistema de Ações Normativas e de Objetos Mais ‘Relevantes’ no Período de 1997 a 2004

Cid Gomes administra Sobral por oito anos (1997-2004) e se consolida como líder político do estado. Nas suas gestões, as ações políticas desenvolvidas contribuíram para mudanças significativas no uso do território sobralense, entre elas, a elaboração do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano/ PDDU⁵⁶, envolvendo seis grandes produtos com desdobramentos para um amplo sistema de objetos, objetivando normatizar o uso da cidade. Destacamos aqui o Plano Viário, que hierarquiza toda a rede viária municipal e a lei de expansão dos limites territoriais urbanos. Percebemos, na elaboração do PDDU, uma forte dimensão racional e funcional do uso do espaço urbano, com esquecimento das diversas práticas socioespaciais dos lugares. Dessa forma, não se diferencia da construção de outros PDDUs. A cidade permanece dividida oficialmente em 24 bairros, os maiores adensamentos populacionais estão nos bairros: Centro, Terrenos Novos e Sumaré. (Mapa 4)

O PDDU – Sobral, como a maioria dos Planos Diretores elaborados pelas cidades cearenses no final da década de 1990, segue o já consagrado modelo da ‘falsa participação popular’. Apenas um arquiteto residente na cidade fazia parte da equipe técnica de elaboração do plano, que foi produzido pelo consórcio de empresas responsável pela maioria dos planos que estavam sendo feitos na mesma época. (MARTHA JUNIOR, 2004, p. 81)

⁵⁶ A preocupação com o disciplinamento do espaço urbano na cidade de Sobral já aparece no Código de Postura de 1930, no seu artigo 4º - É proibido dentro do perímetro urbano edificar casas de palha ou taipa, assim como construir cercas de madeira ou material análogo. (CÓDIGO DE POSTURAS DO MUNICÍPIO, 1930). Já o primeiro PDDU foi elaborado em 1967, na administração municipal de Jerônimo Prado, seguindo a linha do planejamento setorial, estando sua elaboração dentro das iniciativas do Governo Estadual. Não foi atualizado, nas gestões seguintes, retomado somente na administração de Cid Gomes.

Dentro da implementação da reforma fiscal, foram realizados o (re) cadastramento imobiliário e fundiário da cidade, a racionalização do sistema de arrecadação, a extensão do pagamento do IPTU a novos segmentos da população, entre outros, permitindo um aumento significativo de arrecadação e dos recursos próprios do município.

Essa reorganização das finanças municipais e a implantação de uma política fiscal denominada de racional fizeram da prefeitura de Sobral a terceira maior arrecadadora de imposto no Ceará. Essa reforma é permeada por um padrão de gestão pública mais empresarial⁵⁷. No discurso, essa eficiência na gestão de recursos tem sido uma das fontes viabilizadoras dos investimentos em equipamentos e infra-estrutura na cidade. A evolução no quadro de arrecadação é relativa a todos os impostos. (Gráfico 1)

⁵⁷ Segundo ROCHA, Herbert de V. “É inegável a importância do papel do poder público local na efetivação das potencialidades do município para torná-lo um centro de convergência de investimentos privados”. (2002, p. 10)

Sobral - Bairros Oficiais e Distribuição da População - 2000

Gráfico 1: Evolução das Receitas do Município de Sobral –CE (1996-2005)

Fonte: Sítio da Prefeitura Municipal de Sobral www.sobral.ce.gov.br

A administração de Cid Gomes centrou força também em ações sociais voltadas para a universalização de direitos, com práticas de descentralização, participação e trabalho reticular com ONGs e associações, deixando para trás a assistência social paternalista. Na realidade, segue a tendência de municipalização de serviços e das funções de interesse local, ações que fazem parte de uma estratégia nascida no seio da política neoliberal, onde o cidadão vira *'usuário'*.

Com o avanço das discussões que querem fortalecer os municípios enquanto entes federativos, gestores como Cid Gomes sabem utilizar o dinamismo e a energia que definem a psicoesfera e, ao competir com outros municípios envolvidos na *'guerra dos lugares'*, detem largas vantagens, pois rompem com a dependência excessiva junto ao governo federal e usa de forma criativa o potencial oriundo das parcerias públicas e privadas. Assim, é comum no discurso de alguns estudiosos do urbano a consagração desse modelo de gestão, como podemos perceber na fala de ROCHA.

Esse processo de decadência social, política e econômica experimentado por Sobral teve sua marcha sustada na última década do século XX. Há que se destacar o resgate da auto-estima do sobralense, fruto de uma conjugação de fatores estratégicos que merecem um novo estudo do desenvolvimento sobralense. (2003, p. 221)

Com o tombamento do patrimônio arquitetônico, museológico e histórico local⁵⁸ e a construção do centro de convenções⁵⁹, o segundo maior espaço de eventos fora das capitais do Nordeste, conseguiram-se entre outras coisas incentivar o artesanato e estimular, embora de forma vagarosa, o desenvolvimento do turismo. Porém, esse modelo de tombamento se tornou uma ferramenta a mais para atrair empresas e, apesar do discurso de reforço da identidade, o sentimento de pertença a esses ambientes ainda está longe de se concretizar.

Nas ações políticas de Cid Gomes estão ainda os projetos e programas que visam o apregoado desenvolvimento local⁶⁰, com destaque particular para um projeto piloto elaborado pela prefeitura em convênio com o BNB, a UVA e o PNUD, que seria desenvolvido em três anos, objetivando fundamentalmente à capacitação e a qualificação da população. Os principais objetivos do denominado Programa de Apoio ao Desenvolvimento Local (PADL) foram: a auto-organização das comunidades rurais e urbanas; a consolidação das organizações; o incentivo à geração de empresas; o estímulo ao desenvolvimento de uma economia solidária mediante a geração de empreendimentos associativos ou individuais.

O respectivo programa foi planejado seguindo os seguintes passos: Gestão Administrativa Institucional; Treinamento Técnico Institucional (destinado aos técnicos envolvidos no projeto); Elaboração de um Pré-Diagnóstico do Município; Treinamento dos técnicos das instituições parceiras na Metodologia Gestão Participativa para o Desenvolvimento Empresarial (Gespar). Embora o programa tenha conseguido importantes parcerias com instituições privadas e públicas, não teve a mobilização necessária para o sucesso pleno do mesmo. São vistos como causas: a dispersão dos sujeitos envolvidos, a cultura de resultados a curto prazo, a pouca consciência da própria comunidade.

Paralelo ao PADL, voltado para a prática de desenvolvimento local e dentro da política municipal de incentivos fiscais e financeiros, outro programa foi o *Programa de Trabalho Pleno*, uma espécie de articulador de outros programas. Esse pode ser entendido como programa de geração de trabalho e renda que atende aos

⁵⁸ Em agosto de 1999, o centro de Sobral foi tombado como Patrimônio Nacional pelo Iphan.

⁵⁹ O Centro de Convenções apresenta 5.314,28 m², dispondo de centro de treinamento, área climatizada, áreas externas para feiras livres, palco, salões de exposições, auditório, estacionamento, bar, cozinha, etc.

⁶⁰ Sítio da Prefeitura Municipal de Sobral www.sobral.ce.gov.br

negócios formais e informais de pequeno porte. O cidadão tem o apoio em três etapas do processo de realização do negócio, ou seja, na capacitação, no crédito e na comercialização (em alguns casos assegura a compra pela própria prefeitura de carteiras escolares, uniformes de trabalho, calçados, botas, etc.). Seu funcionamento nessas etapas conta com diferentes parceiros, tais como: UVA, IDT, Secretaria de Turismo do Estado do Ceará, Sebrae. Para o acesso ao crédito, conta com a Fundação Caixa do Povo. O *Balcão do Emprego* é outro programa desenvolvido com finalidade de abertura de linhas de crédito e microcrédito para empresas formais e informais da indústria, do comércio e do setor dos serviços.

São realizadas reuniões informativas sobre o programa para a sensibilização. Aplica-se um cadastro para as pessoas que estão interessadas em participarem da capacitação, tentando sempre despertar o cidadão para a sua vocação econômica, para, ao final do recebimento do treinamento, ele poder sentir-se empresário ou empregado.

Caso identifique uma potencialização para ser empreendedor, deverá apresentar um plano de negócio para a secretaria, que encaminhará o plano ao banco que liberará o recurso para início ou melhoria do empreendimento. Caso o treinando sinta-se com potencial para ser empregado, é encaminhado para se inserir nos empreendimentos financiados pelo programa trabalho pleno.

O Programa de Atração de Investimentos de Capital mais expressivo foi elaborado em parceria com o poder público estadual, com uma forte política de incentivo fiscal, conseguindo atrair mais unidades de produção da firma gaúcha Grendene. Esse programa de atração de investimento se desdobrou em anos recentes no Programa de Desenvolvimento Econômico (Prodecon) e, juntamente com o Programa Trabalho Pleno, são os principais instrumentos de fomento à atividade econômica do município no presente.

O Prodecon foi criado pela Lei Municipal nº 313, de 26 de junho de 2001⁶¹. Objetiva atrair empresas de mão-de-obra intensiva e que formem um circuito espacial da produção. O programa facilita o acesso do investidor aos incentivos municipais, entre eles: planejamento do negócio, terrenos, infra-estrutura do entorno,

⁶¹ Possibilita o acesso do investidor aos incentivos municipais, tais como terrenos, infra-estrutura do entorno, planejamento do negócio e financiamento do ISS incidente sobre serviços de projeto, construção civil e montagem industrial necessários no empreendimento prioritário.

etc. Nesses programas, são prioritários investimentos, tais como: materiais de construção e mineração, calçados e vestuário, metalurgia, movelaria, agroindústria e produtos alimentares, hotéis e investimentos no centro histórico como: clínicas, laboratórios, estabelecimentos comerciais mais sofisticados, entre outros.

Para os Investimentos industriais existe garantia de financiamento de ICMS em até sessenta por cento durante quinze anos ou mais, a isenção do imposto de renda (que pode chegar até 75%), incentivo à exportação e importação, isenção total sobre operações financeiras. Algumas dessas “motivações” estão dentro da política de incentivo financeiro do governo do estado, sobretudo, através do Fundo de Desenvolvimento Industrial/ FDI⁶² do Ceará, que possui três modalidades: a) Programa de incentivos ao Funcionamento de Empresas(Provin); b) Programa de Desenvolvimento do Comércio Internacional e das Atividades Portuárias do Ceará (PDCI); c) Programa de Incentivo às Atividades Portuárias e Industriais do Ceará (Proapi).

O Trabalho Pleno e Prodecon são os programas mais sustentáveis para o período analisado⁶³, e respondem em parte pelas modificações nos circuitos da economia urbana, com repercussão em empreendimentos tidos como mais dinâmicos e competitivos, apresenta-se uma leve queda do desemprego em alguns momentos e aumento nas taxas de imigração.

Assim, identificamos um segmento de jovens detentores de qualificação profissional, procurando o circuito superior marginal residual como um espaço perene de alternativas de trabalho. O segmento mais pobre sem profissão e que não se insere nos investimentos instalados tem seu refugio no circuito inferior; a maioria vive no limite da sobrevivência. Portanto, esses programas não podem ser analisados somente com positividade, como habitualmente vem sendo feito.

Se o fenômeno do circuito inferior se apresenta de forma crescente em Sobral, é porque muitos cidadãos só têm nessa atividade a sua forma de sobreviver,

⁶² Esse fundo de investimento foi criado pela Lei Estadual nº 10.367, de 7 de dezembro de 1979, no governo de Virgílio Távora, e pretende assegurar às empresas industriais incentivos fiscais para realocização, implantação e funcionamento. Modernização e/ou recuperação, sob a forma de subscrição de ações, participações societárias, empréstimos, prestação, garantias e subsídios de encargos financeiros e de tarifas de água e esgoto. (Sítio da prefeitura municipal de Sobral www.sobral.ce.gov.br)

⁶³ Sobre esse discussão, ver Manual Para Investir em Sobral. Prefeitura Municipal de Sobral. 2ª edição Sobral: Prefeitura Municipal, 2002 ou www.sobral.ce.gov.br

circuito alimentado também pelas necessidades das classes populares que buscam objetos menos intencionais, embora sejam nomeados como fora da ordem.

Esse projeto de modernização sobralense corresponde a um contexto socioeconômico, político e cultural que, no seu bojo, não se difere da História do Nordeste. Nessa região encontramos uma forte linhagem conservadora, sustentada com as mesmas práticas de exploração há séculos, e não se pode fugir dessa realidade para buscar os elementos de mudanças (CASTRO: 2000, p. 53). A autonomia, a participação e o ser cidadão não se alcançam por decreto, são processos integrados e que exigem mais que um projeto de poucos, exige a compreensão da história e do lugar de todos.

Dessa perspectiva, para se pensar no futuro dessas cidades, precisamos deixar realmente pra trás os arquipélagos de sucesso para poucos, bem como essa lógica de uma ordem local e uma ordem global. As solidariedades organizacionais privatistas não estão com seu relógio único, isoladas das solidariedades orgânicas, comunicacionais e institucionais. E, nesse imbricamento, alguma coisa muda fazendo pulsar o espaço banal, o espaço de todos do qual nos fala SANTOS (1996).

4.7 Sobral: Outros Agentes Institucionais e suas Ações no Presente

Falamos anteriormente das ações mais ligadas à gestão municipal, interiormente ao ambiente institucional. No entanto, outros agentes se destacam como centrais no processo da configuração dos novos usos do território. Como salientamos antes, o modelo de gestão adotado para Sobral, tem na densidade e na qualidade da interação dos agentes socioeconômicos as possibilidades dos rearranjos necessários aos vetores de modernização. Essa prática tem como um dos princípios norteadores o modelo de ação política que se convencionou chamar Desenvolvimento local Integrado e Sustentável.

Em Sobral, encontra-se um ambiente institucional particularmente dinâmico, caracterizado pelo envolvimento crescente dos muitos agentes envolvidos no processo inicial de modernização em 1996. A formulação desse modelo não tem sido seriamente analisada, sendo vista sempre como modelo de vanguarda, como

campo de destaque. Dessa maneira, são apregoadas aos quatros cantos a formulação de políticas públicas de apoio ao desenvolvimento local, o acesso dos pequenos empreendedores ao crédito, a qualificação profissional da população ou, ainda, o desenvolvimento das funções universitárias.

Nesse ambiente uníssono, registra-se um expressivo grau de interações entre instituições privadas e públicas. Nesse espaço, salientamos a participação do Banco do Nordeste do Brasil, envolvido nas preocupações do “desenvolvimento local”, agindo no campo da mobilização dos agentes sociais endógenos em torno de projetos de desenvolvimento e na identificação das potencialidades produtivas.

Posiciona-se como espaço apto a instigar o intercâmbio entre o poder público, a sociedade civil, o mundo empresarial, instituições públicas e privadas. No que se refere a sua ação no âmbito das finanças, oferece acesso ao crédito para micro e pequenos empresários, mediante a preparação de um projeto que seja exequível, do ponto de vista da geração de emprego e renda, a participação em curso de capacitação e a liberação do empréstimo que ocorre num prazo máximo de quatro dias.

Quanto as políticas de capacitação, formação e qualificação profissional, muitas instituições públicas e particulares oferecem cursos e estágios de diferentes níveis voltados para diversas atividades econômicas: o Sebrae, o Sine/IDT, Centec⁶⁴, a UVA, o BNB, a própria Prefeitura, etc.

A UVA tem sido mais que uma parceira nesse processo de modernização, pois, ao se projetar a partir também da segunda metade dos anos de 1990, tem sido um suporte de desenvolvimento central na região Norte do Ceará, presente em outros estados não como universidade pública, mas através de franquia concedida a empreendedores privados.

A UVA funciona também como vantagem comparativa para atrair investimentos, ajudando no papel de destaque ocupado por Sobral. Do ponto de vista de novas práticas de consumo, a presença de milhares de estudantes e funcionários representa uma circulação de dinheiro na cidade, estimulando os

⁶⁴ Na década de 1990, os Centros de Ensino Tecnológico/ Centec são instalados em pontos estratégicos do estado. Sua criação liga-se à proposta de ensino profissionalizante, idealizado por Ariosto Holanda, Secretário de Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará, no governo de Tasso Jereissati.

circuitos da economia urbana. Da perspectiva da formação, a Universidade também é para muitos jovens a ponte possível de emancipação. Esse papel dinamizador da UVA aparece nas análises de COELHO:

Tendo como pilares acadêmicos uma estrutura organizacional amparada em seis centros de ensino e pesquisa e um conjunto de Cursos de Graduação (...), a UVA projeta-se não como principal *pólo de modernização*, mas como a mais significativa agência de desenvolvimento na região Norte do Ceará. Essa instituição comanda há mais de vinte anos a formação profissional e, por conseguinte, a inovação na Zona Norte do Estado. (2000. p. 94).

Identificamos que as abordagens da educação profissional se limitam às questões técnicas e informativas, o que pode ser visto como um fator limitante das mudanças nos comportamentos dos cidadãos. E mesmo que possa surgir dessa formação meramente técnica agentes produtivos, como impõe a política neoliberal, dificilmente serão sujeitos ativos de um processo de transformação político-social.

Uma verdadeira capacitação deve primeiramente ter uma filosofia subjacente: o homem como sujeito ativo de sua história e de seu destino. O homem sujeito, é capaz de respostas, julgamento e ação sobre o mundo. Deve ter também objetivos de mudanças na sociedade e objetivos de mudanças organizacionais, ou seja, capacitar é construir uma nova cidadania, uma nova relação entre Estado e Sociedade (JORDAN & ZAPATA, 1997/1998).

No capítulo seguinte, discutiremos os circuitos da economia urbana em Sobral dentro desses sistemas de objetos e ações. Construímos uma caracterização desses circuitos, suas formas de uso do território no presente, as práticas seletivas e seus desdobramentos nos vários lugares da cidade de Sobral.

TERCEIRA PARTE

RELAÇÕES, ARTICULAÇÕES E TRAÇOS DOS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA EM SOBRAL E AS NOVAS DESIGULDADES SOCIOESPACIAIS

CAP V - OS VASOS COMUNICANTES
DOS CIRCUITOS DA ECONOMIA
URBANA EM SOBRAL

CAP VI - SOBRAL: O “GRITO DO
TERRITÓRIO”

CAPITULO V

5. OS VASOS COMUNICANTES⁶⁵ DOS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA EM SOBRAL

Um dos dois circuitos é o resultado direto da modernização tecnológica. Consiste nas atividades criadas em função dos progressos tecnológicos e das pessoas que se beneficiam deles. O outro é igualmente um resultado dessa modernização, mas um resultado indireto, que se dirige aos indivíduos que só se beneficiam parcialmente ou não se beneficiam dos progressos técnicos recentes e das atividades a eles ligadas.

(SANTOS, 1979, p.38)

Neste capítulo analisamos os circuitos da economia urbana na cidade de Sobral, seus aspectos definidores, suas articulações, sua força no espaço urbano, a dispersão com concentração...

⁶⁵ Expressão usada por SILVEIRA (2004), In: Cuadernos del Cendes, ano 21, Caracas, Terceira Época, set/dez de 2004. ISSN: 1012-2508. Texto: *Globalização e circuitos da economia urbana em cidades brasileiras*.

5.1 Crescimento e Diversificação dos Dois Circuitos

Conforme discutido no capítulo IV, depois de 1996, Sobral passa por mudanças no quadro administrativo⁶⁶, onde o gestor público, com visão mais modernizante, assume juntamente com outros agentes a promoção do desenvolvimento econômico. A cidade começa a receber maciços investimentos em infra-estrutura, implementação do transporte coletivo, densa rede de comunicação, aumento da utilização da informática, materialidades que implicam diretamente no aumento da fluidez e em novas práticas seletivas do uso do território.

As forças de modernizações impostas tanto do interior como do exterior são extremamente seletivas em suas formas e em seus efeitos. As variáveis modernas não são todas recebidas ao mesmo tempo nem no mesmo lugar, porque a história se tornou espacialmente seletiva. Com cada vaga de modernização, o impacto destas forças produz alterações na importância das diversas variáveis, cujas combinações dão a um ponto no espaço suas características. O resultado é uma grande instabilidade na organização espacial, com desequilíbrios e repetidos reajustes. (SANTOS, 2003. p. 171)

Essas mudanças facilitam a realocação dos recursos “humanos” e econômicos. O comércio e os serviços se modernizam e se expandem, o território vai acolhendo a implantação de rede de fibra ótica, TV por assinatura, internet banda larga, *cyber café*, *lan house*, *fast food*, acréscimo de sinais dos telefones celulares, etc. Assim, vai se redesenhando o mapa da cidade.

Em 1996, Sobral apresentou um quadro composto por 408 estabelecimentos econômicos, no período que compreende dez anos se ampliaram enormemente, totalizando em 2006 cerca de 3.724 estabelecimentos cadastrados junto ao setor de arrecadação do município e/ou a Secretaria da Fazenda do Estado (Sefaz). As atividades estão distribuídas da seguinte forma: 58,32% pertencem ao ramo comercial, 31,98% aos serviços e 9,69% ao ramo industrial. (Gráfico 2)

⁶⁶ Do ponto de vista institucional, a constituição de 1988 favoreceu o aumento da ingerência e das competências das administrações públicas municipais. Em Sobral, essa conquista foi fundamental para o movimento político desencadeado em 1995.

Gráfico 2: Atividades Econômicas da Cidade de Sobral – 2006

Dados: CNAE. Elaboração: Nossa

Conforme mencionado no capítulo I, o circuito superior marginal se bifurca em superior marginal emergente e superior marginal residual, sendo “constituídos de formas de produção menos modernas do ponto de vista tecnológico e organizacional”, conforme (SANTOS 2004, p. 103). Eles se articulam ora com os circuitos mais modernos, ora com o circuito inferior, pois, mais do que no passado, os estabelecimentos pertencentes a esses circuitos se vestem de flexibilidade, que lhes permite atender aos mais diversos consumidores.

Em Sobral, as dinâmicas do circuito superior marginal e residual são animadas pelo comércio e serviços que representam cerca de 33,77% do PIB municipal, participação inferior à indústria, que corresponde a 64,93 %, mas muito superior ao PIB agrícola que é de 1,30%. Quanto ao pagamento de tributos, a atividade comercial tem grande contribuição de ICMS, com destaque para os seguintes estabelecimentos: Gomes Ponte e Cia. (móveis e artigos para habitação); R. Lopes Material de Construções; *Free Shop* importadora (artigos de boutique); Auto Norte (Veículos); e Supermercados Rainha, Pinheiros Supermercados e *Super Lagoa* também supermercado. No tocante à ocupação, o comércio emprega 19, 52% da População Economicamente Ativa/ PEA e os serviços, 37, 42% (IDT, 2002).

O destaque dos dois circuitos da economia urbana aparece revelado não somente pelos dados quantitativos, mas também pelas visíveis transformações no seu espaço urbano. Paralela às atividades ditas ‘legais’ do circuito superior, aparece uma crescente atividade ligada ao mercado dos ambulantes, que estamos tratando em nosso trabalho como pertencente ao circuito inferior.

O aumento do número de camelôs nas praças e em vias públicas da cidade está preocupando comerciantes e também a Prefeitura Municipal de Sobral (...). Mesmo sem conhecimento do número de camelôs existentes na cidade, até o final do ano a Prefeitura promete agir para promover um ordenamento. (jornal O NOROESTE, *on line*. 26/11/06)

A tentativa de desvendar os novos usos do território por esses circuitos e seus desdobramentos socioespaciais nos levaram a elaborar e aplicar um questionário, junto a cinquenta por cento dos trabalhadores do circuito inferior no centro da cidade, sendo aplicados 85 questionários. Mas essa amostragem corresponde a menos de cinco por cento quando considerados todos os informais dentro da cidade, segundo números e definição do (IDT/2004)⁶⁷. Detemos-nos aos pontos de maior incidência desse circuito, tendo como atributo o uso do espaço público para se viabilizar.

A tabulação desse questionário tornou possível o conhecimento, embora parcial da realidade, e como se compõe o circuito inferior em espaços considerados e utilizados como seletivos. Não se tem um estudo preciso da realidade do ambulante em Sobral, apesar do poder público reconhecer a sua força, pois tem buscado o enquadramento dessa atividade dentro de um sistema de normas, com programas de treinamentos e tentativas de padronização.⁶⁸

Identificamos ainda prestadores de serviços tradicionais pertencentes ao circuito inferior que resistem ao tempo e se espalham pela cidade a exemplo das costureiras, chapeleiras, dos carroceiros, canoeiros, flanelinhas e outros. Muitos desses trabalhadores sempre residiram na cidade e nunca viram suas condições de vida mudarem, moram em bairros que nasceram de ocupação ou em lotes adquiridos com muito sacrifício longe do centro, outros são migrantes que vêm de cidades vizinhas em busca de melhores condições de vida e encontram no circuito inferior a única forma de sobrevivência.

Além do terciário formal, utilizando redes técnico-informacionais, cresce o setor informal em razão das migrações que se deram de modo rápido nas cidades

⁶⁷ Para o IDT, a taxa de ocupação informal é mensurada pelo grau de informalização do mercado de trabalho, através do quociente entre ocupados informais e a população ocupada total.

⁶⁸ O que se constata é que, embora não haja dados oficiais sobre o comércio ambulante que estamos analisando em Sobral, o mesmo tem visivelmente aumentado em anos recentes, passando por tentativas de normatização por parte do poder público. Depois de 1996, eles vêm sendo colocados no espaço denominado “camelódromo”. Em 2006 foi elaborado um projeto através da Secretaria da Tecnologia e Desenvolvimento Econômico do Município, voltado à capacitação desses trabalhadores, chamado de O Empreendedor Itinerante-EI, visando incentivar a profissionalização e padronização dos mesmos.

médias, gerando novas categorias de trabalhadores de rua. (AMORA & COSTA, 03/12/06. Caderno Pensar o mundo do amanhã. JORNAL O POVO. p. 10)

Outros procedimentos foram ainda realizados por ocasião da pesquisa, dentre eles: levantamento bibliográfico e documental junto ao IBGE, anuários estatísticos do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece). O trabalho de campo consistiu em visitas aos vendedores ambulantes, para escolha da área de aplicação do questionário, em setembro de 2006. Esses procedimentos nos ajudaram na formação de um banco de dados para elaboração de mapas temáticos, gráficos e tabelas.

Quanto aos dados referentes às atividades da indústria, do comércio e dos serviços “legalizados”, foram coletados nos registros da CNAE-IBGE, junto à Secretaria de Finanças do Município de Sobral. A partir deles, traçamos um perfil das atividades, suas tipologias, seus entrelaçamentos, sua distribuição pelo território. Na realidade, falar das atividades econômicas em Sobral, antes de 1995, se torna uma difícil tarefa, pois o cadastro dessas atividades de forma mais organizada somente vai ocorrer depois de 1996, com informações ainda muito fragmentadas e de difícil acesso para aqueles que se lançam ao trabalho de pesquisa.

Na primeira gestão de Cid Gomes (1997-2000), conforme capítulo anterior, ocorreu um aumento significativo da arrecadação, prática prioritária como uma das formas de qualificar e aumentar recursos para a máquina pública. Para tanto, o primeiro passo foi a informatização e o cadastramento para a formação de um banco de dados. Foi fechado também um convênio com a Sefaz/Agência Sobral para troca de informações cadastrais.

Os estabelecimentos de serviços, embora divididos em um quadro de referência apresentado pela CNAE, foram reagrupados de forma meticulosa, resguardando as especificidades requeridas pela nossa pesquisa: a) Serviços de reparação de veículos, objetos pessoais e domésticos; b) Alojamento e alimentação (bares, lanchonetes, motéis e hotéis); c) Transportes, armazenagem e comunicações; d) Intermediação financeira, seguro, previdência complementar e serviços relacionados. Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas e pessoais; e) Administração pública, seguridade social, defesa, educação, saúde, outros serviços coletivos, associativos, sindicatos e outros

serviços pessoais. Conforme pode ser observado na (Tabela 6). Quanto aos dados do comércio, nos foi disponibilizado o total deles com seus respectivos endereços. Após checagem dos dados, compusemos os traços de sua expansão, territorialização e tipologias predominantes.

Apesar de permanecer como cidade monocêntrica, como a maioria das cidades intermediárias, surgem em Sobral algumas áreas com aspectos de subcentros, apresentando novos usos, vivenciando uma (re) distribuição, ainda acanhada dos estabelecimentos de serviço e de comércio. Diferencia-se no que consiste às tipologias, considerando as diferenças de renda manifestadas pela forma de morar, consumir e circular dos moradores da urbe.

A paisagem urbana modifica-se, identificamos muitas lojas com modernas fachadas, as residências também são reformadas, demonstrando em parte a força das modernizações nos gostos e hábitos de velhos e novos moradores. A melhora nas edificações estão aliadas à expansão do ramo da construção civil, seguindo um padrão requintado. Por outro lado, aumenta também a população, morando em condições insalubres nas áreas de risco. Encontramos, entre os moradores dessas áreas, operários da construção civil, que, segundo sua associação, têm sido comum às empreiteiras trazerem seus trabalhadores de fora, até mesmo para construção de obras para a prefeitura, deixando uma grande massa de trabalhadores locais sem trabalho.

A atividade industrial⁶⁹ é outro fator que ajuda a estimular também a expansão dos pequenos estabelecimentos e serviços menos modernos. Mas adensam-se pelo território os comércios e os serviços mais sofisticados, ocorrendo o “entrelaçamento” desses estabelecimentos.

Dentro dessa conjuntura, vai se projetando o uso racional do território sobralense, com uma demanda crescente por profissionais mais qualificados e/ou ligados ao mercado das novas profissões: especialistas em informática, designers, arquitetos, médicos de todas as especialidades, que se encontram nas grandes cidades como pertencentes a um circuito superior marginal emergente. Esse crescimento contribui para novas divisões de trabalho.

⁶⁹ A expressão industrial de Sobral está amparada sobretudo no investimento industrial mais significativo na década de 1990, como o da empresa Grendene, que emprega mais de dez mil trabalhadores.

La decadencia y emergencia de profesiones y empresas vinculadas las formas hegemónicas de hacer y de mandar alcanzan directamente el circuito superior marginal. Mientras ciertos saberes se desvalorizan, otros surgen. (SILVEIRA, 2004,p.8)

Tabela 6: SOBRAL- USO DO TERRITÓRIO PELOS SERVIÇOS (1996 e 2006)

BAIRROS		1.Serviços reparação de veículos, objetos pessoais e domésticos	2.Alojamento e alimentação	3.Transportes, armazenagem e comunicações	4. Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados, atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados	5. Ad. Púb. Def. Seguridade social. Ed., Sad., Serviços Sociais...	Total
CENTRO	1996 2006	8 40	8 125	19 94	37 248	66 334	138 841
Sumaré	1996 2006		2	1	2	5	10
D. José	1996 2006			2		2	4
D.Olimpio	1996 2006				4	1 5	9
T.Novos	1996 2006		1		1	5	7
A. Cristo	1996 2006		8	2	4	5	19
Junco	1996 2006	1	16	13	2 32	2 43	4 105
C. Velhos	1996 2006	2	1 8	1	1 10	2 17	2 38
Pq. Silvana	1996 2006		1		3	2	6
Colina	1996 2006		1	1	1	2 6	2 9
Expectativa	1996 2006	1	1	1	2	2	7
C. de Jesus	1996 2006		1		2		3
A. da Bras.	1996 2006		3	1	2	2	8
Betania	1996 2006		3		4	3	10
Derby	1996 2006		6	1	4	11	22

Tabela 6: SOBRAL- USO DO TERRITÓRIO PELOS SERVIÇOS (1996 e 2006)
(continuação)

BAIRROS		1.Serviços reparação de veículos, objetos pessoais e domésticos	2.Alojamento e alimentação	3.Transportes, armazenagem e comunicações	4. Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados, atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados	5. Ad. Púb. Def. Seguridade social. Ed., Sad., Serviços Sociais...	Total
Pedrinhas	1996 2006		4	1	8		13
Cohab II	1996 2006		1		1	2	4
Cohab I	1996 2006				1	2	3
Jatobá	1996 2006					2	2
S. Sabóia	1996 2006		1 9	1 4	1 9	1 9	4 31
D. Expedito	1996 2006			5	1	3	9
Distrito Ind.	1996 2006		2	2	1	1 1	1 6
Padre Ibiap.	1996 2006		3	1 10	6	6	1 25

5.2 A Coexistência dos Circuitos da Economia Urbana e suas Territorializações

Entendemos que tanto o circuito superior marginal emergente quanto o residual (SILVEIRA, 2004, *passim*.) podem fornecer bens e serviços intermediários para dinamizar o circuito superior moderno, e/ou atender às “faixas de mercado e áreas geográficas onde as empresas do circuito superior moderno não querem ou não podem operar” (SANTOS, 1994. p. 97). Dessa forma, Sobral como outras cidades intermediárias do Nordeste brasileiro, têm em termos quantitativos apenas uma fração pequena da sociedade com condições de buscar serviços mais especializados e consumo mais sofisticados, sendo essas necessidades atendidas pelo circuito superior marginal.

Mesmo que essa demanda seja originada muitas vezes pelos produtos que nascem no seio do circuito superior moderno, é suprida pelo circuito superior marginal para essa classe mais elitizada, pois o circuito superior moderno se volta quase sempre ao mercado externo ou para pontos extremamente luminosos do território nacional.

Em cidades como Sobral, quando se aporta investimento com aspectos de circuito superior moderno, é quase sempre descolado do restante do território. Hoje em Sobral, ao lado do circuito superior marginal mais do que no pretérito, há a presença do circuito inferior, para atender às necessidades da classe pobre, necessidades essas quase sempre gestadas em outro segmento social, é o que (SANTOS 1980. p. 25) chama de “efeito demonstração”. Sendo emblemáticos em relação ao comércio de; DVDs, CDs, roupas, bolsas, carteiras, bijuterias, relógios, entre outros;

Essa realidade de consumo, que se manifesta em Sobral, não difere do restante do Brasil, onde há um claro reforço para o pobre consumir da mesma maneira que o rico, onde as diferenças gritantes de renda, leva o primeiro a se contentar com os “genéricos” oferecidos pelo circuito inferior, sendo importante salientar que esse circuito também vende produtos originais, cujos valores são menores não apenas por questões tributárias, mas que, segundo esses

trabalhadores, por visarem à rapidez da venda e o cumprimento no pagamento do produto.

Esses novos hábitos de consumo têm se tornado comum aos habitantes das cidades brasileiras independentes da escala, amparadas por fatores, tais como: a força da mídia; o acesso ao crédito; o papel desempenhado pelo poder público na atração de novos investimentos para essas cidades; a migração juntamente com a criatividade do pobre para sobreviver.

É nesse contexto que em Sobral se apresentam as formas inventivas de convivência entre as atividades mais sofisticadas no que tange ao grau de tecnologia, uso intensivo de capital, mão-de-obra especializada e as atividades menos modernas detentoras de mais criatividade, com pouco capital e muito trabalho.

As disparidades aqui são importantes, pois a procura de homogeneidade é possível em alguns ramos e impossível em outros, onde o peso de uma população em crescimento e de baixo nível de vida, representa uma possibilidade de manutenção das formas menos modernas (SANTOS, 2004. p. 104).

Em Sobral, a expressão do comércio tradicionalmente esteve ligado à produção agrícola, perfil adquirido pelo modo como se processou a ocupação. Essa atividade advinha das feiras que davam apoio ao transporte do rebanho para as oficinas de salga. Os artigos se diversificavam de acordo com as rotas, predominando gêneros agrícolas e a carne seca (ROCHA, 2003, *passim*).

As feiras se territorializaram nas praças e no entorno surgiram as pequenas vendas fixas, dando a Sobral característica de centro comercial de uma vasta área no norte cearense. A comercialização do algodão e do beneficiamento da palha brotada da Carnaúba foram importantes para inserir Sobral nos circuitos do comércio internacional na segunda metade do século XIX.

Confirma-se ainda a sua relevância econômica, em escala regional, através da produção de óleos vegetais, couro, charque. A exportação de muitos desses produtos era realizada via porto de Camocim-CE. Inicialmente pelas mulas, se chegava ao porto e, no século XIX, pela ferrovia. A cidade vai abrigando um comércio cada vez mais denso, a ponto de extrapolar até mesmo a importância de Fortaleza, como já se fez menção no capítulo III.

Nas primeiras décadas do século XX, Sobral perde paulatinamente seu destaque econômico, devido às secas que assolaram o Nordeste, a existência de oligarquias locais, com visão restrita de futuro, sem disposição para investir em atividades mais condizentes com o momento e pelas crescentes funcionalidades dadas a Fortaleza agora com *status* de capital. Fortaleza passa a comandar uma área mais abrangente, contando com a expansão da malha viária, concentração de investimentos produtivos, edificação de novas materialidades construídas através das frentes de serviços.

A retomada de investimento em Sobral vai ocorrer apenas na década de 1960 com as ações da Sudene, mas sem grandes transformações no que consiste à dinâmica dos circuitos da economia. Somente na segunda metade da década de 1990, é que, de fato, as mutações no quadro de investimento vão ocorrer ligadas ao nexo de crescimento não somente nas cidades das regiões metropolitanas.

No contexto da intensificação da globalização, amparada pelo meio técnico científico informacional, Sobral passa a abrigar novos objetos, com “modernas” lógicas que se impõem ao uso do território, no novo comportamento da circulação e do consumo. (Fotos 1 e 2)

Foto 1: Fachadas de Lojas Multimarcas.

Foto 2: Fachadas de Lojas Multimarcas. Foto: Virginia Holanda

Assim, o acirramento da competição aliado a outros fatores, tem sido determinante nas transformações do cenário econômico com intensos rebatimentos no espaço urbano da cidade. A distribuição do comércio pelo território passa por modificações. Em 1996, 84,54% dos comércios registrados estavam no bairro do

Centro; em 2006, 72,79%, ou seja, embora os registros do comércio do Centro sejam crescentes, a busca pelos espaços dos bairros é também representativa.

Como os dados disponíveis são dos estabelecimentos registrados, é possível que haja muitos comércios antigos que tenham buscado sua legalização apenas nos anos recentes em decorrência da rigidez das normas fiscais implementadas pelo poder público municipal depois da primeira metade dos anos 90. Mesmo assim, os bairros além trilhos aparecem abrigando, mais que no passado, atividades comerciais e de serviços, a exemplo do Campo dos Velhos, Junco e Sinhá Sabóia que juntos abrigam quinze por cento do total de estabelecimentos comerciais registrados em 2006, (Tabela 7) os dois primeiros constituem novo espaço de moradia da população com renda mais elevada e o último com forte expansão de casas populares, junto a conjuntos habitacionais mais antigos.

Tabela 7: . Territorialização do Comércio na cidade de Sobral –1996 e 2006

BAIRRO	1996	2006	Ano de > quantidade de registro por Bairro	Total de estab. no ano de > i registro
1.CENTRO	175	1581	1999	248
2.SUMARÉ	sem registro	19	1999	6
3. D. JOSÉ	sem registro	15	2005	4
4. D.OLIMPIO	sem registro	11	2005	5
5. T.NOVS	sem registro	20	2004	5
6. A. CRISTO	sem registro	36	2004	7
7.JUNCO	2	171	1999	29
8. C. VELHOS	1	57	2005	13
9. PQ. SILVANA	2	25	2003	5
10. COLINA	sem registro	3	2004	1
11. EXPECTATIVA	1	18	1999	4
12. C. DE JESUS	1	4	2005	3
13. A. DA BRASÍLIA	sem registro	16	1999	4
14. BETANIA	sem registro	4	0	0
15.DERBY	1	6	2001	2
16.PEDRINHAS	2	7	0	0
17. VÁRZEA G.	0	0	0	0
18. COHAB II	0	8	2003	2
19. COHAB I	0	4	0	0
20. JATOBÁ	0	1	0	0
21. S. SABÓIA	12	98	2005	16
22. D. EXPEDITO	1	8	2002	4
23. D. INDUSTRIAL	1	17	2004	4
24.PE. IBIAPINA	5	45	2001	8
TOTAL	204	2172		370

Fonte: Dados do CNAE. Elaboração Nossa

Conforme já mencionado, a empresa Grendene foi um dos elementos que proporcionou uma renda até então inexistente na região. A entrada desse capital foi significativa para o incremento e aumento do comércio e dos serviços. A ampliação do número de pessoas com renda fixa foi acompanhado de uma modernização na forma de consumir, seguindo a tendência do consumo nacional.

A medida que novos gostos são difundidos pelo país e coexistem com gostos tradicionais, o aparato econômico é forçado a se adaptar tanto aos imperativos de uma modernização poderosa como às realidades sociais novas e herdadas. Isto é igualmente verdadeira para o aparato da produção e para o aparato de distribuição. Desta forma são criados dois circuitos econômicos, responsáveis não apenas pelo processo econômico mas também pelo processo que governa a organização do espaço (SANTOS, 1971, 1972, 1975, 1978).

Se inicialmente o papel de destaque comercial de Sobral, na sua região, era favorecido pela sua localização geográfica, hoje estão presentes, motivações como; força da diversidade dos produtos oferecidos, facilidades de pagamento, concorrência da oferta, diversidade na qualidade do produto, entre outros.;

No presente, a configuração comercial de Sobral não resguarda tanto a ligação com a atividade agrícola, apresentando uma diversidade de produtos. Numa visita ao mercado central e no seu entorno, encontramos de tudo: utensílios domésticos, secos e molhados, roupas, brinquedos, material básico para construção, frutas, verduras etc.

O comércio mais complexo também se diversifica e se amplia sobre o espaço urbano de Sobral, com a comercialização de eletrodomésticos, diferentes ramos de varejo, lojas sofisticadas de roupas, perfumes, celulares, lanchonetes, restaurantes, entre outros. Para o período que compreende 1996 a 2006, o ano de 2005 aparece como o de maior incidência de registro de comércio distribuído pelo espaço urbano de Sobral. Permanecendo o Centro com seu destaque, para o período analisado, o destaque de registro sendo 1999, quando identificamos 248 novos registros. Assim em 2006, ele detém cerca de 2.522 atividades econômicas registradas, dessas; 62,68% sendo atividade comercial, 33,34% serviços e 3,9% de atividade industrial. (Gráfico 3)

Gráfico 3: Distribuição das Atividades Econômicas do Centro de Sobral

Dados: CNAE. Elaboração Nossa

Em termos quantitativos, o comércio se sobressai, principalmente nas vendas realizadas diretas ao consumidor, mesmo que uma vez ou outra se efetuam vendas por atacado. Esses estabelecimentos têm reconhecida predominância de produtos de gêneros alimentícios, algo em torno de 44,88% do total. Em segundo lugar, vestuário, artefatos de tecidos e calçados com 24,37%. Os estabelecimentos de veículos, peças e acessórios, ao lado de material de construção, somados estão em torno de 30,70%.

No comércio atacadista, o destaque fica por conta da venda de tecidos, chapéus de palha, estivas e miudezas. Seu mercado consumidor é formado principalmente pelos municípios de sua microrregião, com mais frequência: Forquilha, Massapê, Groaíras, Cariré, Pacujá, Mocambo e Meruoca. A mobilidade é realizada pelas *Vans*, *Kombis*, *Topiques* entre outros automóveis, que chegam a Sobral todas as manhãs, intensificando os fluxos nas apertadas ruas do centro, área de maior concentração de comércio atacadista. Os passageiros apresentam necessidades distintas, muitos são pequenos comerciantes que vêm se abastecer em Sobral. Conforme a Câmara de Dirigente Lojistas (CDL), cerca de quarenta por cento das vendas do comércio seria proveniente dessa circulação. (Jornal O NOROESTE, *on line*. 15/2/2007)

Quando analisado o comércio atacadista e varejista, no que se refere ao ramo de peças e acessórios para veículos automotores, identificamos um crescimento significativo no ano de 2004, nos bairros fora da área do Centro. Sendo 145

estabelecimentos registrados, desses, 75,86% estão no Centro, não esquecendo que Sobral é grande consumidor de veículos automotores, o que leva também ao surgimento, nos últimos dez anos, de postos de combustíveis. Em 1995, tínhamos apenas três postos registrados e, em 2006, totalizam 32, 62,5% estão fora do Centro da cidade, a mesma lógica de localização das concessionárias de veículos. O comércio de peças e acessórios para bicicleta tem crescido também fora do Centro.

Constatamos que o comércio central aparece com territorializações historicamente definidas, resguardando de forma nítida os vasos comunicantes dos circuitos da economia urbana, muito embora, a partir de 1996 o disciplinamento tenha sido recorrente no que consiste às normas de uso da cidade.

Tomamos o Centro da cidade (Mapa 5), como ponto de partida para compreensão da coexistência dos usos, o que iniciamos, observando as quadras próximas ao terminal rodoviário, nas avenidas Dom José, Menino Deus e Conselheiro Rodrigues Junior e nas ruas transversais, encontramos o predomínio de venda de peças e consertos de veículos, dois postos de gasolinas e hotéis. Na Rua Coronel José Sabóia, encontra-se o território da financeirização, onde estão os Banco do Brasil, Banco do Nordeste, Caixa Econômica, duas agências do Bradesco, Banco Itaú, Finasa e a Casa do Contribuinte, órgão arrecadador do Município. Na mesma rua, há ainda expressiva quantidade de óticas, vendas de acessórios para fotografia, sapatarias. Nas calçadas, um efervescente circuito inferior.

Na Rua Ernesto Diocleciano, paralela ao território da financeirização, estão as lojas de roupas, artigos de cama mesa e banho, sapatarias e as lojas de vendas de eletrodomésticos, muitas delas são filiais de lojas da Capital, tais como a loja de departamento Esplanada, lojas de vendas de móveis e eletrodomésticos (Zenir, Macavi, Rabelo e Liliani). Na travessa Xerex, que liga de forma dinâmica, essas duas importantes ruas do Centro, encontram-se bancas de revistas, casas lotéricas, lanchonetes, cafés e estúdios fotográficos.

MAPA 5

Centro de Sobral - 2006

40°21'15"

40°21'00"

3°42'15"

3°42'30"

LEGENDA

- Terminal Rodoviário
- Prefeitura
- Hospital Santa Casa
- Igrejas
- Cemitério São José
- Praças
- Câmara Municipal
- Mercado Central e Camelódromo
- Área Tombada pelo IPHAN
- Entorno - Proteção a Área Tombada

Elaboração Cartográfica: Franklin Miana
Organização e Fotos: Virginia Holanda

As praças situam-se como importantes divisores das atividades comerciais e de serviços, sendo destaque a Praça Monsenhor Linhares na Igreja do Rosário, espaço reservado às moto-táxis e aos táxis e utilizado também como elo entre as ruas Ernesto Diodéciano e Coronel José Sabóia, com muitos flanelinhas que trabalham, vigiando carros e motos, mesmo nos espaços de zona azul. Essa atividade do circuito inferior aglomera, cada vez mais, trabalhadores.

A Praça Dr. José Sabóia, situada entre as ruas Domingos Olímpio e Ernesto Diodéciano, tem em sua quadra o destacado comércio de lojas de tintas. Seguindo em direção ao oeste do Centro, nas ruas que cruzam a Dr. José Sabóia, o destaque é para o uso do território pelas papelarias, serviços de fotocópia, cartórios, lojas de vendas de celulares e reparos dos mesmos. É o território também das livrarias, vendas de equipamentos para escritório, material de informática. Esses ramos, quando articulados com as bancas de jornais e revistas, totalizam na cidade cerca de 114 estabelecimentos, quase todos no Centro.

Na Praça Boa Vista, nas proximidades da Avenida Coronel Frederico Gomes, encontramos serviços de cartórios, Secretaria de Estado da Fazenda, Senac, ateliê de costura, escritório de assistência contábil, lojas de roupas de grife, lojas de venda de celulares etc. Depois do Largo São Francisco, o território das edificações tombadas e restauradas, nas vias de maior circulação clínicas médicas, consultórios odontológicos, cursos de idiomas, doçarias, sorveterias; nas ruas secundárias, o circuito inferior aparece apertado, através de atividades ligadas a consertos de sofás, calçados, móveis, serviços de metalurgia.

Ao sudeste do Centro, encontramos a Praça da Sé, nas adjacências da margem esquerda do Rio Acaraú, separada da Câmara Municipal pela Rua Oriano Mendes. Nesta praça, as funcionalidades mudam com o passar das horas: no período da manhã, território das topiques e carros de fretes vindos de cidades vizinhas, também um dos pontos preferidos dos ambulantes, com o predomínio da venda de lanches. À tarde um grande vazio toma conta e, já no turno da noite, grande movimento em função das missas e com a presença de outros vendedores ambulantes. Na contigüidade da praça, estão equipamentos, tais como: Instituto Vale do Acaraú, Museu Madi, Oficina Escola, Restaurante Popular, Prédio da Biblioteca Municipal, Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Construção Civil (Fotos 3, 4 e 5).

Foto 3: Parte interna do Restaurante popular

Foto 4: Fachada Biblioteca Pública

Foto 5: Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de construção civil. Fotos: Virgínia Holanda

Na parte mais ao noroeste do Centro, encontramos a Praça de Cuba que tradicionalmente foi utilizada pelo comércio ambulante, mas depois de reformada, dentro do ideário de embelezamento dos ambientes, na gestão de Cid Gomes, teve uma refuncionalização, orientada para espaço de encontro e de contemplação. Na prática, tem sido retomada “discretamente” pelo circuito inferior, ligada a vendas de produtos de forma flutuante, a exemplo dos vendedores de água de coco. No caso específico desses trabalhadores, estão ligados a empresas, sendo identificadas duas delas, cada uma com cerca de 25 carrinhos espalhados pelo centro.

Os vendedores de água de coco recebem por seu trabalho vinte centavos por cada copo de água vendido, que custa cinquenta centavos, sem nenhum tipo de

ajuda de custo, nos fazendo lembrar a “antena do circuito superior”. Está aí, na realidade, uma adaptação do circuito superior que visa a atender uma clientela em crescimento e fazer concorrência ao circuito inferior em seu próprio terreno: *a rua*. (SANTOS, 2003. p. 86)

Seguindo desta praça pela Rua Viriato de Medeiros em direção ao Mercado Central, no primeiro quarteirão do lado direito, o predomínio de armazéns com venda a varejo e por atacado e, do lado esquerdo, farmácias, pequenos armarinhos, lojas de variedades, vendas de acessórios e de relógios. Na calçada, o circuito inferior mais fixo, voltado principalmente ao serviço de conserto de relógios, dentro de uma coexistência harmônica entre os trabalhadores da calçada e os pequenos lojistas que têm seu comércio registrado nessa rua, pois, o conserto muitas vezes é feito através de acessórios vendidos nas respectivas lojas.

Chegando ao Mercado Central, toda a quadra está tomada pelo circuito inferior. Vende-se de tudo. No espaço interno, estão os comerciantes registrados; quanto a área externa, muitos dos ambulantes saem do mercado em busca de uma clientela que não entra no mercado, se juntam ao contingente de ambulantes não registrados. Nesse caso, passando também à ‘ilegalidade’, pois estão fora dos seus boxes, se acotovelando nas calçadas do mercado, nas ruas Desembargador Moreira da Rocha, Viriato de Medeiros, Cel. Frederico Gomes e na Avenida Diogo Gomes. A cinco quadras do Mercado Central, encontra-se o prédio da Prefeitura Municipal denominado “Palácio do Governo Municipal” .

Nas adjacências do Cemitério São José, a dois quarteirões do mercado, o comércio inferior reaparece todos os dias da semana pela manhã, numa prática quase totalmente de escambo. Troca-se de tudo, sendo conhecida como “*feira do malandro*”, expressão cunhada por ser comum encontrar entre os objetos oferecidos produtos adquiridos de forma duvidosa. No mesmo espaço, encontramos os tradicionais carroceiros, cujas carroças são importantes meios de carreto para a população de baixo poder aquisitivo, sobretudo para o serviço de mudanças e de material de construção.

Em direção ao sudoeste do Centro, na área que abrange a Rua Anahid Andrade, na via férrea, limite oficial do Centro, encontramos um uso menos denso no que consiste ao comércio ‘legalizado’, sendo a parte da cidade onde se agregam outros serviços privados de saúde, como laboratórios, Hospital da Unimed, clínicas

médicas. Encontramos também academias de ginástica, agências de viagens, uma agência dos correios, escritórios de arquitetura, lojas de produtos de beleza. Esse território acolhe ainda equipamentos públicos, como o Fórum José Sabóia, Delegacia da Polícia Civil, INSS, Museu do Eclipse, agência do IBGE, Hemoce, Hospital da Santa Casa e outros. É no complexo do Hospital da Santa Casa onde encontramos igualmente o uso da calçada como território do circuito inferior, com predomínio de venda de brinquedos, bijuterias e roupas. Quando realizamos nossa pesquisa, totalizavam trinta e quatro ambulantes com barracas armadas.

Quando buscamos as atividades comerciais com características mais modernas, fora do centro da cidade, identificamos os supermercados como um desses empreendimentos. Eles têm se apresentado como um dos ramos que mais vem modificando a paisagem urbana de Sobral, posto que criam uma estrutura de centro comercial denominados de *open mall*. “Acompanham” e dinamizam o espraiamento da cidade, no seu sentido norte e oeste em direção à Serra da Meruoca.

Essa escolha parece estratégica e por isso chama atenção. Assim como Sobral, outros pontos selecionados no território cearense por esses empreendedores atingem mercados das cidades pequenas e as que estão no seu entorno. Essa busca por novos territórios se configura como fenômeno recente no Ceará, são empreendimentos pertencentes às redes que até então só funcionavam em Fortaleza, capital do estado.

Mas esses investidores acertam em cheio, a demanda por alimentos não pára de crescer e a oferta busca acompanhar esse ritmo. Em nossa pesquisa, encontramos esse ramo registrado como comércio de alimentos. Com nomenclaturas distintas (minimercados, supermercados, mercearias e armazéns varejistas), há cerca de 250 do total dos 2.172 estabelecimentos comerciais, em 2006. São registrados como supermercados cerca de 21. Até 1995 apareciam apenas três registros, são trinta minimercados e, entre

mercearias e/ou armazéns, no total 199 estabelecimentos. Desses últimos, 48,24% estão fora do Centro da cidade, mas representando uma fatia pequena da dinâmica dos bairros, pois fazemos constar dentro desses, inúmeros botecos que vendem de tudo. (Mapa 6)

Não estando contabilizados nesse quadro, o comércio varejista de doces em geral e produtos de padaria, ramo que se apresenta com grande crescimento em 1999. Hoje, são cerca de oitenta estabelecimentos registrados, dos quais dezenove estão nos bairros. Quanto aos frigoríficos, são 43 registrados, já o comércio varejista especificado como de bebidas e de cigarros aparecem com 58 registros.

Retomando a questão da escolha dos supermercados por outros territórios fora da Região Metropolitana de Fortaleza, pode ter ocorrido por duas razões básicas: a) A chegada de grandes supermercados pertencentes ao circuito mais moderno, tais como Carrefour, Extra, Macro e a expansão territorial da rede Pão de Açúcar, que avança no espaço da Capital; b) A existência de um vasto mercado consumidor, nas cidades intermediárias, formado principalmente por migrantes vindos de outras regiões do país ou da Capital, com poder e hábitos de consumos não supridos plenamente pelos supermercados locais.

Esses migrantes são profissionais que, em grande parte, estão inseridos no nascente circuito superior marginal emergente e/ou no circuito superior marginal residual da cidade, haja vista a chegada desses supermercados não ocorrer isoladamente. Ao lado deles, assiste-se à entrada de serviços mais especializados, a exemplo dos serviços jurídicos, de contabilidade, auditoria, consultoria empresarial, serviços técnicos de engenharia e arquitetura, publicidade e propaganda, clínicas médicas, consultórios odontológicos e lavanderia.

(...) A instalação de grandes indústrias como a Fábrica de Cimento Portland (1964) e a Grendene (1993) vai resultar no aparecimento de uma classe média de técnicos e empresários que passam a ter um maior poder aquisitivo, influenciando no surgimento de comércios e de serviços especializados para atender a esta demanda solvente. Logo, a cidade atrai uma mão de obra qualificada (como médicos, os professores universitários, etc.) para compor o seu 'terciário moderno'. Esta mão de obra especializada do terciário se soma à classe média já existente, provocando um aumento no poder e nas formas de consumo, com o surgimento de diversos supermercados, concessionárias, clínicas médicas, salões de beleza, academias de ginásticas, lojas de informática, etc. (ASSIS, *et al.* 2005. p. 5)

A chegada dos mesmos a Sobral não têm provocado o fechamento dos supermercados existentes, a exemplo do Alan Supermercado e Supermercado Rainha. O Super Lagoa e o Pinheiro Supermercado, dois supermercados, que até então tinham uma tradição comercial em Fortaleza, encontraram em cidades como Sobral, Juazeiro do Norte, Quixadá, as possibilidades de driblarem os fortes concorrentes, pois, ao menos por enquanto, as grandes redes se contentam com o mercado consumidor da Capital, ao contrário do que acontece em estados como São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, onde essas redes espalham-se pelo interior dos respectivos estados. (Fotos 6, 7 e 8).

Foto 6: Fachadas dos Centros Comerciais Lagoa...

Foto 7: acima...Rainha

Foto 8: ao lado...Pinheiros.
Fotos: Virginia Holanda

Esses estabelecimentos, que chegaram há cerca de três anos, são mais sofisticados do que os já existentes na cidade, mas acabaram por impulsionar a melhoria dos supermercados locais, a exemplo do Supermercado Rainha, que se tornou também sofisticado com ares de moderno, embora tenha investimentos em outras duas cidades no norte cearense, não tinha característica de rede, não podendo nem mesmo ser classificado como detentor de significativo capital. Todavia, enquanto estratégia territorial e no estímulo ao consumo, ele já detinha um papel preponderante.

Os proprietários do Rainha contavam com dois supermercados na cidade de Sobral chegaram a fechar um deles, mantendo um, no molde “antigo” e inaugurando outro em espaço e com aspecto diferente; ao manter um dos supermercados, estão zelando pela manutenção de uma clientela já conquistada, uma vez que a grande maioria do consumidor dos novos supermercados tem um outro perfil. Esses novos consumidores apresentavam pouco contentamento com os supermercados existentes; em sua maioria, são pessoas que residem em Sobral há menos de dez anos, consomem em Sobral, principalmente gêneros alimentícios.

O Supermercado Rainha surpreendeu, ao construir um prédio dentro dos mesmos padrões de centro comercial que os oriundos de Fortaleza. Chegando em termos de área construída a ser até mais amplo, está localizado no Bairro Derby, na Avenida da Universidade, uma das vias mais movimentadas fora do centro da cidade. No seu centro comercial funcionam: uma lanchonete de rede fast food, uma locadora de vídeo, serviços de cópia, cyber café, uma loja de roupa de griffe, uma autorizada da Chervrolet, e inovaram ainda com a construção de um restaurante voltado para o consumo da classe média dentro do próprio supermercado com o centro comercial todo climatizado, abrigam ainda dois caixas eletrônicos: um do Bradesco e outro vinte quatro horas.

O que chama atenção é que o investimento visivelmente vai além dos dois concorrentes vindos de Fortaleza, como se fosse uma resposta: presentearam o público sobralense com um investimento à altura dos sobralenses. No slogan está estampado: sobralense de coração, expressando a identidade do povo sobralense com o respectivo supermercado.

Quanto aos serviços e comércios encontrados no centro comercial do Pinheiro Supermercados, estão serviços de finanças através de um quiosque de

atendimento do Banco do Brasil; dois caixas eletrônicos, um da rede vinte e quatro horas e outro do Banco do Brasil; um salão de beleza; duas salas de cinema; correios; um cyber café gratuito mantido pela prefeitura e o Sebrae; duas lanchonetes; um restaurante e duas lojas de artigos de presentes; dentro do supermercado, padaria e lanchonete. Esse estabelecimento está localizado na Avenida John Sanford, em uma das saídas da cidade, no Junco, vizinho ao bairro popular Terrenos Novos, o primeiro passa por intensa valorização dos seus imóveis e terrenos:

A instalação do complexo, num espaço da cidade pouco valorizado, revitalizou a incipiente função comercial do bairro, que se destinava às classes populares, incorporando valor aos lotes disponíveis, além de dinamizar os fluxos. (MARTHA JUNIOR, 2004. p. 90)

Já os serviços do centro comercial do Super Lagoa, localizado na Avenida do Contorno, no Bairro Campos dos Velhos, espaço também de fluidez, estão um caixa eletrônico do Bradesco, um restaurante, um posto de gasolina; uma locadora de vídeo e uma lanchonete, um fato que chama atenção é o ritmo que tomou o comércio e os serviços nas áreas adjacentes a esse centro comercial.

Saindo da esfera dos centros comerciais, que estão buscando novos territórios, encontramos as vendas ligadas aos artigos médicos, ortopédicos e de medicamentos, acompanhando o compasso das clínicas que chegam à cidade. Também têm chegado lojas de acessórios e material de comunicação, lojas de móveis e tapeçaria. Multiplicam-se pelo espaço urbano ainda os estabelecimentos de material de construção em geral, com destaque para: ferragens, metalurgia, madeira e artefatos, comércio de concreto usinado e pré-misturado, que são entregues nas obras de construção, com emprego de tecnologia, todas elas acompanhando o ritmo rápido das construções.

As farmácias, que até 1995 apresentam apenas treze registros, têm hoje 57, onze dessas estão nos bairros além-centro. Os artigos de perfumaria e cosméticos apresentam papel de destaque: são 43 estabelecimentos, todos registrados depois de 1998, estando distribuídos de forma também dispersa pelo território.

Quanto ao comércio mais tradicional, chama atenção as lojas de departamentos, variedade, magazines, comércio de tecidos, artigos de armarinho, vestuário, cama-mesa-banho. Em 1999, o ano de maior aumento de registro,

contabilizam-se 20.39% do comércio registrado. Do total de registros, 15,80% estão nos bairros além-centro.

As chamadas “bodegas”, se mantendo entre o mito da “legalidade e ilegalidade”, resistem às modernizações. Elas funcionam historicamente nos bairros além-trilhos, estão nos bairros mais antigos, zelam pelo fiado anotado em um caderneta, a mercadoria pode ser vendida a “retalho”, empacotados no tradicional papel embrulho e pesados nas velhas balanças; não tem caixa registradora e com direito a uma conversa animada junto ao balcão, fazendo lembrar o período popular da História no tempo dos homens pobres e lentos. SANTOS, (1996).

Esses estabelecimentos são também pontos de referências desses bairros. Visitamos três que ficam próximos aos maiores supermercados. São emblemáticas a bodega do seu “Zé Maria”, no bairro Campos dos Velhos, e a bodega do “Chico Caburé”, no bairro Pedrinhas limite do bairro do Derby. Ambas em funcionamento há mais de trinta anos, os clientes recorrem a elas em qualquer necessidade, mantendo um cotidiano de pessoalidade. No Bairro do Junco, encontramos a “bodega do Zé da Rita”, em funcionamento há quase vinte anos.

Formam essas bodegas verdadeiras rugosidades coexistindo com os empreendimentos modernos, quando recorremos aos circuitos da economia urbana. Coexistência que vai ajudando a moldar os subnúcleos das áreas próximas ao centros comerciais, em que atividades de portes distintos se encontram nas avenidas de maior circulação que ligam o centro aos bairros mais distantes.

Além das avenidas onde estão localizados esses empreendimentos, outros espaços congregam serviços privados e equipamentos públicos de relevância no perímetro urbano que reforça a valorização da terra urbana, com os seguintes destaques. Na zona Norte, principais áreas de expansão da cidade: O Crede 06, Corpo de Bombeiros, Aeroporto Virgílio Távora, Ginásio Poli esportivo, Detran, Dert, Ibama, FNS; na zona Sul: Dner, Embrapa, Presídio, Clube BNB; na zona Oeste: Chesf e Coelce.

Esses serviços têm ajudado no tímido processo de descentralização do Centro, mas rumo aos espaços seletivos definidos pelos interesses privados e pelas ações de disciplinamento da gestão pública. Em termos percentuais, em 1996, cerca de 92% dos serviços registrados estavam no Centro da cidade e apenas oito por

cento nos bairros além-trilhos. Em 2006, o Centro aparece abrigando 70,61% dos serviços, uma mudança considerável. Os bairros, que se destacam com novos usos de serviços, seguem a mesma lógica do comércio, Junco, Campos dos Velhos e Sinhá Sabóia.

A convivência dos circuitos da economia urbana, na cidade de Sobral, demonstra que o cotidiano ainda não se organiza em função dos centros comerciais mais modernos. Muito embora a paisagem mude quando eles baixam as portas, não fecham os olhos das pessoas como nas grandes cidades, onde os supermercados “garantem a vida quando estão aberto e a morte quando estão fechados” (SILVA, entrevista a FOLHA DA UVA, 10/6/06).

Sobral - Uso do Território pelo Comércio Registrado - 2006

5.3 O Circuito Inferior em Sobral

O circuito inferior abriga no Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios/PNAD (2003), 47, 5 milhões de trabalhadores, e, no Ceará, a ocupação é de cerca de 768.000 trabalhadores. Em Sobral, fala-se em torno de dezenove mil trabalhadores vivendo na “informalidade” de modo distinto, segundo informações do IDT(2004), quanto aqueles que estão como trabalhadores ambulantes em Sobral, não se sabe ao certo, nos deparamos com eles nos pontos de maior circulação, ganhando a preferência do consumidor pelo preço, pela rapidez no atendimento, pela diversidade dos produtos vendidos:

No entanto, é perigoso classificar todos com o mesmo rótulo, tendo em vista que há uma enorme variação entre esses comerciantes, que se diferenciam não só pela forma de propriedade das mercadorias e de ramo de comércio (chegando mesmo a existir ruas especializadas), como também pela ‘propriedade do ponto’, na rua em que se estabelecem, o que os diferencia de uma parte dos ambulantes que efetivamente deambulam, carregando nos braços os produtos que oferecem. Trata-se de uma atividade extremamente hierarquizada e que, numa sociedade em que grande número de pessoas não encontra emprego, se torna um meio de garantir a sobrevivência, esta também muito diferenciada entre eles. (PINTAUDI, 2001, p.150)

Atende um mercado consumidor que não se limita ao intraurbano como nas grandes metrópoles, chegando a apresentar uma abrangência regional, pois, segundo os ambulantes entrevistados, sua clientela é composta de pessoas de todas as classes sociais e dos mais diversos municípios.

O circuito inferior, tanto do ambulante flutuante como do fixo que se aproximam pelo uso comum do espaço público, enquanto espaço de trabalho, têm seus territórios de maior expressão na calçada do Hospital da Santa Casa. Nas ruas, estão principalmente na: Ernesto Diocleciano, Viriato de Medeiros e Coronel José Sabóia; ainda nas praças de Cuba e da Sé e em toda a quadra do Mercado Central.

Nesse circuito, estão os mais diferentes produtos, que agrupamos em seis tipos, conforme (Gráfico 03). Os alimentos constituem o essencial de suas vendas. Quanto a localização, conservam certa territorialização. Assim, na quadra do Mercado Central, destaca-se a venda de lanches, de frutas, legumes, verduras e ervas.

Os carrinhos de churros, de picolés, de água de coco compõem cerca de 33%, sendo que sua maior incidência se dá nas praças de Cuba e da Sé. A venda de brinquedos e roupas, totalizando dezesseis por cento são encontrados em maior quantidade na calçada da Santa Casa, haja vista a venda de lanches nesse local ser feita nas residências que, além de espaços de moradia, viraram comércio.

Os DVDs e CDs 'piratas' são vendidos de forma flutuante com destaque para as ruas Coronel José Sabóia e Ernesto Diocleciano, na Praça de Cuba, sobretudo perto das lojinhas de R\$ 1,99, que também têm aumentado no Centro, ligadas principalmente à venda de bijuterias. O conserto de relógios, conforme já mencionado, se aglutina na Rua Viriato de Medeiros. Sua participação no circuito inferior é algo em torno de onze por cento junto aos trabalhadores que consertam objetos de cozinha. O artesanato compõe quatro por cento do circuito inferior de Sobral: vendem-se bibelôs, pulseiras, brincos, cordões; seu ponto principal é a Praça de Cuba.

Um outro ramo de atividade comercial do circuito inferior, que chama atenção, são as vendas de cosméticos, realizadas por mulheres que revendem a conhecida AVON e, mais recentemente, a Natura. Essas empresas são ligadas ao circuito superior moderno, e movimentam altas cifras no Nordeste, usando o circuito inferior como "antena do superior", conforme destacamos anteriormente. Essas trabalhadoras não ganham Férias, 13º salário, Fundo de garantia etc. Nesse caso, as empresas não têm gastos fixos com salários, encargos sociais; escapam muitas vezes dos impostos sobre o volume das vendas (SANTOS, 2003. p. 86).

Resguardadas as proporções, um outro ambulante com essa característica, é a figura do "galego", trabalhador que vende os mais diversos produtos de porta em porta em toda a cidade. Todos os dias da semana, a venda é feita a prazo através do cartão de papel ou promissórias, é outro exemplo do uso desse circuito como "antena". Pelas condições de trabalho, esse sujeito está dentro do circuito inferior, ganha entre dez e vinte por cento do que vende e, ao final do dia, devolve a mercadoria ao proprietário do depósito.

Identificamos que, em Sobral, um dos vasos comunicantes do circuito inferior com o superior se efetiva por meio da função de correia de transmissão para os produtos mais modernos e/ou como agente coletor das minguadas rendas dos seus irmãos pobres. E, como a movimentação do capital é assimétrica, reenvia-se ao

circuito superior moderno em pontos extremamente luminosos do território nacional ou estrangeiro através dos atacadistas intermediários e/ou do setor financeiro SANTOS, (2003).

5.4 Aspectos do Consumo nos Circuitos dDa Economia Urbana em Sobral

A preocupação com o consumidor hoje vem sendo crescente, pois, somos cada vez mais clientes e menos pessoas, mais usuários e menos cidadãos. Assim, freqüentemente, as pesquisas voltadas para o consumo envolvem tudo que possa ajudar não somente a traçar novas formas de consumo, sobretudo, a satisfação do cliente.

Em Sobral, no entanto, observamos que as preocupações das pesquisas de mercado estão centradas em saber como esse consumidor tem acesso aos bens de que necessita, o que ajuda a entender porque o atendimento ao “cliente” ainda é tão precário, no que concerne à informação sobre produto, desenvoltura, presteza, agilidade, entre outros.

Mesmo em se tratando de outras questões ligadas ao mundo do consumo, as informações catalogadas ainda são limitadas, com destaque para uma pesquisa realizada ainda no ano de 2000⁷⁰, coordenada pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado do Ceará/Sebrae/CE.

Os dados revelam que 84.1% dos consumidores residentes na cidade compram sempre no comércio local, contra 15.9% que preferem comprar fora da cidade e, desses, 13.7% compram em Fortaleza, buscam principalmente a compra de roupas.

Quanto a origem dos consumidores dos comércios varejistas, encontramos pessoas de todo o município de Sobral e muitos oriundos dos municípios da microrregião, o que ajuda a caracterizar Sobral como espaço luminoso residual,

⁷⁰ Essa pesquisa teve como objetivo analisar o perfil do consumidor de Sobral, visando ao fortalecimento do comércio local. Embora a intenção das instituições envolvidas fosse a realização de uma pesquisa atualizada, pelo menos a cada cinco anos, isso não ocorreu.

quando pensado também no potencial de consumo. Dos artigos procurados, destacam-se os artefatos de tecidos, vestuário e calçados em 23%.

O fluxo de deslocamento é intenso e rápido para aqueles que buscam fazer compra em Sobral, pois 87.4% estão “conscientes” do que vão comprar. É possível que essa pouca relação com o espaço de consumo seja um dos fatores para a não concretização da edificação de um *shopping* de grande porte na cidade, mesmo sendo visto pelo Poder Público como uma forma de consolidar a cidade como “centro comercial” de produtos sofisticados.

Quanto aos consumidores da própria cidade, buscam na sua maioria comprar produtos alimentícios, totalizando 69.3%, o que dá uma conotação da busca de gênero de primeira necessidade. O dia escolhido para fazer compras é o sábado. Em se tratando de momento de crise e o fato do comércio estar num território, até certo ponto de contigüidade, se justifica o fato de que 73.1% dos consumidores façam pesquisas de preços. 61.5% dos consumidores preferem comprar à vista, talvez porque estejam diretamente ligados renda/compra, pois sessenta por cento dos consumidores, que ganham até um salário mínimo, preferem comprar à vista, uma prática que tem levado a manutenção e abertura de novas lojas de R\$ 1,99 e de R\$ 1.00 com satisfação de seus proprietários. (jornal O NOROESTE, *on line*. Economia , 4/9/06).

Já os consumidores na faixa 2.1 a 3 salários mínimos formam o grupo que mais compra no crediário, cerca de 22%, o cartão de crédito é pouco utilizado em todas as faixas de salário para efetuar compras no comércio local.

A contigüidade territorial do comércio no Centro, é um fator visto como estimulante para a opção de compras de 64.1% dos consumidores, 32% deles acham os preços dos produtos elevados. Outro fato que chama atenção é que 42.7% dos consumidores ganham de meio a três salários mínimos e 17.2% não possuem rendimento, são sustentados por familiares. Somados representam 59.9% dos consumidores de Sobral, fato que também ajuda a entender a força do circuito inferior na cidade.

Cerca de 15.9% dos consumidores moradores de Sobral têm o hábito de comprar em cidades maiores. Esse consumidor talvez seja o mesmo que colocou Sobral, em 1999, como uma das cidades com maior frota de veículos importados do

país, levando em conta o fator proporcionalidade (jornal *Capital Norte*, 3/3/00), ao lado de 75.6% de pessoas cuja mobilidade é feita a pé, de bicicleta, de moto táxi ou de ônibus.

5.5 O Destaque dos Serviços nos Circuitos

A descentralização mais relevante, no que consiste aos serviços no espaço urbano de Sobral, têm sido aqueles prestados pelo setor público, dotando primeiro essas áreas de infra-estrutura. Tendo como decorrência a chegada também de serviços privados rumo aos bairros além-trilhos conforme já aludimos. Não obstante, aparentam diferenças no que consiste ao porte e à qualidade dos mesmos.

Dos 1.191 estabelecimentos de serviços entre públicos e privados registrados na cidade, 841 estão no bairro do Centro, dividido conforme já mencionado, em cinco categorias. Constatou-se que, desses estabelecimentos ditos “formais”, há o predomínio dos serviços de administração pública, educação, saúde, serviços sociais, associativos e serviços pessoais (36,69%), seguidos de intermediação financeira, seguros, atividades imobiliárias, serviços prestados às empresas (29,05%), serviços de alojamento e alimentação (16,37%). (Mapa 7)

Os serviços de transportes, armazenagem e comunicações (11,75%), reparação de veículos, objetos pessoais e domésticos (3,69%). Dentro da primeira categoria, o destaque é para o serviço de saúde que, para o Centro, aparece com 22,59% do total, são clínicas médicas, serviços de psicologia, fonologia, nutrição, terapia ocupacional, enfermagem, hospitais, laboratórios e clínicas odontológicas.

Outros serviços especializados, tais como escritórios de advocacia, de contabilidade, gestão empresarial, profissionais da área de comunicação, arquitetura, engenharia perfazem 14,03%. Aliado a esses dois últimos, no campo da construção civil, encontramos outros profissionais dos escritórios de serviços de decoração, design de interiores, paisagismo e urbanismo. Os serviços ligados à edificação comercial, residencial e outras obras de engenharia totalizam cerca de noventa registros. Desses, 55,55% estão no centro da cidade, sendo que o ano de maior crescimento foi o de 2002.

As agências de publicidade, edição e impressão de revistas, jornais e outros serviços gráficos aparecem com 36 registros. Encontramos ainda serviços que são mais comuns nas grandes cidades como as agências de locação de mão-de-obra, aluguel de veículos, atividade de segurança, serviços de informações cadastrais, aluguéis de jogos eletrônicos, agências de viagens, serviços de organização de evento, cursos de língua, provedores de informática. Essa última atividade vem acompanhada de profissionais qualificados da respectiva área. Encontramos cerca de 24 registros de atividades ligadas a serviços de reparação de informática, chamando atenção a sua distribuição pelo espaço urbano da cidade, estando elas, mais do que outras atividades, localizadas fora do Centro.

Os estúdios fotográficos também se modernizam através do uso de equipamentos digitais, muito desses estúdios oferecendo serviços de fotocópia. As locadoras de DVDs, embora estejam por toda parte, apenas doze delas estão registradas, 2004 aparecendo como o ano de maior registro. Os serviços ligados à comunicação são 22, e ligam-se à rádio, TV, estúdio de gravação e atividades do mundo artístico.

Quanto aos sindicatos, associações e organizações religiosas, são 84 registros, espalhando-se pelo território da cidade. Os hotéis totalizam 21, sete deles fora do Centro, os hotéis de médio porte tiveram um aumento significativo depois de 1997.

Dessa forma, vai se adensando o circuito superior marginal emergente e o residual, principalmente nas atividades que envolvem a construção civil, difusão de serviços de informática, serviços de estética e embelezamento, transporte de cargas, etc. Esse último com destaque para as empresas Martins Comércio e Serviços de Distribuição S. A. e Expresso Mercúrio S. A. Elas formam vasos comunicantes entre os circuitos à medida que as empresas de transportes mais sofisticadas e vindas do Sul do País recorrem à prestação de serviços de empresas menores.

MAPA 7

Sobral - Uso do Território pelos Serviços Registrados - 2006

LEGENDA

- Automóveis, Objetos Pessoais e Domésticos.
- Alojamento e Alimentação.
- Transporte, Armazenamento e Comunicações.
- Intermediação financeira, seguros, previdência e Serviços relacionados.
- Administração Pública, defesa e seguridade social.
- Linha Ferra

0 1200 m

5.6 O Uso do Território pelas Finanças

Em Sobral, tradicionalmente, se edificou uma rede de relações informais representativa, ligada às transações financeiras, formada a partir de laços de parentescos ou de amizade. O que contribuiu para que a atividade bancária surgisse como um dos primeiros serviços especializados da cidade, incentivada ainda pela grande circulação de capital de toda a região Norte do estado. O primeiro banco que aparece registrado é o Banco Popular de Sobral, criado por dom José em 1927.

Em anos recentes, a financeirização do território em Sobral segue a lógica do País, que vive desde os anos 90 um rearranjo na distribuição espacial das finanças, devido ao processo de privatização dos bancos públicos. No estado cearense, levou-se à privatização do Banco do Estado do Ceará/BEC pelo Bradesco em dezembro de 2005. O BEC, enquanto banco público cearense, mantinha um significativo número de agências e postos de atendimentos nas cidades do interior, pois só um número ínfimo de cidades tem no seu território bancos privados. Até o momento não se sabe ao certo o que ocorrerá com esses postos de atendimentos que acolhem basicamente aos aposentados. Sobral, uma das poucas cidades que apresenta em seu território bancos privados fora da região metropolitana, sendo até mesmo a cidade que detém mais postos. (Tabela 8)

Tabela 8: CEARÁ: Distribuição dos Bancos nas principais cidades						
	Postos	Agências	BB - Postos	BB – Agências	CEF/Postos	CEF/Agências
Ceará	882	393	394	136	36	47
Fortaleza	515	182	159	38	30	21
Maracanaú	28	8	15	2	1	1
J. do Norte	17	9	8	2	1	1
Sobral	24	7	8	2	2	1
Crato	13	5	6	1	1	1

Fonte: Ipece. Elaboração: Nossa

Quanto a distribuição das finanças pelo espaço urbano de Sobral, elas estão principalmente no Bairro do Centro, como mencionamos anteriormente, porém, nos últimos cinco anos, os caixas eletrônicos foram colocados em pontos estratégicos da

cidade: no parque da cidade, na universidade, nos centros comerciais e postos de gasolinas, etc.

Os postos fora do Centro correspondem a um da Caixa Econômica Federal, no Bairro do Junco, no espaço do Centro de convenções; dois do Bradesco, um no Bairro Betânia, dentro da Universidade e um na empresa Grendene. Segundo números do Banco Central, em maio de 2000, o volume de depósitos foi cerca de R\$ 83.800.00.00 e R\$ 74.200.000.00 em operações de crédito, com uma média de movimentação de 11.500.000.00. (Manual do Investidor. 2000. p. 19).

5.7 Principais Densidades Técnicas no Território

Sobral está localizada geograficamente na Região Noroeste do Ceará, as margens do Rio Acaraú e da Serra da Meruoca. Seu território é cortado pelas rodovias estaduais CE 440, CE 408, CE 362 e CE 178; as rodovias municipais, ligam a sede aos distritos e a outros municípios. A rede ferroviária completa sua rede de circulação. A BR 222 faz ligação de Sobral com Fortaleza e com os estados de Piauí, Maranhão e Pará. Sua localização é considerada competitivamente privilegiada (Mapa 8).

MAPA 8: Sobral – Redes de Acesso

Elaboração: Fábio Cunha

A cidade conta com um terminal rodoviário, estando ainda situada a 170 Km do porto do Pecém, um dos mais modernos do País. Conta também com o aeroporto cel. Virgílio Távora, para recebimento de aviões de médio porte. É bem servida no transporte rodoviário com linhas de ônibus partindo de hora em hora com destino a Fortaleza. Entre os serviços de transportes rodoviário municipal urbano e interestadual, conta com 24 empresas; já o transporte de cargas e descargas, entre as empresas mais modernas e as pertencentes ao circuito superior marginal residual, chega a 38 no total.

Na primeira gestão de Cid Gomes (1997-2000), sua prioridade em infraestrutura esteve muito ligada à renovação do sistema de engenharias, sobretudo a

pavimentação das estradas que se ligam aos distritos e, na sede, o asfaltamento e calçamentos das ruas existentes. No segundo mandato (2001-2004), priorizou a abertura de novas avenidas com aspectos modernos, com ciclovias, espaços iluminados, ampliação do padrão, na largura das mesmas, facilitando a circulação, indo ao encontro de investidores como os proprietários da Grendene, cujos caminhões circulavam de forma apertada pelas ruas.

Para o fornecimento de energia elétrica, existe um potencial considerado muito bom, com duas subestações da Companhia Hidrelétrica de São Francisco (Chesf), recebendo energia elétrica de Paulo Afonso e Boa Esperança. O abastecimento de água é feito através da captação do Rio Jaibaras e do Rio Aracatiaçu, com as Estações de Tratamento de água (ETAs) próximas aos pontos de captação, realizada pelo Serviço Autônomo de Água e Esgoto/SAAEE, que é uma autarquia municipal.

O setor de comunicação tem se tornado mais denso. Depois de 1997, existiam 8.893 telefones fixos na cidade, com cerca de 324 telefones públicos. No ano de 2002, o total de telefone fixo era de 14.771, um aumento em torno de setenta por cento. Os telefones públicos chegam a 1.208 no total. Em 1997, o número de celulares era de 2.795; no ano de 2002, o total de celulares era cerca de 15.000, somente em uma das três operadoras existentes na cidade. Atualmente existem cinco provedores de acesso à Internet, sendo um deles gratuito.

5.8 A Expansão do Mercado Imobiliário

Nas últimas décadas, os espaços além trilhos foram se redefinindo enquanto espaço de moradia. Temos a renovação de alguns bairros, agora mais dotados de infra-estrutura, e o surgimento de outros. No início de 1980, foi criado oficialmente, na parte Norte da cidade, o bairro Colina da Boa Vista, espaço reservado a resistências de alto nível, um bairro essencialmente horizontal, para receber a classe mais abastada que começava a sair do Centro.

Depois de 1999, intensificou-se o processo de verticalização, sobremaneira, nos bairros do Derby, Junco, Campos dos Velhos (Foto 9). Nas áreas mais distantes, surgem as ocupações desordenadas, com características de áreas de

risco, pois, são suscetíveis às enchentes e se definem como submoradias que aparecem como áreas “populares” nos dados oficiais (Fotos 10 e 11).

Foto 9: acima, Submoradia na Vila União

Foto 10: a lado superior, Verticalização em curso na margem esquerda do Rio Acaraú, Bairro Derby.

Foto 11: ao lado, Submoradia Adjacências da Fábrica de Cimento. Fotos: Virgínia Holanda

É no contexto dessa expansão, que entram em cena de forma mais intensa os promotores imobiliários, com construção de imóveis de todos os tipos. As novas ofertas de moradia se juntam aos velhos e populares “*puxadinhos*” ou pequenas *Kitchenettes*. Esses promotores imobiliários têm capital de origem e montante diversos, o que torna a análise das suas ações ainda mais complexa:

(...) há desde o proprietário fundiário que se transforma em construtor e incorporador, ao comerciante próspero que diversifica suas atividades criando uma incorporadora, passando pela empresa industrial, que em momento de crise ou ampliação de seus negócios cria uma subsidiária ligada à promoção imobiliária. Grandes bancos e o Estado atuam também como promotores imobiliários. (CORRÊA, 1989., p. 20)

O espaço de moradia alugada é opção de pessoas com diferentes rendas, entre elas profissionais liberais, funcionários públicos, estudantes, operários

assalariados etc. Os preços do aluguel das casas populares, nas chamadas vilas, variam entre R\$80,00 e R\$150,00 com quatro compartimentos: uma sala, um quarto, a cozinha e o banheiro, variando o valor do aluguel muito mais em função da localização.

Já a moradia para a classe média e média alta varia de acordo com a localização e número de cômodos. Em média, o valor do aluguel está em torno de R\$200,00 e R\$300,00, caso seja um apartamento pequeno, contendo os seguintes compartimentos: um quarto, um banheiro, sala e cozinha. Para um apartamento mais amplo, com dois quartos, o aluguel chega a R\$ 450,00. Os apartamentos de três quartos, se ficarem nas áreas de maior circulação, podem chegar a R\$ 800,00.

No tocante aos dados de situação de moradia para o ano de 2000, temos o seguinte quadro: 28% de domicílios alugados, 70% de domicílios próprios quitados e 2% de casas financiadas (IBGE, 2000). A maior quantidade de domicílios quitados está no Centro da cidade e, no Bairro Terrenos Novos, com diferenças gritantes quanto a qualidade, conforto e tamanho da moradia. (Mapa 9).

Tem aumentado também a opção de compra de imóvel, com valores variados, caso seja de três quartos, o valor pode chegar a R\$ 130,000 mil reais, com cerca de 85 metros de área construída. Se for o dobro dessa área, o valor pode chegar a R\$ 250,000 mil. Essas cifras predominam nos bairros Derby, Campos dos Velhos e Junco, conforme preços encontrados nos Classificados de Imóveis, (HM, 7/8/2006).

Quando se fala em valorização da terra urbana para fins de construção, os terrenos mais valorizados não estão num espaço contíguo, se espalham principalmente em quatro bairros da cidade, a saber: Campos dos Velhos, Junco, Derby e Domingos Olímpio. Nos três primeiros, um terreno custa entre 50 e 80 mil reais. Os empreendimentos condominiais fechados também chegam à cidade, com oferta que inclui áreas verdes acompanhadas de segurança, seguindo assim a tendência de preferência nacional.

A moradia popular tem apresentado uma demanda crescente, contando com projetos gerenciados pela Prefeitura, com financiamentos via Caixa Econômica Federal e Governo Federal. Em muito desses projetos, a Prefeitura também tem sua contrapartida financeira, os projetos mais populares têm se voltado para atender famílias com uma renda de até três salários mínimos. Seu território é o lado oposto dos bairros valorizados. Alto da Brasília, Sumaré, Sinhá Sabóia, Vila Recanto etc.

Sobral - Domicílios Sem Banheiro Situação por Bairro - 2000

5.9 Serviços Ligados a Saúde

O serviço de saúde em Sobral apresenta-se como de convergência regional. Conta com oito hospitais, com destaque para os atendimentos do Hospital do Coração e da Santa Casa de Misericórdia. O município possui 118 unidades de saúde ligadas ao SUS, uma delas um hospital/maternidade, 14 Centros de Saúde da Família, nos seguintes bairros: Alto da Brasília, Pe. Ibiapina, D. Expedito, Centro, Expectativa, Junco, Sumaré, Pedrinhas, Sinhá Sabóia, Terrenos Novos. Quanto às equipes do Programa Saúde da Família, são 48 no total para o município. A maioria dos profissionais foi contratada a partir da implementação do Programa Saúde da Família em 1997.

A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Sobral é uma referência para toda zona Norte do estado, funcionando desde 1925. Nessa época contava com três médicos, hoje conta com 150, dispondo de 650 leitos, 1.200 funcionários. A demanda é algo em torno de 75 municípios. No ano de 2002, fez 741.196 atendimentos ambulatoriais. Seus pacientes vêm das mais diversas localidades, com predomínio da região Norte do estado.

Em 1997, a Secretaria de Saúde do Município se reestrutura, passando à denominação de Secretaria de Saúde e Assistência Social de Sobral, com propostas de reformas na área da saúde, desencadeando ações educativas, inicialmente com os profissionais da área, deslumbrados por uma construção coletiva do sistema local de saúde de Sobral, tomando por base o que prescreve a própria Constituição Federal, bem como a Lei Orgânica do Município. Ações que incentivam a participação dos diferentes segmentos sociais na reorganização do sistema de saúde dentro de lógicas pensadas distantes. Nas conversas informais, com as pessoas que utilizam o setor de saúde pública, é comum encontrar reclamações sobre a demora na marcação de uma consulta com especialista, o que pode levar meses.

Uma parceria firmada entre Secretaria de Saúde e Assistência Social de Sobral e a Escola de Saúde Pública do Ceará, tem proporcionado aos profissionais uma permanente qualificação. Como Sobral se encontra no programa de Gestão Plena do Sistema de Saúde, todas as ações são municipalizadas.

A Universidade Estadual Vale do Acaraú, em parceria com a Prefeitura, mantém um projeto de atendimento às comunidades carentes residentes nas áreas próximas ao câmpus da Betânia. São serviços de “consulta” concedidos pelos universitários dos cursos de enfermagem, dentro de projetos de extensão e tratamento odontológico, pelos profissionais da saúde, professores da instituição.

Quanto ao setor de saúde privada, a cidade conta com um Hospital da Unimed, bem equipado e atendendo aos conveniados residentes no Norte cearense. As clínicas particulares de médio porte são muitas e se multiplicam pela cidade. Dessa forma, há diversos consultórios com profissionais especializados, a cidade conta ainda com um número significativo de laboratórios, como já apresentados nesse capítulo.

Somados aos hospitais, clínicas médicas, serviços de fonaudiologia, psicologia, enfermagem, nutrição, consultório odontológico, terapia ocupacional, totalizam 227 estabelecimentos, com destaque para o serviço odontológico, que perfaz 20,26% desse universo. A maior quantidade de registros para o setor de serviços de saúde, no ano de 2005, identificou concentração no Centro da cidade. Quanto aos laboratórios, são dezesseis registrados. Os laboratórios, acrescidos dos demais serviços de saúde listados nesse parágrafo, apresentam uma fatia correspondente a 20,48% do total de serviços registrados em Sobral.

5.10 Educação – O Destaque Da Universidade Estadual Vale Do Acaraú

Segundo o Censo Escolar (2006), Sobral conta com 206 estabelecimentos educacionais no município, sendo 97 formados pelas escolas da rede municipal, 35 estaduais e 74 particulares. As instituições de ensino superior, tais como a UVA, UFC, Centec, Luciano Feijão e outros institutos de ensino superior privado, vêm chamando atenção, não somente pelo raio de influência, mas também pelo dinamismo que acabam empreendendo na cidade e pelo capital cultural apresentado.

Até o ano de 2005, a cidade contava apenas com uma universidade: a UVA.

Só recentemente chegaram as demais instituições, por isso analisaremos aqui apenas alguns aspectos da UVA, visto que as demais instituições ainda não nos oferecem resultados palpáveis sobre o território, que tornem possível uma análise.

A UVA é hoje uma instituição importante na região Norte do estado do Ceará. A sua origem remonta a 1961, ligada à Diocese de Sobral, fundada como Faculdade de Filosofia. Em 1968 passa a oferecer os cursos de Letras e Estudos Sociais. O então prefeito, senhor Jerônimo Prado, sanciona a lei criando a Fundação UVA, com a Faculdade de Filosofia incorporada à Fundação. Criam-se mais quatro cursos: Ciências Contábeis, Engenharia de Operação, Enfermagem/Obstetrícia e Pedagogia. No ano de 1984, a UVA passa a se vincular ao poder estadual e, em 1990, adquire o direito de se organizar como Universidade, mas somente em 1994 obtém legalmente o reconhecimento como Universidade.

A partir de então começa a contratação de professores e funcionários por meio de concursos públicos, com a criação de outras graduações, como: Administração, Geografia, Ciências Sociais, Filosofia, Direito, Engenharia Civil, entre outros. Em 2006 chega a oferecer 23 cursos de graduação e cerca de dezesseis de especialização. A universidade expande-se através da instalação de novos câmpus avançados de difusão tecnológica nas cidades de Canindé, Nova Russas, Tianguá, Santa Quitéria e Acaraú, expandindo-se também para territórios de outros estados com cursos de formação de professores dentro de uma nova lógica, amparada na parceria pública-privada.

Do contexto de sua formação, na década de 1960 até os dias atuais, a Universidade tem passado por mudanças expressivas em sua estrutura, contribuindo, com mudanças no espaço regional onde está inserida. Na década de 1970, a média de universitários era de 984 alunos; em 2000, a Universidade contava com um total de 9.717 alunos, sendo 8.186 nos cursos de graduação e 1.513 nos cursos de pós-graduação. Quanto ao quadro de professores, são hoje cerca de 350 profissionais, distribuídos nos cursos que funcionam nos câmpus avançados dentro da cidade de Sobral nos Bairros: Betânia, Centec, Derby e Junco.

A Universidade, que até início dos anos 90, só funcionava no turno da noite, com o expediente iniciando às 16:00 h, hoje funciona nos três turnos e, muito embora a maioria dos cursos seja noturna, há uma assimilação dos cursos diurnos, bem como uma prática comum de professores e alunos na utilização da

universidade durante o dia, realizando pesquisa, estudando, utilizando os laboratórios, buscando orientação, consulta à biblioteca, entre outros.

No que se refere às mudanças no papel da Universidade dentro da região, são mudanças que, em parte, estão atreladas às ações do Governo do Estado do Ceará, em que se aponta a tecnologia aplicada à agricultura, o turismo e a interiorização da indústria como vetores básicos no processo de superação da miséria do estado. Assim, as instituições estaduais de Ensino Superior são importantes nesse ideário, recebendo por parte do Poder Público Estadual a missão de se transformarem em *Universidades tecnológicas*.

O Ceará conta com três universidades públicas estaduais, uma em Fortaleza, a Universidade Estadual do Ceará (Uece), com câmpus no Sertão Central; uma no sul do Estado, Universidade Regional do Cariri (Urca) com abrangência na parte Sul, e a Universidade Estadual Vale do Acara (UVA), cuja abrangência vai muito além do território composto pelos municípios da região norte.

Essas Universidades estariam, segundo o governo, voltadas para a produção de pesquisas, criação de novos cursos, reforma dos já existentes, de maneira que atendam aos apelos da apregoada modernidade do estado. Assim essas instituições vêm criando mecanismos de auto sustentação, através de Institutos que oferecem cursos pagos.

Na UVA, esse projeto é posto em prática a partir de 1994, no governo de Ciro Gomes, no momento em que as Instituições de Ensino Superior recebem recursos para ampliações e reformas de suas instalações, como também para compra de equipamentos, livros e contratação de professores. Em um segundo momento, viabilizam seus mecanismos de captação de recursos, principalmente por meio de cursos privados. Primeiramente oferecendo cursos de formação de professores, a seguir especializações, depois os seqüenciais e, agora, mestrados profissionalizantes e cursos de graduação regular.

Essa prática nas universidades estaduais, teve início na UVA, no discurso de fortalecimento da universidade como instituição de porte médio e ganha eco junto ao poder público municipal, pois ajudaria a firmar Sobral como cidade universitária, um “*centro regional*” qualificado, com clara possibilidade de se pensar intelectualmente os rumos da região Norte do estado do Ceará.

Nessas vicissitudes de interesses, os gestores públicos vão se firmando na vanguarda da administração “moderna” e a UVA como a benfeitora no processo de democratização do ensino superior, pois levou cursos de graduação para os mais distantes *rincões* do Ceará e de outros estados.

As parcerias da UVA com a Prefeitura Municipal de Sobral rende organizações de congressos, seminários, eventos culturais, lançamentos de livros, estágios para universitários, laboratórios, entre outros; A Universidade tem ajudado a intensificar os fluxos de pessoas, de transportes, de informação. Mas a cidade ainda parece estar longe de ser a cidade universitária, com todos os sentidos que se conhecem em uma cidade dessa natureza.

Mas sem dúvida o discurso de grandiosidade, de moderno se apresenta tanto na UVA como na Prefeitura. Na primeira, estampa-se: “*UVA, uma chama de conhecimento iluminando a zona norte*”; na segunda, a idéia de que Sobral é melhor pelas diferenças, os *slogans* nos últimos dez anos são: “*Sobral em boas mãos*”, “*Sobral de todos*”, “*Sobral cada vez melhor*”.

Com os concursos públicos realizados durante a década de 1990, muitos professores/pesquisadores migraram de Fortaleza e de outros estados para Sobral. Encontramos professores da Paraíba, Paraná, Pará, Rio Grande do Sul, Pernambuco, que passaram a residir na cidade. Todos eles parecem lançar o olhar sobre a cidade e sua região, tendo como objetivo em comum, conhecer e desvendar a cidade-região⁷¹.

As pesquisas em torno da cidade e da região Norte do estado até então desenvolvidas eram poucas. As de cunho mais acadêmico ainda tinham sido desenvolvidas na década de 1970, em grande parte, por pesquisadores de outras instituições. Hoje, algumas pesquisas já foram concluídas e muitas estão em andamento, realizadas por professores e universitários de graduação, em cursos como Geografia, História e Ciências Sociais, que exigem monografia para sua conclusão. Como esses universitários vêm dos mais diversos municípios, é possível que, a longo prazo, a Universidade contribua com análises e soluções de problemas que permeiam a região.

A Universidade amplia a sua atuação indo para além de sua função

⁷¹ Segundo alguns geógrafos a noção de “cidade-região” estaria pautada na cidade fazendo a região dentro dos circuitos da globalização.

formadora de capital cultural. Passa então a se envolver com a busca de soluções para os problemas da cidade, produção de conhecimento e práticas visando esse fim, como os trabalhos de extensão, os estágios para os acadêmicos, através das parcerias com instituições públicas e privadas, a exemplo da Caixa Econômica, Embrapa, Prefeitura Municipal, Sebrae, CDL, dentre outros. É ainda comum encontrarmos universitários trabalhando nas indústrias, nos serviços e no comércio. O cotidiano da cidade se altera, com aumento de oferta de lazer, novas opções de bares, incorporando novos comportamentos, os *self service*, quiosques, pizzarias, *drive in*, choperias, cinemas, centros comerciais.

Os ônibus chegam por volta das 18:30 h, aumentando o tráfego das ruas, levando os universitários de outras cidades da região Norte aos câmpus em Sobral. São transportes vindos de Ipu, Uruburetama, Santa Quitéria, Tianguá, Cruz, Meruoca, Camocim, Santana do Acaraú, Hidrolândia, Viçosa, Granja, que se deslocam desses municípios, num vai-e-vem diário. Chegam animados, na sua grande maioria, trazem o hábito de andar com roupas de *griffes*, perfumados, bem penteados, etc. A universidade e a cidade são, para eles, igualmente possibilidade de diversão, não lembrando neste aspecto a diversidade que compõe o contínuo deslocamento dos universitário, nas instituições públicas, no turno da noite das grandes cidades.

Nos intervalos, as conversas animadas nas cantinas, nos espaços de cópia, nos corredores, nos pátios, na biblioteca, na livraria, são cenas em comum com as universidades brasileiras. E, se por algum imprevisto, as aulas não acontecem, saem em busca de uma noite mais animada. Na cidade “*cosmopolita*”, mesmo que a saída se encerre às 22: 00 h, horário sagrado do retorno às suas cidades.

Nas férias de julho e janeiro, a Universidade continua a receber alunos, todavia, de outro perfil, incluindo professores em busca de qualificação através dos cursos de pós-graduação, cursos de graduação. As qualificações recebem alunos oriundos de outros estados: Maranhão, Piauí, Pará, Tocantins etc.

Os professores da instituição se dedicam, neste mesmo período, a constantes viagens (tarefa difícil de ser entendida pelos que chegam). Há carros de prefeituras de diversas cidades do estado para buscarem os professores para lecionarem em cursos especiais de formação de professores, oferecidos fora de Sobral, em cidades como Mauriti, no Sul do estado, passando por Novo Oriente e Poranga ao Oeste, até

Cascavel no litoral Leste. Somadas, são mais de 120 cidades, das 184 que compõem o estado do Ceará.

Portanto, as ampliações da universidade ocorrem no âmbito espacial e material. Moderniza-se e cresce, parecendo se firmar como uma instituição de papel fundamental no processo de mudança da cidade-região, embora percebamos a existência de uma lacuna entre essas conquistas e o papel social e democrático da Universidade.

Ao mesmo tempo se fazem presentes na imprensa escrita, pois nos últimos cinco anos sugeriram novos jornais na cidade, diversos artigos, dicas, análises e problematizações de muitos professores da instituição acerca da região e suas peculiaridades, além de produzirem suas próprias revistas científicas.

Os professores da instituição são convidados para trabalhos de consultorias junto as empresas, palestras em colégios para estudantes, cursos em órgãos públicos etc. Há também muitos profissionais liberais ou aposentados que se incorporam à prática docente.

É comum encontrar entre os universitários de outros municípios funcionários e secretários municipais, talvez incentivados por essa apregoada idéia de modernidade e criatividade. Inclusive, no que diz respeito a organização administrativa da Prefeitura de Sobral, cujo secretariado municipal foi, nas administrações de Cid Gomes (1997-2000/ - 2001/2004), em sua maioria de professores da Universidade.

A UVA, enquanto *locus* de produção de conhecimento e de difusão tecnológica, parece contribuir para que a cidade de Sobral adquira uma função dentro destas modernizações pelas quais passam o estado do Ceará e o município de Sobral, principalmente nas últimas décadas. Em grande parte é através dela que Sobral tem recebido um crescente número de profissionais qualificados e que passam também a consumir bens e serviços, tais como: segurança, informação, transporte, administração pública, contribuindo para a própria sustentação do circuito superior marginal.

5.11 Sobral: das Empresas Territórios às Novas Solidariedades Organizacionais

Quanto a produção industrial, como já salientado, as empresas territórios de Sobral estiveram no primeiro momento voltadas ao beneficiamento de produtos oriundos da produção primária, característica que predominariam durante as primeiras décadas do século XX.

As ações da Sudene, pós-década de 1950 do século XX, vão dar suporte para um novo processo industrial na cidade, levando a mudanças nas relações de Sobral com seu espaço regional, renovação da infra-estrutura urbana através da criação de novas rodovias, implantação do distrito industrial, criação de novas agências bancárias.

Desse período, pertence a Fábrica de Cimento Portland do Grupo Votorantin de capital nacional. Surgem também as indústrias com acionistas cujo capital provém do próprio município. Os financiamentos via Sudene ligam-se principalmente à indústria de beneficiamento da matéria-prima local. O ramo de cimento e cerâmica fisciaram 32 % de investimentos, cuja maior beneficiada foi a Companhia Cearense de Cimento. O ramo de fiação e tecidos receberam 29% de investimentos. O beneficiamento do leite e derivados deteve 16.1%, ocupando o terceiro lugar em matéria de investimento, o ramo de vestuário e de chapéu de palha ficaram com o quarto maior investimento, 11.9%. Em seguida, encontram-se os ramos de castanha de caju e cerâmica, com 11.0% e 3.5%, respectivamente. (Tabela 9)

Tabela 9: Sobral- Demonstrativo dos Ramos Industriais Beneficiados com os Incentivos - 34/18 (1973)

Ramos e classes de atividades	% Distribuição dos investimentos	Participação do 34/18 nos investimentos%
1. Minerais não metálicos	---	---
1.1 Cimento	28.5	34.8
1.2 Cerâmica	3.5	0.8
2. Têxtil	---	---
2.1 Fiação e tecidos	29.0	17.0
3. Vestuário	---	---
3.1 Chapéus de Palha	11.9	10.6
4. Produtos Alimentares	---	---
4.1 Castanha de Caju	11.0	13.2
4.2 Leite e derivados	16.1	23.6

FONTE: I Plano de Desenvolvimento de Sobral- 1981

Fonte: Sudeco

Algumas empresas territórios nascidas no século XIX permaneceram em atividade até recentemente, como o ramo de tecelagem, a exemplo da Companhia de Fiação e Tecelagem Ernesto Diocleciano, implantada em 1849, que resistiu até os anos 90, período em que ainda chegava a uma produção de 150 toneladas de fios e seiscentos mil metros lineares de tecidos, em padrões requisitados pelo mercado internacional. COELHO, (2000).

Um tipo de indústria que se mantém de fato e nos moldes tradicionais está ligada à confecção de chapéu de palha, envolvendo várias etapas de confecção, tendo início na exploração da carnaúba, que dá origem à matéria-prima, passando pelas chapeleiras que fazem as carapuças do chapéu. As chapeleiras se espalham pelos distritos e nas áreas periféricas da cidade, nos Bairros: Terrenos Novos, Sumaré, Alto da Brasília, enfim nos espaços mais pobre da cidade. Neles, se encontram mulheres e crianças à beira das calçadas, tecendo as carapuças, a parte bruta do chapéu, que é vendida em torno de quinze centavos para os donos das fábricas que contratam outras pessoas, para confeccionar a fase final do produto.

Em geral, nessas fábricas, o número de funcionários é muito pouco, chegando no máximo a oito pessoas. Confeccionados os chapéus, são exportados para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro e para outros países, como Portugal, México, Estados Unidos, Argentina. Falar com os proprietários destas fábricas sobre as relações de trabalho que se estabelece nesse processo se constitui tarefa difícil,

visto que eles se esquivam, ora pela falta de formalidade, ora pelas baixas remunerações. As indústrias de maior destaque na exportação dos produtos de palhas são: Enrich Indústria e Comércio de Chapéu de Palha e Casa Guilherme de Menezes e Comércio de Chapéus, essa última responsável por noventa por cento de todo chapéu exportado, segundo seu proprietário.

Quanto a indústria de curtume, é um outro exemplo de tipologia de empresa território que não resistiu ao tempo nas mãos de proprietários locais, muito embora o setor sempre tenha sido de relevância para a economia de Sobral. Nos anos 60 e 70, a sua maior representante foi a Curtume Machado S.A - Curtimasa, no entanto, faliu na década de 80. Com essa nova etapa de industrialização do Ceará, foi reativada pelo grupo de italianos, juntamente com investidores brasileiros e com apoio irrestrito do Poder Público Municipal. O nome da indústria agora é Berna, com outras unidades dentro do estado do Ceará. É possível que a matéria-prima presente na região Norte tenha influenciado neste investimento. A empresa oferece um total de 220 empregos diretos, ou seja, 230 a menos que na década de 1960, devido à utilização de tecnologia moderna.

É interessante ressaltar que, em número de estabelecimentos industriais, em 1974, Sobral aparece juntamente com Fortaleza, Juazeiro do Norte e Crato como os centros industriais de destaque do estado. Os quatro municípios perfaziam na época 77% do total existente no estado, contra 23% dos outros municípios. Situação quase que inalterada nas duas últimas décadas. Apesar do apregoado modelo de atração de “investimento descentralizado”, constata-se tal realidade quando analisamos os mesmos centros na atualidade dentro de suas Áreas de Desenvolvimento Regional/ADRs, que somadas integram um total de 76% das indústrias. O restante do território totaliza 24% de indústrias.

Assim se observa que, embora os denominados centros industriais tenham, em termos proporcionais, apresentado uma diminuição de participação, não significa dizer que houve transferência de indústrias, nem que houve uma desconcentração industrial no Ceará como apregoa o governo do estado, pretensamente prometido pelo modelo de incentivos fiscais anunciado no seu primeiro governo, de 1986-1990, que consiste em;

Conceder ao investidor que se instalar na região metropolitana de Fortaleza, um empréstimo equivalente a 45% do Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços, devido mensalmente, com restituição depois de 36 meses. Sobre o

pagamento de cada prestação, o investidor receberá um desconto de 40% do montante. Este benefício tem validade durante seis anos, e pode ser prorrogado por mais seis e ainda mais seis, caso haja expansão da planta industrial. No caso de a localização industrial ocorrer fora de Fortaleza, o empréstimo vai para 75%, ao invés de 40%. Nesse caso, o benefício amplia-se para 10, 13 ou 15 anos, a depender da localização e da expansão do investimento. Esse é o principal mecanismo utilizado pelo governo do Ceará na conquista de novos investimentos diretos (VASCONCELOS, 1999, *passim*).

Tasso Jereissati, no seu segundo e terceiro mandatos, no período que abrange de 1995-2002, amplia suas ações nesse processo de atração de investimentos. Indo além dos incentivos fiscais, passa a centrar mais esforços na construção de grandes objetos sobre o território. Visando à fluidez, neste aspecto, é oportuno lembrar Lima:

Muitas intervenções têm sido realizadas no espaço [...], no transporte: o porto de Pecém, nova estação de passageiros do aeroporto de Fortaleza, trem metropolitano [...] na infra-estrutura urbana: implantação de saneamento e atendimento de água em mais de quarenta centros urbanos [...] Isso resulta em novas flínções (sic) de grande parte do território, criando outros parâmetros de avaliação da potencialidade do Ceará no cenário mundial. (LIMA, 1999, p. 74).

As cidades que mais receberam empresas na década de 1990 estão em sete municípios da região metropolitana, a saber: Maranguape, Horizonte, Fortaleza, Caucaia, Maracanaú, Pacajus e Eusébio. Os demais municípios que passaram a abrigar mais indústrias já apresentavam uma certa funcionalidade dentro do seu espaço regional, dentre eles, Sobral.

Desses municípios, Sobral ocupa a terceira posição com dez indústrias implantadas, onde o destaque foi a chegada da empresa de calçados Grendene, do Rio Grande do Sul, que se tornou a maior empregadora privada que chegou ao estado.

Quando se analisa a quantidade de empresas industriais por setor, verifica-se que, assim como em décadas passadas, há o predomínio da indústria de transformação, com a seguinte situação em 2006: do total de 361 empresas industriais existentes, 66% pertenciam ao ramo de transformação, seguida pela indústria da construção civil, que apresentava 31%, em seguida com 3%, o ramo da indústria extrativa mineral, empresas de produção e distribuição de eletricidade, somadas às de utilidade pública. (Gráfico 4)

Gráfico 4: Estabelecimentos Industriais em Sobral- 2004

Fonte: Dados CNAE, Elaboração nossa

Existem hoje em Sobral, 2,13% de empresas industriais ativas em relação ao total do estado para o ano de 2006: Fortaleza a capital detém sozinha 50% desses estabelecimentos, seguida de Juazeiro do Norte, Maracanaú e Caucaia, que perfazem 11,17%.

No ramo de transformação, destacam-se os produtos de materiais não metálicos, indústrias de vestuário, calçados, artefatos de tecidos e couros. Os produtos alimentares correspondem a uma participação de 16,79% em relação ao município e 1,94 % em relação ao estado. A indústria de papel e papelão chama atenção pela pequena participação em relação ao estado, 1,89%. Quanto as indústrias que trabalham com borracha, em número de quatro, é significativa a sua participação no estado, com cerca de 5,33%.

A chegada de novos estabelecimentos industriais em Sobral, pós década de 1990, tem colocado Sobral entre os maiores consumidores de energia industrial do estado, juntamente com outros municípios, na região metropolitana de Fortaleza. (Tabela 10).

Tabela 10: Maiores Consumidores de Energia Industrial e Comercial - 2004.

Municípios	% sobre o Estado
Maracanaú	82,11
Horizonte	80,68
Sobral	74,91
Pacajus	73,53
Eusébio	73,36

Fonte: IBGE e IPECE

Fizemos uma caracterização das dez maiores geradoras de ICMS do município de Sobral e identificamos que cinco delas receberam benefícios via Sudene na década de 1960. (Tabela 11)

Tabela 11: As dez maiores indústrias em arrecadação de ICMS- Sobral- 2000

Razão Social	Início das atividades	Ramo principal	Categoria
1.Grendene Sobral S/A	1993	Fabricação de calçados	Matriz*
2. Cia Cearense de Cimento Portland	1964	Fabricação de cimento	Filial
3.Moageira Serra Grande Ltda	1964	Beneficiamento de café	Matriz
4.Companhia Sobralense de Material de Construção/Cosmac	1965	Fabricação telhas, tijolos e outros artigos de barro	Matriz
5.Del rio Refrigerantes Ltda	1964	Fabricação de refrigerantes	Matriz
6.Cerâmica Torres Ltda	1977	Fabricação de telhas, tijolos e outros artigos de barro	Matriz
7.Criatel Cerâmica Riate Ltda	1986	Fabricação de telhas, tijolos e outros artigos de barro	Matriz
8.Enrich Indústria e Comércio de Chapéu Ltda	1989	Fabricação de chapéus e semelhantes	Matriz
9. Lassa Laticínios Sobralense S/A	1969	Fabricação de produtos laticínios	Matriz
10. Sobral Produtora de Artefatos Têxteis Ind. e Comércio Ltda.	1998	Fiação, fiação de tecelagem de algodão	Matriz

Tabela construída a partir de pesquisa direta nas indústrias e consulta ao cadastro de contribuintes do ICMS – Sefaz – 1999 -* A empresa declara ser a unidade de Sobral a Matriz da empresa.

Das indústrias implantadas, em Sobral, na década de 1960, quatro delas, apresentam estrutura física quase que inalterada. A modernização, sobretudo a informatização, se fez presente na Fábrica de Cimento do grupo paulista Votorantin. As demais indústrias, mesmo aquelas que mantêm uma relação de mercado inter-regional como a Moageira Serra Grande, a modernização é quase inexistente, se restringindo à compra de alguns poucos equipamentos extremamente importantes para a produção.

Um fato curioso é que paralelo a essa pouca modernização tecnológica, os ramos de investimentos do grupo se diversificam em direção ao comércio ou ao ramo da construção civil. Quanto à contribuição de ICMS, a Moageira aparece como a terceira maior contribuinte e a Cerâmica, que pertence ao mesmo grupo, aparece em 6º lugar.

A matéria prima utilizada nestas indústrias é originária de lugares diferentes, porém, três destas obtêm a matéria-prima na própria zona norte do Ceará, como é o caso da Fábrica de Cimento e a Cosmac. Já a empresa Lassa ligada ao ramo de laticínio busca, em Sobral e nas áreas circunvizinhas a sua matéria-prima, o leite. Quanto a indústria de refrigerantes, a matéria-prima vem de Pernambuco, Minas Gerais, Santa Catarina, Amazonas, São Paulo e Rio de Janeiro. A Moageira Serra Grande adquire sua matéria-prima nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia, ou seja, não se apresenta um circuito espacial da produção no espaço contíguo.

No que concerne à contratação de mão-de-obra, apenas as indústrias de material de construção Cosmac e de refrigerantes Del Rio não sentem dificuldades para contratar seu pessoal, pois contam com um quadro de funcionários restrito, 127 e 35, respectivamente. A Companhia Cearense de Cimento Portland conta com 360 funcionários, cento e vinte no setor administrativo, trinta deles oriundos de Fortaleza, cinquenta de outros estados e apenas vinte de Sobral. A empresa afirma ter dificuldades na contratação de mão-de-obra, até mesmo no setor de produção e procura resolver o problema com treinamentos.

A Moageira enfrenta dificuldades quanto a contratação de mão-de-obra qualificada, afirma realizar treinamentos dos funcionários por meio de empresas especializadas. Conta com cento e sessenta funcionários, divididos da seguinte forma: sessenta na parte administrativa e cem nas unidades de produção. A Lassa afirma também ter dificuldades de encontrar mão-de-obra, não ficou clara a razão dessa afirmativa; o treinamento é realizado quando o funcionário é incorporado à empresa, tendo hoje quarenta e dois funcionários, assim divididos: dez na administração e trinta e dois na produção.

Para a rotatividade da mão-de-obra, os administradores afirmam que tentam manter, na medida do possível, um quadro constante de funcionários, com exceção da Cosmac, pois, sendo indústria de material de construção, acaba sujeita a fenômenos climáticos, problemas com compra de matéria-prima e oscilação de construção na cidade.

Quanto a terceirização, com exceção da fábrica de refrigerantes, todas possuem serviços terceirizados, com destaque para a fábrica de cimento, nos itens: limpeza, segurança e refeitório. A Moageira, por sua vez, terceiriza os serviços de

treinamento e manutenção das máquinas. No item treinamento, contrata empresas de consultoria da própria cidade e, para a manutenção das máquinas, contrata empresas de Fortaleza. A Cosmac terceiriza todo o transporte de matéria-prima e da produção, enquanto a Lassa contrata o transporte da produção.

Essas indústrias fazem parte da História da economia industrial da cidade de Sobral, seus aspectos se diferenciam das indústrias que chegam no período mais recente, sobretudo quando analisadas quantitativamente: empregos, carga tributária, estrutura física, incentivos fiscais, entre outros.

Podemos observar que, pós-década de 1990, Sobral passa a viver com mais intensidade um outro período, no que consiste também a industrialização, caracterizada, sobretudo, pela incorporação mais intensa do capital nacional no espaço local. O investimento industrial mais significativo foi no setor calçadista, com a implantação da indústria Grendene Sobral S.A., em 1993, incentivada pelo Fundo de Desenvolvimento Industrial (FDI).

O impacto gerado pela empresa não se deu somente quanto ao aumento da produção e novos significados no setor calçadista, mas sobretudo na arrecadação de tributos. Ela sozinha contribuiu com mais de 60% do ICMS arrecadado em Sobral. Quando somado com a contribuição da indústria de cimento do grupo Votorantin, esse percentual fica em torno de 80%, o que demonstra o quanto a economia local acaba por ficar refém de empreendimentos exógenos.

A média salarial dos funcionários da Grendene é de um salário mínimo, chegando essa remuneração a ser 30% menor do que o salário pago no exercício da mesma atividade, no Rio Grande do Sul, um dos pólos do setor calçadista do Brasil. Em Sobral o operário tem direito a uma cesta básica, fornecida pela empresa, através da Ticket Refeição, empresa de São Paulo. Apenas o biscoito da cesta é fabricado por uma indústria local, a Fábrica Coelho. A alimentação dos funcionários ocorre no restaurante dentro da empresa, fornecida pela Nutrinor, empresa do Rio Grande do Sul. O pagamento de funcionários, bem como o transporte de matérias-primas e da produção, também são terceirizados.

Quanto a mobilidade dos funcionários, a Grendene não oferece vale transporte ou outras formas para se chegar à empresa, seja na forma de ajuda de custo ou do pagamento de ônibus. O treinamento para habilitar a mão-de-obra é

realizado por um programa criado pelo Estado, que concede aos treinados uma bolsa no valor de R\$ 100.00, pelo período de dois meses.

O transporte da produção e da matéria-prima é realizado por empresas como a Martins Comércio e Serviço de Distribuição S.A e Expresso Mercúrio S.A. que se instalaram em Sobral em 1994 e 1996, respectivamente. Há ainda muitos caminhões provenientes de vários estados do Brasil e que se encontram cotidianamente amontoados nos postos de gasolinas na entrada da cidade, ou nas proximidades da empresa, à espera do horário para carga e descarga, oriundos de lugares, tais como Santos (SP), Farroupilha, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Passo Fundo (RS), Curitiba (PR), Garanhuns, Recife (PE), Florianópolis, Joinville, Criciúma (SC), Alagoinhas, Vitória da Conquista (BA) e muitos outros.

No universo de funcionários da Grendene, quatrocentos trabalham no setor administrativo, sendo que cinquenta por cento são de Sobral e o restante se divide entre Rio Grande do Sul, São Paulo e Fortaleza. Nesse aspecto, diferencia-se das indústrias territoriais que utilizam um reduzido número de funcionários de outros estados, quicá porque continuam os próprios proprietários a administrarem seus negócios.

Os circuitos da economia urbana ganharam novos contornos com a chegada da Grendene, conforme já anunciado. Retomamos aqui apenas para colocar que, em função de algumas de suas demandas, a circulação adquiriu novos ritmos, sendo grande a movimentação pelas avenidas que ligam a empresa às saídas das cidades e aos bairros mais distantes, a exemplo da Avenida Pericentral, Avenida da Universidade, entre outras.

O transporte é feito ainda a pé, de bicicleta ou de moto táxi. Esses últimos se acotovelam na disputa por passageiro nas portas das fábricas. Nas imediações das unidades fabris, o cenário é formado por um verdadeiro mercado ambulante. Nas casas, pequenos comércios com vendas de roupas, alimentos, bebidas, realização de jogos de azar, entre outras atividades. Os ambulantes, com sua garrafa de café e rádio de pilha, disputam na rua o mesmo espaço com as motos, caminhões, bicicletas e ônibus.

No que consiste ao uso do território pela indústria, o PDDU regularizou os distritos industriais já existentes e definiu os fins de cada um. Assim, a cidade detém

três zonas industriais: zona industrial I, onde fica localizada a Fábrica de Cimento Portland; zona industrial II, onde ficam localizadas indústrias como a Moageira Serra Grande e a Pan Papel; na zona industrial III, onde se localiza a Grendene no Bairro da Expectativa.

O capítulo que trata de estudos técnicos das áreas industriais da zona I, apresenta essa como a área apta a desenvolver a instalação de indústrias pesadas, enquanto a zona industrial II poderia abrigar indústrias mais leves e sem risco de poluição. Enquanto o plano não se efetiva, a fragmentação industrial, colocada em parágrafos anteriores, produz, na sua forma, o espaço urbano de Sobral. E, embora o discurso de atração de indústrias não poluentes se faça presente, na prática o que se assiste é uma grande quantidade de moradores atingidos pela poluição liberada pela fábrica de cimento e pela fábrica de asfalto. Essa última pertencente à Prefeitura Municipal de Sobral.

Espalham-se pelo espaço urbano de Sobral, na área central e nas periferias, pequenas unidades de fabricação de calçados e de produtos de palhas, fábricas de confecção, entre outras; quanto ao número de empregos, as indústrias mais significativas estão nos distritos industriais, como a Fábrica Portland de Cimento, Grendene e Moageira Serra Grande.

No que diz respeito ao Produto Interno Bruto (PIB), no ano de 2004, a cidade ocupou o 3º terceiro lugar no estado. Em nível de composição do PIB, a indústria foi o setor que mais contribuiu, atestando o valor da indústria de transformação que, juntamente com a indústria extrativa mineral, ofereceram 94.76% do PIB industrial, enquanto a indústria da construção participou com 2.48%.

Quando traçado um paralelo entre as indústrias que nasceram em Sobral, incentivadas sobretudo pelos benefícios da Sudene e as que chegaram a Sobral na década 1990, verifica-se que existem diferenças no que se refere à forma de produção, contratação de mão-de-obra, relação com a cidade, modernização, entre outros aspectos. E essas diferenças ajudam a mudar a face da cidade, por meio da intensificação da mobilidade da força de trabalho, difusão de novos hábitos de consumo, das novas fachadas das lojas, nas especulações imobiliárias, nas novas relações da cidade com a região, com Fortaleza, com o Brasil e com o mundo. É assim que nos fala SPOSITO.

A revolução informacional, a ampliação do consumo e a homogeneização dos hábitos e formas de vida urbanas redefinem a cidade. Ela se expande, ganha largas extensões e, ao estar em todo lugar, redimensiona seu conteúdo de urbanidade. (SPOSITO, 1999, p. 85)

Todas essas acelerações no uso do território, realizadas pelas modernizações em Sobral, são compostas de práticas espaciais seletivas geradoras de desigualdades. Dessa maneira, a abordagem do papel dos lugares nas regiões pobres do mundo globalizado torna-se necessária, ela permeia todo nosso trabalho, mas nos deteremos com mais amplitude no capítulo seguinte.

CAPITULO VI

6. SOBRAL: O “GRITO DO TERRITÓRIO”⁷²

O território tanto quanto o lugar são esquizofrênicos, porque de um lado acolhem os vetores da globalização, que neles se instalam para impor sua nova ordem, e, de outro lado, neles se produz uma contra-ordem, porque há uma produção acelerada de pobres, excluídos, marginalizados...

(SANTOS, 2000. p.114)

Para a compreensão do “grito do território” em Sobral, nos detemos neste capítulo a uma discussão que conformam as questões ligadas a aceleração da urbanização, aspectos da força e do mercado de trabalho, dinâmica demográfica, o quadro da segregação socioespacial, com análise ainda da concentração de renda e a luta pela sobrevivência.

⁷² Expressão usada por (SOUZA, 2000), para definir como os lugares escancaram o que os dados estatísticos escondem – esse grito ocorre pela forma como vem ocorrendo os usos do território, com a cumplicidade entre estado e capital geradores de fortes desigualdades socioespaciais.

6.1 Sobral: O Quadro de Urbanização

As mudanças vivenciadas por Sobral, na última década, conforme analisadas no capítulo anterior, são resultantes de forças centrífugas e centrípetas, através de *verticalidades* organizadas num conjunto de pontos gerando um espaço de fluxos, fixos e especializações ou seja uma ordem global nos lugares. Mas os lugares respondem, coexistem através das *horizontalidades*, resultado da interdependência entre ações e agentes do lugar, essas forças sofrem tensões, mas não são contrapostas, se imbricam pelas ações, política, econômica e social.

Como em todos os tempos, mas sobretudo depois que se estabelece uma lógica unitária sobre o território, agem paralelamente sobre ele forças de concentração e de dispersão. Pode-se falar em forças centrífugas e centrípetas. (SANTOS & SILVEIRA. 2001.p.303)

Em Sobral, um conjunto de ações políticas depois de 1996, criaram formas e funções mais “modernas” de atrelamento a determinadas lógicas econômicas, cristalizando tais práticas como de interesse social e/ou pelos menos necessárias ao ‘bem social’. Ação que se assemelha àquela pensada historicamente para o território nacional, onde o modelo de industrialização passou de uma hora pra outra a ser a mola propulsora da economia brasileira quase por decreto, tendo como uma de suas conseqüências a concentração da população nas grandes cidades.

No período atual, depois de uma acumulação espaço-temporal de problemas, dentre eles o estrangulamento das grandes metrópoles, as cidades médias tem se tornado refúgio de pessoas e de empresas, evidentemente que esse redimensionamento socioespacial obedece aos modelos de novos usos do território pensados distantes, nos chamados espaços do reger, dentro de um conjunto de condições. SANTOS, (1996)

Se essas mudanças foram bruscas no passado do Brasil agrário para um Brasil urbano, não são menos bruscas no presente, pois se ampliam as práticas espaciais seletivas sobre o território, antes concentradas no espaço contíguo da região concentrada; agora pipocam pelo país, nas diferentes regiões, gerando novos espaços luminosos embora de forma residual. SILVEIRA,(2004)

Essa aceleração dos novos usos do território, a exemplo dos comportamentos apresentados no presente pelos circuitos da economia urbana, podem ser reveladoras da nova urbanização, de seus sentidos de desigualdade socioespacial e das formas como emergem os lugares na cidade, e o “grito território”. A cidade é co-presença densa do complexo técnico-científico, das instâncias e dos campos da cultura, da política e da produção econômica. SOUZA, (2000).

No Ceará, a emergência de algumas cidades, está ligada a expansão dos serviços e do comércio, mas algumas têm a industrialização como impulsionadora dessas atividades e da mudança no quadro da urbanização, entre elas: Horizonte, Maracanaú, Pacajus e, no norte cearense, Sobral; as três primeiras estão na Região Metropolitana.

Quanto a cidade de Juazeiro do Norte que apresenta o maior contingente populacional do interior do estado, embora depara-se com mudanças no quadro de urbanização, essa não é, em decorrência da industrialização e do Poder Político Municipal, como as cidades supra citadas.

O fato, é que as ações políticas recentes e o impulso da industrialização foram fundamentais para os desdobramentos dos circuitos da economia urbana em Sobral, tendo entretanto, como implicação a ampliação de sua influência na região, devido a consideráveis fluxos migratórios, aumento de índice de pobreza, etc.; o que acaba contribuindo para a reivindicação do território como abrigo, no compasso de vários relógios;

Na realidade a mesma fração do território pode ser recurso e abrigo, pode condicionar as ações mais pragmáticas e, ao mesmo tempo, permitir vocações generosas. Os dois movimentos são concomitantes. Nas condições atuais, o movimento determinante, com tendência a uma difusão avassaladora, é o da criação da ordem da racionalidade pragmática, enquanto a produção do espaço banal é residual. (SANTOS, 2004. p.1112)

Dentro desse contexto, identificamos que dos 184 municípios que formam o estado do Ceará apenas nove deles apresentam uma população urbana acima de 50.000 habitantes e destes, cinco estão localizados na região metropolitana. Os municípios que contabilizam uma população urbana entre 10.000 e 50.000 habitantes são apenas 78 no total, já 97 municípios têm um padrão entre 1000 e 10.000 habitantes de população urbana.

Mas dentro da Região Nordeste o Ceará se apresenta com o maior desnível demográfico entre a capital e o restante do território. Pois encontramos no sistema de cidades do Maranhão certo equilíbrio entre São Luís e Imperatriz; no Piauí Terezina e Parnaíba; para o Rio Grande do Norte, Natal e Mossoró; Paraíba, Campina Grande e João Pessoa; Pernambuco, Recife e Caruaru; Alagoas, Maceió e Arapiraca; Sergipe, Aracajú e Lagarto; na Bahia, Salvador e Feira de Santana;

No estado do Ceará fora da Região Metropolitana, as cidades mais expressivas no que consiste ao peso demográfico e dinamismo econômico são as que formam a micro conurbação no sul do estado: Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, as cidades de Sobral no Norte do estado e Iguatu na porção centro-sul, mas numericamente muito distante de Fortaleza.

Dessas cidades, com exceção de Barbalha, as demais são consideradas médias, pois polarizam uma vasta área, desenvolvendo ainda um papel regional, justamente pelo território relativamente mais denso, gerando uma certa vastidão de áreas opacas.

No presente tem se observado nessas cidades uma pulsante diversificação da divisão do trabalho, pois resguardam em seus territórios uma maior quantidade de atividades, requisitando maior quantidade de profissionais, dando aos circuitos da economia urbana um enredamento mais intenso. “A diversificação da divisão do trabalho é o resultado de processos econômicos e sociais, nacionais e mundiais, que ganham especificidades”. (SILVEIRA, 2004. p.67)

Sobral passa por mudanças qualitativas e quantitativas no quadro demográfico a partir dos anos de 1990. Para o período de 1991-2000, Sobral apresentou uma taxa de crescimento populacional anual de 2.32 %, inferior apenas a quatro municípios, três dos quais pertencentes à Região Metropolitana de Fortaleza, Horizonte, (7.34%) Caucaia (4.93%) Maranguape (2.41%), além de Juazeiro do Norte (2.34%).

Assim, a urbanização de Sobral apresenta-se num ritmo acelerado quando comparado ao crescimento de sua população rural, característica comum aos municípios cearenses. A população urbana passou de 26.432, em 1950 para 134.508, em 2000, ou seja, um acréscimo de quase 4,5 vezes em 50 anos. Sendo sua população total no ano de 2000, de 155.276 habitantes, dos quais 122.405

estavam na sede do município e 20.768 na área rural. Segundo estimativa de 2005, Sobral já apresenta um total de 172. 685 habitantes. (IBGE)

As taxas de urbanização desde os anos 50 são superiores a do estado, dentro de uma escala progressiva. Enquanto a população urbana do estado era de 25.5% em 1950, Sobral já apresentava uma taxa de população urbana de 37.75%. Através do censo de 2000, verifica-se essa tendência, onde o estado aparece com uma média de 71.53% de urbanização e Sobral com 86.63%. (Tabela 12)

Tabela 12: Crescimento Populacional e Taxa de Urbanização – Sobral em relação ao estado do Ceará.								
SOBRAL					CEARÁ			
Ano	Pop. Total	Pop. urbana	Pop. Rural	Taxa de urb.	Pop. Total	Pop. Urbana	Pop. Rural	Taxa de urb.
1950	70.011	26.432	43.579	37.75%	2.695.450	679.604	2.015.846	25.5%
1960	73.716	37.706	33.010	51.15%	3.296.366	1.098.901	2.197.465	33.3%
1970	90.948	56.827	34.121	58.92%	4.361.603	1.780.093	2.581.510	40.8%
1980	104.577	76.042	28.535	69.83%	5.288.253	2.810.351	2.477.902	53.1%
1991	127.315	103.868	23.447	81.58%	6.366.647	4.162.007	2.204.640	65.37%
2000	155.276	134.508	20.768	86.63%	7.430.661	5.315.318	2.115.343	71.53%

Fonte: tabela construída a partir de dados do IBGE

Analisando a taxa de urbanização dos municípios que compõem a microrregião de Sobral, em 1991 observa-se que esses municípios apresentam, na sua maioria, taxas de urbanização muito baixas em relação à média registrada para o estado, muito mais ainda que a média registrada em Sobral, lembrando que o urbano no Ceará passa a vivenciar modificações significativas em décadas recentes;

Analistas mais atentos dizem que o domínio do urbano sobre o rural só ocorreu com as mudanças políticas, particularmente a partir da eleição do governador Tasso Jereissati, em 1986. Os interesses da burguesia industrial passam a sobrepor-se aqueles da oligarquia agrária. Mas em termos de crescimento, a população urbana ultrapassa a rural, no final da década de oitenta. (COSTA,1999. p.101)

Quanto ao crescimento da população dos municípios da sua microrregião para o período de 1991-2000, o aumento é pequeno com destaque para Sobral e Santana de Acaraú, 2,2 e 2,5 respectivamente. Sobral teve o município de Forquilha

desmembrado de seu território em 1985; mesmo com essa cisão não ocorreu uma redução de sua população que apresenta nos anos de 91, 127.315 habitantes e em 2000, 155.276 (Tabela 13).

Tabela 13: População dos municípios que compõem a microrregião de Sobral

Município	Total 1991	Total 2000	Urbana 1991	Urbana 2000	% da urb. em 2000	Taxa geométrica 1991/2000
Cariré	17747	18617	3822	5459	29,32	0,5
Forquilha	15245	17488	8229	11619	66,44	1,5
Graça	14365	14813	2012	4838	32,66	0,3
Groaíras	8079	8741	4620	5588	63,93	0,9
Irauçuba	17155	19560	7704	10873	55,59	1,5
Massapê	23285	29574	12758	19173	64,83	2,5
Miraíma	9393	11417	3810	4772	41,80	1,4
Mucambo	11952	13811	5136	7574	54,84	1,6
Pacujá	5006	5653	2292	3276	57,95	1,4
Santana do Acaraú	22447	26198	8729	12454	47,54	1,7
Senador Sá	6306	5605	3105	3802	67,83	0,9

Dados: Atlas do IDH

Colaboram como forças na aceleração da urbanização de Sobral na última década, a maior oferta de trabalho quando comparada a outras cidades da área onde está localizada, a diversidade de atividades econômicas, aliada ao alarde do modelo de gestão municipal, discutida no capítulo IV. Sistema de objetos e de ações que vem atraindo não apenas consumidores de mercadorias e de serviços privados, mas cidadãos em busca de trabalho, moradia e formas mais dignas de sobrevivência.

6.2 Fluxos Migratórios e Outros Aspectos da Dinâmica Demográfica

Por ter se configurado como destino de muitos trabalhadores, Sobral pode ser visto no imaginário desses migrantes como uma fronteira mais próxima de suas áreas de origem, diferente do destino migratório das décadas anteriores. Mas é possível que essa migração guarde traços de uma decisão ainda difícil, pois como nos lembra Sorre “o impulso migratório raramente é um fato simples; resume-se num acúmulo de necessidades, desejos, sofrimentos e esperanças”. (SORRE, In DAMIANI, 1991, p. 63).

Os fluxos migratórios em direção a Sobral são realizados por pessoas de diferentes faixas etárias e também de níveis sociais distintos. Segundo o censo de 2000, Sobral recebeu uma quantidade expressiva de jovens e adultos com predomínio do sexo feminino, na busca de inserção no mercado de trabalho, sendo comum encontrar entre os trabalhadores dos dois circuitos da economia urbana e entre desempregados, pessoas não nascidas em Sobral, provenientes sobretudo de municípios circunvizinhos.

A localização das pessoas no território é, na maioria das vezes, produto de uma combinação entre forças de mercado e decisões de governo. Como resultado é independente da vontade dos indivíduos atingidos, freqüentemente se fala de migrações forçadas pelas circunstâncias a que se alude acima. (...) Muitas destas contribuem para aumentar a pobreza e não para a suprimir (*sic*) ou atenuar. (SANTOS, 1987. p.113)

Em termos quantitativos no período de 1996-2000 entraram cerca de 7.018 pessoas, das quais 1.170 de outros estados, contra 5.786 do estado do Ceará. Esse fluxo é inferior apenas a maior cidade do interior do estado, Juazeiro do Norte que recebeu o dobro de migrantes neste mesmo período ou seja, 14.013 pessoas. (*Anuário estatístico Ipece*)

Muito desses migrantes buscam o circuito inferior como alternativa de sobrevivência, pois Identificamos em nossa pesquisa junto aos trabalhadores do circuito inferior, que quarenta por cento deles são de municípios da Região Norte do estado do Ceará e cerca de 17, 64% do interior do próprio município de Sobral e 42,35% nasceram na cidade de Sobral. (Gráfico 5)

Cerca de sessenta por cento dos entrevistados já estiveram inseridos no

mercado formal, mas não conseguiram mais emprego, estando 57,65% nessa ocupação a menos de dez anos, ou seja, período correspondente às maiores transformações socioespaciais da cidade. Esses dados demonstram como está buscando sobreviver parte do segmento que não consegue ser inserida no mercado de trabalho formal.

Gráfico 5: Perfil do trabalhador do circuito inferior do centro da cidade de Sobral - 2006

Fonte: Pesquisa direta

Sobral ao apresentar em seu território situações de dinamismo, aumenta teoricamente as possibilidades de oferta de empregos, fatores que funcionam como determinantes na opção daqueles que buscam na migração uma possibilidade de melhora.

Esse migrante se junta aos pobres produzidos pela própria “cidade”, procura como nas grandes cidades, os bairros mais populares para se instalarem. Em Sobral o bairro mais populoso ainda é o Centro que detém 19.542 habitantes. Os demais bairros que vêm acumulando pessoas e carências são: Terrenos Novos e Sumaré com 14.771 e 12.576 respectivamente, Alto da Brasília outro bairro com muitas carências, aglomera cerca de 8.115 habitantes. I(BGE, 2000).

Nesses bairros estão a maior quantidade de domicílios próprios quitados, no entanto são onde se encontram as piores condições sanitárias, pois dos 3.796

domicílios sem banheiro na cidade, cerca de 28% estão no Bairro Terrenos Novos e 22% no Bairro Sumaré. O que denota o tipo de moradia de muitos desses moradores. (Mapa 10). Encravada nesses Bairros encontramos novos lugares de ocupação.

Um dos Bairros “nobres” da cidade o Bairro Colina da Boa Vista, apresenta oficialmente cerca de 420 habitantes, o que reforça a grande disparidade quanto ao uso do solo urbano no que consiste ao espaço de moradia, ainda mais quando analisadas as construções suntuosas, as vias de acesso, a limpeza das ruas, etc; lembrando a segregação espacial dos grandes centros;

As condições de vida da periferia das grandes cidades revelam que seus moradores vivem seguramente um outro tempo histórico, em relação aos moradores abastados e bem servidos. O tempo histórico vivido por eles é o da falta de saneamento, dos esgotos expostos, da deteriorização das condições médicas. (DAMIANI, 1991; 33)

O crescimento da periferia social e física nas áreas próximas as indústrias ou nas margens do rio ou riachos, por meio dos loteamentos clandestinos, ocupações, processo acentuado de autoconstrução, entre outros, (Foto 12). Esses aliados aos demais fatores de ampliação como a especulação imobiliária em diversas direções, levaram a expansão dos limites da malha urbana, assim o PDDU que vem sendo reformulado desde 2005, coloca os novos limites oficiais, na realidade, são as velhas tentativas de ordenamento da cidade; “A colocação da pobreza como um dos maiores desafios da urbanização brasileira prende-se, sobretudo, ao fato que, a espessura da mancha urbana, portanto físico, faz-se pelo vetor pobreza”. (SOUZA, 1985, p. 23).

Foto 12: Vila Recanto I nas adjacências da Grendene. Foto: Virgínia Holanda

Embora a urbanização de Sobral tenha atingido no ano de 2000, a taxa de

86.63%, existe ainda uma contínua procura das pessoas que residem nos distritos de Sobral pela sede urbana do município, em parte devido à própria estrutura agrária que sempre predominou no Nordeste e as ausências de Políticas Públicas Agrícolas para os pequenos produtores. (ANDRADE, 1982)

Esse migrante que chega a Sobral é, em sua maioria jovem, pois, quando analisado o fator idade, a população de Sobral pode ser considerada jovem, haja vista que o grupo de idade de 0 –19 anos apresenta-se com 45,8% da população e entre 20-40 anos 31,6%, ou seja 77,4% dos habitantes tem menos de quarenta anos de idade. Já a população entre 15-64 está formada por 92.311 pessoas e com mais de 65 anos 8.496, isto no ano de 2000, número mais elevado em relação ao ano de 1991, quando a população com mais de 65 anos era apenas de 6.322 pessoas. No que consiste a distribuição da população por sexo há uma pequena supremacia das mulheres em relação aos homens: 51,5%.

Um outro aspecto relevante em torno do comportamento da população de Sobral é a diminuição da taxa de fecundidade: no ano de 1991 era de 4.1 passando para 3.2 no ano 2000, com reflexos na taxa bruta de natalidade ocorrida nos últimos anos, ou seja segue neste aspecto a situação geral do país. Isso tem ocorrido pelo menos em parte, devido a busca da mulher por inserção no mercado de trabalho, para completar a renda familiar. Em conversas informais, durante a coleta de dados, percebemos que essas trabalhadoras estão na cidade em toda parte, reclamam do pouco número de vagas nas creches para deixar seus filhos e das longas jornadas de trabalho.

Sobral - Domicílios Sem Banheiro Situação por Bairro - 2000

6.3 Mercado e Força de Trabalho em Sobral

Os processos que levam a novos usos do território brasileiro, são em decorrências de modos de produção mais flexíveis, conforme já analisados, os mesmos tendendo a impor exigências mais complexas de divisão de trabalho, com forte precarização do trabalho e diminuição no número de empregos nas metrópoles.

Quanto as cidades médias, sobretudo no Nordeste brasileiro vem recebendo desde o início dos anos 90, indústrias que se assemelham ainda ao tipo *fordista*, caracterizadas pela figura do operário, portanto, sedentas de mão-de-obra barata, isenção fiscal, formas mais eficientes de fluidez, entre outras.

Mas esse “fenômeno” de “migração” de indústria para territórios periféricos, exige ainda um mínimo de saber profissional até então inexistente, determinando reformulação das Políticas Públicas de capacitação da mão-de-obra e constantes investimentos em cursos de qualificação voltados aos desígnios das empresas, bem como programas conduzidos para a alfabetização de adultos, haja vista a parte considerável da população analfabeta que compõe a População Economicamente Ativa (PEÃ)⁷³ e responsável por domicílios, a exemplo de Sobral, onde os bairros mais densamente povoados da periferia, Terrenos e Sumaré, apresentam uma taxa de analfabetos, entre os chefes de família de 17% e 16%. (Mapa 11).

Em Sobral, a constatação de um quadro formado por elevados níveis de analfabetismo e analfabetismo funcional⁷⁴, a falta de preocupação com a qualificação e capacitação da mão-de-obra, a permanência das formas mais arcaicas de exploração e dominação, foram fatores que levaram a tecnocracia, que

⁷³ Segundo o Instituto de Desenvolvimento do Trabalho (SINE/IDT) considerando a conceituação utilizada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), as taxas de ocupação e desemprego resumidamente estariam estruturadas da seguinte forma; **População em Idade Ativa-(PIA)**, segmento da população com no mínimo dez anos de idade. **População Economicamente Ativa – (PEÃ)**, seria o subgrupo da população em idade ativa integrado pelas pessoas que estariam em idade de trabalho, conjugando empregados e desempregados, estão procurando emprego, ou são empregadas formalmente, ou estão trabalhando embora de forma precária. O subgrupo em idade ativa que no período da pesquisa não se encontra trabalhando e nem pressionando o mercado de trabalho compõe a **População Não Economicamente Ativa-(PNEA)**. A taxa de inatividade é exatamente calculada pelo quociente entre a PNEA e a PIA. Quanto ao desemprego fala-se-á em *desemprego cessante* para se referir ao cidadão que está procurando emprego e que já passou pelo mercado de trabalho e *desemprego não cessante* seria uma denominação para falar daqueles que estão buscando o seu primeiro emprego.

⁷⁴ Oficialmente, somente 32% dos eleitores sabem ler e escrever e 14% são analfabetos.

assumiu a administração pública em 1997, a explorar esse quadro como entrave ao desenvolvimento da cidade; assim muitas ações entre (1997-2000), estiveram voltadas para adequação da PEA às opções de trabalho que se apresentavam, ações essas que seriam respostas rápidas as necessidades competitivas do território.

No entanto essas ações não foram acompanhadas pela oferta de emprego, os postos de trabalho sendo insuficientes em relação a demanda, assim, no presente as formas de driblar o desemprego são as mais diversas, entre elas, o refúgio no circuito inferior. Esse circuito resguarda em Sobral as mais diversas manifestações de trabalho, novos e velhos como: carroceiros, canoeiros, costureiras, anunciantes de produtos em bicicletas e bis, sorveteiros, borracheiros, moto taxistas, motoboys etc.;

O que realmente interessa é um olhar que possa descobrir as manifestações do trabalho. É o trabalho intensivo (sem horários, sem benefícios, sem pausas pré estabelecidas) o que define o circuito inferior e atualmente, mais do que nunca, também o circuito superior marginal, em contraposição à escassez de capital, e não o cumprimento-descumprimento de um sistema normativo em vigência. Vão-se os empregos, fica o trabalho. (SILVEIRA, 2004. p.68).

Analisando a Força de Trabalho em dois momentos distintos, justificados por corresponderem a períodos políticos de transformações significativas, com reflexos nos dois circuitos da economia urbana de Sobral, 1996 corresponde a um ciclo que estava se fechando, caracterizado por descrédito político, inflexão econômica, uso desordenado do solo urbano, etc.; O segundo momento, 2004 já é resultado de um complexo sistema de ações do Poder Público que havia assumido a administração em 1997, mas como parte de um movimento político iniciado em 1995.

A PEA de Sobral em 1996 era de 43.946 pessoas e no ano de 2004 totalizava 52.198 pessoas. Quanto a ocupação e distribuição por atividade econômica passa por algumas transformações, em 1996. O setor de serviços contava 37.16% das pessoas ocupadas, em segundo lugar se encontrava a indústria de transformação que empregava 28.84%, no ano de 2004 a indústria de transformação passa a ocupar 33,15% e o setor de serviços 38,49%, apresentando um aumento considerável de ocupação na indústria e um leve aumento no setor de serviços.

Quanto a ocupação no setor de comércio é de cerca de 18.63% da PEA. Quando somados serviços com a administração pública, a população ocupada nessa atividade atinge 43.99%. (Tabela 14).

Tabela 14: População Ocupada por Subsetor de Atividades Sobral-2004		
Subsetor	% 2004	Em números absolutos -2004
Indústria de Transformação	33,15	14.272
Construção Civil	2,81	1.210
Comércio	18,63	8.021
Serviços	38,49	16.572
Administração Pública	5,55	2.389
Outros	1,37	589
Total	100,00	43.053

Fonte: Pesquisa Direta – IDT

É possível que o aumento na taxa de ocupação na indústria de transformação se deva à instalação da fábrica Grendene Sobral S/A, que iniciou suas atividades em 1993, deste então tem passado por ampliações, totalizando no ano de 2004 sete unidades, empregando expressivo número de trabalhadores que oscila entre nove mil e treze mil funcionários.

A população ocupada junto a administração municipal, passou por alterações, sofrendo redução no período (1997-2000). Entre demissões, novos concursos, criação de órgãos e mais secretarias municipais, a taxa de ocupação, que em 1990 era de 7.36%, baixou para 5,55% em 2004, uma arrefecimento de 1,88%.

Mesmo com a chegada de indústrias e com incremento do circuito superior marginal emergente e residual e o aumento do circuito inferior, o quadro de desemprego exigiu atenção, em 1996 sendo 5.759 pessoas sem emprego, em 2004 totalizavam 7.757 desempregados, ou seja, uma taxa de 15,26% de desempregados. (Gráfico 6)

Dentro deste contexto o desemprego cessante é significativo, passando de 3.222 em 1996 e no ano de 2004 subindo para 6.282. Quanto àqueles que estão buscando emprego pela primeira vez, incluídos no grupo de desemprego não

cessante, passa de 2.015 no ano de 1996 chegando a viver uma retração em 2004 sendo de 1.475 pessoas. Mas ainda chama atenção o grande número de pessoas buscando emprego pela primeira vez, reflexo do predomínio de uma população jovem.

Gráfico 6: Indicadores da Força de trabalho em Sobral – maio 2004

Fonte: Sine/IDT. Elaboração: Nossa

A faixa etária com maior incidência de desemprego em 1996 compreendia o grupo entre 10-19 anos, com uma taxa de 33.56% de desempregados, em seguida o grupo de 20-29 com cerca de 16.11%. Para o ano de 2004 a incidência de desempregados continua sendo na faixa de 10-19 anos, mas com um percentual menor 29,01%, na faixa etária de 20-29 anos 17, 2% um percentual levemente superior a 1996; (Tabela 15).

Tabela 15: Taxa de Desemprego por Faixa Etária Sobral maio de 2004

Faixa Etária	Taxa	Números absolutos
10 – 19	29,01	1.386
20 – 29	17,2	3.334
30 – 39	12,77	1.563
40 – 49	12,41	1.062
³ 50	7,04	412

Fonte:IDT

Esse desemprego entre as pessoas com menos de quarenta anos nos ajuda a entender o alto índice do número de trabalhadores do circuito inferior na faixa etária entre 10-40, qual seja, 56,46 %. Segundo o Secretário de Indústria e Comércio de Sobral, esse quadro ocorre devido a constante chegada de pessoas que buscam em Sobral novas oportunidades de emprego; ele afirma que “são pessoas de idades e instruções variadas, muitas vem em busca da Universidade e ficam de olho em um emprego em Sobral; a procura é crescente mas as políticas de atração de investimento não cessam” é o que afirma o Secretário.

Mas se há uma busca crescente pela cidade, isso se deve em parte a forma como a sua imagem é o tempo todo reforçada, através dos noticiários, nos jornais ou propagandas, nos discursos, nas comemorações, nas inaugurações, mas coexistem *duas cidades* essa que se reafirma no discurso e a outra com demanda crescente por moradia, ocupações constantes de áreas de riscos, filas enormes nos postos de saúde, na fila do IDT.

MAPA 11

Sobral - Pessoas Não Alfabetizadas Responsáveis por Domicílio

6.4 As Tendências de Ocupação e do Emprego

No Brasil o alto grau de informalidade do mercado de trabalho, o caráter muito desigual da distribuição de renda, assim como o baixo nível geral de escolaridade da população ativa, são alguns dos fatores que explicam que parte significativa de trabalhadores apresente níveis de formação e qualificação insuficientes e estejam no presente freqüentemente excluídos do acesso ao mercado de trabalho.

Conforme já salientamos o tipo de indústria que tem buscado os territórios periféricos do Brasil, não precisa de uma mão-de-obra altamente qualificada, no entanto, tais territórios historicamente estiveram fora do circuito espacial da produção industrial, portanto sua força de trabalho não acumula nem experiência de trabalho na indústria, nem comportamento adequado a esse tipo de trabalho e quanto ao nível de instrução, muitos são apenas alfabetizados.

Assim, é necessário inicialmente apenas inseri-los nos movimentos repetitivos do ritmo das máquinas, mas no momento seguinte aumentam as exigências, a exemplo da empresa Grendene, que atualmente só em último caso contrata pessoas com o ensino fundamental incompleto. Isso foi tornado possível porque no período de dez anos, aumentou significativamente a população com ensino fundamental e médio devido as Políticas Públicas que vem incentivo a educação de jovens e adultos e outros programas de abreviação do ensino fundamental e médio.

Essas mudanças vão moldando o perfil do desemprego, no que consiste ao grau de instrução. No ano de 2004, a maior taxa de desempregado sendo composta pelas pessoas que concluíram o ensino médio foi de 17,48%, e, em 1996, era entre aqueles que tinham o ensino fundamental, um índice de 16,48%. Dado que revela o aumento de desemprego entre as pessoas com mais escolarização.

Realidade confirmada pelo aumento de desempregados analfabetos, que em 1996 representavam 10,80% da população desempregada e em 2004 totalizam 14,29 do grupo de desempregados. A menor taxa é representada pelas pessoas com curso superior com 5,88% de desempregados que em 1996 era de 6,70. Sendo comum nos dias de hoje, universitários trabalharem no chão da fábrica da Grendene, pois quando a empresa chegou, isso não ocorria.

Quanto aos profissionais de nível superior com taxa de ocupação em torno de 69.06%, ou seja, percentual bastante representativo, deve-se também pela quantidade de novos empresários com nível superior. Para os que estão no mercado de trabalho com ensino médio, o percentual é de 50,70%.

A população total ocupada no ano de 2004 totalizava 43.053 pessoas. O circuito inferior da economia apresenta cerca de 19.581 pessoas ocupadas. A expansão desse circuito, conforme já colocado no capítulo IV, levou o Poder Público a criar, através da Secretaria de Indústria e Comércio o programa denominado “*Emprego Pleno*” em parceria com o BNB.

O programa viabiliza empréstimos para pequenos negócios denominados informais, como, vendedor ambulante, fotógrafos, sorveteiros, doceiras, entre outros. Esse programa vê a “informalidade” como uma iniciativa empreendedora e não apenas como estratégia de sobrevivência, mas 81,17% dos trabalhadores do circuito inferior entrevistados nas ruas do Centro, afirmam não conhecerem esse programa.

Porém, dados do relatório da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Município de Sobral afirmam ter capacitado, através desse programa, 16.183 pessoas, oferecido crédito a 1.678 que beneficiaria cerca de 2.943, pois cada empreendimento financiado ocupa três pessoas; afirma ainda ter apoiado um total de 1.740 comercializações. Numa matemática que registra um total de 23.085 beneficiados pelo Programa Trabalho Pleno. (SDE, Relatório de 1997 a 2004).

No que diz respeito a estrutura da propriedade dos pequenos negócios em Sobral, há uma grande heterogeneidade em termos de tamanho dos estabelecimentos. O setor informal conta com cerca de 5 000 micro e pequenas empresas⁷⁵ que atuam em atividades secundárias e terciárias, são estabelecimentos diversos em muitos aspectos.

Este universo é longe de ser homogêneo, à medida que coexistem atividades garantindo apenas meios de sobrevivência, outras, com empreendedores que contam com pessoas ajudando no negócio em geral da família, outros trabalham como braço do circuito superior marginal e conta com o trabalho de outros trabalhadores etc.;

⁷⁵ Dados de 2003 Sebrae.

Identificamos pequenos empreendedores que já dispõem de uma inserção tímida no mercado do norte cearense, com pequenas unidades de fabricação de móveis, calçados, colagem de bolsas de papelão para gráficas maiores etc.. No entanto, a grande maioria dos empreendimentos é caracterizada pela escassez de capital, pelo baixo nível tecnológico e por dificuldades de acesso ao crédito e aos mercados, trabalham geralmente com membros da família. Elementos que contribuem para o isolamento produtivo dos empreendedores e limitam drasticamente as perspectivas de desenvolvimento dos mesmos.

Quanto ao circuito inferior praticado nas calçadas, são trabalhadores que em sua maioria, revende produtos adquiridos em Sobral, compram à vista e 77% tocam o negócio sozinhos. Pelo menos 45,89% trabalham mais de sete horas por dia, todos os dias da semana, com rendimento muito baixo, apenas 68,23% atingem um salário mínimo, onde 78,82% têm filhos e tiram o sustento dessa atividade, residem na periferia de Sobral, 71% deles se deslocam de suas residências a pé até o centro para vender seus produtos.

Esses dados e as conversas sem formalidades, foram nos revelando, como nos vários lugares de Sobral, vive a maioria dos seus moradores. Entre eles, muitos sujeitos que como alternativa única de sobrevivência e diante das taxas elevadas de desemprego e precarização das relações de trabalho, comercializam algum produto ou realizam algum tipo de biscoito no espaço das ruas, calçadas, praças etc.

Quanto as empresas de maior porte que emprega mais trabalhadores no mercado dito formal, atuam tradicionalmente em ramos industriais essencialmente destinados ao mercado da zona norte do Ceará: granito, alimento, bebida, material de construção civil, vestuário, alguns com ofertas de emprego sazonal.

Essas empresas não desencadeiam através de suas atividades uma cooperação com outros empreendedores, com formação de circuito espacial de produção no seu espaço contíguo. Talvez pela própria natureza dos segmentos industriais que chegam e a cultura empresarial “extensiva” que não estimularam essa rede, mantendo-se com uma organização produtiva quase que inalterada, sendo oportuno lembrar, (SANTOS):

As diferenças entre lugares são resultados do arranjo espacial dos modos de produção particulares. O ‘valor’ de cada local depende de níveis qualitativos e quantitativos dos modos de produção e da maneira como eles se combinam. Assim, a organização local da sociedade e do espaço reproduz a ordem

internacional. (...) o modo de produção tornam-se concretos sobre uma base territorial historicamente determinada. (1979, p.28)

Na realidade, mesmo com o surgimento de “novas” lideranças políticas e empresariais, permanece a cultura empresarial tradicional, pouco preparada para lidar com as mudanças, conservando os interesses de classe, em detrimento da mobilização coletiva das competências territoriais. Essas práticas também têm reflexos na configuração do urbano.

6.5 Outros Traços da Segregação Socioespacial no Presente

No Brasil, as políticas públicas de geração de emprego e renda aparecem freqüentemente como simples respostas à crise socioeconômica que atinge o país. Por isso, elas promovem geralmente, em todas as escalas da tecnocracia, estratégia de crescimento que não colocam em questão as velhas formulas de desenvolvimento⁷⁶.

No caso específico de Sobral, observamos, que coexistem duas tendências permeando a lógica das Ações Públicas Municipais: a) a busca pela inserção da cidade de forma competitiva frente ao processo de globalização via atração de investimento de maior visibilidade; b) ações de apoio ao desenvolvimento mais endógeno, com a mobilização das competências territoriais, estimuladas por um ambiente institucional dinâmico quando comparado a outros locais.

No entanto são forças desiguais e prioridades desiguais, onde as contradições emergem dessas perspectivas, sugerindo alguns questionamentos junto aos sujeitos reais deste processo de transformação. Lembrando que o cidadão está mais nos lugares e menos no campo formal de força, portanto, qualquer projeto socialmente transformador, precisa de discussões democráticas e mobilizadoras, que demandam tempo e disposição.

Pois o que assistimos ainda é um relevante quadro de pobreza e exclusão, onde o cidadão não é o centro no processo de modernização divulgado pelo poder

⁷⁶ A sedução pela “grande obra estruturadora” ou a noção de “pólo de desenvolvimento” continuam por exemplo de nortear a formulação de inúmeros projetos de desenvolvimento.

público. As estruturas sociais se mantêm, pois as mazelas sociais são jogadas como sendo resultado da esfera política nacional.

O poder público não poderá continuar reproduzindo a lógica do capital, amontoando as pessoas a partir de estatísticas mais ou menos imediatas, mais ou menos vazias, como salário mínimo, legalidade de atividade, valor venal dos imóveis, e abandonar os pedaços da cidade aos problemas de escala nacional e mundial. Reforça-se, assim, a construção científica de uma ideologia que, associando pobreza com marginalidade e atraso, não compreende os seus dinamismos e sua capacidade de trabalho. (SILVEIRA, 2004. p. 70)

No fundo sabemos das resistências às mudanças suscetíveis de colocar em questão as estruturas sociais, econômicas, técnicas e políticas de dominação tradicionais. Assim é que a realidade dos sujeitos sociais marginalizados, dos quais estamos falando, entra em choque com uma cultura política que ainda é clientelista, muito embora essa esteja transvertida de total ausência de privilégios.

As mudanças elaboradas tecnicamente nos gabinetes, dentro de um projeto de modernização administrativa, têm significativas implicações socioespaciais, mas apenas as transformações de interesse de alguns, são amplamente divulgadas e, assim a cidade vai sendo vendida como ilha de modernização.

Essa modernização de caráter econômico e de cunho capitalista aportou em Sobral, com a transferência de fábricas do Rio Grande do Sul, merecendo destaque a Grendene, indústria de calçados, que em números redondos, emprega dez mil pessoas, provocando uma redução de desemprego em 50%, caindo de 145 para menos de 7% da população economicamente ativa. (SOARES, 2000)

O grupo político que passa embrionariamente a pensar a cidade a partir de 1995, auto definida como moderna, tem no bojo do discurso e nas práticas os valores centrados na idéia de progresso. Assim, Sobral figura no presente entre os PIBs mais elevados do Estado do Ceará, ao mesmo tempo convive com taxas elevadas de proporções de pobres, conforme demonstra a (Tabela 16)

Tabela 16: Po PIB, Renda per capita media e Proporção de Pobres nos maiores municípios do Ceará (2000-2004)

Municípios	%Participação no Ceará	% na População do Ceará	Renda per capita média	Proporção de pobres
Fortaleza	41,3	29,2	306,7	33,3
Maracanaú	8,3	2,4	129,8	47,3
Sobral	4,6	2,1	151,6	55,6
Caucaia	2,9	3,7	129,2	54,1
Eusébio	2,2	0,5	107,1	63,3
J. do Norte	2,2	2,9	147,1	53,1
Horizonte	1,9	0,5	125,7	58,9
Maranguape	1,5	1,2	105,1	59,2

Fonte: ipece.

Quando analisada a renda das pessoas, encontramos dados que chamam atenção. Aqueles que ganhavam mais de dois salários mínimos em 1995, na ordem de 27.2%, em 2004 vêm-no reduzido para cerca de 25%. O número de pessoas que ganhavam um salário mínimo que em 1995 era de 14,2, passou em 2004 para 40,35.

Se esses dados demonstram uma maior quantidade de pessoas inseridas no mercado de trabalho, demonstra também em que condições elas vivem e a questão da concentração de renda existente na cidade.

Os vinte por cento dos mais ricos detém 70,1% da renda em 2000, contra 68,7 em 1991. A renda per capita no ano de 2000 foi de R\$ 151,06, o índice *Gini*⁷⁷ que era de 0,59 em 1991 passou para 0,63, o que reforça a nossa tese de aumento da desigualdade em Sobral, ou uma transferência de desigualdade, dentro de um processo de nivelamento da pobreza. (Tabela 17 e Mapa 12)

Conforme ainda a (Tabela 17) cerca de 88 % da população sobralense vive com menos de três salários mínimos ou está sem rendimento fixo. Os altos índices de pobreza, registrados na cidade, têm implicações diretas e negativas, no que diz

⁷⁷ Este índice funciona como um indicador das desigualdades de distribuição de renda. Apresenta uma variação que vai de (0 a 1). Quando o indicador se aproxima de 1, a distribuição de renda é de desigualdade absoluta, quando o indicador fica próximo a (0) a distribuição de renda se aproxima da igualdade total. Esse índice é uma medida desenvolvida pelo estatístico italiano Corrado Gini que a publicou no documento intitulado variabilidade e mutabilidade em 1912 – vem sendo utilizado para calcular desigualdade de distribuição de renda, mas pode ser utilizado para outras distribuições.

respeito às possibilidades de acumulação de capital, a formação de capital humano, qualificação profissional, ao grau de mobilização dos segmentos populares, de acesso ao consumo mais moderno, etc.; questões que “escapam” da forma de pensar a cidade por parte dos gestores.

Tabela 17: Sobral: Nível de Renda 1996/2004

Nível de Renda	% 1995	%2004
Sem Rendimento	17,2	3,15
Até 0,5 salário mínimo	3,2	11,6
0,6 a 1,0 salário mínimo	14,2	40,35
1,1 a 2,1 salários mínimos	27,2	25,00
2,1 a 3,0 salários mínimos	8,1	7,81
3,1 a 5,0 salários mínimos	16,5	5,68
5,1 a 10 salários mínimos	6,8	1,71
Acima de dez salários mínimos	4,5	1,03
Não informou	2,3	4,11
Total	100	100

Fonte: ipece

Nem as ações de captação de investimentos exógenos nem as políticas públicas sociais e econômicas como (bolsa escola, bolsa família, fome zero, microcrédito, entre outras;) que protegem as atividades econômicas locais, são satisfatórias para redução do quadro de pobreza.

O desafio consiste na promoção de políticas públicas capazes de integrar estas variáveis, gerando renda, aumento do nível de escolaridade da população, pautadas em outros modelos, estimulando a organização das pessoas nos lugares onde vivem, reconhecendo a existência dos lugares.

MAPA 12
Sobral - Responsáveis por Domicilio
com Renda de até um Salário Mínimo

6.6 Sobral: Outros Lugares e seus Aconteceres

A permanência de práticas espaciais seletivas em Sobral, tem gerado um aumento da desigualdade socioespacial, com uma periferia dominada pelo quadro de pobreza, embora mascarada por alguns serviços de infra-estrutura e de novas construções elegantes em certos bairros.

Os bairros populacionalmente mais densos e com maior quantidade de domicílios quitados são aqueles adquiridos através de loteamentos clandestinos, com ocupação inicial em área de risco; Terrenos Novos, Sumaré, Alto da Brasília, Dom José, entre outros. São detentores de precárias condições de moradia, acumulam ainda elevadas taxas de pessoas não alfabetizadas responsáveis por domicílio e um número significativo de chefes de família ganhando até um salário mínimo.

Como o IBGE em seus censos só considera favelas áreas de concentração de moradias precárias e sem infra-estrutura mínima, não se identifica favelas em Sobral, no entanto encontramos características das “típicas” favelas dos grandes centros na cidade, essas moradias estão encravadas nos bairros periféricos oficiais e com uma ou outra rua calçada, sujeitas a inundações.

Assiste-se o crescimento horizontal e vertical da cidade, mas a escassez parece ser crescente, pois vem junto do processo de especulação de toda natureza. Os conjuntos habitacionais que tiveram expressiva importância para a expansão da cidade nos anos 70, 80 e 90, a exemplo da Cohab I, II e III, dão lugar a novas formas de moradia na periferia seguindo a lógica da moradia do pobre nas grandes cidades;

A periferia, como cidade clandestina, é uma concessão necessária à falta de direitos à cidade. É sobre essa periferia que o estado avança, organizando-a. segundo códigos de edificações na década de 70; há alterações visando ao possível aumento das áreas de habitação, em detrimento de outras áreas urbanas. (...) em principio, uma vida segura, com água, asfalto, equipamentos sociais à disposição, em troca de uma ordem imposta. (...) de meados dos anos 70 ao início dos anos 80, consolida-se a ideologia-utópica: dar forma a periferia, através da cidade das necessidades elementares. (...) a grandiloquência relativa dessa política entra em crise a partir de 1983 e as versões que se seguem são ainda mais modestas: como a dos embriões, dos lotes urbanizados, etc; (DAMIANI, 1999. p.56-57)

Atualmente a Secretaria de Habitação possui uma lista com mais de mil famílias esperando uma moradia; a tipologia dessas casas, no que consiste a forma de construção e o número de cômodos, estão longe daquelas dos conjuntos habitacionais dos anos 70. Essas casas são geminadas, com três cômodos e com o espaço da testada da frente e de trás utilizadas como áreas comuns. (Foto 13)

Foto 13: Santo Antonio -Casas construídas pela Prefeitura Municipal, destinadas as pessoas que vivem nas áreas de risco. Foto: Virgínia Holanda

Há o reconhecimento de um número expressivo de pessoas morando em áreas de risco na periferia da cidade, levando a Fundação de Ação Social do Município a falar em trabalho de prevenção pelas inundações que se repetem no período de chuva. Como se fosse uma situação naturalizada pelo Poder Público, em depoimento a um Jornal local, a presidente dessa fundação faz a seguinte colocação; “através da Defesa Civil, nós temos condição de dar toda a assistência com cestas básicas, abrigos, colchonetes, essa condição mínima que é necessária para o alojamento de famílias”. (O NOROESTE *on line*, acontece. 15/12/06).

As inundações ocorrem nas margens dos riachos e rios existentes na cidade, em bairros como D. Expedito, localizado a margem direita do Rio Acaraú; (Foto 14)

Foto 14: Margem direita do Rio Acaraú – Bairro D. Expedito. Foto: Virgínia Holanda

A remoção das famílias é feita de forma lenta e geralmente para longe do local onde residem, dificultando a sobrevivência dos mesmos, pois são pessoas que moram nas margens dos rios e com eles desenvolvem toda uma relação de sobrevivência, a exemplo, das lavadeiras, canoeiros e vendedores ambulantes. As lavadeiras lavam as roupas no rio, os canoeiros transportam passageiros da margem direita para a margem esquerda e os ambulantes apenas atravessam o rio de canoa e já chegam ao espaço do centro onde trabalham.

No Bairro da Expectativa no limite com o Bairro Alto da Brasília, onde está instalada a empresa Grendene, as residências próximas se transformaram em pequenos estabelecimentos comerciais, os terrenos próximos que estavam vazios foram rapidamente ocupados com diferentes tipos e finalidades.

Assim essas práticas espaciais seletivas que são geradoras das velhas desigualdades, contraditoriamente reforçam graças a sua “luminosidade”, as áreas opacas no espaço intraurbano e nos territórios vizinhos, comandando a vida de relações de um amplo sistema de cidades, impedindo uma ação dinâmica dentro do espaço dessas cidades.

O que se verifica em Sobral, é o mesmo cotidiano cruel de outras cidades intermediárias, com usos cada vez mais corporativos, se fazendo necessário pensar

a cidade como totalidade, sem perder de vista que a vida que a anima é feita por pessoas, dentro de um quadro contraditório de desigualdade e combinação. Se o enfoque perder de vista a totalidade, corre o risco de ir ao encontro das ações políticas que têm levado em conta apenas a realidade parcial, não querendo ouvir o grito do território. “(...) a cidade não é apenas uma soma de parcelas, nem apenas um sistema de objetos, mas o conjunto de base material e da vida que a anima”. (SILVEIRA, 2004 p. 60)

Em Sobral hoje território seletivo dentro do estado e gerador de seletividade no seu próprio interior, tem em seu espaço as ações pensadas distantes, resultando em novas divisões de trabalho. Mas em seu território coexistem formas novas e antigas de divisão de trabalho, surgem as novas profissões resultantes das necessidades da globalização, mas permanece o trabalho que emerge do lugar, na luta pela sobrevivência: a lavadeira, o carroceiro, o canoeiro etc;

Num mundo global, as facilidades garantidas para o processo de acumulação evidentemente se ampliaram. A técnica amplificou a possibilidade de muitos lugares entrarem em circuitos produtivos jamais sonhados. Trava-se, portanto uma batalha mundial entre os interesses transnacionais, não tanto para a produção (que é flexível) e nem pelos lugares, que são múltiplos e inúmeros. A conexão geográfica possibilitada pela técnica, insere qualquer lugar conectado, no circuito global de produção e consumo. No entanto, se faz necessário dispor dos requisitos da globalização, isto é, estar *up to date* com relação as características de ponta das sociedades hegemônicas deste período histórico. (SOUZA, 1995)

Essas cidades que vêm se apresentando com certa luminosidade, embora com um segmento que sustenta um circuito superior marginal emergente, têm um mercado nascido no seio da população mais pobre, que vive, trabalha e circula também na mesma cidade, pois essa população pobre encontra seu lugar na cidade, mostrando o lugar como o “espaço do acontecer solidário” do qual nos fala SANTOS, (1996);

Se, no presente, as indústrias elegem alguns lugares com mais densidade para se realocar, o pobre não fica para trás, arrisca novas formas de sobrevivência nos espaços mais dinâmicos, principalmente quando encontra nos interstícios da fluidez uma possibilidade para circular.

O circuito superior moderno fica em alguns poucos pontos, o circuito superior marginal dá sustentação ao superior moderno em todos os pontos do território, e o circuito inferior nasce com força nas cidades intermediárias. Assim, uma nova

velocidade é impressa no cotidiano de territórios de cidades como Sobral, gerando novas carências;

A cada substituição de uma divisão de trabalho hegemônica há uma mudança na cidade, evidenciada não apenas nos papéis econômicos, mas também na incapacidade de dar resposta às necessidades de moradia, circulação, ensino, saúde, entre outras". (SILVEIRA, 2004.p.163)

Quando analisada a mobilidade no espaço intraurbano de Sobral, revelam-se também novas desigualdades, onde o transporte coletivo tem sido realizado através dos "alternativos", pelo fato das grandes empresas não buscarem ainda os territórios das cidades intermediárias como Sobral. Em anos recentes as topiques conseguiram ter o reconhecimento legal. Na realidade as empresas de ônibus de maiores portes estão adaptadas a ganharem lucros exorbitantes em cidades maiores; por isso se dão conta de que a demanda existente em Sobral, embora significativa, se esforça para andar de forma mais econômica. Mesmo que as distâncias entre os pontos sejam significativas, não há condição financeira de circular pagando, muitos fazem a mobilidade a pé ou de bicicleta.

As topiques cumprem trajetos longos em percursos que deveriam ser curtos, chegando a gastar duas horas para fazer um trajeto que não levaria vinte minutos, dão voltas e voltas entre os bairros, cobrando noventa centavos a passagem. Já os canoieiros que fazem a travessia do Bairro D. Expedito, da margem direita para a margem esquerda, cobram cerca de vinte e cinco centavos por viagem levando geralmente seis passageiros por viagem. Os motos taxistas cobram, do Centro aos Bairros mais próximos R\$ 1,75 por viagem. É dessa forma que se caracteriza a circulação do cidadão comum em Sobral.

Assim, o espaço urbano multifacetado de Sobral, se apresenta, com contornos distintos, na circulação, no consumo, no lazer, nas compras, no embelezamento, entre outros; se fragmenta pelo espaço urbano, do Centro para a periferia, salões de beleza, bares, uso do espaço público para múltiplos fins etc.;

Nas calçadas dos bairros populares as pessoas exercem seu trabalho conversando, bordadeiras, benzedadeiras, sorveteiros, mulheres confeccionando as carapuças de chapéu de palha, o leiteiro em sua bicicleta vendendo leite, crianças brincando na rua etc.; criando uma vida de relações e dando força aos lugares, pois

se unem através das associações de moradores, cooperativas de iniciativa popular, manifestações culturais como as escolas de samba, entre outras;

Acreditamos que os modelos exógenos de modernização, amparados na necessidade de qualificação, supridos através dos cursos profissionalizantes não compreendem esses trabalhos, como uma ação humana, por isso o resultado dessa “profissionalização” é pontual, pois pensam, apenas, nos estreitos limites da profissão para a eficiência do mercado, fragilizando a possibilidade de um projeto de fato moderno, no sentido de ser mais integrador, com a construção do território como abrigo.

É dos lugares que vem a força capaz de criar as possibilidades da construção do período popular da História, dos homens pobres e lentos do qual nos fala, SANTOS, (1996). Pois a inércia atinge apenas parte da cidade, aquela que produz apenas consumidores, mas há outras formas de trabalhar e de viver.

Essa experiência não pode ser desprezada, mas para isso a política deve priorizar, antes de tudo, a compreensão do uso do território. Como os usos têm gerado desigualdade, provocando “o grito do território”, quiçá seja na força desse grito que resida a construção de uma cidade de todos, em todos os lugares da cidade. (Fotos 15 e 16)

Foto 15: Praça de Cuba no Bairro do Centro. Foto: Virginia Holanda

Foto 16: Praça no Conjunto Santo Antônio. Foto: Virgínia Holanda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tarefa arriscada a de apresentar a síntese das conclusões relacionadas com os objetivos colocados. Assim, dividimos estes comentários em três itens, na tentativa de destacar sua importância dentro do largo repertório de observações levantadas no decorrer do trabalho. Ressaltamos que no interior dos capítulos, fomos apontando

As modernizações e os Espaços Seletivos

O estado Brasileiro passa pós-década de 1980 a vivenciar a inserção da política neoliberal, onde mais uma vez o território é colocado a favor dos interesses externos e usado como recurso, justificado pela necessidade de inserir o país nos circuitos da economia dita globalizada. No entanto a busca pela apregoada modernização do território, como fórmula viável de proporcionar o crescimento econômico sempre esteve presente nas ações do poder político, deste o Brasil colônia.

O que muda no presente, é que a existência do meio técnico-científico-informacional, possibilita o uso do território em toda a sua extensão. Esse uso é conduzido pelo capital transnacionalizado. As agências financeiras internacionais, guardiãs de uma nova ordem internacional se encarregam de pensarem as formas mais adequadas para o funcionamento de uma economia de mercado mais eficiente nos países subdesenvolvidos, para tanto esses países devem estar dispostos a implantar em seus territórios, o “receituário” pensado por essas agências.

O Brasil, ao aderir esse modelo, mais uma vez cria através de um sistema de ações e de objetos, as condições necessárias às modernizações requeridas pelas empresas, se voltando para um mercado sem restrições. Essas ações mudam completamente o território nacional, através de racionalidades estranhas aos lugares.

Encontramos no Nordeste brasileiro cidades seletivamente escolhidas como territórios acolhedores desses novos usos, e muito embora a formação socioespacial brasileira ainda mantenha certa singularidade, vão se conformando novas regras e novos usos, e é exatamente nos interstícios dessas novas práticas e ritmos que encontramos os vetores racionais definidores da modernização do presente no campo e na cidade.

Reconhecemos que a formação socioespacial brasileira historicamente foi permeada por forças exógenas, mas as determinações que as caracterizavam se circunscreviam no âmbito nacional, hoje há uma redefinição dessa formação imposta mais que no passado pelos investidores internacionais aliados ao capital nacional.

No presente o caráter “desigual e combinado” da realização do capital anuncia-se na formação socioespacial brasileira com toda dureza. Aumenta os espaços seletivos sobre o território geradores de novos espaços opacos. Sem as materialidades requeridas pelo capital no presente, esses espaços opacos se tornam excluídos quiçá até o momento que assim o desejarem os agentes globais ou quem sabe renasça um modelo alternativo de desenvolvimento menos excludente nesses espaços, dados pela força do lugar, no período popular da História (SANTOS, 1996, *passim*).

A efervescência de um período em alguns pontos do território Nordeste

Dentro desse processo temos assistido o estado mediando conflitos criados entre as diferentes unidades da federação envoltas numa luta árdua para seduzir investimentos privados para seus territórios. Esses investimentos, atraídos em meio a “guerra dos lugares” (SANTOS & SILVEIRA, 2001) chegam ao interior do país através de pontos modernizadores, a exemplo de Sobral no Ceará, analisado, em nosso trabalho, como um espaço seletivo embora que residual quando feito um contra ponto com os espaços seletivos existentes na Região Concentrada, que absorve também decisão.

As modernizações que chegam ao presente, seletivamente em cidades do interior do Nordeste Brasileiro, têm ajudado a elevar alguns números. Muitas dessas cidades figuram entre os 39 centros urbanos com maiores PIBs no Brasil, (IBGE, 2002), como: Imperatriz no Maranhão, Parnaíba no Piauí, Sobral no Ceará, Mossoró no Rio Grande do Norte, Caruaru em Pernambuco, Barreiras e Vitória da Conquista na Bahia.

Essas modernizações ocorrem através dos investimentos em novas densidades técnicas e constituição de normas, transformam sobremaneira os espaços intermediários, sobretudo, a partir dos anos 90, e vão de norte a ao sul do país, a exemplo de Ribeirão Preto na Região Concentrada ou Sobral no Nordeste. Embora sejam espaços ainda do fazer, quando comparadas a cidades com outras escalas, são arranjos luminosos, ocasionando, o novo e o novíssimo do qual nos fala (RIBEIRO, 2005, *passim*), essas cidades passam a apresentar em seus

territórios modernizações e certa força política, sistemas de objetos e ações que interagem de forma mais intensa com os agentes hegemônicos.

Toda essa fluidez possibilitada pelas redes técnicas, ao mesmo tempo em que leva o que há de mais moderno aos lugares, provoca uma passagem veloz de uma solidariedade orgânica para uma solidariedade organizacional, formando assim os espaços corporativos. Onde o uso do território, neste caso, pode ser entendido através das práticas seletivas desse uso, tendo como consequência mais desigualdades socioespaciais no espaço inter e intra urbano das cidades.

SOBRAL: A Permanente busca de consolidação enquanto centro urbano dinâmico e seus sujeitos

Em nosso trabalho Identificamos que as ações políticas têm adequado a cidade de Sobral para práticas cada vez mais racionais de seu território, muito mais que outras cidades que não apresentam um quadro de tecnocratas identificados com essa nova ordem, o que ocasiona uma “venda” da cidade como um grande sistema de objetos e de ações que a distingue da cidade atrasada do passado.

Esse mérito é alcançado em Sobral pelo crescente disciplinamento da cidade, em todas as dimensões, cultural, política, social, entre outras. Há uma ordem imposta, um novo conteúdo técnico da acumulação, novas formas de circulação, emergência de novos modelos de consumos. Como decorrência apresentam-se contradições que saltam aos olhos; Ao lado do aumento do PIB, prêmios de organismos internacionais pela ostentação de dados, venda de modelo de governança, brotam desses simulacros as crescentes segregações socioespaciais que os programas sociais não conseguem abafar.

O uso do espaço urbano de Sobral pensado e efetivado pelo prefeito Cid Gomes em duas gestões seguidas (1997/2000-2001/2004), foi assegurado pelo forte discurso de modernização, com maciços investimentos em infra-estrutura e realocação de alguns serviços públicos, que garantissem sucesso nas novas territorializações dos investidores privados. Assim vem ocorrendo um aumento da fluidez, com crescente surgimento de modernos e diferentes tipos de empreendimentos em outros bairros além Centro.

No entanto revela-se uma seletividade de uso da cidade, não resultante do debate com a sociedade civil, através dos espaços de discussão do PDDU, do orçamento participativo, conselhos municipais, associações de moradores, entre outros, mas pelo velado interesse de valorização de novas áreas, pela forma de pensar a cidade pelo viés de desenvolvimento repaginado às avessas, pela constante busca de resultados de "progressos" imediatos.

Assim, através da cartografia dos dois circuitos da economia urbana, percebemos algumas das consequências dessa seletividade de uso. Os supermercados que se modernizam ou que compõem um dos novos investimentos que têm buscado Sobral, estão procurando os pontos de saída da cidade, ajudando a agregar valor aos terrenos localizados em áreas de especulação imobiliária a exemplo do Bairro do Junco, Campos dos Velhos e Derby.

Nas proximidades desses novos empreendimentos, pertencentes ao circuito superior da economia da cidade, aparece com muita força o circuito inferior que até então estava muito concentrado através do trabalhador ambulante e flutuante no Centro da cidade.

O grande investimento industrial por meio das fábricas de calçado que compõe a empresa Grendene ajudou também no processo de surgimento de algumas atividades econômicas além-centro, rumo ao bairro da Expectativa e Alto da Brasília, merecendo destaque o circuito inferior que ocupa as ruas nas adjacências das portas das fábricas e também no interior das residências.

Os serviços públicos, ao sair do Centro, têm buscado quase sempre os mesmos bairros que os supermercados, numa clara evidência de sintonia entre o Poder Público e os novos investidores; os bairros mais distantes, que aparecem na cartografia com um tímido aumento das atividades econômicas, são quase sempre através de pequenos comércios que tiveram sua situação regularizada junto ao fisco, depois que a gestão municipal se lançou num esforço espantoso em busca da regularização de todas as atividades para um aumento da arrecadação municipal.

A área tombada como patrimônio histórico nacional do Bairro Centro, tem abrigado diversos tipos de serviços e de comércios com aparência mais sofisticada, mas nas ruas transversais apertadas, encontramos também a presença do circuito inferior, com as pequenas oficinas de prestação de serviços de consertos. Na parte

mais dinâmica no interior do Centro, território das finanças em suas ruas principais, nos deparamos com o comércio mais tradicional e a forte presença do circuito inferior que na sua própria essência apresenta diferenças gritantes, inclusive no que consiste ao uso do espaço da rua muitas vezes utilizada como “antena do circuito superior”.

Mas Sobral tem atraído não apenas novos investimentos, mas pessoas em busca de trabalho, outras à caça de maiores alternativas de consumo, num vaivém diário, e tantas outras para se fixar no espaço urbano da maior cidade do Norte cearense, em busca de melhores condições de vida, muitas delas se juntando aos novos pobres produzidos no interior da cidade.

Dentro desse contexto, entendemos que pensar Sobral em meio as práticas espaciais seletivas, não poderia perder de vista a cidade como totalidade, pois a cidade não pode ser pensada como eco do global, para tanto elaboramos a leitura dos contextos das singularidades dos lugares na cidade. A idéia da cidade contendo lugares, animada por eles, portanto uma totalidade dentro de outras duas totalidades, a formação socioespacial e sua relação com o mundo.

A elaboração e o preenchimento da matriz de periodização foram essenciais para a construção de nossa análise. Percebemos que a gestão municipal de Sobral ao projetar a cidade a todo momento como território das modernizações, as tensões se espalharam. Pois mesmo que os gestores públicos preparem enquanto força local o território com um amplo sistema de engenharia reclamado pelos agentes distantes, há o “grito do território” (Souza, 2003) manifestado, sobretudo, pelas desigualdades que vão sendo geradas nesses espaços.

Foi no campo das tensões de modernização/ordem antiga que identificamos os novos tipos de conflitos e as possibilidades de debates essenciais para entender e pensar os processos de transformações em curso. No caso específico de Sobral, identificamos muitos lugares e diversas formas de sobrevivência, de onde pode emergir outros sujeitos com pensamentos mais voltados para um processo de transformação social solidário e emancipador. “O que importa agora é preservar o papel das cidades locais, sem todavia consagrar e conservar disparidades, e integrar essas cidades em um mecanismo de crescimento que seja geral e não seletivo”. (SANTOS, 2005. p. 92)

Enfim, pela discussão travada em nossa tese, reafirmamos a importância dos estudos dos dois circuitos da economia urbana, como pistas importantes no processo de discussão da realidade dos territórios selecionados como luminosos, são nas suas frestas que identificamos o “grito do território” e o papel dos lugares nas regiões pobres no mundo globalizado.

BIBLIOGRAFIA

Livros, Teses e Dissertações

ABREU, Maurício de Almeida. **Estudo geográfico da cidade no Brasil**: evolução e avaliação (contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro) In: Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro:IBGE, vol. 58,números ¼ publicação trimestral. 21-122, jan/dez. 1994.

ALBUQUERQUE, Mariana V. de. **A Regionalização no Período Técnico-Científico-Informacional**: A Região Metropolitana de Campinas. In: SOUZA, M. A. de. (org.) Território Brasileiro: usos e abusos. Campinas: Edições Territorial, 2003. p. 534-547.

ALMEIDA, H. M. **Seletividade e desenvolvimento**: práticas espaciais na gestão do território cearense. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da FFLCH da USP. São Paulo. 2004.152p.

AMORA, Zenilde Baima. **As transformações da indústria de Fortaleza face a política de industrialização do Nordeste**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da FFLCH da USP. São Paulo. 1978. 100p.

_____. **Aspectos históricos da industrialização do Ceará**. In : SOUZA, Simone de (org.). História do Ceará. 2ª ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

_____. **O espaço urbano cearense**: breves considerações. In: AMORA, Zenilde Baima (org.). O Ceará: Enfoques geográficos. Fortaleza: Funece, 1999.

AMORIM, M.A. **Clusters como estratégia de desenvolvimento industrial no Ceará**. Fortaleza: BNB,1998.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Estado, capital e industrialização do Nordeste**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

_____. **Formação econômico-social e processos políticos no Nordeste Brasileiro**. In MARANHÃO, Sílvio (org.). A questão Nordeste: estudos sobre formação histórica, desenvolvimento e processos políticos e ideológicos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. **Espaço, Polarização e Desenvolvimento: Uma Introdução à Economia Regional**. São Paulo: Atlas, 1987;

ANSAY, Pierre e SCHOONBRODT R. / **Penser la ville choix supradtextes philosophiques**. Bruxeles: A A AM editions, 1989.

ARENDT, Hannah. **Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. 339p.

_____. **Da revolução**. Brasília: Ática, 1988.

ARROY, M. M. **Território nacional e mercado externo**. Uma leitura do Brasil na virada do século XX. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da FFLCH da USP. São Paulo. 2001. 250p.

ASSIS, Lenilton Francisco de. *et al.* **A terciarização da cidade média de Sobral e suas influências no comércio das cidades pequenas de Cariré e Varjota - CE**. In: IX Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 2005, Manaus. Anais do IX SIMPURB. Manaus: UEA, UFAM, AGB-Manaus, 2005.

BACELAR, Tânia. **Industrialização do Nordeste: Intenções e Resultados**. In: MARANHÃO, Sílvia (organizador). **A questão Nordeste: Estudos sobre Formação Histórica, Desenvolvimento e Processos Políticos e Ideológicos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. **Herança de diferenciação e futuro de fragmentação**. In: Estudos Avançados. São Paulo, 29: 11: 7-36, 1999.

_____. **Por uma política nacional de desenvolvimento regional**. In: Revista Econômica do Nordeste. Fortaleza, 30: 2: 144-161, 1999.

BADARÓ, Ricardo de Souza C. **Campinas: O Despertar da Modernidade**. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1996. 162p.

BARAT, Josef. **Introdução aos Problemas Urbanos Brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda, 1979.

BARREIRA, Irles. **Pensamento, palavras e obras**. In: PARENTE, J. & ARRUDA, José. (Orgs.). **A Era Jereissati: Modernidade e Mito**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

BENKO, G. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

BORIS, FAUSTO. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2003.

BRAUDEL, Fernand. 1986]. **Civilização material, economia e capitalismo. SÉCULOS XV -XVIII**, volume 3, “o tempo do mundo”, São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. [1979]. **Civilização material, economia e capitalismo. Séculos XV-XVIII**, volume 2, “os jogos das trocas”, São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BUTTIMER, Anne. **Esperanzas y riesgos del humanismo en Geografía**. In: GARCÍA BALLESTEROS, A. **Geografía y Humanismo**. Barcelona: Oikos-Tau, 1992. p. 19-55.

CANO, W. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1977. 94p.

_____. **Reflexões Sobre o Brasil e a Nova (Des)ordem internacional**. São Paulo: Editora UNICAMP, 1985.

CARACRISTI, I (1999): **A indústria chapeleira sobralense**. Revista da Casa de Geografia de Sobral. Sessão especial: Sobral: cenários e paisagens. Ano 1, nº1, pp.35-44.1999,

Caracterização da Rede Urbana do Brasil: configurações atuais e tendências da rede urbana/ IPEA, IBGE, UNICAMP, Brasília: IPEA, 2001. v.1 v.4

CASTRO, Iná E. de. **O Mito da Necessidade - Discurso e Prática do Regionalismo Nordestino**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

_____. **Ilhas de tecnologia no nordeste brasileiro e a reinvenção da natureza**. Revista Território. Rio de Janeiro, nº9, jul.-dez. 2000, LAGET-UFRJ, pp.45-63. 2000

_____. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTILHO, R. **Sistemas orbitais e uso do território**. Integração eletrônica e conhecimento digital do território brasileiro. Tese (Doutorado em Geografia

Humana). Departamento de Geografia da FFLCH da USP. São Paulo. 1999.

CATAIA, Márcio. **Território Nacional e Fronteiras Internas** - A fragmentação do Território Brasileiro. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da FFLCH da USP. São Paulo. 2001.

_____. **A Alienação do território** – O papel da Guerra fiscal no Uso, Organização e Regulação do Território Brasileiro. In: SOUZA, M. A. de. (org.) Território Brasileiro: usos e abusos. Campinas: Edições Territorial, 2003. p. 397-407.

CARVALHO, Rejane V. A. **Virgílio, Adauto e César Cals**: a política como arte de chefia. Pensamento, palavras e obras. In: (Orgs.) PARENTE, J. & ARRUDA, José. A era Jeireissati: modernidade e mito. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

CHESNAIS, F. **A Mundialização do Capital**. São Paulo: Xamã, 1999.

CHRISTALLER, Walter. **Central Places in Southern Germany**. Englewood Cliffs, Prentice-Hall Inc., 1966 (Original de 1933).

CILENE, GOMES. **(Des)localização do meio técnico-científico- informacional** - a região de Sorocaba. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da FFLCH da USP. São Paulo. 1999.

CLARK, David. **Introdução a Geografia Urbana**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1991.

COELHO, Siebra M. **De Sobral ao Global**: Um percurso pela questão urbana. Sobral: Edições UVA, 2000.

CORRÊA, MARCELO. **São Bernardo do Campo**: descaracterização da paisagem urbano-industrial e a nova pobreza urbana. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da FFLCH da USP. São Paulo. 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. Corporação e Espaço – Uma Nota. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, 53 (1): 137-145, jan. / mar. 1991.

_____. **A Rede Urbana**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **Espaço, um conceito-chave da geografia**. In: In: CASTRO, Iná Elias de et al. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995

_____. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COSTA, C. L. Cidade 2000: **Expansão urbana e segregação espacial em Fortaleza**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da FFLCH da USP. São Paulo. 1988.

_____. **Urbanização da sociedade cearense**. In: DAMIANI Amélia L. et al. (orgs.). O espaço no fim de século uma nova raridade. São Paulo: Editora Contexto, 1999.

DAMASCENO, Cilda. **Fortaleza, o significado do centro para a cidade**. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da FFLCH da USP. São Paulo. 2000. 146p.

DAMIANI, Amélia L. **Geografia e população**. São Paulo: Editora Contexto, 1991.

_____. **As contradições do espaço**: da lógica (formal) à (lógica) dialética, a propósito do espaço. In: DAMIANI, Amélia Luisa. CARLOS, Ana Fani A. et al. O espaço no fim de século – a nova raridade. São Paulo: Editora Contexto, 1999.

DANTAS, Eustógio. **Comercio Ambulante de Fortaleza-CE (1975-1995)**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da FFLCH da USP. São Paulo. 1995. 218 p.

DAVIDOVICH, Fany Rachel. **Focalizando conceituações no urbano** In: Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, 45(1) jan/mar 1982.

_____. **Urbanização brasileira: tendências, problemas e desafios**. In: Núcleos de Estudos Regionais e Urbanos. Edição especial de Espaço & Debates nº. 13. P.12-29. 1984.

DINIZ, Clélio C. BASQUES, Fernanda. **A industrialização nordestina recente e suas perspectivas**. Fortaleza: BNB, 2004. 106 p.

DIANO, Carlo. **Forme et événement, principes pour une interpretation du monde gree**. Paris: Éditions de l'Eclair. 1994.

DWECK, Ruth Helena. **Mapeamento institucional dos Serviços Públicos no Rio de Janeiro**. In: III Seminário: Perspectivas e Cenários da Economia Fluminense, 2000. Rio de Janeiro. Boletim de Economia Fluminense. 2000.

FERNANDES, Florestan. **Ensaio de sociologia geral e aplicada**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

FERREIRA, Assuéro. **O crescimento recente da economia cearense**. In: Revista Econômica do Nordeste. Fortaleza, 26: 2: 157-180, 1995.

FOLHA DE S.PAULO. **Interior já emprega mais que capitais**. São Paulo, 19 de Setembro de 1999. Dinheiro, p. 4.

FONSECA, Maria A. **Relações de troca no capitalismo monopolista e suas implicações espaciais: a reestruturação do comércio na Região de Presidente Prudente**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da FFLCH da USP. São Paulo. 1994.

FREITAS, N. Almino de. **Opulência e poder na cidade de Sobral**. (Dissertação de Mestrado). Departamento de Ciências Sociais e Filosofia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia UFC. Fortaleza, 2000

_____. **O sabor de uma cidade: práticas cotidianas dos habitantes de Sobral**. (Tese de doutorado). Departamento de Ciências Sociais e Filosofia. Programa de pós-graduação em Sociologia da UFC. Fortaleza. 2005.

FRESCA, Tânia M. **Transformação da Rede Urbana do Norte do Paraná**. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da FFLCH da USP. São Paulo. 2000. 432p.

FROTA, José T. **História de Sobral**. Fortaleza: Ico, 1995.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

_____. **O mito do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Editora Círculo do Livro, 1974.

GEIGER, Pedro Pinchas. **Evolução da rede urbana brasileira**. Instituto nacional de estudos pedagógicos- (Ministério de Educação e Cultura) série VI sociedade e educação. Coleção o Brasil urbano. (s/l) Vol. 1 –1963.

- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. São Paulo: Paz e Terra. 1985.
- GAUDIN, T. **L'écoute des silences, les institutions contre l'innovation?** Paris: Union Générale des éditions, 1978.
- GAZETA MERCANTIL. **Terceirização gera bons negócios em pólo do Ceará**. Fortaleza, 20 de Janeiro de 1999. p. 7.
- GIRAUD, PN. **L'inégalité du monde**. Economie du monde contemporain. Paris: Col. Folio Actuel, Gallimard. 1996.
- GIRÃO, Valdelice Carneiro. **As Charqueadas**. In SOUZA, Simone,(Org.). História do Ceará. 2ª ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.
- GOLDMANN, Lucien. **Origem da dialética: a comunidade humana e o universo em Kant**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GOMES, Paulo da Costa. **O Conceito de Região e sua Discussão**. In: CASTRO, I. *et al.*. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- GONDIN, Linda. **Clientelismo e modernidade nas políticas públicas: os governos das mudanças no Ceará**. Iju: Unijuí, 1988.
- GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1993.
- GUNN, P. **A mídia na guerra dos lugares: a experiência tucana no Ceará** In: DEÁK, C & SCHIFFER, S.R (orgs.) O processo de urbanização no Brasil. São Paulo: FUPAM, EDUSP. 1999.
- HABERMAS, Juergen. **A crise de legitimação no capitalismo tardio**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.
- HARVEY, David. **A condição pós moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Editora Loyola, 1989.
- _____. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Edições Loyola. 2004
- HARTSHORNE, R. **Propósitos e natureza da Geografia**. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1979.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes,, 1987.
- IANNI, Octávio. **Estado e capitalismo**. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- _____. **A Era do Globalismo**,. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 1997.
- ISNARD, Hildebert. **O Espaço geográfico**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.
- JORDÁN, A & ZAPATA, T (1997/98): **Metodologia de capacitação em apoio ao desenvolvimento econômico local**. Revista Proposta, nº75, Dez.1997-Fev.1998, FASE, pp.74-83.
- KAYSER, Bernard. **A região como objeto de estudo da geografia**. In: GEORGE, Pierre et al. A Geografia Ativa. Tradução de Gil Toledo e outros. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

KAHIL, Samira. **Um mundo de Existência Criativa: Milton Santos, esse Habitante!** In: SOUZA, M. A. de. (org.) **Território Brasileiro: usos e abusos**. Campinas: Edições Territorial, 2003. p. 597-610.

_____. **Uso do Território: Uma Questão Política**. In: **Encontro de Geógrafos da América Latina**, 2005, São Paulo. **Por um Geografia Latino-Americana: do labirinto da solidão ao espaço da solidariedade**, 2005.

KON, Anita. **Economia industrial**. São Paulo: Nobel, 1999.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

LACERDA, José Felipe. **Elementos de geografia do Rio Grande do Norte**. 1ª edição. Natal: Editora Universitária UFRN, 1988.

LACERDA, Antonio C. **Impactos da globalização na economia brasileira**. São Paulo: Editora Contexto, 1999.

LACOSTE, Yves. **Os Países subdesenvolvidos**. São Paulo: DIFEL, 1968

_____. **A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra**. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1977.

_____. **Entrevista a Folha do Centro Acadêmico de Geografia da Universidade Federal de Goiânia**. 1º semestre de 2004

LECHNER, Norbert. Modernidade e Modernização são compatíveis? In: **Revista Lua Nova**. São Paulo: CEDEC, 1990.

LENCIONE, Sandra. **Reestruturação urbano-industrial: centralização do capital e desconcentração da metrópole de São Paulo, a indústria têxtil**. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da FFLCH da USP. São Paulo. 1991. 297p.

LIMA, L. Cruz. **Os cibernatrópicos de chapéu de couro**. In: AMORA, Zenilde Baima. (Org.). **O Ceará: Enfoques geográficos**. Fortaleza: Editora FUNECE, 1999.

LIPIETZ, Alain. **O capital e seu espaço**. São Paulo: Nobel, 1988.

MACHADO, Ewerton. **Florianópolis: um lugar em tempo de globalização**. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da FFLCH da USP. São Paulo. 2000.

LOJKINE, J. **O Estado capitalista e a questão urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Manifesto ao Povo de Sobral (1995) In: **Revista do Rotary Clube de Sobral**, Sobral, Junho de 2000.

MARTHA JUNIOR, Maria. **Cidades médias do Ceará: Uma Abordagem da Urbanização Cearense**. Dissertação (Mestrado em Geografia). UECE. Fortaleza, 2004. 105p.

MARX, Karl. **O Capital – crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (coleção “Os Economistas”)

MARICATO, E. FERREIRA, J. S. W. . **Operação urbana consorciada: diversificação urbanística participativa ou aprofundamento da desigualdade**. In: OSÓRIO, Letícia Marques. et al. **Estatuto da cidade e reforma urbana: novas**

perspectivas para as cidades do Brasil. 1ª edição. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris, 2002, v. , p. 215-250.

_____. **Brasil, cidades alternativas para a crise urbana.** 2ª edição. Petrópolis: Editora Vozes. 2002.

MELLO, J. M. C de. **Capitalismo tardio.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

MENESES, Edithe O. **Do lugar da produção ao consumo do lugar:** um estudo da urbanização do lameiro/ Crato no Cariri cearense. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da FFLCH da USP. São Paulo.1998.

MONIÉ, Frédéric, **Relatório técnico-científico do projeto redes técnicas e redes sociais problemáticas do desenvolvimento local integrado e sustentável.** Parte 3. "Reestruturação produtiva, desconcentração industrial e desenvolvimento local: modernização, taylorização do território e políticas públicas inovadoras no município de Sobral -CE". FINEP/ LABTeC UFRJ, 2001.

OLIVEIRA, Francisco de. **A economia brasileira:** critica a razão dualista. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **Elegia para uma re(li)gião** - Sudene, Nordeste. planejamento e conflito de classes. 6ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

ORTEGA Y GASSET, J. **O Homem e gente.** Tradução. J. Carlos Lisboa. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1973

_____. **Meditacion de La Tecnica y Otros Ensayos Sobre Ciencia y Filosofia.** Madri: Revista de Occidente- Alianza Editorial . 1982.170 p.

_____. **Ideas y crencias.** Madri: Revista de Occidente-Alianza Editorial. 1986.197 p.

PACHECO, C. A. (1999): **Novos padrões de localização industrial?** Tendências recentes dos indicadores da produção e do investimento industrial. Brasília, Coleção Textos para Discussão, nº633, IPEA.

Pacto de Cooperação de Sobral (2000): Resumo das Reuniões do Pacto de Cooperação Sobral - 1999. Sobral, Pacto de Cooperação Ação de Cidadania, (mimeo)

PARENTE, Josênio. **Organização e Expressão Política da Burguesia:** os industriais do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 1989.

_____. **O Ceará dos Coronéis** (1945-1986). In: SOUZA, S. Uma Nova História do Ceará. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000.

_____. **Uma política de sucesso:** O Banco do Nordeste e a modernidade. In: Revista Políticas Públicas e Sociedade. Ano 1, Nº 1, jan/jun. Fortaleza: UECE, 2001.

_____. **O Ceará e a modernidade.** In: PARENTE, J. & ARRUDA, J. M. (Orgs.). A era Jeireissati: Modernidade e Mito. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

PEDRÃO, F. C. . **Urbanização e Formação de Regiões.** Cadernos de Análise Regional, Salvador/BA, v. 1, p. 7-80, 1996.

PERROUX. F. **L' économie du XXéme siècle.** Paris : Presses Universitaires de France, 1961.

PEREIRA JÚNIOR, **Industrialização e reestruturação do espaço metropolitano**. Fortaleza: FUNECE, 2005.

PINTAUDE, Silvana M. **A Cidade e as Formas do Comércio**. In: DAMIANI, Amélia Luisa. CARLOS, Ana Fani A. et al. *Novos Caminhos da Geografia*. São Paulo: Editora Contexto, 1999.

REIS FILHO, N. G. **Contribuições ao estudo da evolução urbana no Brasil**. São Paulo: Editora Pioneira, 1968.

_____. **Notas Sobre Urbanização Dispersa e Novas Formas de Tecido Urbano**. São Paulo: Via das Artes, 2006.

ROCHA, Sonia. **Pobreza no Nordeste: A evolução nos últimos trinta anos (1970-1999)**. Fortaleza. BNB, 2003. 96 p.

ROCHEFORT, Michel. **Redes e Sistemas: Ensinando sobre o urbano e a Região**. 1ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

ROCHA, Herbert. **O Lado esquerdo do Rio**. São Paulo. Hucitec. 2003.

ROCHA, Eurypedys. **A industrialização no interior do Ceará: experiência em ambientes planejados**. Dissertação (Mestrado em Economia). Curso de pós-graduação em Economia da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1988, p.126

SAMPAIO, Levi. **A fome e as duas faces do Estado do Ceará**. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da FFLCH da USP. São Paulo. 1999.

SARTRE, Jean Paul. **Questão de método**. Rio de Janeiro: Difel, 1996.

SÁNCHEZ, Joan-Eugeni. **Espacio, economia y sociedad**. Madrid, Siglo XXI, 1991.

_____. **Metropolização e modernidade**. In: SANTOS, Milton et al. (org.). *Fim de século e organização*. São Paulo, Hucitec/ANPUR, 1993. pp. 293-302.

SANTOS. Boa Ventura de Souza. **Pela mão de Alice**. São Paulo: Cortez editora. 1996.

SANTOS, Milton. **Lês Villes du Tiers Monde**. Paris: Ed. Genin-Lib. Techniques, 1971.

_____. **Espaço Dividido**. São Paulo, Livraria Francisco Alves Editora S.A 1979 [e Editora da Universidade de São Paulo-Edusp 2004].

_____. **O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.

_____. **Espaço & Método**. 1ª ed. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Editora Nobel, 1987.

_____. **Técnica, Espaço e Tempo. Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional**. São Paulo, Editora Hucitec, 1994c.

_____. **Por uma Economia Política da Cidade**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994b.

_____. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994a.

_____. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

- _____. **O retorno do território.** In SILVEIRA, Maria Laura. de et al. (orgs.) **TERRITÓRIO** globalização e fragmentação. São Paulo: Editora Hucitec, 3ª edição. 1996.
- _____. **A Natureza do Espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção.** São Paulo: Editora Hucitec, 1996
- _____. **Técnica, espaço, tempo, globalização e meio técnico-científico-informacional.** 4ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- _____. et al. **O papel ativo da Geografia: Um manifesto.** Florianópolis, XII Encontro Nacional de Geógrafos, 2000b.
- _____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.
- _____. & SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil. Território e sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.
- _____. **Por uma Geografia nova. Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2002 [1971b].
- _____. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo. EDUSP. 2005.
- SCARLATO, Francisco Capuano. **Metropolização de São Paulo e o terceiro mundo.** São Paulo: Iglu, 1987.
- SASSEN, Saskia. **As cidades na economia mundial.** São Paulo: Stúdio Nobel/Fapesp. 1998.
- SERENI, E. De Marx a Lênin: **la categoria de formazione econômico-social.** Quaderni Critica Marxista, 4:29-79.Roma.1970
- SINGER, Paul. **Economia política da urbanização.** São Paulo: Editora Brasiliense. 1977.
- SILVA, José A. da. **A expansão urbana de Sobral: Agentes Sociais, Processos e Formas Espaciais da Cidade (1960-1996),** Monografia de Graduação. Curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2000.
- SILVA, José Borzacchillo. **Os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza.** Fortaleza: multigraf Editora, 1992.
- _____. **Espaço e Contradições.** In: DAMIANI, Amélia Luisa. CARLOS, Ana Fani A. et all (org.). **O espaço no fim de século – a nova raridade.** São Paulo: Contexto, 1999.
- _____. **Pelo retorno da região: desenvolvimento e movimentos sociais no Nordeste contemporâneo** In: Castro, I. de; EGLER, C.A.G & MIRANDA, M (org): **Redescobrimo o Brasil.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 1999.
- _____. **O Algodão na organização do espaço.** In SOUZA, Simone de (Org.). **Uma nova História do Ceará.** 2ª edição. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.
- SILVEIRA, Maria Laura. **Um País, Uma Região: fim de século e modernidades na Argentina.** São Paulo: FAPESP. 1999.
- _____. **A Região e a Invenção da Viabilidade do Território.** In: SOUZA, M. A. de. (org.) **Território Brasileiro: usos e abusos.** Campinas: Edições Territorial, 2003. p. 534-547.

_____. **Por um conteúdo da reflexão epistemológica da Geografia.** In SOUZA, Álvaro José de. et al. (orgs.) Paisagem Território Região em Busca da Identidade, Cascavél-Pararaná. AGB/Bauru. Editora gráfica Universitária EDUNIOESTE, 2000.

_____. **São Paulo: Os dinamismos da Pobreza.** In Carlos, Ana Fani; Oliveira Ariovaldo U. (Org.). As geografias de São Paulo. 1ª Edição. São Paulo: Editora Contexto. 2004, v. 1, p. 59-71

_____. **Globalización y circuitos de la Economía Urbana em Cidades Brasileñas.** Caracas., In: Cuadernos del Cendes, ano 21, V.3, N 57, p. 1-21, 2004.

SMITH, Roberto. **Aspectos da industrialização no nordeste e a dinâmica da acumulação.** In: núcleos de Estudos Regionais e Urbanos. Edição especial de Espaço & Debates nº 13. P. 30-76. 1984.

SPÓSITO, M.E.B. O chão arranha o céu: lógica da (re)produção monopolista da cidade , estuda a produção imobiliária em cidades do interior do estado de São Paulo: Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e Presidente Prudente. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da FFLCH da USP. São Paulo. 1991.

_____. **A urbanização da sociedade:** reflexões para um debate sobre as novas formas espaciais. In: DAMIANI, Amélia Luisa. CARLOS, Ana Fani A. et al. (org.) O espaço no fim de século – a nova raridade. São Paulo: Contexto, 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A farsa do neoliberalismo.** Rio de Janeiro, Graphia Editorial, 1995.

SOARES, Beatriz. **Uberlândia:** da cidade Jardim ao portal do cerrado –imagens e representações no triângulo mineiro. Tese de doutorado. Departamento de Geografia da FFLCH da USP. 1995. 357p.

SOARES, Teodoro. **A idéia de modernidade em Sobral.** Sobral: Edições UVA, 2000.

SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1989.

SOUZA, Maria Adélia A. **Teoria e metodologia em geografia urbana.** Mesa Redonda. AGB. Borrador n.º 1. 04 de Abril de 1982.

_____. **Conexões geográficas:** um ensaio metodológico (uma versão preliminar) In: Boletim Paulista de Geografia. n.º 1. 1º semestre. 1992.

_____. Estudos sobre a cidade no Espaço Regional e Nacional: Teoria e Método. In: CARLOS. Ana Fani A. (org.) **Os caminhos da Reflexão sobre cidade urbano.** São Paulo: Edusp. 1994.

_____. **A identidade da metrópole.** O Processo de Verticalização em São Paulo. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

_____. **Globalização e seus efeitos perversos:** Relendo a Geografia da fome. I Encontro Nacional da ANPEGE. Associação de Pós Graduação em Geografia, realizado em Aracaju, de 5 a 9 de setembro de 1995.

_____. **Cidade: lugar e geografia da existência.** In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; Silva Bandeira de Melo (orgs.), Novos estudos da geografia urbana brasileira. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1999.

_____. **Relatório Técnico Científico Final.** Projeto – Território Lugar e Poder – Formação do Território Brasileiro. Campinas: FAPESP. 2000.

_____. A Metrópole Global Refletindo sobre São Paulo. In SOUZA, Maria Adélia, et al. **Metrópole e Globalização.** São Paulo: Editora CEDESP, 2000.

_____. et al. **Território, Lugar e Poder:** A expressão territorial do voto no Ceará. Sobral: Edições UVA, 2002.

_____. (Org.). **Território brasileiro:** usos e abusos. Campinas: Edições territorial, 2004.

_____. **Conferência** proferida no I Ciclo de conferência sobre História das Idéias e das práticas políticas. Fortaleza: FIEC/UVA. 16 de fevereiro de 2005.

SOUZA, Maria Salete de. **O Crescimento das cidades no Ceará e sua evolução.** In anais do 4º Simpósio Nacional de Geografia Urbana. AGB. Fortaleza, 1995. (105-111).

_____. Contribuição ao estudo da hierarquia urbana no Ceará. In: **Revista Brasileira de Geografia**, n.º 39 Rio de Janeiro: 1972 (54-86)

SOUZA, Brasil. João Pompeu de. **Sobral:** tentativa de interpretação Histórica de sua Ação polarizadora sobre a Região. In: Revista de Ciências Sociais. V. 3, n.º 2, 1972. (105-121)

SORRE, M. **L'Homme sur la terre.** Paris: Corriger, 1961.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo. Ática, 1993.

RIBEIRO, Ana C. et al. (org.) **Formas em crise utopias necessárias.** Rio de Janeiro. Arquimedes edições, 2005.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária.** São Paulo: Polis 1987.

TOLEDO JÚNIOR, Rubens. **Território e Densidade Técnicas:** redes de fibras óptica no Brasil. Tese (Doutorado em Geografia Humana) Departamento de Geografia da FFLCH da USP. 2002.

TOZI, Fábio. **Geografias da desigualdade.** Território e fome. Monografia de Graduação (Curso de Geografia). Departamento de Geografia, Instituto de Geociências - Unicamp, Campinas, 2001.

TUAN, Yu-fu **Topofilia - Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente.** Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

_____. **Espaço & Lugar.** Rio de Janeiro: DIFEL, 1983.

VAINER, C. **Pátria empresa e mercadoria.** Notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano. In: ARANTES, Otília; VAINER Carlos et al. A cidade do pensamento único desmanchamento consensos. Petropolis-RJ: Vozes, 2000.

VASCONCELOS (1999): **Ceará, Pernambuco, Paraná e Rio Grande do Sul:** economia, finanças públicas e investimentos nos anos de 1986-1996. Brasília, Coleção Textos para Discussão, nº626, fevereiro de 1999, IPEA.

WALKER, Richard. **Two sources of uneven development under advanced capitalism: spatial differentiation and capital mobility.** In Review of radical political economics. Vol. 10, número 3, 1978. pp. 26-27.

XAVIER, M. **O Sistema Rodoviário Brasileiro.** Um elemento técnico do território. Trabalho de graduação individual. Departamento de Geografia da FFLCH da USP. 1997.

_____. **As empresas e o uso do território brasileiro:** A cidade de São José do Rio Preto vista através da dinâmica territorial de suas empresas. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da FFLCH da USP, 2002.

Documentos, Pesquisas, Planos de Governo e Jornais

IBGE- Divisão do Brasil em Micro-regiões Homogêneas Rio de Janeiro: IBGE, 1968.

IBGE- Anuário estatístico do Brasil – 2004.

IBGE- Anuário estatístico do Brasil – 2001.

Ipece- Informações Básicas Municipais –Fortaleza:

Sudene/Sudec O fenômeno urbano no estado do Ceará: situação atual e proposições para ação. 1975.

Sudene/Sudec –Estrutura do Espaço Urbano e Regional no Ceará – uma abordagem Histórica, 1974 (mimeografado)

Ipece (1999): Anuário Estatístico do Ceará. Fortaleza.

Ipece (1999): Índice de desenvolvimento municipal (IDM). Fortaleza.

Ipea. Produto interno bruto por municípios – Região Nordeste. 2001.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Desenvolvimento sócio-econômico do Estado do Ceará: conferência proferida pelo Exmo. Sr. Governador do Estado do Ceará, cel. Virgílio Távora. Fortaleza, 1980.

_____.Plano plurianual – política industrial. Fortaleza, 1992.

_____.Plano plurianual – política industrial. Fortaleza, 1995.

_____. Plano plurianual – política industrial. Fortaleza, 2002.

_____.Incentivos financeiros. Fortaleza, 1998.

_____. Ranking dos municípios. Fortaleza, 1996.

_____. Anuário estatístico do Ceará – 1995/1996. Fortaleza, 1997.

_____. Anuário estatístico do Ceará – 1997. Tomo 2: economia e finanças. Fortaleza, 1998a.

_____. Anuário estatístico do Ceará – 1998/1999. Tomo 2: economia e finanças. Fortaleza, 2000.

_____. Índice de desenvolvimento municipal (IDM). Fortaleza, 2002.

Atlas do IDH-IPEA - 2000 disponível em <http://www.ipea.gov.br>

Jornal O capital do Norte, 3/3/00

Jornal O Noroeste 4/9/06

Jornal O Noroeste 26/11/06

Jornal O Noroeste 15/12/06

Jornal O Noroeste 15/2/07

Jornal O Povo 3/12/06

Folha da UVA 10/6/06

Sítios da internet consultados

Associação dos Geógrafos Brasileiros <http://www.cibergeo.org/agbnacional>

Avança Brasil - <http://www.abrasil.gov.br>

Ipece - <http://www.ipece.ce.gov.br>

DNER - <http://www.dner.gov.br>

DNIT - <http://www.dnit.gov.br>

IDT - <http://www.idt.gov.br>

IBGE - <http://www.ibge.gov.br>

Ipea - <http://www.ipea.gov.br>

Jornal Diário do Nordeste - <http://www.diariodonordeste.globo.com>

Jornal O Noroeste – <http://www.onoroeste.com.br>

Jornal O Povo – <http://www.opovo.com.br>

Prefeitura Municipal de Sobral - <http://www.Sobral.ce.gov.br>

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE A – Quadro Resumo

Preenchimento da matriz de Periodização elaborada para Sobral dentro da Formação Socioespacial Brasileira

Virgínia Holanda

<p>1. Primeiro Período ▼ (Meio natural)</p> <p>Meados do século XVIII até metade do século XIX Brasil agroexportador</p> <p>tempos lentos ▼</p>	<p>De 1850 até 1900 → (Pré-técnico)</p> <p>(arquipélagos, formação de economias regionais)</p> <p>▼</p>	<p>1900- 1950 → (Período técnico científico)</p> <p>Momento de profundas mudanças no cenário mundial e nacional, (Impulso a Industrialização brasileira) SÃO PAULO: uma nova divisão interna do trabalho ▼</p>	<p>1950-1995 → Período técnico-científico-informacional – se desdobra em dois sub períodos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mudanças no quadro da urbanização brasileira, aumento dos dilemas regionais... criação da Sudene • Globalização e novos usos do território ▼
<p>→ Ocupação do território pelo sistema de Sesmaria ¹</p> <p>→ núcleo inicial e Criação da vila - 1773 (Vila Distinta e Real de Sobral)</p> <p>→ ativ. Econômica: criação de gado</p> <p>→ trabalho não compulsório</p>	<p>→) oficinas de charqueadas localizadas às margens do rio Acaraú e pela conseqüente inserção da cidade nos circuitos do comércio internacional.</p> <p>→ 1841- consegue ser elevada a categoria de cidade.</p> <p>→ 1860- Impulso algodoeiro – Binômio gado-algodão</p> <p>→ população em 1872 cerca de 27. 500 hab. Fortaleza: 21.000</p>	<p>→ mudanças significativas na economia, na política, na cultura e religiosa no início do século XX: criação da diocese de Sobral em 1915 na figura de <u>DOM JOSÉ</u> (expressão do poder da Igreja)</p> <p>- Construção de obras infra-estruturais : Santa Casa- 1925, Ginásio Diocesano,</p>	<p>→ Aqui podemos falar de uma segunda fase de industrialização na região Nordeste via Sudene;</p> <p>→ Chegada da Fábrica de Cimento do grupo Votorantin – SP – nova forma de utilização da matéria prima local;</p> <p>→ Significativo papel do Pudine- Programa Universitário para o Desenvolvimento do Nordeste na criação de Fábricas cujo a origem do capital era local e via projetos da Sudene;</p> <p>→ FÁBRICAS: LASSA – laticínios, COSMAC- materiais</p>

⁷⁸ Segundo (OLIVEIRA, 1977. p. 55) em sua clássica obra Elegia para uma re(li)gião; o Ceará era, antes da entrada do Nordeste na divisão internacional do trabalho pela via da produção do Algodão, um vasto e subpovoado curral de gado, com algumas exceções como a micro-zonas do Cariri onde medrou a atividade açucareira e na porção norte do estado a extração da cera de carnaúba.

<p>→ Em 1819 concedidas 56 licenças de atividades urbanas, em 1814 a Vila contava com cerca de 20 mil habitantes;</p> <p>→ Das picadas aos Portos de Camocim e Acaraú;</p> <p>→ No século XVIII, a cidade se posicionou como importante cruzamento no traslado do gado entre o interior da metade setentrional do Nordeste e o litoral canavieiro;</p> <p>→ Construção na área central com traçados irregulares;</p>	<p>habitantes</p> <p>→ Grandes secas 1877—</p> <p>SIGNIFICATIVA DINÂMICA TERRITORIAL DE SOBRAL – ATRAVÉS DE UM SISTEMA DE AÇÕES E OBJETOS</p> <p>▼</p> <p>→ Construção da estrada de ferro em (1881) – aumento do movimento do porto de Camocim;</p> <p>→ 1887 -Criação da primeira indústria de beneficiamento do algodão;</p> <p>→ 1883- inauguração do telégrafo;</p> <p>→ 1893- inauguração pública a querosene;</p> <p>→ 1896- fundação do primeiro sindicato;</p> <p>→ 1860- abertura da primeira tipografia;</p> <p>→ 1867- primeiro teatro</p> <p>→ 1894 – graças as influencias na recém-república, o proprietário da fábrica de tecidos conseguiu o arrendamento da ferrovia Sobral-Camocim e criou ainda a empresa carril sobralense,</p>	<p>1919, Colégio Sobralense - 1934, <u>Banco Popular de Sobral</u> -1927, Palácio Episcopal- 1916, Abrigo Sagrado coração de Jesus -1953, Seminário da Betânia- Atual Prédio da reitoria,</p> <p>→ Construiu também acessos ligando o seminário da Betânia ao resto da cidade, reformas da Catedral e igreja do rosário 1939;</p> <p>→ Comércio, principal atividade</p> <p>→ A produção do algodão e seu beneficiamento se voltava p/ mercado externo e também interno;</p> <p>1928- Concessionária de veículos FORD e posto de gasolina do Senador Oriano Mendes</p> <p>→ Consolidação urbana e econômica de Fortaleza a partir de 1930,</p> <p>→ Presidente Washington Luís(1926-1930)“Governar é abrir estradas”, Dentro dessa lógica a construção das rodovias ligando o interior a capital</p>	<p>de construção, FÁBRICA COELHO -massas, Fábrica DEL RIO de refrigerantes, Incasa- Beneficiamento da castanha de caju;</p> <p>→ Depois da atuação de Dom José por quase 40 anos, o comando local volta ao poder público municipal mas sem uma liderança que pudesse colocar Sobral no cenário Cearense, pós 1960 cresce a influência de grupos familiares, polarizada sobretudo pelos <u>Barretos</u> oriundos dos Sabóia-UDENISTAS e <u>Prados</u> dos desdobramentos da família Monte-PTB.</p> <p>→ O poder público municipal nesse momento não tem influência nas dinâmicas socioeconômicas endógenas; a pequena onda de investimentos industriais, decorrem dos incentivos da Sudene;</p> <p>→ Nas décadas seguintes a administração pública se arrasta em figuras aliadas a essas oligarquias ou parte delas;</p> <p>→ A construção do Primeiro PDDU em 1967 na administração do prefeito Gerônimo Prado, tinha as diretrizes propostas pelo governo Estadual, impostas pelo governo Federal, cuja diretrizes foram: sistema viário, saneamento básico, educação, saúde entre outras.... Com características de planejamento setorial – (Plano do General Ernesto Geisel – Pulverização industrial)</p> <p>→ Aumento da urbanização com aumento de bolsões de pobreza, a população aumentou cerca de cinco vezes em 50 anos, rompimento com barreiras além trilho que até então era o limite do construir...</p>
--	--	---	--

⁷⁹ chapéus de tipo Panamá.

instalando bondes puxados a burro transportando cargas e passageiros

→ A cidade - traçados em xadrez com padrão de malha urbana Marquês de Pombal;

→ Sobral exerce desde esta época uma função de lugar central para a rede urbana regional;

→ Desenvolvimento da produção e do comércio de algodão⁷⁸ e de produtos derivados da palmeira de tipo Carnaúba, confirmou a relevância econômica de Sobral em escala regional. Charque, couro, algodão, óleos vegetais e artefatos de palha se firmaram então como principais elos de inserção da economia sobralense com o exterior

→ Podemos falar de **uma primeira fase da indústria** local voltada ao beneficiamento da matéria-prima existente na região

norteiam os novos rumos ao estado;

→ Em 1935 com a construção da Ponte Oto de Alencar e a rodoviária entre Sobral-Fortaleza, vai provocar o início das mudanças econômicas em Sobral;

→ A indústria de óleo a partir do beneficiamento da oiticica foi muito importante para Sobral, na década de 1940;

→ A Cidao foi a indústria mais importante no beneficiamento da oiticica, contava até mesmo com um ramal ferroviário exclusivo e se estabelecera longe do Centro, construindo casas p/ seus funcionários mais especializados.

→ Sobral perde progressivamente sua vitalidade econômica em função dos rearranjos espaciais do sistema produtivo regional, doravante amplamente polarizado por Fortaleza.

→ Devemos também ressaltar a reorganização dos circuitos de suprimento da

1996- DESDOBRAMENTO DE UM SUBPERÍODO

→ Face as mudanças ocorridas no Brasil, o NE e o Ceará passam a vivenciar um processo de modernização, para o Ceará o marco é 1986 e para Sobral é 1996

→ No dia 20 de maio de 1995, representantes de vários segmentos sociais descontentes com a condução da política local elaboram um Manifesto chamando a atenção dos poderes constituídos e da sociedade civil sobre as mazelas que levaram a cidade **“ao fundo do poço da degradação administrativa”**. Pontapé inicial para a formulação de um discurso da **MODERNIDADE** que se contrapõe ao discurso e as práticas de poder da “velha elite”; (MANIFESTO AO POVO DE SOBRAL).

→ Novo ambiente político-institucional alimentou o dinamismo econômico;

→ Segundo CID GOMES: **“o discurso da modernidade, para ser válido, precisa identificar e nomear o “novo”: este último se impõe mediante rupturas para transformar as concepções e as práticas sociais em vigor. Ao mesmo tempo, o “novo” precisa também identificar uma “tradição” a partir da qual ele manifestará sua oposição, sua diferença e sua superioridade” (GOMES: 2000, p.95).**

→ Um projeto reformista para a cidade iniciado com a construção de novas materialidades com constante busca de captação de fluxos de investimentos exógenos;

→ A instalação da Grendene em 1994, contribuiu para Sobral iniciar em numa nova fase de expansão

zona da mata canavieira, o declínio do negócio chapeleiro, cada vez mais disputados pelos produtos equatorianos⁷⁹, e, sobretudo, a incapacidade, por parte das oligarquias locais de investir em atividades industriais novas;

econômica; (única firma inserida nos fluxos do comércio nacional e internacional de forma mais intensa)

→No que se refere às empresas de maior porte, elas atuam tradicionalmente em ramos industriais essencialmente destinados ao mercado da zona norte do Ceará: cimento, granito, alimento, bebida, material de construção civil, vestuário.

→**O CIRCUITO INFERIOR** conta com muitas micro e pequenas empresas e que atuam em atividades secundárias e terciárias; Uma quantidade enorme de feirantes não cadastrados que se distribuem em pontos diversos da cidade;

→ **A Reforma Fiscal**, racionalização do sistema de arrecadação, a extensão do pagamento do IPTU a novos segmentos da população, permitindo aumento significativo da arrecadação;

→- Reforma da máquina administrativa, norteadas pela implantação de um padrão de gestão da administração pública mais **empresarial e eficiente**, rompendo, desta maneira, com o fisiologismo e o clientelismo historicamente erguidos.

APÊNDICE B – Questionário

Pesquisa: **Caracterização dos circuitos espaciais da economia urbana da cidade de Sobral**

Coordenação da Pesquisa: Profa. Virgínia Holanda

Pesquisador(a): _____

Questionário

localização da venda

1. Sexo do entrevistado
☐ Masculino ☐ Feminino
2. Idade
☐ entre 15 e 25 anos ☐ entre 26 e 40 ☐ entre 41 e 55 anos ☐ mais de 56 anos
3. Estado civil
☐ Solteiro ☐ Casado ☐ Separado
4. tem filhos? ☐ Sim ☐ Não
5. Nível de escolaridade
☐ Analfabeto ☐ Da 1ª a 4ª série ☐ Fundamental I Completo ☐ Da 5ª a 8ª série
☐ Fundamental II completo ☐ Ensino médio incompleto ☐ Ensino médio completo ☐ Superior
6. Cidade de nascimento do entrevistado

7. Há quanto tempo mora na cidade de Sobral?
☐ Sempre residiu em Sobral ☐ De 1 mês a 3 anos ☐ De 4 a 6 anos ☐ De 7 a 10 anos ☐ A mais de 11 anos
8. Onde reside? (Caso more em Sobral colocar o nome do bairro)

9. como se desloca p/ o local de trabalho?
☐ Caminhando ☐ Bicicleta ☐ Carona ☐ Ônibus ☐ Moto táxi ☐ Moto particular ☐ Carro próprio ☐ Outra forma
10. Recebe ajuda de outras pessoas p/ tocar o negócio?
☐ Sim ☐ Não
11. Se recebe especificar de quem ☐ parente ☐ amigo ☐ vizinho ☐ conhecido
12. Paga por isso? ☐ Sim ☐ Não
13. Com qual capital começou o negócio?
☐ Empréstimo em Banco ☐ Empréstimo com pessoa de confiança ☐ capital próprio ☐ outro
14. Valor em R\$: _____
15. Trabalhou ou trabalha como ambulante em outro lugar?
☐ Sim ☐ Não
16. Qual o lugar? _____
17. Já teve emprego formal?
☐ Sim ☐ Não
18. Há quanto tempo trabalha como ambulante em Sobral
☐ a menos de 1 ano ☐ entre 1 e 3 anos ☐ entre 4 e 7 anos ☐ entre 8 e 10 anos ☐ a mais de 11 anos
19. Motivação para exercer a atividade:
☐ Desemprego ☐ incentivo de amigos ☐ oportunidade para complementar a renda ☐ outros

20. Rendimento mensal (VALOR ATUAL DO SALÁRIO MÍNIMO R\$ 350,00)
() até um salário mínimo () de 1 a 2 salários mínimos () mais de 2 salários mínimos
21. Quantas horas trabalha por dia e quantos dias por semana

22. Onde compra a mercadoria que vende;
() Sobral () Fortaleza () Confecciona ele próprio o que vende
() Outro estado

23. Como compra a mercadoria;
() Representante () Diretamente na fonte () outra forma

Forma de pagamento da mercadoria

() A vista () com cheque () na base da confiança p/ pagar com as vendas () vende p/ alguém que distribui entre outros ambulantes () outras formas

24. Conhece algum programa público de incentivo a formalidade ligado a Prefeitura ou a outra instituição local?

() Sim () Não

Qual programa? _____

Entrou em Contato com esse programa: () Sim () Não

25. Tem vontade de entrar na formalidade como funcionário ou como dono do próprio negócio

() vontade de entrar como funcionário () Não tem essa vontade () tem vontade de entrar como dono do próprio negócio

26. Quem compra seus produtos (como ele identifica ou classifica seu consumidor)

27. Predomínio do consumidor: (homem, mulher, Faixa etária, condição social, lugar de origem, etc;)

28. O que motivou a escolher a escolher a mercadoria que vende?

() por ser fácil de adquirir para vender

() por ser um produto procurado

() por ser a concorrência menor

() porque o tipo de produto une todas essas facilidades

29. Muda de mercadoria de acordo com a época

() Sim () Não

30. Vende mais de um produto

() Sim () Não

ANEXO A – Produto Interno Bruto dos Municípios - 2002

Mapa ilustrativo Fonte: IBGE/2002